



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

SORAYA CUNHA COUTO VITAL

**(DES)CAMINHOS DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL:
CONCEPÇÕES, PERCURSOS E PALAVRAS DOCENTES**

Campo Grande/MS
2016

Sumário CD

APÊNDICES

Apêndice 1: Produções selecionadas no Banco de Dados CAPES.....	03
Apêndice 2: Produções selecionadas no Banco de Dados BDTD.....	04
Apêndice 3: Produções selecionadas no Banco de Dados UCDB.....	06
Apêndice 4: Produções selecionadas no Banco de Dados UFMS.....	06
Apêndice 5: Inventário Coleta de Dados.....	07
Apêndice 6: Roteiro de Entrevista.....	63
Apêndice 7: Transcrição das Entrevistas.....	64
Apêndice 8: Quadros Eixos de Análise Entrevistas.....	110

ANEXOS

Anexo 1: Cronologia de Implantação do Programa Mais Educação nas Escolas Estaduais de Mato Grosso do Sul, no período de 2008 a 2014.....	180
Anexo 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	182



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

SORAYA CUNHA COUTO VITAL

**(DES)CAMINHOS DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL:
CONCEPÇÕES, PERCURSOS E PALAVRAS DOCENTES**

APÊNDICES

Campo Grande/MS
2016

APÊNDICE 1: PRODUÇÕES SELECIONADAS NO BANCO DE DADOS CAPES

BANCO DE DADOS	ANO	AUTOR	TÍTULO	TIPO DE TRABALHO/ÁREA	LOCAL
CAPES	2011	MOTA, M. C.	O reforço escolar na educação integral: uma leitura a partir da psicanálise	Dissertação Mestrado Educação	UNB
	2011	SOUZA, S. J. D. F. de.	O educere ad educare da educação integral em cena, contracena e crítica	Dissertação Mestrado Educação	UNIV. TUIUTI - Paraná
	2012	MATTOS, G. F. F.	As artes de saber fazer em uma escola de educação em tempo integral	Tese Doutorado Educação	UFJF
	2012	SANCHES FILHO, R. R.	Desenvolvimento humano integral: desafios e repercussões da formação à atuação do professor de educação física	Dissertação Mestrado Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social	FVC
	2012	LEAO, A. L. de J.	Arte e educação no 1º centro de referência de educação integral de Brasília em 2009 e 2010: encontros e desencontros	Dissertação Mestrado Educação	UNB
	2012	OLIVEIRA, R. R. de.	Educação integral: cartografia do mal-estar e desafios para a formação docente	Tese Doutorado Educação	UNB
	2012	FERREIRA, J. R.	O Programa Mais Educação: as repercussões da formação docente na prática escolar	Dissertação Mestrado Educação	UNB
	2012	GNISCI, V. M. R.	Processos formativos do incentivador da leitura em Nova Iguaçu: experiências de educação (em tempo) integral	Dissertação Mestrado Educação	UERJ - São Gonçalo
	2012	HATAKEYAMA, M. R. T.	Proposta de educação integral do Colégio Militar de Salvador para o ensino fundamental: impactos no desenvolvimento humano	Dissertação Mestrado Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social	FVC
	2012	NECYK, M. T. C.	Sentimentos de professores e de alunos de duas escolas públicas de tempo integral no estado de São Paulo	Dissertação Mestrado Educação	PUC -Monte Alegre
	2012	FERREIRA, G. P. de C.	Escola de tempo integral e letramento literário: um estudo sobre a formação de leitores	Dissertação Mestrado Letras	UFTO - Araguaína

Organização: VITAL, 2016.

APÊNDICE 2: PRODUÇÕES SELECIONADAS NO BANCO DE DADOS BDTD

BANCO DE DADOS	ANO	AUTOR	TÍTULO	TIPO DE TRABALHO	LOCAL
BDTD	2014	MAGALHÃES, N. R. S	Educação Integral: olhares em torno de uma escola pública municipal de Caxias - MA	Dissertação Mestrado Educação	UFSC
	2014	LEANDRO, K. de S.	Programa Educação Integral: escolarização ou custódia?	Dissertação Mestrado Educação	UFSC
	2013	FREITAS, J. V. de.	Compondo a docência: os discursos que constituem o professor contemporâneo da educação integral	Dissertação Mestrado Educação	UFRGS
	2013	MENEZES, S. R. dos S.	A atuação do professor na educação profissional técnica de nível médio: implicações na formação integral do aluno	Dissertação Mestrado Educação	UCB
	2011	COSTA, N. R. da.	Educação de tempo integral do campo: novos tempos e significados	Dissertação Mestrado Educação	UCB
	2013	SILVA, A. M. C. J. e.	Trabalho docente e educação em tempo integral: um estudo sobre o programa escola integrada e o projeto educação em tempo integral	Dissertação Mestrado Educação	UFMG
	2013	CUSATI, I. S.	Educação em tempo integral: resultados e representações de professores de matemática e de alunos do terceiro ciclo da rede de ensino de Belo Horizonte	Tese Doutorado Educação	USP
	2014	SILVA, A. L. F. da.	Políticas para a ampliação da jornada escolar: estratégia para a construção da educação integral?	Tese Doutorado Educação	USP
	2012	VASCONCELOS, R. D. de.	As políticas públicas de educação integral, a escola unitária e a formação onilateral	Tese Doutorado Educação	UNB
	2014	SANTOS, F. M. dos.	Políticas públicas de ampliação da jornada escolar na perspectiva da educação integral fazem diferença?: um estudo do	Dissertação Mestrado Educação	UCB

BDTD			Programa Mais Educação		
	2012	NAZARI, A. C. G.	Desafios da educação em tempo integral na rede municipal de ensino de Uberlândia Minas Gerais: limites e possibilidades	Dissertação Mestrado Educação	UFU
	2011	NUNES, G. C.	Tempo, espaço e currículo na educação integral: estudo de caso em uma escola do Guará - Distrito Federal	Dissertação Mestrado Educação	UNB
	2013	MORAIS, E. V. de.	Utilizações das escolas de referência em ensino médio pelo governo do estado de Pernambuco: uma análise do programa de educação integral	Dissertação Mestrado Educação	UFPE
	2014	JACOB, M. C. G. P.	Trabalho docente: avanços e perspectivas no contexto da prática pedagógica no ensino médio em tempo integral	Dissertação Mestrado Desenvolvimento Humano	UNITAU
	2014	FONSECA, J. A. L.	Ampliação do tempo escolar: uma política no contexto da prática escolar no Brasil e na Argentina	Tese Doutorado Educação	UNISINOS
	2013	FAVERI, R. C. C. de.	A escola de tempo integral no estado de São Paulo: um estudo de caso a partir do olhar dos profissionais das oficinas curriculares	Dissertação Mestrado Educação	PUC – Campinas
	2014	RAMALHO, B. B. M.	Educação integral e jovens-adolescentes: tessituras e alcances da experiência	Dissertação Mestrado Educação	UFMG
	2014	FREIRE, P. S.	Educação e integralidade: o conceito de integralidade no pensamento pedagógico de Edgar Morin, Paulo Freire e Leonardo Boff	Tese Doutorado Educação	UFPE

Organização: VITAL, 2016.

APÊNDICE 3: PRODUÇÕES SELECIONADAS NO BANCO DE DADOS UCDB

BANCO DE DADOS	ANO	AUTOR	TÍTULO	TIPO DE TRABALHO	LOCAL
UCDB	2010	MORAES, M. da R. V. de.	Implicações do uso laptop individual nas atividades educacionais: experiência de uma escola de tempo integral da Rede Municipal de Campo Grande - MS	Dissertação Mestrado Educação	UCDB
	2013	MELO, L. C. de.	A prática pedagógica e a formação de professores na implementação de uma escola em tempo integral: expectativas e dilemas	Dissertação Mestrado Educação	UCDB
	2015	ALVES, G. M.	Saberes presentes no currículo escolar de uma escola do campo de tempo integral: laços, entrelaçamentos e tensionamentos	Tese Doutorado Educação	UCDB

Organização: VITAL, 2016.

APÊNDICE 4: PRODUÇÕES SELECIONADAS NO BANCO DE DADOS UFMS

BANCO DE DADOS	ANO	AUTOR	TÍTULO	TIPO DE TRABALHO	LOCAL
UFMS	2014	GONÇALVES, R. C. de A.	Tecnologias em ambiente escolar: o impacto da integração das TIC na avaliação do IDEB de duas escolas de tempo integral de Campo Grande – MS	Dissertação Mestrado Educação	UFMS
	2014	PEREIRA, C. S.	O processo de aprendizagem na educação escolar: as concepções de professores	Dissertação Mestrado Educação	UFMS

Organização: VITAL, 2016.



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCHS
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEduc
Linha de Pesquisa: Educação, Psicologia e Prática Docente.
Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia e Educação - GEPPE



APÊNDICE 5:

INVENTÁRIO PARA COLETA DE DADOS/ ESTADO DO CONHECIMENTO

Profª Dra. Sônia da Cunha Urt/2016

QUADRO/TÍTULO:

BANCO: CAPES

DESCRITORES/PALAVRAS-CHAVE: professor, educação integral (88 registros encontrados/ 12 selecionados)

DATA DE ACESSO: 14/03/2016

PERÍODO: 2010 - 2015

AUTOR	TÍTULO	TIPO	ÁREA	INSTITUIÇÃO/LOCAL	ANO	RESUMO
MOTA, MARIA CREUSA E-mail do autor: CREUSAMOTA@GMAIL.COM Orientador: INES MARIA MARQUES ZANFORLIN PIRES DE ALMEIDA	O REFORÇO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INTEGRAL: UMA LEITURA A PARTIR DA PSICANÁLISE	MESTRADO ACADÊMICO em EDUCAÇÃO	Área de Conhecimento: EDUCAÇÃO Áreas Afins: EDUCAÇÃO Linha de Pesquisa: Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação (EAPS)	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA Biblioteca Depositária: BCE UNB	2011	Palavras-chave: Psicanálise; Educação Integral; Reforço Escolar Resumo: As discussões e reflexões em torno da qualidade do ensino público no Brasil criaram muitas propostas educacionais para solucionar esse problema. Este estudo resgata uma dessas propostas pela importância que atualmente vem adquirindo no cenário educativo. Trata-se da proposta da Educação Integral idealizada nos anos 30 por educadores inconformados pela ineficiência da escola tradicional frente a um novo cenário político-social. Estes iniciaram um movimento escolanovista e propuseram um novo modelo de educação para transformação da sociedade. Nesse movimento se destaca a influência do educador baiano Anísio Teixeira e sua valiosa experiência de Educação Integral no Centro Educacional Carneiro Ribeiro na Bahia, nos anos 50. A partir daí muitas foram as experiências de

					<p>educação integral baseadas nesse modelo às quais estão pulverizando paulatinamente nosso País. Esse trabalho resgata um pouco da história dessa proposta e as experiências baseadas nela, trazendo à tona a questão do fracasso escolar e a medida compensatória do reforço escolar para dar conta dele. Essa pesquisa propõe uma leitura do reforço escolar dentro do espaço da Educação Integral atravessada pela dimensão da subjetividade sob a ótica Psicanalítica, objetivando a promoção da aprendizagem. Para isso foi abordada a relação ensino-aprendizagem e a forma como a subjetividade vai se configurando nessa relação clareada pelas contribuições da psicanálise. Dentre os referenciais teóricos, destaca-se a teoria freudiana, a qual relacionou a psicanálise e a educação na relação entre o professor e o aluno. O trabalho também se baseou em estudos sobre o reforço e o fracasso escolar, suas origens e repercussões na sociedade, na escola e na vida do sujeito. A pesquisa de abordagem qualitativa realizou-se por meio de um estudo de caso em uma escola pública de educação integral utilizando os instrumentos de observação participativa e entrevistas semi-estruturadas com alunos, monitores, professores, a coordenadora e o diretor da escola. Com base nos procedimentos da análise do conteúdo analisaram-se categorias a posteriori com o objetivo de discutir os resultados da pesquisa e responder as questões instigadoras da mesma. Esse estudo aponta a importância da dimensão da subjetividade, para além dos conteúdos nas classes de reforço escolar.</p>
--	--	--	--	--	---

<p>SOUZA, SAVIO JOSE DI GIORGI FERREIRA DE. E-mail do autor: savio@pinho.com.br Orientador: MARIA ANTONIA DE SOUZA</p>	<p>O EDUCERE AD EDUCARE DA EDUCAÇÃO INTEGRAL EM CENA, CONTRACENA E CRÍTICA '</p>	<p>MESTRADO ACADÊMICO em EDUCAÇÃO</p>	<p>Área de Conhecimento: EDUCAÇÃO Áreas Afins: EDUCAÇÃO</p>	<p>UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ, CURITIBA Biblioteca Depositária: SYDNEI ANTONIO SANTOS</p>	<p>2011</p>	<p>Palavras-chave: Educação Integral; Âmbitos do Conhecimento; Dever-Ser;</p> <p>Resumo: Esta pesquisa teve como objeto os cinco âmbitos educativos e o seu desenvolvimento mediante a metodologia de trabalho com filme e a realização de pacto moral com os alunos. Teve como pressupostos centrais as três dimensões humanas: Biológica; Psicológica e Noológica e os cinco âmbitos educativos: Físico; Intelectual. Afetivo, Transcendente e Social, que constituem os fundamentos da educação integral. A perspectiva teórico-filosófica adotada na pesquisa foi a da ética das virtudes, segundo os escritos aristotélicos. A educação integral foi analisada à luz dos escritos de Benigno Freire (2003), Henriques (2010) e Ortega e Gasset (1987). A estratégia educativa foi compreendida como geradora da vivência ética e estética, segundo os escritos de Dewey (1959), Garcia Hoz (1987) e Paulo Freire (1980). As experiências adquiridas em cines-debates foram analisadas à luz de Fumagali (2006), para quem os filmes são narrativas de fatos que se sucedem, demonstrando vivência com potencial educativo. Por fim, a formação do pacto moral constituiu elemento motivador para a inteligência das conseqüências dos atos pessoais, tal qual a concepção de Lewis (2005) e Pérez López (1997). Buscou-se conhecer como os diversos grupos, oriundos da Educação Superior revelam</p>
--	--	---	--	---	-------------	--

					<p>crescimento daqueles âmbitos educativos ao interagir com o cinema ou aderindo a um Pacto moral. O procedimento de coleta de dados centrou-se no relato de experiências, seguido de análise de conteúdo (BARDIN, 1977). A conclusão foi de que a educação não pode limitar-se apenas a biologia e a psicologia humana, sendo necessário atingir a terceira dimensão, mais elevada, fundada na essência do homem: Sua noologia. Concluiu-se que o pacto moral contribui para o desenvolvimento integral uma vez que propicia reflexões sobre as conseqüências dos atos pessoais, fomentando a ocorrência da Catarse (aristotélica) pelas manifestações da honradez, respeito, responsabilidade, agradecimento, humor e cidadania. Do mesmo modo, as constatações foram de que o trabalho com filmes em sala de aula potencializa a formação humana nos seguintes aspectos, verificados nos depoimentos dos alunos: ideais de serviços à sociedade, à ecologia, comprometimento profissional ao serviço humanitário e, por fim, um despertar do sentido da vida.</p>
--	--	--	--	--	--

<p>MATTOS, GRACIELE FERNANDES FERREIRA</p> <p>E-mail do autor: GRACIELE_FERNANDES@YAHOO.COM.BR</p> <p>Orientador: LUCIANA PACHECO MARQUES</p>	<p>AS ARTES DE SABERFAZER EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL '</p>	<p>DOUTORADO em EDUCAÇÃO</p>	<p>Área de Conhecimento: EDUCAÇÃO</p> <p>Áreas Afins: EDUCAÇÃO</p>	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, JUIZ DE FORA</p> <p>Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA UFJF</p>	<p>2012</p>	<p>Palavras-chave: Saberes Docentes; Educação Integral; Tempo integral</p> <p>Resumo: Esta tese de doutorado objetivou desinvisibilizar (SANTOS, 2005) os saberes-fazeres tecidos e praticados pelas professoras e pelo professor no cotidiano de uma escola de educação em tempo integral. Para tanto, me assumi como a narradora (BENJAMIN, 1994) das experiências tecidas na Escola Municipal Bom Pastor juntamente com as professoras e o professor durante o ano de 2010, mantendo acesa uma memória comum, partilhada, para que nossa experiência não esteja fadada ao esquecimento. Nesta escritura, os fios tecidos narraram o mergulho (ALVES, 2001) que fiz no cotidiano escolar, visualizando-o enquanto tempo-espaço de criação de conhecimentos, de saberes-fazeres diferenciados e legítimos, táticas praticadas pelos sujeitos ordinários como possibilidades de não somente repetição e reprodução, mas também como invenção, criação e transformação (CERTEAU, 1994). Em fios que teceram a escritura foquei o mergulho na realidade escolar pensada e sentida e, principalmente, minhas primeiras (in)compreensões acerca dos saberes-fazeres em uma escola de educação em tempo integral. Nas Sequências de gestos foi feita uma reflexão do Programa Escola de Educação em Tempo Integral da rede municipal de ensino de Juiz de Fora implantado no ano de 2006, acompanhada da experiência coletiva tecida no grupo de</p>
---	---	------------------------------	--	--	-------------	---

					<p>pesquisa e extensão Tempos na Escola. Também foquei a centralidade da discussão na educação integral que se passa nas instituições escolares e não em outros espaços sociais, propondo uma articulação da educação integral à extensão do tempo de permanência dos dos alunos e das alunas na escola como uma condição para a formação integral com ênfase na integralidade dos praticantes. No texto Espaço, lugar, Escola Municipal Bom Pastor abri o portão da escola, entrei e priorizei a discussão do tempo espaço e da educação em tempo integral praticada nesta rede educativa. Práticas cotidianas foram tecidas por vários fios puxados e tramados na tecedura da rede de saberesfazeres praticada pelas professoras e pelo professor no cotidiano da Escola Municipal Bom Pastor durante o ano de 2010. Tais fios foram nossas artes de saberfazer e de inventar ensinoaprendizagem, alfabetização, atendimentos individualizados, biblioteca itinerante, orientação de estudos, circuito de leitura e avaliação. Nos Saberesfazeres engenhosos, complexos, operativos considerei os saberesfazeres das professoras e do professor como processos fluidos, dinâmicos, mutantes, efêmeros, híbridos, bem como imprevisíveis e interpenetrados por variadas condições e situações cotidianas. No invisível cotidiano, em suas performances, negociações e invenções o que esteve submerso foram seus saberesfazeres a educação em tempo integral. Foram</p>
--	--	--	--	--	--

					<p>saberesfazer legítimos e tecidos exclusivamente no contexto e em conformidade com as condições da Escola Municipal Bom Pastor no ano de 2010. E quais saberesfazer das professoras e do professor foram desinvisibilizados em uma escola de educação em tempo integral? Foram as próprias práticas que as professoras e o professor souberamfizeram. Foram seus gestos, comportamentos, noções, dizeres, sentires. Suas mil e uma táticas, astúcias, maneiras de falar ou caminhar. Tivemos aí seus saberesfazeres.</p>
<p>FILHO, ROQUE RIBEIRO SANCHES</p> <p>E-mail do autor: ROQNADO LIVRE@GM AIL.COM</p> <p>Orientador: MARIBEL OLIVEIRA BARRETO</p>	<p>DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL: DESAFIOS E REPERCUSSÕES DA FORMAÇÃO À ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA. '</p>	<p>MESTRADO PROFISSIONAL em DESENVOLVIMENTO HUMANO E RESPONSABILIDADE SOCIAL</p>	<p>Área de Conhecimento: SOCIAIS E HUMANIDADES</p> <p>Áreas Afins: EDUCAÇÃO FÍSICA, EDUCAÇÃO</p>	<p>FUNDACAO VISCONDE DE CAIRU , SALVADOR Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA SILVINO MARQUES FVC</p>	<p>2012</p> <p>Resumo: A Educação Física traz importantes conteúdos que favorecem o desenvolvimento do ser humano em suas múltiplas possibilidades. O objetivo geral dessa pesquisa é analisar o Desenvolvimento Humano Integral (DHI), com foco nos desafios e repercussões da formação à atuação do professor de Educação Física, analisando a perspectiva da formação acadêmica do professor de Educação Física e sua contribuição para sociedade. Os diversos conteúdos da Educação Física contribuem para o desenvolvimento do ser humano, porém, a pedagogia tecnicista dos gestos motores e o aperfeiçoamento técnico, são priorizados talvez pela não compreensão dos profissionais das múltiplas dimensões do ser humano. Pretendemos especificamente entender o processo de desenvolvimento humano integral, analisando as possíveis relações com a prática esportiva, assim compreender a função social do educador como agente na construção de uma sociedade</p>

					<p>humanizada. A dissertação foi construída em modelo de artigos, onde no primeiro a pesquisa bibliográfica foi à opção metodológica escolhida, possibilitando diálogo com autores e educadores, buscando entender o ser humano, suas múltiplas dimensões e analisando os conteúdos da educação física como ferramentas para a formação integral do ser humano. No segundo artigo utilizamos a metodologia do estudo de caso, desenvolvendo a pesquisa no Programa Segundo Tempo – Forças no Esporte, que é sediado no Grupamento de Fuzileiros Navais de Salvador, onde procuramos compreender o ser humano em suas múltiplas dimensões, analisando a educação integral como base para o desenvolvimento da consciência. Nesse sentido, procuramos contribuir para um novo momento onde valores, princípios e concepções favoreçam a atuação do professor de Educação Física. Identificamos que a formação do professor de Educação Física é fundamentada no tecnicismo, onde o contexto da formação técnica e a pedagogia do rendimento superam a pedagogia da formação humana integral, onde resultados mostram sensíveis transformações, promovendo valores que tornam uma sociedade fraterna, cooperativa e solidária. Constata-se que as discussões entre a prática esportiva tecnicista e o esporte educação são uma constante, e que a educação técnica desportiva, focada prioritariamente no alto rendimento atlético, gera problemas ao processo de formação humana, originando angustias, anseios, conflitos pessoais e profissionais na busca de inovações pedagógicas que definam o objetivo de</p>
--	--	--	--	--	---

						<p>sua atuação. Conclui-se que a Educação Física contribui de maneira significativa para o DHI, pois podemos desenvolver, além da dimensão física, as dimensões psíquicas, morais e espirituais, repercutindo cidadãos conscientes para uma sociedade mais humanizada.</p>
<p>LEAO, ANDREIA LIVIA DE JESUS.</p> <p>E-mail do autor: muchacha_alj@yahoo.com.br</p> <p>Orientador: PAULO SERGIO DE ANDRADE BAREICHA</p>	<p>ARTE E EDUCAÇÃO NO 1º CENTRO DE REFERÊNCIA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL DE BRASÍLIA EM 2009 E 2010: ENCONTROS E DESENCONTROS '</p>	<p>MESTRADO ACADÊMICO em EDUCAÇÃO</p>	<p>Área de Conhecimento: EDUCAÇÃO</p> <p>Áreas Afins: EDUCAÇÃO</p>	<p>UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA</p> <p>Biblioteca Depositária: BCE UNB</p>	<p>2012</p>	<p>Palavras-chave: ensino de artes, educação integral, abordagem triangular</p> <p>Resumo: Este estudo relata as práticas artístico-pedagógicas desenvolvidas por dois professores, anteriormente vinculados ao 1º Centro de Referências de Educação Integral do Distrito Federal (CREI) em 2009 e 2010, nas escolas da rede pública de ensino do DF. O objetivo geral deste trabalho é compreender as práticas artístico-pedagógicas e os projetos do professor de Artes Cênicas e do professor Pedagogo, ambos da Secretaria de Educação do Estado do Distrito Federal, e analisar essas práticas através da identificação das ações básicas pertencentes à abordagem triangular para o ensino das artes, quais sejam: ler, contextualizar e fazer a obra de arte. Os registros que fazem parte desse trabalho foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas com os dois professores e foram</p>

					<p>analisados com base nas experiências de educação integral no Brasil, na história do ensino das artes no Brasil e na abordagem triangular. Os resultados revelaram a criatividade das soluções dos educadores às dificuldades encontradas por eles na realização de seus projetos, registrando as estratégias adotadas por cada professor na montagem de seus projetos artísticos e mostrando a persistência dos educadores no desenvolvimento dos projetos artísticos nas escolas públicas do DF em prol do desenvolvimento integral dos alunos com a experimentação de diferentes linguagens artísticas. Este trabalho descreve alguns modelos educacionais paradigmáticos, experiências brasileiras importantes de educação integral e o histórico da legislação sobre o ensino das artes, mantendo forte diálogo com os comentaristas importantes das áreas pedagógicas específicas de educação integral e de ensino de artes. As sínteses dos projetos e das práticas artístico-pedagógicas dos dois professores entrevistados nessa pesquisa poderão servir de subsídio para a criação de novos projetos e como modelo a ser reutilizado por professores e arte-educadores que entrarem em contato com este trabalho, adaptando-o ou replicando-o em seus próprios projetos artísticos.</p>
--	--	--	--	--	---

<p>OLIVEIRA, ROSALINA RODRIGUES DE.</p> <p>E-mail do autor: rrodrigues29@yahoo.com.br</p> <p>Orientador: INES MARIA MARQUES ZANFORLIN PIRES DE ALMEIDA</p>	<p>EDUCAÇÃO INTEGRAL: CARTOGRAFIA DO MAL-ESTAR E DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE '</p>	<p>DOUTORADO em EDUCAÇÃO</p>	<p>Área de Conhecimento: EDUCAÇÃO</p> <p>Áreas Afins: EDUCAÇÃO</p>	<p>UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA</p> <p>Biblioteca Depositária: BCE UNB</p>	<p>2012</p>	<p>Palavras-chave: Educação Integral/Integrada. Mal-estar. Formação docente.</p> <p>Resumo: O presente estudo buscou investigar o mal-estar docente dos professores de três escolas públicas do Distrito Federal que trabalham com o projeto de Educação Integral/Integrada. O objeto emergiu a partir da inserção no Grupo de Pesquisa Interinstitucional, composto por um grupo de quatro universidades públicas federais, atendendo a solicitação da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD, do Ministério da Educação, que em sua primeira etapa (2008/2009) teve como objetivo mapear a existência de projetos e políticas de ampliação da jornada escolar, vinculadas a sistemas, redes e/ou instituições públicas de ensino fundamental, avaliando quantitativa e qualitativamente iniciativas que caracterizassem um projeto de Educação Integral/Integrada. Na presente pesquisa, de cunho qualitativo, utilizamos o grupo focal e a entrevista semi-estruturada como instrumentos de construção dos dados, a leitura e interpretação destes, foram realizadas na perspectiva da psicanálise. O estudo aponta como (in) conclusões na concepção dos quinze (15) professores pesquisados: que o projeto representa possibilidades para superação de desigualdades sociais presentes nas escolas públicas; que a proposta se inviabiliza muitas vezes frente à deserção governamental e problemas de várias ordens, aos quais os docentes buscam cumprir as generalidades e formalidades eletivas; para viabilizar a proposta, o professor tem encontrado alternativas, por exemplo, subtraindo do seu próprio salário recursos para garantir o material básico o que, em</p>
--	---	------------------------------	--	--	-------------	--

					<p>geral, tem mais repercussão do que as questões pedagógicas; que a presença do outro (bolsista), no cenário pedagógico, desestabiliza o docente, implicando no esvaziamento do seu lugar de poder-saber; o projeto no Distrito Federal, ainda que apresente exigências para o seu funcionamento, não tem implicado o professor em seu planejamento, execução e/ou avaliação; o professor ainda coloca, no curso de formação continuada, o ideal da completude, busca assegurar o lugar de “bom professor”, para minimizar o irreduzível mal-estar que se instalou em sua atuação; os docentes entrevistados ressaltam a pertinência da criação de uma estrutura curricular no sentido de dar continuidade às atividades desenvolvidas, pois avaliam que a descontinuidade é uma entre tantas fragilidades do projeto. Ressaltamos que, apesar de o mal-estar abordado neste estudo, emergir do 8 processo civilizatório, difunde-se e confunde-se com os mal-estares vividos pelos docentes face às contingências da política pública de Educação Integral/Integrada no Distrito Federal.</p>
--	--	--	--	--	---

<p>FERREIRA, JAIME RICARDO.</p> <p>E-mail do autor: ferreira_parda@yahoo.com.br</p> <p>Orientador: LIVIA FREITAS FONSECA BORGES</p>	<p>O PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO: AS REPERCUSSÕES DA FORMAÇÃO DOCENTE NA PRÁTICA ESCOLAR '</p>	<p>MESTRADO ACADÊMICO em EDUCAÇÃO</p>	<p>Área de Conhecimento: EDUCAÇÃO</p> <p>Áreas Afins: EDUCAÇÃO</p>	<p>UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA , BRASÍLIA Biblioteca Depositária: BCE UNB</p>	<p>2012</p>	<p>Palavras-chave: Formação inicial e continuada de professores</p> <p>Resumo: O presente estudo surgiu das dúvidas que, ao longo do desenvolvimento profissional docente do pesquisador, se estabeleceram em relação à formação de professores e a educação integral. Esta pesquisa investiga como a formação inicial e continuada dos professores manifesta-se para a superação dos desafios na implantação do Programa Mais Educação. Analisa-se os documentos oficiais que norteiam o programa, bem como a sua aproximação com a escola unitária prevista por Gramsci, além disso, analisa-se quais são os desafios enfrentados pelo(a) professor(a) que o(a) leva à busca por uma formação continuada. Para tanto, a metodologia privilegiou a abordagem qualitativa por meio de um estudo de caso único com a participação de professores da educação básica, o gestor da unidade escolar pesquisada, a Coordenadora de Educação Integral do Ministério da Educação, Coordenadora Estadual do Programa Mais Educação em Goiás, pais e alunos cadastrados no programa em estudo. Para obtenção das informações, foram realizadas análises documentais, entrevistas emiustradas com professores, coordenadores e pais, bem como o grupo focal com alunos com a finalidade de se obter informações para uma posterior e criteriosa leitura dos aspectos levantados que pudessem esclarecer os questionamentos iniciais sobre a educação integral e desenvolvimento profissional dos professores que ministravam aulas aos alunos participantes do Programa Mais Educação. Foi realizado um levantamento do histórico da educação integral no Brasil, partindo das ideias educacionais de Anísio</p>
---	---	---------------------------------------	--	--	-------------	--

					<p>Teixeira com a implantação do Centro Educacional Carneiro Ribeiro em Salvador (BA), até as escolas-parque e escolas-classe de Brasília, chegando a Darcy Ribeiro que implantou no Rio de Janeiro um plano audacioso de construção física e pedagógica dos Centros Integrados de Educação Pública - Ciep's. A pesquisa revela que a formação inicial por si só não prepara totalmente o(a) professor(a) para atuar na educação integral, o que exige dele(a) estar em um processo permanente de formação. Essa formação precisa de uma verdadeira (re)estruturação pedagógica que conjugue a prática docente com os saberes que ao longo dos anos foram construídos pelo(a) professor(a), com formação teórica que o possibilite reinventar o saber fazer para atuar no mundo em constante transformação. Os resultados neste estudo revelam que parte da competência profissional do(a)s professore(a)s vem de suas raízes históricas de vida e de suas experiências formadoras vividas na família e na escola. No que se refere à educação integral, a pesquisa traz à tona que, para se implantar um programa que amplia o tempo de permanência de estudantes nas escolas públicas, é necessário investir na infraestrutura das unidades escolares com a adequação e construção de espaços para o desenvolvimento das atividades previstas durante o tempo de permanência da criança na escola e, ainda, na qualificação do desenvolvimento profissional dos docentes. Duas constatações foram essenciais nesta pesquisa: a primeira, a satisfação e confiança dos pais em relação à unidade escolar, e a segunda, que os alunos tornaram-se mais felizes com a participação nas atividades do Programa Mais Educação.</p>
--	--	--	--	--	---

<p>GNISCI, VANESSA MONTEIRO RAMOS</p> <p>E-mail do autor: VANESSAG NISCI@YA HOO.COM. BR</p> <p>Orientador: LUCIA VELLOSO MAURICIO</p>	<p>PROCESSOS FORMATIVOS DO INCENTIVADOR DA LEITURA EM NOVA IGUAÇU:EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO (EM TEMPO) INTEGRAL '</p>	<p>MESTRADO ACADÊMICO em EDUCAÇÃO - PROCESSOS FORMATIVOS E DESIGUALDADES SOCIAIS</p>	<p>Área de Conhecimento: EDUCAÇÃO</p> <p>Áreas Afins: EDUCAÇÃO</p>	<p>UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO , SÃO GONÇALO Biblioteca Depositária: UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D</p>	<p>2012</p>	<p>Palavras-chave: Formação Continuada de Incentivadores da Leitura.</p> <p>Resumo: GNISCI, Vanessa Monteiro Ramos. Processos Formativos do Incentivador da Leitura em Nova Iguaçu: Experiências de Educação (em tempo) Integral. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em Processos Formativos e Desigualdades Sociais) - Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2012. Considerando ser a formação institucional do professor um dos desafios enfrentados no processo de implantação da educação (em tempo) integral, este estudo tem como objetivo principal analisar as implicações - repercussões e tendências - do processo de Formação Continuada do Programa Bairro-Escola para Incentivadores da Leitura e sua contribuição para a Educação Integral no Município de Nova Iguaçu. Na produção desse material foram utilizados questionários para identificar as concepções de nove Incentivadores da Leitura (um de cada Unidade Regional) sobre a Formação Continuada em serviço e a Proposta do BE; análise das observações de oficinas de leitura para descrição das (possíveis) incorporações das temáticas desenvolvidas na formação em serviço na prática do Programa de Educação Integral e os entraves encontrados por aqueles professores no cotidiano escolar; análise documental e entrevista semiestruturada à</p>
---	--	--	--	--	-------------	--

					<p>Equipe Técnica da SEMED de Nova Iguaçu. Para este estudo, com fins de fundamentação teórico-metodológica do trabalho, foram utilizados referenciais que tratavam sobre os temas: Formação de Professores (Tardif, 2002; Monteiro, 2009; Larrosa, 2002; Rios, 2001; Bragança, 2009), Práticas de Leitura no Cotidiano Escolar (Coelho, 2000; Lajolo, 1993; Abramovich, 1997) e Educação Integral (Guará, 2006; Rios, 2001; Maurício, 2009). A partir das relações estabelecidas, evidencia-se a leitura (enquanto manifestação literária e campo de conhecimento) como parte da formação integral do indivíduo e a influência recíproca entre os vários espaços/tempos de formação do aluno e professor nos saberes relacionados à leitura, que constituem preceitos de programas precursoros - como os CIEPs e Escola-Parque - e modelos atuais, como o Bairro-Escola. No entanto, no decorrer do estudo, ao constatar a efetividade da Formação Continuada, com pequenas inferências por parte dos professores participantes, apontamos para inúmeras fragilidades e entraves, dentre eles, ausências de referências do Incentivador da Leitura e suas atribuições em determinados documentos oficiais, desarticulação entre o Programa de Leitura e o Programa BE e inadequações de bibliotecas e/ou Espaços Multimeios, que transcendem as questões referentes aos processos formativos formais e não formais dos</p>
--	--	--	--	--	---

						profissionais para que se ofereça condições objetivas da formação (integral) pretendida.
<p>HATAKEYAMA, MARCIA REGINA TORRES.</p> <p>E-mail do autor: marciatorres2005@gmail.com</p> <p>Orientador: NIVEA MARIA FRAGA ROCHA</p>	<p>PROPOSTA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL DO COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO HUMANO.</p>	<p>MESTRADO PROFISSIONAL em DESENVOLVIMENTO HUMANO E RESPONSABILIDADE SOCIAL</p>	<p>Área de Conhecimento: SOCIAIS E HUMANIDADES</p> <p>Áreas Afins: EDUCAÇÃO</p>	<p>FUNDAÇÃO VISCONDE DE CAIRU, SALVADOR</p> <p>Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA SILVINO MARQUES - FVC</p>	<p>2012</p>	<p>Palavras-chave: Desenvolvimento humano integral. Educação integral.</p> <p>Resumo: A educação presencia um momento de transformação no Ensino Fundamental, etapa básica de formação e desenvolvimento do aluno, ser humano único. Uma Educação Integral vivenciando momento de aprender, ensinar e aprender a aprender significativa e contextualizadamente utilizando tecnologias e desenvolvendo competências docentes que facilitam o êxito do ensino-aprendizagem e visam o Desenvolvimento Humano Integral. Tem-se como objetivos gerais: analisar a compreensão dos Docentes do Colégio Militar de Salvador (CMS) sobre Proposta Político-Pedagógica (PPP) baseada na Educação Integral e suas contribuições no processo de ensino-aprendizagem; analisar competências docentes</p>

					<p>que facilitam processo Ensino-Aprendizagem e Desenvolvimento Humano Integral. Como objetivos específicos, pretende-se: apresentar algumas reflexões sobre Ensino Fundamental e Educação Integral; discutir conceitos de Educação Integral e Educação em Tempo Integral; identificar os princípios pedagógicos da Educação Integral da PPP do CMS; compreender a PPP do CMS a partir da visão docente; discutir conceitos de aprender, ensinar e aprender a aprender no Ensino Fundamental e sua relação com a Educação Integral (EI); compreender a aprendizagem significativa na EI; identificar competências docentes imprescindíveis no processo de EI; e identificar a contribuição das tecnologias educacionais na aprendizagem significativa. Como opção metodológica, utilizou-se a pesquisa participante, bibliográfica, documental, exploratória, qualitativa e descritiva. Aplicou-se questionário, como instrumento de coleta de informações, a quatorze (14) Docentes (14%) do CMS. Constatou-se que o Ensino Fundamental preocupa-se com a formação integral do aluno, valorizando seu desenvolvimento humano nas diversas dimensões e estabelecendo diferença entre Ensino Integral e Ensino de Tempo Integral; a PPP do CMS tem como principais princípios pedagógicos a camaradagem, cooperação, respeito e valorização dos alunos, como cidadãos capazes de conduzir seu próprio Desenvolvimento Humano Integral; sensível</p>
--	--	--	--	--	--

					<p>mudança na forma de educar de cada professor do CMS, evidenciando que o ensino é significativo e contextualizado. Constatou-se, também, ser necessário ensinar aos alunos a aprender a aprender consciente e significativamente, considerando suas experiências de vida, pois a EI necessita do ensino flexível e significativo, favorecendo a aprendizagem do aluno em sua totalidade; cada professor precisa ter competências docentes que estimulem aprendizagem, autoconfiança em solucionar problemas, integrando tecnologias e procedimentos metodológicos inovadores. Além disso, precisa utilizar estratégias (jogos, solução de problemas, dramatização), facilitando construção da aprendizagem. Constatou-se que muitos professores do CMS possuem competências docentes individuais, utilizando tecnologias (telemáticas, audiovisuais, orais) que contribuem para a aprendizagem dos alunos. Concluiu-se que o CMS possui professores competentes e comprometidos com o fazer docente, apesar de não terem clareza quanto à PPP baseada na EI, dificultando o processo de ensino-aprendizagem e implementação dos princípios pedagógicos que garantam o DHI. O CMS precisa promover cursos de atualização, abertura de diálogo e discussão da PPP, possibilitando compreensão e implementação de seus princípios pedagógicos.</p>
--	--	--	--	--	---

<p>NECYK, MARCIA TERESA CAMPOS.</p> <p>E-mail do autor: mnecyk@uol.com.br</p> <p>Orientador: LAURINDA RAMALHO DE ALMEIDA</p>	<p>SENTIMENTOS DE PROFESSORES E DE ALUNOS DE DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DE TEMPO INTEGRAL NO ESTADO DE SÃO PAULO '</p>	<p>MESTRADO ACADÊMICO em EDUCAÇÃO (PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO)</p>	<p>Área de Conhecimento: EDUCAÇÃO</p> <p>Áreas Afins: EDUCAÇÃO</p>	<p>PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO</p> <p>Biblioteca Depositária: PUC / MONTE ALGRE</p>	<p>2012</p>	<p>Palavras-chave: afetividade, escola de tempo integral; Henri Wallon</p> <p>Resumo: A presente pesquisa tem por objetivo compreender como se manifesta a dimensão afetiva nas escolas nas quais as crianças permanecem em tempo integral, investigando os sentimentos e suas situações indutoras. Para isso, fizemos observações em salas de aula de duas escolas públicas participantes do Projeto Escola de Tempo Integral do Estado de São Paulo. Realizamos também entrevistas com os professores dessas escolas e analisamos os documentos oficiais do Projeto. A identificação dos sentimentos desses professores e alunos revelou ser um instrumento valioso, pois propiciou desvelar as necessidades dos participantes da pesquisa em relação ao ambiente escolar e ao processo de ensino-aprendizagem. Por ter como prioridade a dimensão afetiva, o referencial teórico escolhido foi a teoria de desenvolvimento de Henri Wallon. Identificamos nos professores sentimentos, tais como: orgulho em relação à profissão, confiança e respeito pelos alunos e sentimentos contraditórios em relação à escola, como satisfação/frustração e felicidade/desânimo. Os alunos revelaram situações nas quais se sentem interessados e as que os fazem se sentir desmotivados. Como resultado da investigação empreendida, percebemos uma grande distância entre o que foi</p>
--	---	--	--	--	-------------	---

					<p>proposto pelas Diretrizes Curriculares do Projeto e o que é vivenciado nas escolas. As entrevistas e as observações sugerem a necessidade de mudanças no Projeto, como: melhoria nas instalações, formação continuada para os professores, dedicação exclusiva destes à escola, melhorias na alimentação, valorização da relação professor-aluno, incentivo à realização de trabalhos em grupos, realização de atividades que, promovam o desenvolvimento de todas as dimensões humanas e integração das atividades do currículo básico com as oficinas.</p> <p>Constatamos também que, apesar das dificuldades encontradas, os professores entrevistados continuam esperançosos na melhoria do Projeto e esperam que as escolas de tempo integral possam efetivamente oferecer para as crianças participantes do Projeto uma educação de qualidade.</p>
--	--	--	--	--	---

<p>FERREIRA, GISLENE PIRES DE CAMARGOS.</p> <p>E-mail do autor: GISLENECAMARGOS@YAHOO.COM.BR</p> <p>Orientador: DERNIVAL VENANCIO RAMOS JUNIOR</p>	<p>ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL E LETRAMENTO LITERÁRIO: UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DE LEITORES.</p>	<p>MESTRADO ACADÊMICO em LETRAS: ENSINO DE LÍNGUA E LITERATURA</p>	<p>Área de Conhecimento: LETRAS</p> <p>Áreas Afins: EDUCAÇÃO, LETRAS, LITERATURA BRASILEIRA</p>	<p>FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, ARAGUAÍNA Biblioteca Depositária: PROFESSOR SEVERINO FRANCISCO DE OLIVEIRA FILHO</p>	<p>2012</p>	<p>Palavras-chave: Letramento Literário; Complexidade e Interdisciplinaridade.</p> <p>Resumo: Esta dissertação é resultante de uma investigação realizada numa escola piloto de tempo integral em Palmas - TO junto ao Mestrado em Ensino de Língua e Literatura do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína. Objetivou analisar e compreender como acontece o processo de formação de leitores na perspectiva do letramento literário nesta escola de tempo integral, em que os educandos das séries finais do ensino fundamental permanecem 9 horas e meia no ambiente escolar e possuem a oficina Hora da Leitura contemplada em sua matriz curricular, além de outras oficinas, tais como: teatro, dança, música, dentre outras. O estudo de cunho interdisciplinar contou com uma elaboração teórica dos conceitos de letramento, literatura e letramento literário, em diálogo com as teorias da complexidade, da interdisciplinaridade de Fazenda e da transdisciplinaridade. A pesquisa é de caráter qualitativo e do tipo estudo de caso, a partir de uma etnografia com observação participante. Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram: análise documental da Proposta Curricular (2006); diário de campo com as observações registradas das aulas de Leitura, oficinas, ensaios da Cantata de Natal, reuniões, conselhos de classe e formação continuada de professores, como também</p>
--	---	--	---	---	-------------	--

					<p>entrevistas semiestruturadas feitas à diretora, coordenadora e a duas professoras de Português e da Hora da Leitura. Os resultados apontam que o processo de formação de leitores na perspectiva do letramento literário acontece, porém, percebemos que ainda perduram resquícios do paradigma tradicional em detrimento de uma prática de formação de leitores pautada no paradigma educacional emergente, conforme sugere a Proposta Curricular (2006) da escola de tempo integral. Este estudo revelou também que a concepção de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade que norteia toda a proposta curricular da escola encontra dificuldades institucionais para sua efetivação, porém é perceptível que as práticas de leitura permeiam todos os espaços educacionais na escola.</p>
--	--	--	--	--	---



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCHS
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEduc
Linha de Pesquisa: Educação, Psicologia e Prática Docente.
Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia e Educação - GEPPE



INVENTÁRIO PARA COLETA DE DADOS/ ESTADO DA ARTE
Profª Dra. Sônia da Cunha Urt/2015

QUADRO/TÍTULO:

BANCO: BDTD

DESCRITORES/PALAVRAS-CHAVE: professor, educação integral (1.398 registros encontrados/ 17 selecionados)

DATA DE ACESSO: 15/03/2016

PERÍODO: 2010 - 2015

AUTOR	TÍTULO	TIPO	ÁREA	INSTITUIÇÃO/LOCAL	ANO	RESUMO
Magalhães, Nadja Regina Sousa	Educação integral: olhares em torno de uma escola pública municipal de Caxias-MA	Mestrado	Educação Magalhães, Sousa	Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Nadja Regina Educação, Programa de Pós- Graduação em Educação, Florianópolis	2014	Esta dissertação tem como foco a Educação Integral, uma política pública integrante do Programa Mais Educação. Ela parte de estudos e vivências sobre uma escola municipal situada em Caxias, estado do Maranhão. A pesquisa contou com a participação de gestores, professores, monitores, familiares e alunos, com os quais agenciei os questionamentos sobre o tema - Educação Integral. A intenção foi analisar como as práticas de Educação Integral têm se constituído nessa Unidade de Ensino, localizada no bairro Campo de Belém. Assim, delineou-se o problema de pesquisa: como a Educação Integral contribui para tecer uma prática pedagógica emancipatória, numa escola municipal de Caxias-MA? Durante o tempo em que eu estive em campo,

		https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/129516	2014			<p>os anseios, as dúvidas e expectativas emergiram nos discursos dos treze interlocutores, para reinventar o contexto educacional em sua pretensão de criar uma escola de tempo integral. Por meio da abordagem etnográfica foi possível configurar o olhar em torno do contexto social, histórico e cultural dos pesquisados. Ancorada numa análise qualitativa, esta pesquisa evidencia a importância de repensar a formação docente e a prática pedagógica numa perspectiva de Educação Integral, comprometida com a emancipação do ser humano, que está inserido no cotidiano escolar. Ademais, proponho neste estudo: delinear um currículo que aponte para uma identidade coletiva, entrelaçada às políticas educacionais efetivadas nas escolas municipais de Caxias. Em campo construí as informações específicas, com instrumentos e técnicas como: observação participante, rodas de conversas, entrevistas semiestruturadas e realização de filmagens, a fim de fazer um recorte entre os anos de 2010 a 2012, quando o Programa Mais Educação chegou na escola pesquisada. No ano de 2013, é que as informações foram coletadas, quando a E.I. estava em curso. Os conceitos centrais buscaram explicar os sentidos e significados de ser um profissional crítico, autônomo e reflexivo, diante da proposta de jornada ampliada gerada pelo PME. Para discussão teórica, o apoio veio de autores como: Giroux (1986), Contreras (2002), Freire (1996), Nóvoa (1992), entre outros. Para ilustrar o contexto da Educação Integral e do Programa Mais Educação foram utilizados autores complementares, entre os quais: Teixeira (1967), Peter McLaren</p>
--	--	---	------	--	--	--

						(2000), Clifford Geertz (2008), Darcy Ribeiro (1979), Arroyo (2012), Sousa (2010), Moreira (2002), Moll (2012) e Cavaliere (2007). Os documentos oficiais que regulamentam o PME compuseram as fontes sobre a temática mencionada, ampliadas pelo levantamento das produções científicas a respeito das concepções de práticas pedagógicas na Educação Integral entre os anos de 2006 a 2012, quando começa a efervescência das discussões sobre o assunto em pauta. Esta pesquisa me permite refletir sobre a complexidade que transversaliza a implantação da Educação Integral, uma política interessada em uma escola pública de qualidade, como espaço e tempo do aprender, aberta aos repertórios culturais, à troca de saberes e experiências para a formação do ser humano.
Leandro, Karine de Sousa	Programa Educação Integral: escolarização ou custódia?	Dissertação (mestrado) -	Educação	Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis,	2014	Nesta pesquisa discutimos a Educação Integral na política educacional brasileira, tomando a Rede Municipal de Ensino de Florianópolis como sua expressão local. Analisamos a política de tempo integral na reforma educacional brasileira; examinamos o Programa Educação Integral da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis no governo Berger e refletimos sobre sua implementação na RME. O recorte temporal da pesquisa corresponde à gestão do prefeito Dário Elias Berger (2005-2012) do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e dos governos petistas de Lula e Dilma Rousseff (2003-2012). Conquanto pertencentes a partidos diferentes, há uma sintonia entre ambos e nesse período foi nacionalmente fomentada a implantação e implementação da política de Educação Integral no Brasil e, em particular, em

					<p>Florianópolis. Metodologicamente, realizamos um balanço de produção acadêmica sobre o tema e uma análise de documentos nacionais e municipais referentes à política de Educação Integral. Discutimos as contradições históricas e sociais existentes nestas políticas educacionais, que impactam a escola e o trabalho docente, e sua relação com interesses privatistas. Três são os focos de análise: a desqualificação do professor e do trabalho docente, a atribuição de nova função à escola pública e o estabelecimento de parcerias público-privadas provenientes da política de Educação Integral. Concluimos que a política de Educação Integral procura a) reconfigurar o papel das escolas públicas pela redução de sua função instrucional-formativa e priorização da função de custódia do alunado; b) desqualificar o professor ao incentivar o voluntariado e a entrada de outros profissionais na escola, assim como pela imposição de tarefas que vão além do ensino-aprendizagem; e c) fortalecer o estabelecimento de parcerias público-privadas transferindo recursos públicos à esfera privada.</p>
--	--	--	--	--	--

<p>Freitas, Juliana Veiga de.</p>	<p>Compondo a docência: os discursos que constituem o professor contemporâneo da educação integral</p>	<p>Mestrado</p>	<p>Educação</p>	<p>Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.</p>	<p>2013</p>	<p>Esta dissertação de Mestrado tem como problemática central analisar de que forma professores envolvidos com propostas de Educação Integral nas escolas públicas narram sua constituição docente na contemporaneidade e, por esse viés, investigar quais discursos estão constituindo esse professor contemporâneo. Para tanto, esta pesquisa caracteriza-se como estudo de caso de caráter qualitativo, inserida no campo dos Estudos Culturais em Educação, em sua vertente pós-estruturalista. A proposta metodológica visa a analisar as narrativas de nove professores – das redes municipais e estaduais de ensino de Porto Alegre/RS e região metropolitana -, por meio de grupos de discussão, que participaram do Curso de Extensão intitulado A constituição do professor de Educação Integral na contemporaneidade. Esse Curso, pensado em 6 encontros presenciais, foi criado como estratégia para produzir os dados deste estudo. Como ferramentas conceituais, para operar na análise do material empírico, foram escolhidos o conceito de discurso – na perspectiva foucaultiana - e o conceito de narrativas – inspirado nos estudos de Jorge Larrosa. Os achados da pesquisa apontam para a predominância dos seguintes discursos: a) a profissão docente como vocação (amor à profissão), nesse discurso, a escola é considerada um „segundo lar“, a educação escolar torna-se meio para salvação dos sujeitos e a docência é vista como tradição familiar, algo que passa de geração para geração; b) o deslocamento do papel docente de „ensinar“ para „gerenciar“ sujeitos, tempos, espaços e recursos financeiros (FNDE/MEC); c) o professor como</p>
-----------------------------------	---	-----------------	-----------------	---	-------------	---

						<p>aprendiz permanente, um sujeito flexível, sensível, disponível, e comprometido com o desejo de aprender constantemente. Nesse sentido, percebe-se, com este estudo, que esses discursos não são novos, nem específicos de professores atuantes em propostas de Educação Integral, mas compõem narrativas docentes recorrentes na contemporaneidade. Entretanto, alguns indícios apontam para a invenção desse professor, como a (auto) intensificação da sua função docente e a prioridade em conduzir a conduta do aluno nos processos de socialização em detrimento dos conhecimentos escolares. Indícios que vem conduzindo os modos de ser e de exercer a docência na contemporaneidade, momento em que a instituição escolar amplia suas funções.</p>
<p>MENEZES, Sandra Regina dos Santos</p>	<p>A atuação do professor na educação profissional técnica de nível médio: implicações na formação integral do aluno</p>	<p>Mestrado</p>	<p>Educação</p>	<p>Universidade Católica de Brasília</p>	<p>2013</p>	<p>O estudo buscou identificar, na atuação do professor da educação profissional técnica de nível médio, implicações que interferem no desenvolvimento de uma formação integral do educando. A pesquisa tem como amostra uma escola de educação profissional da Rede Pública do Distrito Federal. Trata-se de pesquisa qualitativa. Os dados foram coletados, utilizando-se como técnicas a análise documental e a entrevista semiestruturada. Os documentos selecionados para análise consistiram no Projeto Político - Pedagógico da escola e nos Planos de Ensino dos professores. Participaram da pesquisa o diretor, o coordenador pedagógico do Curso Técnico em Informática, o coordenador pedagógico do Curso Técnico em Telecomunicações, dez professores e seis alunos do Curso Técnico em Informática; dez professores e seis alunos do Curso Técnico em Telecomunicações. A análise dos dados evidenciou, tanto no Projeto Político-</p>

						<p>Pedagógico da escola quanto nos Planos de Ensino dos professores, a ausência de fundamentos que contribuem para a formação integral do aluno. Os resultados indicaram que a concepção de formação integral é entendida como uma educação que vai além do conhecimento técnico e envolve a construção de princípios e valores, de uma postura crítica e consciente pela maioria dos participantes. Foi possível constatar que as práticas didático-pedagógicas desenvolvidas pelos professores enfatizam o atendimento das necessidades e das exigências do mercado de trabalho, deixando de lado o desenvolvimento de uma formação integral. Os participantes asseguraram que trabalhar aspectos relacionados à formação integral do aluno traz grandes benefícios. A maior dificuldade apresentada pelos participantes refere-se à formação dos professores, que se mostra extremamente técnica, o que implica o desconhecimento da importância da formação integral do aluno.</p>
Costa, Nilce Rosa da.	Educação de tempo integral do campo: novos tempos e significados	Mestrado	Educação	Universidade Católica de Brasília	2011	<p>A pesquisa foi realizada no Município de Palmas, capital do Estado do Tocantins, na Escola Municipal Luiz Nunes de Oliveira, localizada no distrito de Buritirana, que possui aproximadamente 1.500 habitantes. O distrito onde a Escola se localiza é carente de bens culturais, lazer e bens sociais. A Escola atende alunos dos assentamentos próximos e se constitui no principal ponto de socialização das crianças, dos jovens e dos adultos. Destaca-se nas premiações e concursos promovidos pela Secretaria Municipal e ainda, no bom desempenho dos alunos. Atualmente possui 366 alunos, com 12 turmas. A investigação, descritiva e exploratória, constitui um estudo de caso, com abordagem quanti-qualitativa, com foco na avaliação do projeto de escola de tempo integral para o campo. Os envolvidos na pesquisa foram equipe diretiva, professores, pais e alunos com uma amostra aleatória simples. Para coleta dos dados, utilizou-se o levantamento por questionários e entrevista estruturada</p>

						<p>e semiestruturada com a equipe diretiva e professores, grupos focais com alunos e entrevista semiestruturada com pais, além de caderneta de campo e roteiro de observação in loco. Essa pesquisa teve como objetivo geral avaliar a proposta do projeto de tempo integral no campo. Um dos objetivos específicos foi avaliar o grau de satisfação da comunidade escolar (professores, coordenadores pedagógicos, diretor, orientador educacional, pais e alunos), com a escola de tempo integral. Outro objetivo específico foi o levantamento do custo direto de funcionamento da escola, por meio do conhecimento do custo-aluno/ano, utilizando a metodologia de Xavier e Marques (1986). Os resultados evidenciaram que a escola conta com a aprovação de todos os envolvidos e o custoaluno/ano corresponde ao valor de R\$ 5.150,00, levando em conta a metodologia aplicada. Ao comparar esse resultado com o Custo-aluno qualidade constatou-se a distância entre o custo da Escola pesquisada e o padrão de qualidade proposto por Carreira e Pinto (2005).</p>
Silva, Ana Maria Clementino Jesus e.	Trabalho docente e educação em tempo integral: um estudo sobre o programa escola integrada e o projeto educação em tempo integral	Mestrado	Educação	Universidade Federal de Minas Gerais	2013	<p>Com o surgimento de programas e projetos de educação em tempo integral nas redes de ensino no Brasil na última década, impulsionado por mudanças na legislação educacional brasileira e por aportes financeiros e técnicos oferecidos pelo governo federal por meio do Programa Mais Educação, observou-se na escola a inserção de novos sujeitos docentes com perfis, formações e tarefas distintas daquelas promovidas tradicionalmente pelos professores. Esta investigação buscou, a partir do estudo sobre o Programa Escola Integrada (PEI) da rede municipal de Belo Horizonte e o Projeto Educação de Tempo Integral (PROETI) da rede estadual de Minas Gerais, conhecer o trabalho docente nas experiências de educação em tempo integral. Tentamos identificar o perfil dos profissionais envolvidos, analisar a organização do trabalho e conhecer as condições do trabalho docente no PROETI</p>

					<p>e no PEI. Buscamos ainda conhecer as concepções de educação integral de cada experiência e analisar as relações dos programas/projetos de educação em tempo integral com as políticas sociais atuais de combate à pobreza. Para tanto, foram desenvolvidas pesquisas bibliográficas e levantamento documental, bem como observações em duas escolas da capital mineira, cada uma de uma rede de ensino, e seu respectivo programa/projeto e realizadas entrevistas semiestruturadas com a direção escolar, coordenação e docentes do PEI e PROETI. Como resultado, verificamos que as experiências, embora se baseiem na concepção de educação integral proposta por Anísio Teixeira com vistas à formação completa dos alunos, distanciam-se desse propósito ao adotar medidas diferentes quanto ao seu objeto. Enquanto o PROETI privilegia atividades de acompanhamento pedagógico visando ao bom desempenho escolar e à redução da reprovação dos alunos não deixando de lado a ampliação de oportunidades artísticas, esportivas e de lazer, o PEI destaca a formação pessoal e cultural dos alunos por meio da ampliação dos espaços educativos, de atividades diversificadas e da valorização dos saberes comunitários, o que reflete no quadro profissional e perfil dos sujeitos docentes de ambas as experiências. O primeiro conta com professores formados em pedagogia e educação física e o segundo com bolsistas universitários e agentes culturais (oficineiros da própria comunidade) sem exigências de formação prévia ou experiências docentes para ministrarem as atividades. Verificamos ainda que embora os programas e projetos de educação em tempo integral como o PROETI e o PEI sejam hoje importantes ferramentas de proteção e promoção social, posto que são direcionados primeiramente para crianças e adolescentes em maiores condições de vulnerabilidade social, apresentam muitos problemas e</p>
--	--	--	--	--	---

						condições de trabalho pouco adequadas para o bom desempenho das atividades dos docentes e de acolhimento dos alunos.
Cusati, Iracema Santos	Educação em tempo integral: resultados e representações de professores de matemática e de alunos do terceiro ciclo da rede de ensino de Belo Horizonte	Doutorado	Educação	Universidade de São Paulo	2013	Mais tempo para os alunos nas escolas tem sido constante demanda na educação brasileira. A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9.394/96, artigo 34, que estabeleceu a progressiva ampliação da jornada escolar para os alunos do Ensino Fundamental, a Rede Pública de Ensino de Belo Horizonte, em Minas Gerais, propôs uma Educação em Tempo Integral. Para ampliar a jornada escolar de alunos regularmente matriculados, entre seis e 14-15 anos, foi implantado o Programa Escola Integrada (PEI) nas escolas do município mineiro no ano de 2007. Pesquisas realizadas apontam que o referido programa propicia a melhoria do desempenho escolar dos alunos. Em consonância com este contexto, a presente pesquisa, de caráter predominantemente qualitativo, investigou as atividades desenvolvidas no turno regular, nas aulas de Matemática do 3º. Ciclo do Ensino Fundamental, e no turno oposto às aulas regulares, nas oficinas do Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP), buscando compreender como a atuação de professores de Matemática tem promovido a progressão da

					<p>aprendizagem dos alunos, entendida aqui como fonte de ampliação dos conhecimentos e dos horizontes culturais. Este estudo desenvolvido durante todo o ano letivo de 2011 foi orientado pela seguinte questão de investigação: Que representações e que resultados a Educação em Tempo Integral suscita em professores de Matemática e alunos do 3º. Ciclo de duas escolas públicas da Rede de Ensino de Belo Horizonte? Com o intuito de identificar e analisar as representações mais marcantes de aprendizagem da matemática enunciadas por professores e alunos, a fundamentação na teoria das representações formulada por Henri Lefebvre foi utilizada por levar em consideração não apenas os discursos dos sujeitos, como também as ações que realizam. Os procedimentos metodológicos adotados envolveram observação do cotidiano escolar, entrevistas semi-estruturadas com professores de matemática, com alunos e seus pais além de análise documental como fonte de informação para contextualizar a escola antes e depois da implantação do PEI. Como resultado constata-se que a educação em tempo integral propôs reorganizar o trabalho pedagógico e instituir novos tempos da e na escola, no sentido de desconstruir os mecanismos de exclusão e seletividade produtores do fracasso escolar. As representações dos professores e dos alunos sobre essa problemática elucidam que o tempo escolar ampliado possibilitou a melhoria da aprendizagem em matemática que também foi verificada pelos resultados das avaliações escolares e sistêmicas. Embora professores e alunos afirmem que as práticas inovadoras propostas pelo PEI não estão suficientemente consolidadas, em seus depoimentos reconhecem que a ampliação do tempo de permanência na escola tem promovido mudanças no cotidiano escolar e na cotidianidade da comunidade, nas relações entre o tempo vivido e o tempo social; portanto,</p>
--	--	--	--	--	--

						coerentes com a perspectiva de escola que se deseja democrática, cidadã e inclusiva na direção de uma Educação Integral.
Silva, Ana Lucia Ferreira da.	Políticas para a ampliação da jornada escolar: estratégia para a construção da educação integral?	Doutorado	Educação	Universidade de São Paulo	2014	Esta pesquisa busca sistematizar e analisar um conjunto de pressupostos teóricos, os quais amparam as discussões sobre a ampliação da jornada escolar no Brasil. A retomada dessa discussão ganha visibilidade a partir das duas últimas décadas, mas é em especial nos últimos anos (2007-2013) que as condições propiciadas a partir de uma política de âmbito federal o Programa Mais Educação -, o qual passa a promover condições objetivas para sua efetivação no campo das políticas educacionais. Como objetivos, buscou-se situar a discussão a partir da legislação federal vigente, identificar as principais orientações para a implementação de ações voltadas para a ampliação da jornada escolar, e verificar, em âmbito local, as formas de organização de escolas da rede pública. Trata-se de estudo conduzido por meio de abordagem qualitativa. A pesquisa bibliográfica foi necessária para a composição do referencial teórico e confronto de diferentes perspectivas que abordam o tema. Também foi realizada análise documental das principais fontes que orientam as propostas de ampliação de jornada escolar, uma vez que esta permitiu a compreensão, por meio do

					<p>estudo de resoluções e demais normativas em âmbito nacional, estadual, municipal, aspectos pertinentes à criação e execução de tais propostas. A fim de complementar a pesquisa e averiguar como tem se dado a implementação de ações dessa natureza, foi desenvolvido um trabalho empírico, por meio de observações em campo e aplicação de entrevista a partir de roteiro semiestruturado com diretores, pedagogos, professores e monitores de duas escolas públicas situadas no município de Londrina-PR, sendo uma pertencente à rede estadual e outra à municipal. O estudo mostrou que a partir do ano de 2008 tem se observado um maior número de propostas e ações em âmbito nacional e também no estado do Paraná com o objetivo da ampliação da jornada escolar, sobretudo a partir da implantação do Programa Mais Educação, que objetiva induzir e fortalecer experiências dessa natureza, bem como auxiliar, conforme indicam seus documentos norteadores, na construção de uma agenda pública de educação integral em escala nacional. É assinalado em âmbito nacional que, para o uso do tempo ampliado, a escola passe a ofertar atividades complementares por meio de oficinas, as quais se assemelham às atividades desenvolvidas em projetos de cunho socioeducativo. O estudo possibilitou a compreensão de que, ainda que o alargamento da jornada escolar tenha a ampliação das oportunidades de aprendizagem como foco, fica em evidência nas escolas pesquisadas a interface educação-proteção.</p>
--	--	--	--	--	--

Vasconcelos, Rosylane Doris de.	As políticas públicas de educação integral, a escola unitária e a formação onilateral	Doutorado	Educação	Universidade de Brasília	2012	<p>Esta tese apresenta uma reflexão crítica sobre o tema da escola de tempo integral no Brasil, e oferece uma análise circunstanciada do programa interministerial Mais Educação, considerando sua identidade, origem histórica e execução no País, mais especificamente no Distrito Federal. O horizonte de pesquisa foi dado pelo método dialético, em uma perspectiva qualitativa, pautada na categoria reflexiva da totalidade como instrumento de desvelamento do real em movimento. A pesquisa foi desenvolvida no período de 2008 a 2011, no Distrito Federal, com base em subsídios coletados em pesquisa de campo, tendo como sujeitos de pesquisa centrais os gestores responsáveis pelo Programa em nível federal e em nível local, cujo diálogo transversal com o referencial teórico foi enriquecido pelo exercício profissional realizado na assessoria especial do Gabinete da Secretaria de Educação do Distrito Federal em 2011, o que oportunizou a outra face do trabalho de campo, por meio de visitas a escolas de conversas com professores e gestores, e da participação no trabalho de construção coletiva do Programa Formação Integral em Jornada Total para o DF. O trabalho objetivou revelar o decurso de construção e composição do Programa Mais Educação, considerando suas contradições e mediações em processo e compreendendo-o como produto da práxis político-pedagógica, no contexto das políticas públicas de educação, consideradas em sua especificidade local. A questão central, que configurou a pesquisa, discute a “integralidade” da educação integral em consonância com a perspectiva da “escola unitária”, referenciada nas premissas de Antonio Gramsci para, a partir delas, analisar as aproximações e distanciamentos da proposta de escola de tempo integral, consubstanciada no Programa Mais Educação e em sua estratégia indutora de ampliação da jornada escolar no Brasil. Os resultados da pesquisa, evidenciados pelo caminho dialógico entre as</p>
---------------------------------	---	-----------	----------	--------------------------	------	--

					<p>categorias analíticas, as categorias reflexivas e o movimento do real, subsidiaram uma análise que foi consolidada pela revelação dos avanços e recuos do Programa, como política pública no contexto brasileiro, em sua localização capitalista periférica. O Programa Mais Educação é compreendido como estratégia indutora, procurando cumprir o objetivo de construir a educação integral, por meio do fortalecimento da escola de tempo integral, em meio a um movimento social crescente que segue na direção da superação da escola de turnos. A capilaridade do Programa no Distrito Federal é compreendida de forma circunstanciada, a partir do diálogo que recupera o percurso da experiência de escola com ampliação de jornada, desde a mudança da Capital Federal, no cerne do projeto de nacional-desenvolvimento brasileiro.</p>
Santos, Fernanda Marsaro dos.	Políticas públicas de ampliação da jornada escolar na perspectiva da educação integral fazem diferença?: um estudo do programa Mais Educação	Mestrado	Educação	Universidade Católica de Brasília	<p>2014</p> <p>A discussão em torno da qualidade do ensino público no Brasil tem levado os governos a investirem em programas de ampliação da jornada escolar. Esta pesquisa analisa, por meio da abordagem qualitativa, o impacto da ampliação da jornada escolar sobre a qualidade do ensino e sobre o desempenho dos alunos, considerando o grau de satisfação dos estudantes, pais, professores e gestores, cotejando as escolas antes e após a implantação de um programa de tempo integral. A importância deste estudo se dá pela necessidade de verificação se as políticas públicas de oferta e manutenção das escolas de tempo integral causam impactos na melhoria da qualidade do ensino. Este estudo apresenta como essas mudanças proporcionaram avanços educacionais no Município foco do estudo. A pesquisa aconteceu entre os anos de 2012 e 2014 e, durante este tempo, duas escolas participaram, reunindo aproximadamente 200 alunos, 80 pais de alunos, 70 professores e 20 técnicos administrativos. Destes, uma parte foi entrevistada, participou de grupos focais ou responderam a questionários. Os resultados evidenciam</p>

					<p>a importância da implantação do programa nas respectivas escolas e a satisfação dos estudantes, pais, professores e gestores. Entretanto, os avanços constatados não estão focados no campo da escolarização, no ensino e aprendizagem, mas no cumprimento do verdadeiro papel da escola pública, que é a garantia de educação em sua totalidade. Em sua maioria, os alunos que fazem parte do programa de educação em tempo integral são os que têm suas histórias de vida marcadas pelas dificuldades financeiras. Neste contexto, a implantação do programa no Município contribui para a diminuição dos problemas sociais e possibilita às famílias contempladas um atendimento diferenciado com garantias que não são comuns nas escolas públicas: alimentação assistida, maior tempo de permanência na escola, oficinas que focam o atendimento pedagógico e educacional e, em alguns casos, assistência médica. As constatações indicam que ainda há muitos desafios a enfrentar, especialmente no processo de gestão das unidades administrativas Secretaria de Educação. As escolas são precárias e precisam ser acompanhadas e assistidas pelos governantes locais. Por fim, os resultados apontam que, com a implantação da escola pública de tempo integral, a melhoria na qualidade do ensino só será viabilizada com o enfrentamento das questões elementares do sistema de ensino: condições físicas, salários dignos e formação continuada.</p>
--	--	--	--	--	--

Nazari, Ana Clara Gomes	Desafios da educação em tempo integral na rede municipal de ensino de Uberlândia Minas Gerais: limites e possibilidades	Mestrado	Educação	Universidade Federal de Uberlândia	2012	<p>Pensar na diferença existente entre educação integral e escola de tempo integral motivou a estruturação da presente pesquisa. A hipótese que norteou nosso estudo é de que a Educação Integral tem aparecido na perspectiva de tempo integral de atendimento, ou seja, diversas experiências brasileiras de extensão da jornada escolar e de implantação de um período integral nas escolas públicas apresentam-se como propostas de Educação Integral. Estabelecemos como objetivo geral: identificar na proposta pedagógica do Projeto de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (TEIA), implementada pela rede municipal de ensino de Uberlândia-MG na Escola Municipal Tempo dos Sonhos, quesitos na sua implantação e desenvolvimento que contribuem para maximizar e/ou minimizar o seu sucesso. Mais especificamente almejamos: identificar os princípios previstos na proposta do Projeto TEIA com o intuito de avaliar as condições para sua concretização; verificar a explicitação e coerência dos princípios teóricos da proposta pedagógica do Projeto TEIA nas práticas pedagógicas dos professores e da equipe de coordenação administrativa e pedagógica da escola investigada; apresentar a concepção dos professores e alunos sobre o Projeto, problematizando os aspectos favoráveis e desfavoráveis existentes na sua efetivação. Classificamos esta pesquisa como um estudo de caso; a construção dos dados seguiu três momentos: análise documental, observação do cotidiano da escola investigada e entrevistas com alunos, professores e coordenadores. Nossa pesquisa possibilitou-nos apreender algumas indicações importantes do que acontece no espaço e tempo da escola e que acabam influenciando na concepção dos sujeitos sobre educação integral. Além disso, percebemos um cunho assistencialista marcante na implantação do projeto analisado, privilegiando uma determinada classe social para atendimento, com o</p>
-------------------------	---	----------	----------	------------------------------------	------	---

						<p>discurso versando sobre a busca da qualidade para o ensino. Diante da realidade pesquisada, da convivência na escola e de acordo com as entrevistas com profissionais da escola e alunos, do acompanhamento das dificuldades enfrentadas durante todo o período de observação, não há convencimento de que a permanência da criança na escola por um tempo maior, tal como foi feito, seja o melhor para ela. Assim, nosso estudo vem confirmar a importância de pesquisas sobre a realidade escolar, para que novas medidas possam ser definidas, com a finalidade de melhorar a qualidade do atendimento das propostas de educação em tempo integral.</p>
Nunes, Greice Cerqueira	Tempo, espaço e currículo na educação integral: estudo de caso em uma escola do Guará - Distrito Federal	Mestrado	Educação	Universidade de Brasília	2011	<p>Essa dissertação tem o objetivo de trazer o tema da Educação Integral no contexto de um estudo de caso com as análises de três variáveis: tempo, espaço e currículo. Fatores como a interferência dessas variáveis no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, nos aspectos sócio-afetivos dos diferentes atores sociais e na qualidade de ensino dos professores, são aspectos analisados durante o trabalho. A pesquisa mostra disparidades entre os conceitos e as práticas no ambiente escolar da Educação Integral, como a inadequada utilização do tempo, a falta do espaço fora da escola e a imprópria articulação do currículo com a realidade atual. As inovações e construções também fazem parte da investigação, como a boa alimentação, as parcerias estabelecidas, boa infra-estrutura, o pedido dos alunos para que a Educação Integral aconteça de forma mais coerente com o que é apresentado na teoria. Tal trajetória nos</p>

						apresenta uma realidade em construção e o desejo é poder contribuir para a formação desse processo.
Morais, Edima Verônica de.	Utilizações das escolas de referência em ensino médio pelo governo do estado de Pernambuco: uma análise do programa de educação integral	Mestrado	Educação	Universidade Federal de Pernambuco	2013	Esta pesquisa tem como tema central a formação da juventude através da Educação Integral e propõe-se a compreender as utilizações, por parte do Governo do Estado de Pernambuco, das Escolas de Referência em Ensino Médio. Essas foram instituídas através da Lei Complementar 125/2008 que cria o Programa de Educação Integral e tem como objetivo o desenvolvimento de políticas direcionadas à melhoria da qualidade do Ensino Médio e qualificação dos jovens da Rede Pública Estadual. O estudo se justifica devido ao fortalecimento dos debates sobre a Educação Integral, que vem ganhando destaque no contexto das Políticas Educacionais Públicas desenvolvidas para a juventude, necessitando de um maior aprofundamento frente às novas configurações do processo produtivo assentado numa tecnologia digital-molecular. Esta passa a requerer um novo tipo de trabalhador que atenda a essas novas demandas, colocando as questões referentes à baixa qualidade da educação pública nas agendas dos governos, dos “homens de negócios” e dos trabalhadores. Para alcançarmos os objetivos propostos realizamos uma pesquisa documental cujo objetivo foi

					<p>perceber as formas de apropriação do Programa de Educação Integral por parte do governo do Estado a fim de perceber as utilizações das Escolas de Referência em Ensino Médio. No contexto tipicamente brasileiro, a escola sempre foi recheada de significados que extrapolam seus limites e funções. Nesse sentido, conforme Algebaile (2009), os termos usos e utilizações foram empregados de modo a desvelar que a escola pública brasileira sempre foi utilizada para outros fins, que não o de possibilitar acesso ao conhecimento historicamente acumulado. Para dar conta das análises das falas e dos conteúdos escritos coletados ao longo da pesquisa, escolhemos como caminho metodológico a Hermenêutica Dialética desenvolvida por Minayo (2010) que nos possibilitou realizar uma análise ao mesmo tempo compreensiva e crítica do estudo da realidade. Para fins dessa técnica utilizamos as seguintes categorias empíricas: Utilizações, Gênese da política de Educação Integral, Implantação e expansão das EREMs, Funções e objetivos do PEI. A pesquisa revelou que a utilização da gestão público-privada encontrou, em Pernambuco, terreno favorável devido às reformas neoliberais empreendidas desde o governo Jarbas Vasconcelos e continuadas no governo Eduardo Campos, aprofundando a visão gerencialista da Educação. A produção dos dados e a análise comprovaram que a política de educação integral em Pernambuco nasce seguindo as exigências dos empresários mediados por organismos internacionais, com o objetivo de atender ao novo padrão de acumulação, que exige um trabalhador polivalente e capaz de se adaptar às instabilidades da vida. Nesse sentido, as EREMs cumprem, para o governo Eduardo, o papel de passar a promessa de integração do jovem ao mercado de trabalho, conforme indicações do Governo Federal e do Banco Mundial. Contradizendo toda a literatura que</p>
--	--	--	--	--	---

						<p>mostra a incapacidade do capital na sua lógica incorrigível de integrar a juventude numa sociedade desintegradora por essência. Além do mais foi possível constatar que neste Programa há uma forte utilização política que vai no sentido de desmobilizar e enfraquecer a organização dos professores (as) permitindo que cada vez mais o governo controle a determinação das políticas educacionais provocando a inserção de setores privados na educação com o objetivo de atender aos interesses do capital. Entre outras formas de utilização também verificamos a utilização no sentido de controle da juventude pobre, ficando evidente que a Educação Integral é oferecida como uma solução aos problemas da violência a qual os jovens pobres estão expostos, o que superficializa a discussão sobre os problemas estruturais da sociedade capitalista apresentando as EREMs como a solução dos problemas educacionais e sociais do Estado.</p>
Jacob, Maria Cecília Grieco Puppio	Trabalho docente: avanços e perspectivas no contexto da prática pedagógica no ensino médio em tempo integral	Mestrado	Desenvolvimento Humano	Universidade de Taubaté	2014	<p>O presente estudo propõe uma contextualização da escola como ambiente que, no seu cotidiano, promove o desenvolvimento humano. Para isso, há discussão e investigação do trabalho docente, dos saberes do professor e sua relevância na aprendizagem dos conhecimentos transmitidos na sociedade baseados em pressupostos teóricos. Uma abordagem sobre o Programa do Ensino Médio de Tempo Integral destaca no modelo a busca da Excelência Acadêmica, bem como a implementação da parte diversificada do Currículo como ponto diferencial no ensino aprendizagem. Através da pesquisa qualitativa desenvolvida por meio de entrevistas, buscam-se evidências na prática docente nesse modelo de escola. Embasado no descrito, este estudo tem como objetivo investigar possíveis contribuições do Programa de Ensino Médio de Tempo Integral, implantado pela Secretaria da Educação de São Paulo, desde 2012, para o trabalho docente. Os resultados relacionam dados</p>

						coletados nas entrevistas com professores e os objetivos elaborados para esta pesquisa, a fim de promover uma melhor compreensão das condições em que se efetiva o trabalho docente e novas reflexões sobre a realidade do sistema educacional.
Fonseca, Jorge Alberto Lago	Ampliação do tempo escolar: uma política no contexto da prática escolar no Brasil e na Argentina	Doutorado	Educação	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	2014	Nesta pesquisa, analisou-se o Programa Mais Educação, bem como Jornada Estendida e Jornada Ampliada; o primeiro é desenvolvido no Brasil e os outros dois em Córdoba, na Argentina. O objetivo geral do estudo é analisar a contribuição do Programa Mais Educação para a qualidade da educação no Rio Grande do Sul, fazendo uma comparação com os Programas Jornada Estendida, que possui a finalidade de ampliar a jornada escolar em média uma hora por dia a fim de reforçar o ensino de linguagem, matemática e língua inglesa, e Jornada Ampliada, que possui o objetivo de ampliar o tempo escolar, em média três horas diárias, quatro vezes por semana, através de oficinas nas diferentes áreas do conhecimento, desenvolvidos na Província de Córdoba, na Argentina. Para tanto, propõe-se os seguintes objetivos específicos: discutir a temática da qualidade da educação sob diferentes perspectivas; analisar as contribuições da educação integral e em tempo integral como uma forma de melhorar a qualidade do ensino; identificar os envolvidos no Programa Mais Educação, na Jornada Estendida e na Jornada Ampliada; e por fim, discutir o

					<p>papel de cada sujeito nos Programas abordados. Para dar sustentação a essa pesquisa foram realizados estudos nas legislações relacionadas à área da educação integral e educação em tempo integral, no Brasil e na Argentina, manuais que caracterizam e orientam desde a adesão até a efetivação na prática. Como esta pesquisa está vinculada ao campo das políticas educacionais, foram realizados estudos teóricos sobre o ciclo de políticas, proposto por Stephen Ball, para buscar o entendimento das políticas no contexto da prática. Pesquisou-se no SIMEC e no PDDE Interativo para fazer o levantamento de quantas escolas na rede estadual de educação do Rio Grande do Sul oferecem o Programa Mais Educação, e a evolução do Programa desde a sua implantação no Brasil, e, também, a situação de cada escola no momento da adesão. Ainda foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os gestores, professores, oficinairos e estudantes, nos municípios de Córdoba, São Borja e Panambi. O estudo revelou que mesmo os programas, do Brasil e de Córdoba, apresentando algumas deficiências, principalmente, em relação aos espaços físicos e aos recursos humanos, são uma importante ferramenta para oferecer educação integral aos estudantes em situação de vulnerabilidade social, fazendo com que eles permaneçam mais tempo na escola, distantes de situações de risco. A escola além de ser um importante espaço de construção do conhecimento, torna-se um espaço de encontro entre os seus pares, ao oferecer atividades voltadas ao esporte, lazer, cultura, saúde, recreação, e, também importantes atividades voltadas ao conhecimento, como auxílio ao tema e letramento. O conceito sobre a qualidade em educação perpassa toda a pesquisa, pois melhorar a qualidade da educação através da ampliação do tempo escolar e a oferta de outras atividades é um dos objetivos principais dos três programas.</p>
--	--	--	--	--	---

Faveri, Regina Carvalho Calvo de	A escola de tempo integral no estado de São Paulo: um estudo de caso a partir do olhar dos profissionais das oficinas curriculares.	Mestrado	Educação	Pontifícia Universidade Católica de Campinas	2013	<p>O Projeto Escola de Tempo Integral foi implementado na rede estadual de São Paulo, no ano de 2006, por iniciativa do governo de estado. Tal processo contou com a publicação de documentos oficiais, como as Diretrizes da Escola de Tempo Integral, que nortearam a implantação do modelo em unidades que atendiam em tempo parcial e passaram a ter jornada escolar ampliada. Consideramos que a escola de tempo integral representou, desde as primeiras experiências na década de 1950, o desejo de uma educação de qualidade e uma formação mais completa, exigida pela sociedade contemporânea. A compreensão dos professores sobre esta forma de organização escolar foi observada como aspecto preponderante no processo de implantação desse modelo educacional. Procuramos identificar e compreender as percepções dos professores que atuam nas oficinas curriculares de escolas de tempo integral e as relações que podem estabelecer com as políticas educacionais que regeram a implementação desse modelo com vistas à qualidade educativa. A pesquisa qualitativa, caracterizada como um estudo de caso, teve início em março de 2011 e foi desenvolvida em duas escolas estaduais de tempo integral no município de Campinas, por meio de entrevistas semiestruturadas e análise de documentos. Os resultados apontaram para o fato de as percepções desses profissionais, no que diz respeito à qualidade educativa das oficinas curriculares, interferirem em sua atuação pedagógica e demonstrarem oscilação entre o desenvolvimento de um trabalho diferenciado ou o reforço das práticas pedagógicas do turno regular.</p>
-------------------------------------	---	----------	-----------------	--	-------------	---

Ramalho, Bárbara Bruna Moreira	Educação integral e jovens-adolescentes: tessituras e alcances da experiência	Mestrado	Educação	Universidade Federal de Minas Gerais	2014	<p>A partir do final do século XX e do início do século XXI, observa-se a emergência de políticas públicas em torno da Educação Integral, no Brasil. Verifica-se, entretanto, de acordo com diversos estudos, a inexistência de um consenso quanto às matrizes conceituais e aos formatos adotados nas diversas experiências de ampliação da jornada escolar e/ou das dimensões educativas em curso no país. Essa diversidade de formatos suscita o interesse em investigar as possíveis influências exercidas por essas atividades sobre as vivências sociais e escolares dos sujeitos delas egressos. Nessa perspectiva, no presente trabalho, foi investigado um grupo de sujeitos, entre quinze e dezoito anos, pertencentes às camadas populares e que participaram, por, no mínimo, dois anos, do Programa Escola Integrada (PEI), programa de Educação Integral da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte. A opção pela abordagem do PEI justifica-se por aspectos diversos, os quais compreendem as suas características (ênfase em atividades de natureza artístico-cultural e esportiva; incorporação de novos perfis profissionais e saberes ao contexto escolar; adoção da perspectiva de cidade educadora e do trabalho interestorior; etc.) e a relativa consolidação da qual desfruta, no que tange ao tempo de vigência e ao número de estudantes por ele atendidos. Com esses sujeitos, foram realizadas entrevistas, que obedeceram aos princípios da História Oral e da Entrevista Narrativa. Foi feita ainda a análise dos documentos que se referiam às suas trajetórias escolares na instituição em que haviam participado do PEI, aqui denominada de Escola Municipal Professora Maria Mazarello. Neste trabalho, os dados construídos são apresentados em cinco seções, acrescidas da introdução e das considerações finais. Os resultados apontam, à luz da abordagem de Jorge Larrosa Bondía, para a constituição da participação no PEI enquanto</p>
--------------------------------	---	----------	-----------------	--------------------------------------	------	---

					<p>uma experiência significativa para o grupo de estudantes investigados, a qual resultou em influências em aspectos diversos de suas vidas, a saber: atitudes e valores; comportamentos; perspectivas profissionais; e relação com a educação escolar.</p>	
Freire, Patrocínio Solon	Educação e integralidade: o conceito de integralidade no pensamento pedagógico de Edgar Morin, Paulo Freire e Leonardo Boff	Doutorado	Educação	Universidade Federal de Pernambuco	2014	<p>Os diferentes reducionismos e a recente concepção técnico-científica fizeram do conhecimento o elemento central da atividade pedagógica e reduziram os elementos da educação a uma mera formulação didática acerca da formação do ser humano. Os saberes foram compartimentados e a tarefa pedagógica instrumentalizada, gerando o descaso para com a formação integral. Investigar como se dá a relação entre os educadores, os educandos e a tarefa educacional, é a missão de inúmeras pesquisas e debates desenvolvidos nos estudos acadêmicos. A Educação Espiritual assume essa discussão movida pelo sentido mais profundo que o processo educacional incute na vida do ser humano. Assumir o ser humano na inteireza das suas dimensões imanentes é ajudá-lo a realizar o sentido da própria vida, encontrado de forma plena na dimensão mais sutil que é transcendente. Por isso, a pesquisa que agora apresentamos tem o objetivo de investigar as visões de integralidade</p>

					<p>presentes no pensamento pedagógico de Edgar Morin, Paulo Freire e Leonardo Boff, percebendo em que medida essas visões de integralidade incluem a Transcendência na elaboração de uma educação espiritual capaz de nortear o processo educativo como itinerário contínuo de humanização. Trata-se de três pensadores que traduzem em categorias pedagógicas as suas sistematizações acerca da Complexidade, da Práxis e da Teologia, respectivamente, e que apresentam um discurso de educação integral. Por se tratar de um trabalho efetivamente teórico, os procedimentos metodológicos compreendem a pesquisa bibliográfica, com ênfase na leitura, nos fichamentos e nas discussões de textos previamente selecionados. Do ponto de vista teórico, assumimos o procedimento metodológico-hermenêutico de interpretação textual, mais especificamente a interpretação do conceito de Integralidade presente nos discursos pedagógicos dos três autores em questão. Nesse sentido, apresentamos como se configuram algumas estruturações conceituais na história da filosofia que, dependendo da forma que as interpretamos, podem inculcar práticas reducionistas ou integrais no processo de formação humana. Na perspectiva da complexidade, Morin desenvolve uma integralidade baseada no seu construto epistemológico-científico, compreendendo o ser humano e a educação como autotranscendência, cujo fundamento está nos limites da imanência, da ética e do agir humano; no que tange à práxis, Freire assume um discurso integral a partir da mundanidade e da</p>
--	--	--	--	--	--

					<p>transcendentalidade, entendidas como interfaces da Transcendência. Freire identifica a Transcendência como um elemento que está presente no diálogo pedagógico, político e emancipatório, promovendo a formação integral, mas que não é a principal categoria do seu discurso educativo. Leonardo Boff, por sua vez, desenvolve um conjunto de categorias que compõem a integralidade, colocando como centro o mergulho profundo na Transcendência. O seu discurso de integralidade está pautado nos fundamentos de uma Teologia antropocósmica, de uma cosmologia eminentemente espiritual e de uma educação para o cuidado essencial. Deus está no centro da concepção de integralidade de Leonardo Boff. É a partir dEle que é possível compreender a re-ligação de todas as coisas e de todos os processos de cuidado, incluindo sobretudo a educação. Daí, chegamos à conclusão de que os pensamentos pedagógicos de Edgar Morin, Paulo Freire e Leonardo Boff correspondem a três visões integrais que se afirmam como três formas de espiritualidade, possibilitando a concepção de que diferentes teorias da integralidade humana e da Transcendência implicam diferentes concepções de educação, sobretudo quando a educação é pensada na lógica dos fundamentos.</p>
--	--	--	--	--	---

INVENTÁRIO PARA COLETA DE DADOS/ ESTADO DA ARTE

Prof^a Dra. Sônia da Cunha Urt/2015

QUADRO/TÍTULO:

BANCO: UCDB

DESCRIPTOR/PALAVRAS-CHAVE: professor, educação integral, história de vida*

DATA DE ACESSO: 17/03/2016

PERÍODO: 2010 - 2015

AUTOR	TÍTULO	TIPO	ÁREA	INSTITUIÇÃO/LOCAL	ANO	RESUMO
MORAES, MARTA DA ROSA VARGAS DE	IMPLICAÇÕES DO USO LAPTOP INDIVIDUAL NAS ATIVIDADES EDUCACIONAIS: EXPERIÊNCIA DE UMA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL DA REDE MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE - MS	Mestrado	Educação	UCDB	2010	Esta pesquisa está inserida na linha 2, Práticas Pedagógicas e suas Relações com a Formação Docente do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco. Como professora, coordenadora de uma sala de tecnologia educacional, no envolvimento com alunos e docentes, e nas observações dos alunos durante a realização das aulas mediadas pelo uso do computador, percebi a necessidade de investigar novas temáticas que se referem ao uso do computador, em específico ao laptop. Este projeto de pesquisa tem por objetivo geral, analisar as implicações do uso do laptop individual pelos alunos do 1º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de tempo integral, da cidade de Campo Grande _ MS. E, como objetivos específicos: investigar de que maneira o Projeto Político Pedagógico contempla o uso do laptop na escola de tempo integral; como os alunos e professoras vivenciam o processo de colaboração no processo de aprendizagem mediado pelo laptop individual; e, como se evidencia a autonomia dos alunos no processo de aprendizagem mediado pelo laptop. É uma pesquisa com abordagem qualitativa, com delineamento descritivo. Para responder às indagações deste projeto, foi utilizado um roteiro de análise, observação e entrevista semi-estruturada. Verifiquei que o Projeto Político Pedagógico é um documento que orienta e esclarece a

						respeito do funcionamento da escola com relação ao uso do laptop individual; que alunos e professoras colaboram entre si em benefício do ensino e da aprendizagem mediada pelo laptop; e, que os alunos desenvolvem autonomia diante das atividades e práticas em sala de aula ao usar o micro-computador. Essa pesquisa além de trazer contribuições para o contexto educacional a respeito do uso do laptop individual, apesar de ser fato recente e inédito, incentiva a busca do conhecimento por meio da colaboração entre professoras, alunos e o desenvolvimento da autonomia dos mesmos, ainda pode instigar e contribuir com futuras experiências e pesquisas nesse segmento.
MELO, LOHANNA CARRILHO DE	A PRÁTICA PEDAGÓGICA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA IMPLEMENTAÇÃO DE UMA ESCOLA EM TEMPO INTEGRAL: EXPECTATIVAS E DILEMAS	Mestrado	Educação	UCDB	2013	Esta dissertação vincula-se à Linha de Pesquisa Práticas Pedagógicas e suas Relações com a Formação Docente, ligada ao Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Prática Docente FORPRAD/UCDB. Tem por objetivo descrever e analisar a prática pedagógica de professores de uma escola em tempo integral de Campo Grande, caracterizando suas expectativas e dilemas em relação ao início da implementação do projeto, tendo em vista o seu processo de formação para a mudança. Os objetivos específicos são: a) analisar os documentos oficiais, planos das Secretarias de Educação e das escolas que norteiam a implementação da escola em tempo integral; b) coletar dados dos professores pesquisados a respeito dos problemas e dificuldades para essa nova

						<p>situação educacional em reuniões pedagógicas e c) identificar nos relatos dos professores a respeito das expectativas em relação ao projeto e o desenvolvimento do trabalho ao longo do tempo (5 anos). A pesquisa proposta se baseia em uma abordagem qualitativa na modalidade “descritivo-explicativa”, com a intenção de compreender o problema e tem por objeto de análise o projeto da Escola em Tempo Integral (ETI) e os relatos dos professores sobre a sua adaptação ao projeto. Será desenvolvida em três etapas: 1ª etapa - análise da proposta para a ETI e registro das reuniões pedagógicas em 2010; 2ª etapa - 1ª entrevista com 4 professores regentes desde 2009 e 3ª etapa – 2ª entrevista com 4 professores regentes, 2 professores do grupo anterior e 2 professores que iniciaram em 2012. Ao assumir a função de coordenadora pedagógica em uma ETI, chamou a atenção as dificuldades de implementação do projeto. Uma das dificuldades se devia à adaptação dos professores, que mesmo experientes mostravam insegurança na realização de suas atividades. Na realidade, frente ao novo projeto, os professores apresentavam características de professores iniciantes. O novo projeto parecia produzir um choque de adaptação ou de realidade, como se refere Veenman (1984). Além disso, interessava</p>
--	--	--	--	--	--	---

						<p>estudar como os professores reagem frente à mudança. Logo, a pesquisa levanta dados que mostram o quão distante está a formação teórica que os docentes possuem da realidade encontrada na prática educacional. Esta distância entre teoria e prática é que irá ditar a necessidade de mudança do professor, conforme sua formação, o que não é um processo que se impõe externamente, mas uma necessidade que se instala a partir de desafios colocados pela realidade e assumidos pelo professor e que o leva a formar-se.</p>
ALVES, GISELE MORILHA	SABERES PRESENTES NO CURRÍCULO ESCOLAR DE UMA ESCOLA DO CAMPO DE TEMPO INTEGRAL: LAÇOS, ENTRELACEMENTOS E TENSIONAMENTOS	Doutorado	Educação	UCDB	2015	<p>O presente estudo integra a linha de pesquisa “Práticas Pedagógicas e suas relações com a Formação Docente” e tem como objetivo geral identificar e analisar os diferentes saberes que circulam no currículo escolar do 4º ano do Ensino Fundamental em uma escola do campo de tempo integral pertencente ao PROUCA. Mais especificamente: a) compreender as diferentes abordagens curriculares ao longo da história e sua (não) presença na escola; b) identificar os saberes que se destacam no currículo do 4º ano do Ensino Fundamental na escola do campo de tempo integral pertencente ao PROUCA; c) caracterizar os diferentes momentos em que há articulação entre os saberes escolares e outros saberes. A pesquisa é qualitativa do tipo etnográfica e utiliza como instrumentos de coleta de dados a</p>

						<p>observação participante, a entrevista semiestruturada, a fotografia e o estudo do Projeto Político-Pedagógico. A pesquisa do tipo etnográfica aconteceu durante o ano letivo de 2013, com a turma do 4º ano do Ensino Fundamental. Participaram dessa pesquisa nove docentes e trinta e duas crianças. Os dados mostraram que a escola pesquisada não discute sistematicamente as questões do campo numa perspectiva de fortalecimento e de emancipação das populações camponesas. Porém, percebemos a preocupação dos professores e professoras em oferecer uma educação de qualidade para os alunos e alunas, e, se essa não é oferecida na dimensão crítica, isso não se deve à falta de interesse, mas ao contexto que os/as produziu e à falta de uma política de formação de professores/as que contemple a formação crítica, que inclua, entre outros, as especificidades de uma escola do campo, acompanhamento pedagógico das escolas de tempo integral e acompanhamento técnico e pedagógico ao PROUCA.</p>
--	--	--	--	--	--	--

Observação: Banco de Teses e Dissertações da UCDB é organizado por ano. Com relação aos descritores pesquisados no período de 2010 a 2015, temos as seguintes informações:

- Mestrado Educação: 92 registros encontrados (geral)/ 02 selecionados.
- Doutorado em Educação (2013 – 2015): 15 registros encontrados (geral)/ 01 selecionado.
- Mestrado em Psicologia: 66 registros encontrados (geral)/ nenhum selecionado.
- Doutorado em Psicologia: não há teses no banco

APÊNDICE 6: ROTEIRO DE ENTREVISTA



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA A PROFESSORES(AS)

Mestranda: Soraya Cunha Couto Vital
Orientadora: Profa. Dra. Sonia da Cunha Urt

- I- Compreensão a respeito de educação integral
- II- Falar sobre sua experiência/vivência em escola de educação integral
- III- Fazer referência ao cotidiano da escola integral:
 - Tempo integral
 - Aulas
 - Professor (ensino, metodologia, planejamento, formação)
 - Aluno (aprendizagem)
 - Avaliação (critérios/instrumentos)

APÊNDICE 7: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Caminhante 1

Eu comecei a ter contato com a escola de educação integral foi no segundo semestre de dois mil e... 13... 12. Então, eu era professor EAD na UNIDERP, aí teve uma louca, uma demissão em massa lá, eu tava no meio, eu tive que procurar outras atividades. Eu já era professor de Geografia convocado no Areias pela manhã, e essa escola eu não sabia que era de tempo integral, só descobri quando eu cheguei lá. Então, a Luisa Vidal, lá, perto do Buriti, naquela região lá bem... No início foi meio estranho, porque a escola não tinha infraestrutura pra uma escola de tempo integral, então, não sei se mudou hoje, né? Então, eu dava aula no período vespertino, só peguei uma sala só, que era um 6º ano. Era até estranho porque eles vinham de manhã, entravam 7 horas da manhã, tinha as atividades extras, eu não lembro agora de cabeça qual era. Então, chegava lá uma hora, eu tinha que pedir para os meninos lavar o pé, porque ficava o dia inteiro lá nas atividades... vamos dizer assim, na quadra, né? Então, não tinha uma concepção assim, de várias atividades, cada dia uma... a maioria era esportes, então o professor de educação física dessa escola é que era o mais sobrecarregado, e os monitores, né? Porque a escola não tinha essa infraestrutura mesmo. Então eles chegavam 8... 7 horas da manhã, tinha atividades, algumas atividades de manhã, almoçava e iniciava o período vespertino à tarde. Então, a escola não tinha estrutura e eles estavam todos sujos, né? Então era... Imagina, menino de 6º ano, uma sala que não tinha muito repetente, então 11, 12 anos então... era mais pra brincar. Aí, as salas, quem estudava de manhã ficava livre à tarde. Então achei muito estranho também. Tinha muitos alunos que estavam embaixo da árvore, lá, descansando, né? Porque não tinha aquela coisa, e os alunos mais velhos acabavam interferindo um pouco nesse meio pedagógico. Eles eram auxiliares do pessoal da limpeza, auxiliar da tia da cantina, né? Na hora do lanche... Então, tinha esse conflito, né? A ideia era boa no início, mas nesse período que eu fiquei lá, eu vi que a escola não estava preparada, não tinha uma sala de jogos ou um vestiário, ou um alojamento que necessitavam, né? Porque eram meninos... Era só Fundamental, mas era até o 9º ano... Então, tinham meninos maiores, né? Então, era meio complicado esse momento. Então, é mais ou menos nesse sentido. Era uma escola normal, pequena, que tinha um projeto, mas não tava a infraestrutura colocada pra esse tipo de escola em tempo integral. Muitos professores completam a sua carga, ou tem só 20 horas, não ficam na escola, só vai um período, não sei como funciona no Município, acho que é um pouco diferente, o professor fica lotado lá 40 horas, mas no Estado não. Então, o meu caso... só tinha três aulas semanais... ia lá, dava minha aula e ia embora, como outra escola normal. Talvez... No curso que eu dei em Aquidauana, tinha um professor que ele era monitor, era 20 horas como professor e completava lá mais 20 como monitor, para ele ver a realidade da escola. Muitos professores falam isso, que é um projeto bom, tem iniciativa, tem melhoria, só que o professor também, não sei se poderia ser um concurso exclusivo, pra ter suas 40 horas nessa escola, pra viver a realidade da escola, senão o professor fica o quê? É mais um professor... Vai lá, dá sua aula e pronto! Quando você tem um período, é só um pouco melhor, mas a realidade de uma escola de tempo integral ele acaba não vivendo... Ele não chega lá 7 horas e vai embora às 5 horas da tarde. Então, a maioria dos casos que eu vivenciei eram isso, os próprios professores da escola reclamavam nesse sentido, mesmo tendo 20 precisavam, pelo menos, mais 20, né? Pelo menos aquela... Os alunos

reclamavam... O professor do curso que eu dei lá, era Mário que ele chamava, professor de educação física e monitor. Então, ele procurava ir ver na hora do almoço a realidade dos alunos, procurava ter palestras, seminários... À tarde, o que eles dão são cursos, outras atividades para completar o período, né? Hoje a realidade pode ser que esteja diferente, mas tem muitos pais que, lógico, ainda procuram a escola de tempo integral porque querem o filho o dia inteiro na escola, né? Não vejo que a escola normal tenha diferença da escola integral. Hoje já faz três anos e meio que eu saí, então, naquele momento, a escola que eu presenciei não tinha tanto essa diferença. Por quê? Era mais pra segurar o aluno lá das 7 até às 5 da tarde. Mas, lógico, escolas que têm algum... mais estrutura, tem até uma diferença, sim, porque tem várias atividades paralelas, né? Que realmente são cobradas, são dadas também. Estrutura com alojamento, banheiro com chuveiro, vamos dizer assim, uma sala de leitura, porque muitas escolas de tempo integral pegam o prédio antigo e colocam o tempo integral, mas não têm uma infraestrutura para os alunos, estrutura física. Boa vontade dos professores, dos monitores, dos monitores, tem, mas só que essa estrutura física é o fundamental para o aluno. Eu vi alunos que entraram no 6º ano e eu tinha que mandar lavar o pé, aluno de 11, 12 anos, porque ficava o dia inteiro o quê? Correndo pra cima e pra baixo? Então, chegava a hora de começar o período da tarde, o período vespertino, não tinham... estavam com o mesmo... suados... Jogavam de manhã, faziam palestras, oficinas, né? Faziam oficinas de jogos, de educação física, de judô... Essas palestras era o que era mais atrativo para os alunos, então a estrutura física é fundamental. No contraturno eram as oficinas... Essa era a realidade. Por cima, eu sabia que tinha o judô, que eu vi o professor lá, e o pessoal com quimono, e outras atividades. Lembrar assim, de fato, eu não lembro. Uma escola que eu trabalhei também, mas lá era... o projeto não era de escola integral, mas no contraturno era um projeto do Estado, ali no Plínio Barbosa, na região ali do Canguru, mais pra baixo. Então, tinha alguns alunos que participavam no contraturno, aí tinha as oficinas, tinha horta, tinha xadrez, tinham outras oficinas... Mas não eram todas as escolas, não. Os alunos, vamos dizer assim, mais problemáticos, que dão mais trabalho, eram os que ficavam à tarde. Era um projeto que tem na rede estadual, parece que no Município também, algumas escolas são contempladas, pegam alguns alunos. Para o professor, nessa escola que eu estive, acaba não influenciando muito. Porque seria mais, no meu caso, o professor ele dava a sua aula e ia embora, uma escola normal que tinha recebido o título de escola integral. No que eu presenciei e vivi não tinha muita interferência no professor, um trabalho, oficinas que poderiam contribuir naquele momento. Eu não sei hoje, né? Porque já são quase 3 anos e meio que eu participei da escola de tempo integral na Escola Estadual Luísa Vidal. O que eu tinha mais experiência são dos meus alunos do curso de extensão em Aquidauana, que eles, sim, como eu disse, eles não poderiam, não eram todos que tinham essa prerrogativa de ficar às 40 horas lá, eles não viviam a escola como escola de tempo integral, era mais uma escola normal pra eles. Não vestiram a bandeira, tirando um ou outro que se propôs até a ganhar menos. Que o monitor ganha menos, né? Não é o mesmo salário que o professor. Então ele ficava 40 horas, sendo 20 como monitor, porque ele quis vestir a camisa da escola e falar que era uma escola de tempo integral. Ele atuava como professor pela manhã e monitor à tarde, pra ele viver a escola de fato, né? Em nossos debates lá, eles falavam que a maioria dos professores não tinha, vamos dizer assim, essa identidade numa escola de tempo integral. Era mais uma escola, apenas. Então, ele ia lá, dava o seu trabalho, fazia... procurava fazer o melhor, mas a escola não vivia uma escola de tempo integral. Outra coisa que eu percebi nessa Luisa Vidal, muitos desses monitores são estagiários, então a maioria dos monitores acaba sendo estagiário. Eles não estão preparados ainda, né? Eles estão lá pra aprender a dar aula, não estão pra ensinar. Então, esse é o problema do estagiário. Ele tá aprendendo ainda, então acaba tendo funções, obrigações, que ele não tá,

vamos dizer, capacitado intelectualmente, academicamente para exercer essas funções que acaba exercendo. Então você aprende no laço, aprende na pressão, né? A implicação disso pra escola está na mudança de estagiário. Ele não aguenta e fica aquela rotatividade. É um quebra-galho, né? É um estágio, o salário é pouco, então a maioria não é nem pelo salário, é pelo banco de horas, pra se formar na faculdade, então acaba tendo um problema. Na minha concepção, o que eu vejo na escola de tempo integral, necessitaria, sim, o projeto é interessante, é bacana, tem várias ideias boas, mas, primeiramente, o professor deveria tá lotado 40 horas – não sei se em alguma escola está lotado hoje – mas o ideal seria o professor ser 40 horas ou 20 em sala de aula como monitor também. Então, também é uma iniciativa boa, porque o professor vive a realidade da escola, sabe o que acontece, então sabe como é a realidade do aluno no contraturno, né? Porque a maioria dos professores não conhece essa realidade. Vai lá, fica pela manhã, dá as suas aulas, e vira uma escola normal... Então, uma escola normal, não uma escola de tempo integral. Alguns funcionários até procuravam escola de tempo integral, porque aumenta a verba, né? Então, ele recebe mais. Tem mais direito a um funcionário... Mas, naquele momento que eu presenciei, não interferia muito para os alunos. Não era um bairro muito carente, mas eu sabia que os alunos não tinham uma classe média baixa, vamos dizer assim. Porque, o que eu debati muitas vezes com meus alunos, é que os pais viam aquela escola de tempo integral não como escola integral, assim, de fato, mas, tipo assim, era uma escola que deixava o aluno o dia todo. Então isso, às vezes, procuravam não pela qualidade do ensino, não pelo que estavam aprendendo... Era uma coisa que a gente debatia muito... Tentar, falar com o pai que a escola de tempo integral não é uma creche, né? Então tem essa diferença... Muitos pais procuravam, e ainda procuram, a escola de tempo integral, não pela qualidade do ensino ou uma metodologia diferenciada, mas pela oportunidade de deixar o filho o dia inteiro na escola, tá? Não é nem a questão da metodologia, da aprendizagem... Então, é a visão, ainda, dos pais, é essa: escola integral é uma oportunidade para o meu filho ficar o dia inteiro na escola, não na rua, não em casa. Então a mentalidade também tinha que mudar dos pais... já são 3 anos e meio, mas não sei se estão conseguindo alcançar essa mudança dos pais também, e isso reflete no aluno, né? A maioria dos alunos está lá porque o pai quer que ele fique lá o dia inteiro, porque é escola de tempo integral, tá? Então, a mudança principal seria a infraestrutura física, boa vontade tem, tá? Estrutura física e os professores da educação integral têm que ficar 40 horas na escola, porque tem um reflexo muito grande nisso. É como eu falo: aí vive uma escola normal, mas só que é uma escola em tempo integral. Não vive a realidade da escola, tá?

O professor mostra, em seu notebook, a localização e a foto da escola Luisa Vidal e diz:

Era uma das poucas naquele momento, 2012, segundo semestre de 2012. Pega ali a Base Aérea, ali do lado, vira à esquerda ali... Essa escola aqui, ó (mostra a foto)... endereço... Bom Jardim. Não mudou nada a foto aqui, não. Ela é bem no início, ela é há uma quadra, uma quadra e meia daquela avenida nova lá, que não é tão nova assim. Ele é uma das primeiras em Campo Grande com a modalidade educação integral, uma das poucas naquele momento. Não sei por que a escolha dessa escola, não tenho essa informação. Como falei, era uma escola antiga, do tempo do Marcelo Miranda, então ela era feita de módulo... modular, né? As salas são de encaixe. Você vê que ela é... não é de alvenaria mesmo! Então, é uma escola pequena, que tem esse projeto, ou tinha esse projeto, tá? Mas não sei o motivo. É uma escola até bem localizada, mas é uma escola pequena. Acho que eram dez salas, se eu não me engano, no máximo. Então não tinha muitas salas também. Na minha sala, do 6º ano, eram quase 40 alunos. A sala era cheia.

Então, a infraestrutura dela, a parte física, assim, é uma escola pequena, não suporta uma educação de tempo integral.

Caminhante 2

Bom... Eu trabalho com a educação infantil, porque é o meu concurso e... a educação infantil foi quando eu comecei, no caso, com educação, foi com a educação infantil. Então, eu fiz um concurso e foi quando eu comecei a trabalhar. Depois disso que eu me formei, mas eu optei por Ciências, né, porque é a área que eu mais me identifico. Mas continuo trabalhando... Aí, fiz o Normal Médio, que habilita, né, a educação infantil e as séries iniciais, e continuo trabalhando com os pequenos. Eu gosto, particularmente, eu gosto muito e quero continuar fazendo outros cursos, assim, mais específicos na área, porque eu acredito que o educador ele tem esse... quando ele entra na educação, ele já é fisgado, né? Então, eu acredito assim: que a gente começa com um curso, mas aí acho que a gente vai se apaixonando, vai gostando... Então, hoje continuo trabalhando com os pequenos. Eu brinco, porque eu trabalho aqui no bairro, então a educação infantil, onde eu trabalho, as crianças saem lá dessa creche onde eu trabalho, desse núcleo de educação infantil, e vêm para essa escola, então é uma continuação dos meus pequenos, que vieram para cá, pra essa escola, que é estadual, né, do Mais Educação. Então, parece que é uma continuidade. Mas é... é um trabalho muito bom, assim... muita coisa assim que eu poderia te falar é de quanto essa educação integral é importante. Quanto que é importante tanto para a criança, que tá recebendo essa, essa... esse estímulo a mais, né, porque ela sai, no caso, ela tem um... o horário dela de manhã, né, com a professora regente, normal, né, naquela educação formal, e à tarde ela vem pra essa educação integral, que seriam as oficinas, é um complemento. Então, eu acredito assim, na nossa escola nós temos as crianças que... que estamos atendendo agora 1º e 2º ano, mas seria muito interessante se, daqui mais ao longo dos anos, se conseguisse atingir essas outras séries, principalmente essas outras séries iniciais. Acho que é quando a criança tá chegando na escola, né? Então, eu falo assim: esse método, essa parte do integral é muito importante e... aí ele participa das oficinas. A gente faz a tarefinha com eles, reforça. Eu, no caso, sou na área de exatas, aí tem a professora de linguagem, aí tem as outras oficinas, tem esporte, tem lazer, a outra que é só Educação Física mesmo... então, ele vai passando, né, durante a semana ele vai passando por essas oficinas. E é um complemento é um... seria, assim, um estímulo a mais pra essa criança permanecer na escola, e pros pais é muito importante. Então, os pais, eles saem da educação infantil e acaba tendo esse... essa complementação, esse continuar, né, porque esse pai, que fica muito pouco tempo em casa, ele tem também essa de deixar, de confiar, de deixar o filho ali, de saber que ele tá tendo uma alimentação legal, que ele tá sendo bem cuidado. Eu acho que a única coisa que falta, se eu posso falar assim, digamos assim, um ponto negativo de tudo, a gente precisaria de uma estrutura melhor da escola que começou a trabalhar no integral. Infelizmente, assim, alguma escola mais adequada, mas eu acredito assim, que o governo ele tá muito preocupado com a questão da formação do profissional, então a gente percebe que... eu e a coordenadora de área, que é a coordenadora nossa do Mais Educação aqui, do Felipe Orro, ela tá desde o começo, quando começou o Mais Educação aqui nossa escola ela tá desde o começo, então ela já comentou várias vezes dessa mudança desses anos, né? Da primeira turma que começou, como que eram os profissionais, né? E agora esse cuidado maior quanto à formação do profissional que tá lá dentro. Ele tá começando a investir nessa... nesse profissional, né? O que dá uma validade legal. Esse curso tá começando a chegar, não é o ideal, né? A gente precisaria de mais coisa, mas, com o que, a

gente tem, acredito assim: puxa! Os profissionais que estão ali, que têm essa visão de educação... Então, igual eu falo: a gente que trabalha com educação, a gente tem que... é utopia falar que a gente vai pra uma sala de aula e que a gente vai... vai ter todos os recursos. Todo mundo que trabalha com educação, de alguma forma ou de outra entende que, infelizmente, a gente ainda não tem essa... todo esse apoio, né? Mas a gente tem que fazer o máximo e o melhor possível com o que a gente tem na mão. Nós temos assim... A Profa. Jaira, que é do Governo, que ela é responsável pelo Mais Educação no Estado, ela teve aqui, agora, mês passado, e é uma pessoa assim maravilhosa, sabe? Tá acompanhando a gente de perto, dando formação, sabe? Trazendo o que que ela espera da gente, do Programa dentro do Felipe Orro, então, por isso que eu vejo assim com muito bons olhos essa questão desse apoio, né? Dessa preocupação que eles tão tendo, desse cuidado com o Programa. Então, a Profa Noeli que é a coordenadora daqui, do Mais Educação daqui, do Felipe Orro, então ela sempre vem falando pra gente como começou e como que essa mudança, no decorrer dos anos, ela tá acontecendo. Eu tô desde o ano passado e já era a Profa. Jaira, né? Chegou o ano passado com a gente, já fazendo reunião, já falando como ela espera que o Programa esteja acontecendo né? Ela pontua muito essa questão do trabalhar esse lúdico com a criança, porque eles são séries iniciais, eles são muito pequenos, né? Então, ela traz todo esse suporte, né? Quando ela não tá presente aqui, ela sempre tá mandando os vídeos, né? Mandando, texto e dando um suporte bem bacana pra gente. Assim, a gente percebe assim que, como é um projeto do governo, e não só o governo estadual abraçou, mas que é do Governo Federal, a gente percebe essa preocupação, deles tarem lá na SED, mas eles tão presente aqui na nossa escola. Então, acaba que a gente consegue desenvolver, né? O trabalho de uma melhor forma. No Governo anterior, né? Do André Pucinelli, eu acredito que deve ter..., a minha filha tava no 2º ano quando começou... tem 5 anos que ele começou. Então, assim, conforme esses anos foram passando, eles tão... tá em constante transformação...da forma que começou, que eles começaram, assim, como uma proposta do Governo Federal, então logo assim que começou foi um susto pra escola, né? De ficar com essas crianças em tempo integral, né? Porque eles nunca tinham trabalhado, contratar o pessoal e, conforme os anos tão passando, a gente percebe assim, que eles tão, se adequando. Falar assim: olha, professora tá precisando de bastante coisa ainda, né? Nessa questão da infraestrutura,, principalmente, né? Mas...assim, a gente percebe que as coisas vêm melhorando. Conforme os recursos vão chegando, as coisas vão, né? É... a gente consegue um ano trabalhando sempre melhor que o ano anterior. No caso, aqui nós temos 4 turnos, 2 turmas de 1º ano e 2 turmas de 2º ano. Isso que eu falo: seria interessante se isso pelo menos chegasse pelo menos até o 5º ano, porque no...em Anastácio eles têm um número maior de turmas, né? Na escolas de Anastácio, que é o mesmo Programa. Então aqui a gente, infelizmente, só tem de 1º e 2º anos. Não que isso não pudesse ser ampliado, né? Se eles chegassem até às crianças de todas as séries iniciais, né? Que é até o 5º ano. Mas, por enquanto, nós temos 4 turmas. É que a turma de 2º ano é interessante que eles não conseguiram abrir uma 3ª sala. Na verdade, eles tão assim, sabe? O 2º ano tá com a capacidade máxima deles. Eles tentaram, a diretora, né? O pessoal daqui de Aquidauana tentou uma terceira sala, pra ficar com a de 1º e 3 do 2º, mas aí eles ficaram amontoadinhos, em duas salas de 2º ano. As professoras, eu acredito que as regentes da manhã penam mais que a gente à tarde, porque nós temos um número maior, né, de pessoas pra atender, elas, de manhã, deve tá mais complicado. Mas são... eu acredito que em torno de... uns cento e...é...uns cento e dez alunos. Só que, igual eu falei, né? Essas crianças, a maioria, já vem da educação infantil. Já está acostumada a ficar integral na escola não estranham tanto, né? Apesar que, desde o ano passado, eles reduziram um pouco o horário das crianças. Assim, porque antes eles entravam às sete horas e saíam às cinco, então esse tempo a gente, eles começaram a

perceber assim, da criança ficar muito cansada, não render à tarde, aí eles deram uma enxugada, e agora eles estão saindo três horas. Eles diminuíram, né? Pra 8 horas esse tempo dessa criança na escola, até porque, nem sei se a preocupação maior foi a questão da idade, porque eles são muito pequenos, mas é... a gente percebe que também, assim, com essa redução do horário eles rendem muito mais. Quando começou aqui, tem 5 anos, é uma escola pequena, com estrutura menor, aí, então eles entenderam, eu acredito, que era começar com essas duas séries e, conforme os anos fossem passando ir ampliando. Ainda não saímos disso, mas eu acredito que a ideia deles, no começo seria isso, até porque a gente teve um problema ano passado com a questão de recurso, que o governo do Estado chamou a gente e diminuiu um pouco as nossas aulas e... comentando que o recuso federal que viria para o Mais Educação não estava chegando. Então o Governo do Estado tava arcando com o Programa sozinho. Então, até esses recursos começarem...deve ter voltado, não sei se já normalizou, né? Mas como é um Programa do Governo Federal eles dependem também do recurso federal. Mas a gente que trabalhava com educação, logo que na gente tá na faculdade a gente já perde um pouco essa questão do... Quem sabe? Daqui... eu tenho 13 anos de educação, quem sabe daqui mais 8 anos, vamos supor, eu mude de ideia, mas eu acho assim, que a gente quebra um pouco essa questão dessa preocupação assim de... chega na escola não tem... tá faltando material, tá faltando, sabe? Aquela expectativa, né? Eu acho que desde o... eu, por exemplo, quando eu saí da faculdade que fui pra realidade, a gente tem uma noção de como que tá o professor. Eu não acredito que seja assim do integral, eu acho que todos eles têm essa dificuldade, essa questão do recurso, do professor, se ele quer fazer um trabalho melhor, ele acaba usando o dinheiro do bolso, entendeu? Então, eu acho que quebra, quando a gente vai pro estado a gente consegue ver isso aí de outra forma. E alguns professores, isso aí, então, acaba que sendo uma coisa meio que pessoal. Alguns falam: não, eu não vou pôr a mão no meu bolso prá...né? Eles têm que dar meu recurso se eles não me dão eu vou só trabalhar com isso aqui. E eu acredito que eu...por isso que falo assim, que é uma coisa assim que eu acho que é meio pessoal do, profissional. Eu tenho essas duas vertentes: eu sou concursada no Município e sou contratada no Estado, mas eu não me vejo trabalhando de uma forma diferente. Desde quando eu entrei no município, apesar de que eu era concursada, eu nunca sentei e esperei esse material, esse recurso chegar na minha mão. Eu faço as adaptações que eu posso fazer. Quando tem um financeiro melhor, eu invisto mais, quando tem um menor eu invisto menos, mas eu não deixo de investir. Porque eu gosto do que eu faço, então eu sei que se eu não...eu vou ter... eu vou gastar, de uma forma ou de outra eu vou gastar, sabe? Se eu quero desenvolver um trabalho legal.... Eu vou te dar um exemplo: teve um ano que eu queria fazer as crianças pintarem, levar elas pra fora pra pintar, lá na educação infantil. Eu queria um tecido grande, que queria assim que elas brincassem com tinta até se acabar, porque eu vejo que como pra criança é importante a pintura, a massa de modelar, essas coisas... Então, eu falei: “como é que eu vou fazer?”. Aí, tinha alguns 3, 4 pais da minha sala, que já eram meu amigos pessoais, eu falei: Olha, pai, traz um rolinho pra mim, nós vamos pintar essa semana, tá? Manda com uma roupinha velha! Então, eu fui lá, fui na loja, comprei o tecido, comprei as tintas, um, ou outro trouxe um rolinho, outro trouxe um pincel, eu comprei mais alguns, então, e fomos pra fora e foi uma experiência maravilhosa. Toda semana eles queriam tecido novo pra eles pintarem. Então, eu falo assim, então é uma coisa assim que, se você não fizer, você acaba perdendo um... assim... uma forma... eles trabalharam as cores, no final de toda a bagunça já todos eles... manusearam, né? Essa questão da coordenação, a função das cores...Então, do que que...tudo aquilo que eu queria trazer com as tintas pra eles, eu consegui. Ah! Eu tô pitando aqui, vamos deixar a vez para o outro, né? Vamos dar um espacinho pro coleguinha, pra ele se acomodar...Então, tudo aquilo que eu esperava da turma nesse trabalho, eu alcancei. Então...e

eu não teria tido resultado nenhum se eu não investisse. Então, alguns profissionais não concordam e eu respeito a opinião deles, eu acho que cada um trabalha, né? Dá o seu melhor, do que gosta, do que gosta de...eu não critico, falar: “Ah! Não! Tem professor que não tira uma xerox de um livro, entendeu? Eu acho assim: tem uns que, como eu, igual...assim... questão de xerox, anos passado nós não tínhamos...As xerox que eu levava, o trabalho que a gente fazia na, na... na xerox eram todas do meu bolso, entendeu? Então eu não me importava de pagar 45 reais, 50 reais, 60 reais por mês pra tirar xerox porque eu queria levar umas atividades diferenciadas. Porque os pequenos, principalmente 1º ano, é complicado você falar que você não vai trabalhar xerox. Claro que eu trabalho massa de modelar, eu trabalho...a gente compra papel cartão...a gente vai colocando a mão no bolso, vai colocando, vai colocando os materiais, vai trabalhando de outra forma. Não tem como, vamos supor, você quer caligrafar o número 1, como que você vai ensinar se você vai ensinar se você não tiver o papel? Não tem como. Então, eu falo assim, é que alguns profissionais vão muito com essa questão! “Ah! A gente tem que trabalhar a oralidade, a gente tem que trabalhar o lúdico.” Eu acredito que a gente tem que trabalhar de todo o jeito, a gente não tem que focar numa... “Ah! Vamos só trabalhar com construtivismo”, né? A criança tem que construir? Tem, claro que tem, mas a gente precisa, eu acredito, que a gente precisa de pegar no papel ali, a gente precisa ensinar essa criança a ter coordenação motora. Então, eu falo assim, eu acho que sempre tem que mesclar. Ah! Igual foi trabalhado no Estado essa questão da...do som, né? Quando minhas crianças entraram pra fazer as séries iniciais estavam trabalhando, alfabetizando com o som. Eu falei “legal” Minha filha aprendeu que foi uma maravilha, com...no 2º semestre ela tava lendo! E meu filho eu lá. Falei: “Vamos dar uma ajudinha aqui: “Vamos dar uma ajudinha aqui” Meti uma silabação, falei pra coordenadora: “eu vou dar uma complicada”, mas eu, não assim, não tinha feito Normal Médio ainda, não tinha entrado em contato.. nEle, ele, é mais velho que a minha filha...Então, logo que ele chegou, eu falei: “Olha, não sei te ensinar”, né? Essa questão do som eu não aprendi. Então, eu aprendi no tradicional, terminou o 1º ano ele não tava...ele conhecia todas as letras, só que ele não sabia ler, não sabia juntar. Eu falei: “eu vou na silabação”, e com 15 dias ele lia que era uma maravilha! Mas eu perguntei para a coordenadora. Eu falei assim: “E aí, eu vou ajudar ou eu vou atrapalhar, né? “Mas eu quero auxiliar, eu quero que ele leia logo, porque pela precisa ler, Ele tá entrando no 2º ano, ele precisa ler”. Aí ela: “ Não, eu acho que não vai atrapalhar”. Então vem aqui, vamos ensinar ele. E ela aprendeu. Então, eu acho assim, que se a gente estudar os métodos, todos os métodos, todos são bons, então eu acho assim, quando a gente foca só em um a gente perde do outro. Então, se a gente foca só, né, No atual, a gente perde muita coisa do tradicional, que é bom também. Então, eu falo assim, questão dos professores eu acredito que alguns, se você talvez, conversar com uma outra pessoa, vai falar assim: “Olha, tá difícil, tá complicado, tá sofrido, porque a gente não tem recurso, né? Porque a gente precisa de material e, às vezes, a gente não tem a gente, ainda tá...aqui a gente ainda trabalha com giz, né? “A gente não tem a lousa branca, a gente usa o quadro...” Eu vejo assim, que muita coisa melhorou, eu tenho fé que ainda vai melhorar mais um pouco, e que a gente, assim eu procuro fazer o máximo quando eu posso, né? Falando que nós vamos gastar um pouco do nosso, se a gente quer fazer um trabalho legal, a gente tem que ter esse sentido real também. Então, eu falo assim, talvez você conversando com outro ele vai falar que tá sofrido, pra mim tá tranquilo, pra mim ainda tá assim, sabe, tô trabalhando legal, sabe? Eu tô conseguindo ir pra sala, tô motivada com essa questão, desses cursos, desses encontros, sabe? Motiva bastante a gente. A gente percebe, assim, que a gente não tá sozinho, né? Que a gente tem um suporte. Então eu falo assim, o material humano também. Igual essa coordenadora que a gente tem no programa, aqui dentro dessa...da escola que trabalha diretamente com a gente...é um ser humano abençoado por Deus,

sabe? Assim, aquela pessoa maravilhosa, que te dá o suporte, sabe? Que tá ali te auxiliando o tempo inteiro que a gente trabalha, a Profa. Noeli. Essa Profa. Noeli é fantástica, a Profa. Jaira também, que é a... tirando assim, a chefe-mor lá do Mais Educação de Campo Grande também, sabe? É... são umas pessoas, assim, umas profissionais, assim, de mais altura. Então, eu falo assim, isso ajuda muito a gente que tá aqui na... como se diz, é uma pirâmide, né? Então, elas estão embaixo, dando o suporte e nós estamos na ponta, desenvolvendo o trabalho, e a gente só consegue por conta disso, desse suporte que a gente tem. Então, talvez não seja o financeiro ideal, mas o humano é maravilhoso. Dessa questão da educação integral, era isso que eu tinha pra falar. Desse experiência, desse tempo que eu tenho, era isso mesmo.

Caminhante 3

Meu nome é professora Stella Rita, tenho 45 anos, há 25 anos... né?, como professora, como educadora e é a minha primeira experiência com a educação integral, né? Eu trabalho no 2º ano B, da Escola Felipe Orro e... fiquei sabendo do projeto, né? Que de manhã é o ensino regular e à tarde tem as oficinas é... as outras, as demais oficinas do Projeto Mais Educação, né? A minha experiência com esse 2º ano, né? Porque, na verdade, a gente tem que entender a questão do... da... do objetivo de alfabetização do Estado. Então, a gente tem que entender o seguinte: que a criança, antes não, né?, o ensino era por série e regular, agora não, são por anos, né?, tanto é que são 9 anos, né? Que vai até o 9º ano. O projeto de alfabetização do Estado é o seguinte: ele considera o 1º, o 2º e o 3º ano, tanto é que a reprovação, o 1º ano ele mantém, a criança, vai automática pro 2º ano, independente de sabendo ler ou não, ou tendo base alfabética ou não, e ele termina essa alfabetização no 3º ano, né? Aonde a gente entende essa educação do Estado agora, né? Eles acataram essa parte da alfabetização agora. Então, o que que acontece? No regular tem os bons e ruins, por quê? Tem crianças, como aqui é... é uma cidade muito é... é... de interior, muita fazenda, muito isso, então muitas crianças, né? Tiveram até a 1ª infância, que é os 7 anos, dentro de fazenda, chácara, sítio... Aí é que vem para o ensino regular. Não passa por uma escola, né? E então tem criança que chega sem saber pegar no lápis, dependendo do ano, enfim... Mas como eu tô no segundo e é meu 2º ano de experiência com o 2º ano, que eu já tive ano passado, meu 1º ano do ano integral, então a gente recebe aquelas crianças, né?, Que as outras professoras, porque é tudo conhecida, olha Profa. Stella teve aluno do ano passado que chegou no 1º ano e não foi... Porque a criança ela precisa do que, né? Do estralo que a gente fala, né?, Porque ela começa a se... Ela... Ela vai tá sendo alfabetizada no tempo dela, entendeu? Ninguém... a gente não força ou não quer. A gente queria já pegar uns alunos de 2º ano com base alfabética, sabendo o silabário, né? Principalmente... Porque eu sou tradicional, eu alfabetizo pelas sílabas ainda, entendeu?, Eu... O método é o silabário é essa a alfabetização, porque eu não sei de outra forma, é a forma que eu sei, enfim... Aí, eles vêm pra gente, alguns prontos e alguns não prontos. Primeiro, que já dificulta, fica uma sala mesclada, criança que tem a base alfabética, criança que não tem a base alfabética nenhuma e aí chega no 2º ano pra mim sem saber pegar no lápis. Fora o que a gente não vai citar aí, a questão dos inclusos, né? São crianças que têm aquela dificuldade, é problema familiar que é, né? Gritante, né? Que a criança chega se tem problema familiar em casa com certeza ela já tem um bloqueio no 1º e 2º

ano, enfim... Mas, nesse 1º semestre que a gente vai estar encerrando agora, assim, de positivo é que como as professoras são todas da mesma escola, né? Professoras da oficina, né? Daquela parte de Matemática, Artes, que eles trabalham, se não me engano, né? Português, Matemática, Artes e Educação Física são os projetos que são à tarde, do Mais Educação. Então, mas, por exemplo, assim, é bom que a gente tá sempre conversando: “Stella, que parte cê tá? O que que cê tá trabalhando?” isso e aquilo... não fugindo do trabalho delas, né? Profissional lá, que eles devem ter o que seguir, né? Eles devem ter um currículo básico lá pra seguir, mas ajuda a gente nesse sentido, né? É... Por exemplo o professor de Matemática disse Stella, eu tô dando isso, tá na sequência? Vamos pegar a sequência? Vamos pegar a sequência, vamos... e é um apoio. Só que também tem que ser o seguinte, tem que ser muito light, porque a criança ela tem... no 2º ano ela tem que ter uma base, tem criança no 2º ano com 6 anos, aí, se perguntar a minha opinião enquanto educadora, eu acho o cúmulo, porque a gente foi tudo alfabetizado com 7 anos, nunca passamos por pré-escola, eu, pelo menos, na minha idade acho que eu fiz pré porque a minha mãe dava aula no pré e ela acabou me levando pro pré, mas a gente era educado em casa, os pais, né, que ensinavam a gente em casa. Eu acho assim, há o desgaste da criança. A criança por si já, nesse século, ela tá desmotivada a tudo. Ela tá desmotivada de uma tal maneira que você não consegue entender. Cê já chega... ela não tem autoestima... Uma criança de 6 anos falar que não tem autoestima, de 7 anos, 8... família desestruturada, aí ainda o que que acontece? Aí, desculpe a palavra, mas socam lá no período integral por quê? É cômodo pros pais, mas essa é a minha visão de educadora, cê entendeu? É uma visão de educadora e já é até nossa visão porque a gente já fala muitos dos mais antigos, os mais antigos... eu tô na classe do mais antigo, né? e nem tô falando de valores, de coisas familiares e essas coisas que envolvem, mas a criança, eu tenho 25 anos de estado, 25 anos de educação, as crianças é... é... é difícil você chegar e ver uma criança com 7 anos que gosta de estudar e você transformar aquilo, né, e você trabalhar dia a dia pra eles, né? Mas, enfim, voltando ao projeto, ajuda, né: agora, os que têm interesse, nossa, eles tão lá na frente, eles falam: minha “Prô” de manhã, Profª. Stella, trabalha isso, à tarde minha “Prô” reforça, e gosta e... é as crianças que tão motivada, agora, as que tão desmotivada... é uma luta, é você matar um leão por dia, educação hoje em dia no Brasil é assim, você mata um leão por dia. Você quer ajudar de alguma forma, mas... nos nossos cursos de capacitação a primeira coisa que a professora lá... gente, para de falar, para de dar desculpa que a criança não quer, que a criança não quer... mas se for dar uma aula, pegar um dia de sala de aula, ele fala assim: mas realmente, tu tinha razão, porque a criança... E você faz, e você faz e a atividade diferenciada e, não digo metade, mas 10% do seu salário é pra isso... e tem coisa assim que desestimula até a gente, entendeu? E aí é sala lotada, 2, 3 alunos, 4, no máximo e alunos que não querem saber, pai ausente... agora tem um projeto do governo, que é “Família na Escola”, é um modelo até de Curitiba que eles estão adotando, e aí, parece-me, que vai trabalhar essas políticas junto, a família na escola, e a escola... então, quer dizer, são projetos que você lê e são muito bons, agora vamos ver se vão funcionar, né? Porque se não trouxer o pai pra dentro da escola, entendeu? Agora, não adianta ter minha opinião enquanto mãe, educadora é diferente do que eu ter uma mãe, né? que nunca estudou, que seja analfabeta, ou talvez a mãe, pelo destino da vida, ela tem que trabalhar... porque não é só mãe... porque tem mãe que trabalha o dia inteiro, são pai e mãe hoje em dia, os valores se invertem, né? mas, enfim, né? assim... o Programa do... da... do Mais Educação, de integral, no papel o projeto é muito lindo, né, mas ainda tem suas falhas, porque a gente começou o ano sem a merenda, a criança não pode ficar na escola sem almoço, então taria indo pra casa e voltando, né? mas agora, por exemplo, a partir de segunda feira já regularizou então eles são assim: eles entram sete até o meio dia é o horário deles e eles vão até as três, que é o integral direto, né? então, o

que que acontece? Aí, já as monitoras e as professoras já têm que estar na escola meio dia, porque o período, que o horário que eu saio, que é 11 e 25 até meio dia, acho que, se não me engano é meio dia que eles entram, ou é 11 horas, não tô bem lembrada desse horário porque eu sou nova lá, e aí eles já ficaram ali, com os monitores, e não sei se já tem o tempo do descanso, aí começa 1 hora as atividades, né? mas, assim, sala de aula, o que eu posso dizer é isso, que tem ajudado, né? tem ajudado, aqueles que gostam, que ficam no projeto, tem ajudado bastante nessa interação com o professor, “professor o que você tá dando?” se quiser eu posso deixar anotado eu passo para as professoras à tarde.” mas não massacrar eles com a tarefa, né? ah! Professora, a senhora passou muita tarefa e deixou tempo para o professor fazer...porque tem outros conteúdos pra trabalhar. Mas no meu ver é assim, tem um lado positivo, tem outro lado negativo, que é muito pequenininho, tem uns que são muito pequenininhos, então isso pra eles, aquilo lá é uma diversão. Fica na escola de manhã, fica na escola à tarde, entendeu? Então, não tem aquela...Eu tô falando porque no 2º aninho é muito pequeno ainda. Para o trabalho do professor há diferença entre a escola que não é integral para a que é integral. Ano passado eu trabalhei no 2º ano também. Aqui na Escola Mongelli, aqui, na escola do município, né? e também na periferia, que é aqui pro lado do Quarenta, da Vila Quarenta, e ano passado eu peguei um 2º ano, agora esse 2º ano do Felipe ainda veio bom, do Felipe Orro, umas crianças com base alfabetizada, criança que só sabia sílabas. Agora, eu peguei um 2º ano no Mongelli passado que eu tive que alfabetizar do princípio: alfabeto, vogais, tudo...Eles já têm uma base aqui, entendeu? Alguns, né, que ainda tão passando por laudo, tão passando, que o pessoal da inclusão tão fazendo um diagnóstico, mas a diferença é enorme, porque já ficavam no Projeto ano passado, no 1º ano, e eu peguei um 2º ano lá no Mongelli que eu tive que alfabetizar. Por mais que tenha que entender o seguinte: o projeto de alfabetização do Estado, o modelo do estado de Mato Grosso do Sul, hoje, é os 3 anos. Então, a criança não chega pronta no 3º ano, às vezes ela chega até sem ser alfabetizada no 3º ano, entendeu? Bom? Eu não sei até onde que é bom isso. Mas só que tem uma coisa. Por que esse modelo mudou? Por que o que que acontecia? O 1º ano antigamente reprovava, 2ª série, né? 2ª série antigamente primário, 3ª, tudo reprovava, então eles não querem mais que retenha, tem as liminares da vida, que criança de 06 anos, no 1º ano eu acho...falo enquanto mãe, não falo enquanto professora, eu acho ridículo, né? Desculpa até a palavra, mas isso existe. Criança que tá nessa época em casa, brincando, sei lá o quê ...Ou no pré-escolar... e as mães já querem, colocam todos, tem até de cinco, às vezes, entendeu? E aí, é... e... é totalmente... Desse 2º ano e do 2º ano passado, não era integral, lá não tem período integral. Foram poucas escolas em Aquidauana. Se não me engano, acho que foi o Felipe Orro contemplado com a educação integral, mas foi...então, mas ali você vê a diferença porque ano passado eles já tavam trabalhando essa educação integral e as crianças vieram mais prontas pra gente, pro 2º ano. Com base alfabetizada, né? sabendo as vogais...Eles tendo uma base alfabética, né?, isso aí é primordial. Pra mim, que trabalho com... a minha alfabetização é através do silábico, das sílabas, pra mim é bom... Então, e essa educação integral é só 1º e 2º ano, o Projeto, né? É o só o 1º e 2º ano, né? A estrutura, na verdade, tá formada, porque se ela, se o..., a visão do Governo, é transformar..., eu falo que é uma experiência, nenhuma escola hoje em Aquidauana comporta educação integral pra todos, tipo até pro 9º ano...porque até, então, o que eu entendi do Projeto, é que eles chegar até o 5º ano, de educação integral. Ainda não comporta, nem tem estrutura, nem tem estrutura pra isso, você entendeu? Então o que que é isso hoje em dia? É os primeiros passos. Porque, eu acho, que são 3 anos que tá esse Mais Educação, 3 ou 4 anos. Se não me engano, entendeu? Começou agora esse Projeto é novo. Aliás, esse é um Projeto do Governo passado, vamos ver se nesse Governo vai prosseguir. Mas parece que eles gostaram e tá...tá tendo essa sequência. O que quebra também é a política, né?

De quatro em quatro anos a coisa muda de 4 em 4 anos... A gente tinha um Projeto “Além das Palavras”, que era maravilhoso e que de repente, foi cortado, foi acabado, né? enfim... e era um projeto bom, né? Eu sei que...assim, estrutura física...até pessoal, porque o professor, o que acontece? Ele recebe, depois que ele vai ser capacitado. Primeiro ele recebe, engole, né? Depois ele vai ser capacitado. Isso é tudo ao contrário. Eles têm que, antes do Projeto, um ano antes preparar, aí vai receber. E tanto é que tem que preparar a estrutura física, porque eu acho que a criança também, como são pequenininhos, 1º e 2º ano, eles têm que ter a hora do soninho deles, a hora do descansinho deles, entendeu? Agora, você imagina... eu acho assim, que a gente enquanto não se colocar no lugar da criança, a criança, primeiro que uns vêm da fazenda, chega, de certa forma... ué, eu tenho alunos que acordam quatro e meia da manhã, isso integral, pra vir pra escola, da fazenda. Normal, ele já dorme, né? na sala... tenho dois três que é da fazenda e vem, né? porque mãe manda estudar, né? e tal... então, o que que acontece? Ela fica das 7 às três horas da tarde. Então... então, isso tem que ser bem pensado. Primeiro, que ela vai estar com a regente cinco dias, né? cinco dias com a regente, Artes, Educação Física e tudo bem mas a parte da... por isso que eu acho que o projeto tem que ser bem desenvolvido, pra criança ter interesse. Porque pelo regente, quer dizer, ele já massacra ele de manhã, aí fica o tempo inteiro na escola? Como vai ser a visão dessa criança na escola? Eu me preocupo com isso. Como que vai ser a visão dessa criança na escola? Entendeu? Porque a cabecinha dele... e outra, o mundo tá, né? globalizado, as coisas móveis, né? e isso, e tecnologia e tal uma coisa que eu reparo muito é: eles não gostam de escrever no quadro. Hoje em dia eles já nascem com o celular na mão, não precisa mais nada, nada. Até a gente, né? enquanto adulto, imagina criança então, eles tem preguiça de copiar é uma coisa que, passou o tempo deles... e se a gente não for junto como é que faz? Eu não tô ligando muito porque daqui 5 anos eu me aposento, né, já tô perto de aposentar, daqui 5 anos tô aposentando então, é isso que eu te falo, quando a gente entra o projeto já tá pronto. Na verdade, a gente, como professor tem experiência, isso e aquilo, né? quem pegar regente, tranquilo, é seu trabalho, o currículo já tá montado, é o que você tem que fazer: alfabetizar. Agora, a preocupação é o professor da... da parte inversa, ao contrário, né? então, esse o professor tá preparado? O que que é? Como que é? Vai receber essa criança... vai ter a hora do descanso? Pra começar uma hora? Porque nós, adultos, temos que chegar e nem que seja 10 minutos você tem que descansar, aí tipo uma hora eles já vão fazer o quê? Você acha que uma criança vai gostar da escola? Se você vai ter essa visão, entendeu? Aí, tem que sem um projeto bem elaborado, porque tem que ter a hora do descanso deles, eles têm que almoçar e descansar. Eu creio que mais... até uma hora, 40 minutos é igual a creche, né que a criança tem a hora do soninho deles, tem a hora do descansinho... eles são pequenos ainda. Então, se tá estruturado, tem tudo pra dar certo. Eu acho que a estrutura do projeto é boa, mas o professor tem que tá preparado pra receber essa criança que vem. E outra, ela das 7 às 11:25, esse é o horário dela. Que tempo que ela vai descansar? Do regular, com o regente. Que horas que ela vai almoçar e descansar? A minha preocupação é essa, mas, agora, têm uns que amam... amam, aí chegam: professora, não sei o que lá... ai, às vezes também olha como eles prestam atenção. Aí, esses dias é... eu fiz duas atividades do índio, da independência, de Tiradentes e fui contar a história, aproveito tudo já, que já conto uma história só. Bem bonito, e fantasio e falo e tal pra eles... tá... e a professora, a... a monitora da tarde falou: “Stella, eu tô sem.. ah! Bonito esses daí!” e ela foi tirar xerox pra mim, e eu acredito que ela tirou pra ela e já fez rapidinho. A hora que eu entreguei o trabalhinho, um falou assim: “a gente já fez isso daqui á tarde” ai eu falei. “mas é outra história que eu vou contar pra vocês, não é a mesma” ai eu falei com a professora: “poxa, você deu a mesma” / “ah! Não tinha outra atividade pra dar, dei aquele seu” mas, olha como eles prestam atenção: “ah! A gente já fez isso ou à tarde!” Outra coisa

também, o que aconteceu? Foi um puxão de orelha pra nós, porque olha aí o que que... eu tô repetindo? Ele mesmo falou: “a senhora tá repetindo” / tá bom, mas é outra história que eu vou contar. Mas a Profa. Noelli contou do Tiradentes? / “não” /então, eu vou falar de Tiradentes, do descobrimento, do dia do índio e ainda de Tiradentes. / “Ah! Então tá bom!”/mudei a versão. Mas aí, conversando com ela, ela falou: “é verdade, Stella” talvez, se o desenho fosse diferente, mesmo que falasse sobre o descobrimento, que é o nosso papel, a gente tem que falar mesmo. No 4º ano eu fiquei 3 horas falando, falei do índio, falei do Tiradentes, falei... e outra, porque tem a ver com a conjuntura da política agora, tem que falar, é a história do nosso País. Eu aprendi assim, né? A gente tem que falar sobre isso, porque cada ser humano desse país vai fazer a história dele também. Aí eu falei pra elas, foi bom porque a gente se ateve: “vamos prestar mais atenção nisso, não dar as mesmas atividades.” Porque para eles: “Ah! Já fiz à tarde!” Outra coisa, eu acho assim, tem que ter jogos, trabalhar jogos, outras atividades, raciocínio lógico dessas crianças, isso e aquilo... por quê? O massacre deixa com a professora regente, deixa ela massacrar eles nesse sentido, porque tem que alfabetizar, tem que saber letra b, tem que saber letra a, que junta e vai dar isso... entendeu? Então, o projeto tem que... ele tem que chamar a atenção da criança. Sala bem estruturada, sala divertida, sala pintada. Por isso que eu falo, é um passo que eles estão dando, mas que a estrutura tem que ser mudada, tem que ser uma outra forma... Sabe por quê? Porque de agora para frente vai ser isso, vai ter isso... mãe que é mãe e pai de família, que trabalha, que tem que deixar o seu filho lá mesmo, então você tem que acreditar... pra você ter uma ideia, eu tenho uma amiga em Campo Grande, ela veio me visitar e me disse assim: “Stella o Samir e a Samia estão numa escola integral lá em Campo Grande. “Claro, que em outro nível, né? particular, tal, me falou até o valor que paga. Escola bilíngue. Tão se adequando já, eles vão... eles passam o dia na escola, mas só que porque que é interessante? Tem toda uma outra estrutura, esporte, principalmente, eu sou a favor de que pelo menos 70% da escola tem que ser de esporte. Esporte é que salva o aluno de um monte de coisa ruim, né? Principalmente adolescente, sabe? E ele tem que amar o esporte desde pequeno, porque senão... não adianta ele chegar com 10 e você querer colocar ele no karatê... não vai, ele não vai, entendeu? Ou você coloca ele amando... por isso que eu falo, então a estrutura tem que ir... quem sabe é o primeiro passo... no papel tudo bem, a realidade é que é difícil. Enfim, né, pra terminar, né, pra concluir, é isso. Eu acho, de 100%, 80%, né? é o caminho certo. Às vezes a realidade é que vai trazer a reestruturação disso aí, né? às vezes... que que o governo tem que pensar muito, a realidade de Aquidauana não é igual a de Campo Grande, não é a realidade de outra cidade. Então, principalmente o projeto pedagógico da escola, ele é único, ele é o único! Aqui, a escola Felipe Orro é assim, é tanto, a estrutura é tanto... e, se for continuar a história do integral, tanto é que eu falei com a... discuti isso com a professora, com a diretora, Profa. Amélia, essa estrutura de escola integral tal faltando, tá deixando a desejar, mas, no geral, tá bom. As professoras... o bom das professoras é que são professoras empenhadas, que querem, né, que querem tá ali, porque isso conta também muito, né? O professor que gosta do que faz, porque a gente tem muitos amigos profissionais que estão ali porque o concurso que chamou ou alguma coisa assim. Você tem que gostar da sua profissão, se não gosta vai embora. Mas eu acho que tem tudo para dar certo. Com o tempo é ir reestruturando, adequando, adaptando as coisas, né? Dessa forma... mas que... que... é viável e tem tudo pra dar certo, entendeu? Tem tudo para dar certo. É um projeto bom.

Caminhante 4

Vou começar. Então, a concepção que eu tinha de... vou começar pelo que eu tinha, né? A gente entende por escola de tempo integral aquela que o aluno ia para ficar o dia inteiro e... eu entendia assim, como os modelos que a gente tinha antes, que ele ficava de manhã, que tinha as disciplinas normais e à tarde ele teria outras atividades, né? Que fosse esporte, né? Algo que desenvolvesse a habilidade específica dele. Quando esse projeto veio para nós, aí nós vimos que não era assim, até mesmo que a Secretaria nos propôs, né? Que ela propôs um modelo que é semelhante do da escola da Ponte, de Portugal, né? E acho que da escola de Cotia, né? São Paulo. Aí, assim, é... Na época eu era professora de sala, né, a direção me chamou e perguntou se a gente aceitava o projeto. O primeiro pensamento, que foi meu e que eu acho que foi da maioria dos professores, foi justamente esse mesmo, assim: se a gente está fazendo já há dez anos, mais que isso, né, mas, pelo menos eu, há dez anos fazendo educação dessa forma e não está tendo resultados, se a gente não tentar mudar, né? Não tem por que você querer continuar. Aí a equipe aceitou numa boa, né, aí, é... Nós começamos a fazer uma formação para isso, aí a gente foi conhecendo o modelo e tentando adequar o nosso. Porque de cara você começar e transformar uma estrutura... A nossa escola nunca foi 100% tradicional, mas ela seguia, né, porque, assim a gente já trabalha projetos, a gente já tinha uma forma de trabalhar, mas o modelo de aula ainda seguia, né, como na maioria das escolas. Então, não tinha, né, não tinha não, não tem como você pegar uma escola que segue um modelo tradicional e transformar numa Escola da Ponte, né, logo de cara. Então, a gente foi pensando como que a gente ia fazer essas adequações mesmo, né. É... e aí a gente viu... quando veio também a resolução, né, com carga-horária, essas coisas, a gente teve que tentar compreender como que ia fazer. Então, aqui funciona assim: o nosso aluno, ele tem as disciplinas de manhã e tem à tarde, né, porque aí aumentou a carga-horária. Por exemplo, disciplinas como espanhol, que era uma aula por semana, ele passa a ter duas. As disciplinas do próprio currículo da Base Nacional Comum, que a gente chama, né? Então, é... como, digamos assim, aumentou o número de aulas, né, então não dá para cumprir mesmo só num turno. Então o pessoal pega e fala assim: “Mas os alunos têm aula de manhã e à tarde?” Sim, os alunos têm aula de manhã e à tarde! Só que é uma forma que aqui a gente evita até... a gente usa o termo “aula” pelo hábito, né, que aí já é como metodologia, é o educar pela pesquisa, aí o professor não fica o tempo inteiro ali, né, explicando conteúdo, e o aluno sentado, copiando do quadro, né? O professor sempre chega com uma problematização, aí fala: “Olha nossa problemática é essa, o que que a gente faz para resolver?” Independente da disciplina. Agora a gente tá trabalhando os planejamento casado, que a gente fala, né, duas, três disciplinas sentam, pegam a mesma problemática e levam para sala. No caminho interdisciplinar. E aí os professores vão trabalhando juntos, né, cada um fazendo uma abordagem, e o resultado final é que a produção do aluno é... integra o conhecimento que veio de todas as disciplinas que estavam participando daquele planejamento. Até uma forma de diminuir pra eles a quantidade de trabalhos mesmo para fazer, né, por que eles vão tendo os registros individuais de cada um, né, mas a produção final mesmo, é fazer uma só, né, para não sobrecarregar também. Porque a gente entende que o começo para eles foi difícil. Eles estavam acostumados a ficar sentando e copiar do quadro. Teve um aluno nosso que falou: “Não consigo. Não tem o que copiar, como é que eu vou estudar? Eu não tenho o que estudar.” Eles não entendiam, né, que esse conhecimento construído ia ser melhor do que o conhecimento decorado. Tanto que a gente tem uma sala de 3º ano que a gente conseguiu abrir, do ensino médio, né, os primeiros anos eles já vieram sabendo, os nossos alunos que eram do 2º ano no

ano passado, a gente perguntou e aí uma turma resolveu que eles queriam ficar, né, em tempo integral – desses alunos do 3º ano, nós tivemos... acho que duas perdas. Eles não conseguiam, pra eles não dava certo, e eles falaram assim: “Oh, não tem jeito!”, né e eles falavam: “Eu não vou conseguir no ENEM porque vocês... a gente não tem matéria para estudar... Eles não pegaram. E a gente, assim, os outros continuaram, conseguiram se adequar, né, mas o fato de a gente já desenvolver esses trabalhos, né, com projetos na escola, então também não tornou muito difícil, né? Eles ficaram meio assim com a questão “a gente não faz mais prova, como é que vocês vão dar nota pra gente?” Porque a moeda de troca do aluno é nota, né, então eles ficaram mesmo assim: “Nossa, mas e aí?” Aí eles foram entendendo que as produções eram diárias, que tudo o que o professor tá falando, tudo que ele vai registrando que é o que vai, né, chegar ao final. A gente trabalha com portfólio, então cada aluno tem o seu, tudo o que ele produz, né, então ele entregou um texto, o professore avalia, faz adequações e fala: “Oh, arruma o que é preciso.” Aí ele devolve um outro com as correções devidas e o professor vai colocando lá. É um portfólio multidisciplinar. Ele está até separado por disciplinas, né, é um por aluno, mas ele tá separado. Por exemplo, às vezes a produção é de três disciplinas, como eu falei, né, aí eles colocam assim, é... a coordenadora coloca uma observação “Este relatório foi feito das disciplinas tais, tais e tais...” Aí deixa na pasta de um só, porque aí quando o pessoal vem olhar ou quando o pai pede pra ver. Quando a gente chama o pai, a gente mostra: “Olha como que está a produção do seu filho.” E aí, sempre compara: “Essa é a pasta do seu filho, essa é a pasta do colega mais aplicado.” Aí, ele olha e fala assim: “Nossa, esse tá produzindo mais, o meu não tá produzindo tanto.” Aí eles começaram a perceber que eles precisavam mesmo dessa produção. Outra coisa que a gente teve dificuldade foi a questão do “copiar – colar”, né? Porque o aluno é condicionado a isso. Quando você pede o trabalho, principal, se você deixar a pesquisa pela Internet, vem na íntegra o texto, né? Teve época, em sala de aula, que eu recebi trabalho e disse que tinha que ser manuscrito e quando eu estava lendo os trabalhos, eles acham que a gente não lê, né, mas eu lendo o trabalho, aí estava assim: “Clique aqui para seguir o link”, e era manuscrito. Eu pensei: “Gente, eu não acredito!” Então, mesmo sendo manuscrito a pessoa copiou e não prestou a mínima atenção no que estava fazendo, né, e... eu não suporto pedir trabalho pra aluno, porque eu não tenho paciência pra ler isso aqui, né? E com essa, os professores fizeram, os professores pegavam assim, viam qual era os primeiros sites que saíam na pesquisa do Google, lia, e aí, quando o aluno vinha com a pesquisa, ele já falava assim: “Você copiou do site tal.” “Ah! Como você sabe?” “Ah! Eu sei.” Então, ele vai pensar duas vezes para fazer de novo. Agora eles já olham e já conseguem compreender que eles não podem copiar na íntegra, né? A dificuldade de escrever que eles chegam aqui. Você pede uma produção, o menino, na marra, com você empurrando, ele fazia 5 linhas. E era na marra! Fazer mais do que isso... Os que já eram nossos, eles já tinham o hábito, por que a gente sempre dá uma prova de redação, né, no bimestre, eles sempre fazem produção de texto. Então, ele já sabia que tinha que escrever, mas mesmo assim, para alguns a escrita é algo... desafiador, e, aí, a gente consegue perceber, olhando o portfólio de alguns, que o aluno que, lá nas primeiras semanas, ele escrevia três ou cinco linhas, ele já está conseguindo escrever uma folha. Então, já tem, né, já melhorou, né, a questão da coerência na escrita deles já está melhorando bastante. Até a forma de pensar mais criticamente, vamos dizer assim, né, eles veem, eles questionam, eles falam, conseguem pensar nos direitos deles de outra forma, né? Porque a gente tem, assim, de todo esse tempo de aula, fora isso a gente tem quatro aulas que são para orientação do estudo, porque, por exemplo, naquela semana o aluno não conseguiu terminar uma determinada produção, aí ele vai fazer orientação com aquele determinado professor. Ou ficou em dúvida de como ele ia fazer, ou do próprio conteúdo em si. Pro 3º ano, geralmente é orientado uma aula pro ENEM pré, uma coisa mais direcionada assim, aí cada semana o professor pega aquela turma de forma mais direcionada para trabalhar: “Como que são essas problemáticas? Como que vocês têm que ler pra interpretar?” Então, são essas quatro horas que são direcionadas para

esse estudo. E eles têm 4 horas que a gente chama de Centro de Interesse. Nesse Centro de Interesse, aí sim, são atividades que não estão relacionadas com a Base Nacional Comum, tanto que são professores de fora que vêm. É música, é teatro, é dança, né, é... esportes... essas coisas. Então, eles fazem a inserção pelo interesse: “Eu quero fazer inglês, eu quero fazer música”, então ele pode fazer duas atividades naquele dia. Então, essa é a única que, assim, que ele tem livre escolha e que tá, né, fora do currículo mesmo. E nesse horário que ele está fazendo o Centro de Interesse, os professores estão fazendo o planejamento coletivo. Então, o professor está sempre na escola. Por exemplo, agora tem um grupo que está fazendo um estudo. A gente sempre escolhe uma temática, né, e fala assim: “Vamos estudar determinado tema?” Pra gente também acertar a nossa metodologia. Porque quando a gente começou a gente tinha duas coisas: a problematização e a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP). A gente tinha essas duas, né, era nossa referência teórica e a gente... cada professor foi fazendo, né, agora eu tento essa, agora eu tento aquela. Porque assim como nem todo aluno se adequa a uma, nem todo professor também... e as turmas também são diferentes, né? De repente uma turma trabalha bem com a problematização e a outra não. E aí a gente tá procurando outras coisas, né, estamos fazendo alguns estudos pra que a gente também dê um norte pra nossa caminhada, né, que é bem diferente agora. A gente ainda tem um horário de formação, ela é... vou dizer assim; ela vem no pacote, né? O professor ele vem, tem as 40 horas, então ele um número x de aulas em sala e ele tem um número x de aulas planejada de formação. A Secretaria cobra deles que a cada semestre seja produzido um artigo, né, porque é assim, se ele estudou durante o semestre, ele tem que produzir. Eles acompanham o nosso trabalho, mas, agora, com formação deles igual veio antes, agora não. A formação eles estão canalizando pras outras escolas que querem aderir, né, então a formação é 1º pra quem quer chegar, né? Então, agora tem Escola de Dourados e Jaraguari que mostraram interesse, esse pessoal tá em formação. Aí o grupo tá orientando eles. A formação inicial partiu da Secretaria e a continuada a própria escola que vai a encaminhar. Mas, é como eu disse, elas estão sempre aqui. Então elas vêm, às vezes elas trazem um material, elas vêm com algum artigo: “Olha, eu acho que seria bacana vocês estudarem isso aqui.” A gente senta, olha, a coordenação senta, olha, depois passa para os professores e são feitas as leituras. Aí, de todas essas leituras, o professor vai tirando, né, o embasamento pra escrever lá o seu artigo. Tá sempre produzindo alguma coisa. Então, assim, a questão da formação a gente encaminha, mas não é assim um problema, né, porque tem um horário pra fazer. Inclusive, a gente... a coordenadora deu um jeito de fazer um horário que duas vezes por semana o grupo se reúna só pra isso, só pra estudo. Então tem um grupo que estuda na segunda e tem um grupo que estuda na quarta. Eles sentam, então, pra isso. E aí eles têm horários que eles ficam aqui, que é pra fazer mesmo o planejamento, né, e traçar as estratégias deles em sala de aula. A escola atende só o Ensino Médio. Inserido dentro da metodologia integral nós temos... 180,190 ... quase uns 200, por aí. Há alunos que não estão inseridos na Escola Integral. Como a escola já era escola de ensino médio, né, mas era ensino médio regular, que a gente fala, como esse ano começou, esses alunos já estavam com a gente, então é um direito deles terminarem o ensino médio deles aqui. Então, a gente tem 2º e 3º anos que são regulares, né, aí, somando tudo, a gente tem mais de 300 alunos de manhã; a gente tem mais 300 e poucos à noite, que a noite também funciona com uma outra metodologia, né, que a gente também faz diferenciado porque o aluno do noturno é problemático, né, aí a gente tem toda uma questão de flexibilização de horário, aula a distância, né, pra cumprir aquela carga-horária que ele deveria ter, e os projetos. Agora a gente tá organizando pra fazer uma feira, né? Essa feira, a gente quer fazer no modelo das feiras acadêmicas mesmo, né com o aluno apresentando o projeto que ele fez, é... com banner, documentário e toda produção que eles estão fazendo. Em outubro a gente quer fazer essa feira com todos os alunos, não só da educação integral. Porque mesmo os alunos que ficam aqui só o período das quatro horas, a gente procura não diferenciar muito, né, porque, assim, os professores, apesar de não ser o mesmo grupo, né, mas eles têm que também começar a pensar

em como trabalhar quando eles vierem para cá. Quando fechar o ensino regular, né, daqui dois anos a gente não vai ter mais as turmas regulares, a escola toda vai ser só integral e o noturno, que a gente pretende manter. Então, os professores do matutino vão ter que vir migrando pra esse integral, eles vão ter que se adequar a essa metodologia diferente. Então, tá bacana, porque pra a equipe do regular, como eles não tem esse horário de orientação de estudos, a gente deu pra eles o primeiro tempo: “Olha, o primeiro tempo vocês vão chegar e vão desenvolver os projetos de vocês da feira”. E nem todos os dias o professor tá aqui, né? Aí, a gente fez assim: não é um professor por sala, é um professor por grupo de alunos. Então, o trabalho do professor ele propôs o tema, os alunos se inscreveram, ele tem alunos do 2º e do 3º anos, das sete salas, misturados com ele. Ele elencou um líder, que vem aqui pega a pastinha de chamadas pega o material e vai pra sala, e outros vão sala com ele, eles desenvolvem o trabalho sozinhos. Então vem, termina, guarda... Hoje eu ainda estava prestando atenção, né, eu tenho que chegar cedo porque 4ª feira tem uma coordenadora que não tá aqui, né, os alunos vão precisar. Nossa, tava tão tranquilo. Tava todo mundo certinho já nas suas salas, veio pegar e eu perguntei: “Ué, cadê as outras pastas?” / “Já levaram, diretora. Já tá todo mundo na sala.” / Aí eu falei: “Nossa, que bacana!” / Então, eles mesmos vão adquirindo essa autonomia de caminhar. E, como é o projeto que ele escolheu fazer, aí, a primeira coisa que eu pensei quando eu propus a feira, é que fosse assim, para de trabalhar cada professor em sua sala, porque eu sei onde fica a dificuldade. Gente, você empurra muito, porque tem um aluno que gosta da sua proposta, mas tem outro que não gosta de jeito nenhum. Aí você fica lá, pegando no pé. O guri faz nas coxas, né, e fica aquela coisa. Então, deixa eles escolherem aquilo que chama a atenção, aquilo que eles acham que tá dentro do que eles quiseram fazer. E foi assim uma proposta que deu super certo. Até à noite. À noite eles perguntam assim: “A gente não vai ter projeto hoje?” / Porque à noite a gente faz no último tempo, e a gente não faz todos os dias da semana, aí “mas porque que a gente não tem projeto hoje?” / “Porque a gente não organizou, né?” / (21:34). Então assim, foi uma coisa que as primeiras semanas à noite a gente subiu para organizar a agenda, eu me lembro que a última turma que eu consegui colocar no lugar era dez pra dez, “nossa, tá acabando a aula, os gurus não vão querer fazer mais nada.” Aí, na outra semana a gente entrou e 10 minutos depois tava todo mundo sentado já, no seu lugar, já fazendo... nossa! É... é incrível” Fiquei feliz por ter feito a proposta, por ter visto que era exatamente isso que tava faltando, desmembrar, sair das caixinhas, né, começar a fazer um trabalho onde... primeiro, quando eu fiz a proposta, a gente trabalhava, por temas, aí a escola falou assim: “ah, vamos trabalhar, por exemplo o projeto Afro, as minorias?” É um tema que se enquadra bastante por exemplo, com as professoras das humanas, lógico que se enquadra nas outras disciplinas, mas nem todos os professores tinham a mesma facilidade de propor uma ação pra aquilo que você colocava. Aí, quando eu falei com eles, eu falei assim: “Ah! Eu queria que vocês fizessem a proposta. O que vocês acham legal? O que que vocês queriam trabalhar com os alunos?” / Porque quando o professor também trabalha aquilo que ele domina, aquilo que ele gosta mais, também flui melhor. Aí, assim quando eles fazem propaganda pros alunos: “Olha, meu projeto é tal coisa, tal coisa...” O aluno já percebe que na voz do professor que ele tá... “Caramba, ele tá propondo uma coisa legal!” Aí, funcionou muito bem assim. Na realidade, tô ansiosa pra ver os resultados, né? Tá caminhando... Comecei a pegar com os professores a ação que vai ser feita no dia, né, porque a gente pensou, então ele tá vendo, ele tá fechando exatamente... Eu pretendo convidar as escolas né, das unidades vizinhas, pra virem, né, pra prestigiar... os alunos do 9º ano, né? Porque é público difícil pra a escola pegar entendeu? Porque quando chega agora, no ensino médio, o foco, às vezes nem tanto do aluno, mas da família, é que ele vá trabalhar e o que eu percebi muito assim, é que não é que tá querendo que ele trabalhe porque precisa dessa composição da renda, às vezes é o porque o pai ele acha assim, que ele precisa trabalhar pra ele ficar responsável, né? O pai acha que se ele não começar a trabalhar, ele não vai adquirir responsabilidade, né? A gente fica meio triste (24:33) de ver isso, porque nós temos alunos um

pouco mais carentes, mas nós temos alunos que tem uma condição financeira não muito boa, mas que a família poderia mantê-lo estudando durante todo o ensino médio sem precisar colocá-lo numa Mirim ou numa Seleta. Às vezes a família não, não percebe que é um investimento pro futuro dele. Aí fica... a gente fica, assim, a cargo de um público difícil de atrair para o ensino médio. A nossa escola já foi escola de ter mais de 1.000 alunos. A gente hoje tem 700. Por que que a gente tá perdendo aluno? Porque quando o pai chega aqui eles procuram muito os pequenos, né? Volta e meia vem aqui perguntando se tem vaga para o 1º aninho, 2º, 3º... Aí a gente fala: “Não. A escola é só de ensino médio”. Os pais das crianças pequenas querem que o filho fique integral na escola, os de adolescente, não. Aí, a gente faz de tudo pra tornar a escola assim bem atrativa, né, pra que eles tenham essa vontade de vir aqui, porque é um projeto bacana. Nosso horário de almoço, a gente tem uma atividade que a gente fala Centro de Convivência, né? A gente tem assim, o pessoal almoça, aí tem um professor de educação física que fica lá embaixo, na quadra, pra cuidar dos alunos que quiserem jogar ou se quiser ficar lá, conversando. Aí tem um professor na sala de tecnologia, pra eles poderem ficar, se eles quiserem. Aí, igual a menina veio pegar a chave da rádio tem o centro do interesse tem um centro de rádio, então eles fazem, pra semana, uma playlist pra tocar nos intervalos. Aí, são os próprios alunos que vêm, colocam a música, e voltam. Depois eles vão lá, fecham, entregam a chave e pronto. Então, assim, pra tornar esse horário pra eles também... Porque é um pouco puxado. Eles saem onze e meia e meio dia e meia eles voltam. Então, pra ficar o mais agradável possível esse horário deles, né, pra assim, não ter aquela coisa do guri ficar ansioso e ficar querendo sair, né? Então, é... também é uma parte bacana do projeto, que aí proporciona várias coisas, né, que ele pode tá fazendo. E eles disponibilizaram pra gente, na internet, também é... eles falam: “Nossa! Nossa power internet, né?” É... é fibra ótica, mas ela funciona assim, fica liberado a partir do cadastro do aparelho do menino, né? Então, todos os eles tem acesso, das 7 até às 7:50 eles tem internet liberada pra usar no celular. Aí agora nove e meia até nove e quarenta ela tá liberada de novo, que é o horário de intervalo deles. Aí a hora do almoço, onze e meia até meio dia, ela é liberada, aí depois ela fecha automaticamente. No intervalo da tarde também. Aí depois, das 16, né, que é a hora que eles saem, até 18:40, que é a hora que o pessoal do noturno entra. O pessoal do noturno chega mais cedo também, né, também tem acesso no ambiente da escola. Eles tem internet grátis pra usar como eles quiserem. Então, não é dizer assim: “Ah! Eu não tenho internet em casa”, mas você tem a internet na escola. A gente tem 3 laboratórios de informática, além dos laboratórios de base científica, né?. A gente conseguiu colocar pra funcionar esse ano. Então, assim, a estrutura... poderia ser melhor, não vou mentir, mas a gente já trabalha com uma estrutura muito melhor do que quando comecei aqui, por exemplo. Mesmo antes da Escola Integral a escola já priorizava isso. Sempre quando vinha o recurso, ela perguntava para gente assim: “Vocês precisam de algum material?” Não só o material de projeto, né? Por exemplo, antes de montar o laboratório nós já tínhamos dois microscópios, que tinham sido comprados com o repasse, né? Então, assim, o laboratório ficou pronto é... a Secretaria ainda tá equipando, na verdade, mas a maioria das coisas que tem lá foi o que nós compramos mesmo. Era coisa que a gente já tinha adquirido e algumas que a gente ainda já tinha adquirindo, né, mediante as necessidades e mediante a liberação do recurso. Atende o aluno que está em educação integral e o que não está também. Atende toda a demanda da escola. Então, tudo o que é preciso porque tem os professores que ficam no laboratório, né, então conforme eles vão vendo que o planejamento vai preparando ali, eles já vão dizendo: “Olha, isso você pode ter material...” O que falta eles repassam pra gente, se der a gente atende. Aí, na medida do possível, a gente vai atendendo, pra equipar, pra se tornar melhor. Mas ficou muito bacana, porque a gente faz um conselho de classe que é participativo, onde o aluno vem e aponta os pontos positivos e negativos daquele bimestre. É... quando eles começaram a usar o laboratório, nossa! O que veio de... os pontos positivos eram sempre esses: que as aulas tinham melhorado muito com isso, a gente foi no laboratório tantas vezes. Aí, eles foram pontuando

assim, né, colocaram... Rola um ciuminho dos alunos do regular, porque eles acham que a gente trata melhor os alunos do integral. Não é que a gente trata melhor, é que eles ficam mais tempo na escola, né, e aí acho que eles pensam assim... eu não sei, mas acho que eles imaginam que à tarde a gente faz um monte de coisa diferente pra eles, né? Aí sempre eles descem e reclamam. Igual reclamaram pra mim esses dias: “Ah! Eles almoçam no prato de vidro e agente almoça no pratinho...” Aí eu falei: “Mas, gente, é porque vocês são relaxados vocês deixam os pratinhos esparramados. Quando vocês pararem de fazer isso, eu prometo que vocês vão comer em prato de vidro também.” Aí, eles ficam com esses ciuminhos bobos, mas quando eles percebem que a gente também tá proporcionado pra eles umas coisas bacanas, eles também ficam felizes. E eles já melhoraram, assim... Pra você ter ideia, aluno chegar no fim do conselho e elogiar... Matemática. Eles disseram assim que, nossa! Eles tavam entendendo Matemática. Sempre eles vêm com a ideia de que eles nunca vão aprender a Matemática, né? Que é o calcanhar de Aquiles da educação mesmo, né, o Português e a Matemática, mas, principalmente, a Matemática, né, e eles verbalizaram que eles gostam do jeito que o professor tá fazendo, que eles tão entendendo. Às vezes chega assim: “Ah! Eu consegui resolver os exercícios que o professor passou!” aí, eu falo: “Nossa, que bacana!” É muito legal também. A própria construção do conhecimento, não sei muito como falar essas partes pedagógicas assim, mas o nosso aluno, vou falar do que chega, né, ele vem do ensino fundamental tradicional e ele chega como um aluno copista e ele consegue, assim, porque ele decora. Aqui ele tem que pensar numa resposta, né, mesmo que... Igual, esses dias estavam falando assim: “Ah! Mas...” Era um negócio de Física, ondas... acho que era ondas, uma coisa assim. Tem todo um conceito teórico, tem todo um cálculo. “Ah! Mas porque que é assim?” O aluno nunca parou pra pensar “porque que é assim”, porque no método tradicional tá aqui, a definição é essa, o cálculo é esse, a fórmula é essa... E geralmente, vou falar isso por experiência de aluno, né, que não gostava de Física, por exemplo, a teoria ela tá desvinculada daquele cálculo. De onde saiu esse monte de número? De onde saiu essa fórmula? E agora não tem, porque a gente se prende na análise do resultado. “Por que? Por que que você achou esse resultado?” Ah, então ele sabe agora que, por exemplo, as ondas são produzidas, né, por um determinado fenômeno e explicar. Foi trabalhado, por exemplo, é... Biologia e Física e aí a professora de Física teve que entender o processo biológico pra usar na aula dela. E a professora de Biologia precisou entender, né, na Física, como que integra os dois, para que o aluno veja, assim, porque, às vezes, as coisas são vistas por ele assim: “Da onde saiu isso? Por que que eu tô aprendendo isso?” / “Não, mas olha só, isso aqui de Física ele complementa, porque dentro do seu corpo esse processo acontece lá na circulação sanguínea.” / Então, ele para pra pensar no processo, aí ele consegue ver o significado. Porque, enquanto em sala de aula, eu sempre pensava nisso, né: “Como é que eu vou falar pro meu aluno que ele pode relacionar esse conteúdo com o dia a dia dele? Porque ele precisa ver que isso é palpável.” Não adianta você chegar e falar de célula se ele nem vai ver uma célula. Então, assim, vou falar... Você tem que falar de lisossomos... o que que eu tenho que falar disso? Ah, vou usar o álcool, porque o álcool tá presente na vida deles e eles conseguem fazer uma relação. Então, eu vejo que a educação integral, ela trabalha nesse sentido, de dar significância aquele conteúdo. Eu não tô estudando isso porque tá lá no Referencial, eu tô estudando isso porque isso tem significado pra minha vida. Então, eu vejo... Às vezes a gente fala assim... Uma vez uma diretora me ligou e falou assim: “Mas e os resultados? E as provas? Como é que vocês vão ver se vai dar...?” Eu falei: “Ah! Quando a gente fizer as provas a gente vai ver concretamente. Agora a gente tá vendo na comparação mesmo da produção do aluno. De como ele pensava quando ele chegou aqui, em fevereiro, e como ele tá pensando agora em agosto. E a gente quer que até dezembro ele esteja pensando mais além e quando ele chegar no 3º ano do ensino médio é pra ele estar pensando muito mais além. Aí, teve diretor aqui que não quis o projeto, né, na escola dele, aí, pegou e falou assim: “Não, esse negócio dá muito trabalho.” É verdade, dá, né, a gente que o diga. Porque a gente praticamente pode dizer assim, que a gente mudou da água

pro vinho. E, a gente começou essa formação em setembro do ano passado. A gente fez formação até... as aulas atrasaram um pouquinho, né, de fevereiro? Em fevereiro a gente ficou preparando o planejamento, na verdade, né? A gente teve esse período, de setembro até dezembro, pra fazer uma formação. Que a gente pensou assim, a gente vai fazer um ano de formação, tava todo mundo com isso na cabeça, e depois a escola vai começar. De repente, a Secretaria disse: “Não. O projeto começa agora.” Meu Deus, como assim o projeto começa agora? Mas a gente tinha dito que ia acatar, e a gente acatou, né, a gente conseguiu se virar melhor do que nós mesmos imaginávamos. Mas, é... uma coisa que eu vejo que é um ponto chave, é, enquanto gestora, é a questão do professor ter abraçado o projeto, né? Porque se o professor não tá disposto a jogar fora a bagagem que ele trouxe antes e construir uma nova, ele também não fica. Assim como o aluno que não conseguiu se adequar, o professor também, se ele não conseguir, ele vai. Não houve saída de professor, isso que a gente viu que foi assim bacana, né, que todo mundo abraçou. É lógico que não foi fácil pra todo mundo. Teve gente que, quando a gente começou, porque a gente mudou até o planejamento. O planejamento deles é... eles falam que é quase um artigo científico. É quase isso. É quase um pré-projeto. Cada planejamento, ele vem com 5 passos: a possibilidade, a realidade, observação da realidade... todas essas coisas, né? Então, é uma coisa trabalhosa. Nenhum professor senta e com vinte minutinhos ele termina um planejamento, porque o modelo de planejamento que a gente tem no sistema é isso: você senta, você marca o x no conteúdo, você descreve lá o que você vai fazer de metodologia, marca os recursos, acabou! Agora não. Ele tem que descrever o passo a passo, porque quem pega o planejamento dele pra ler é como se eu pegasse o planejamento da professora de Matemática e pudesse ir pra sala dar a aula dela, tá super descrito ali todo o processo, toda a caminhada. Como a maioria desses planejamentos, a maioria não, todos eles agora são integrados, né, as disciplinas... Às vezes a gente tem um problema assim com o professor, então teve um problema com esse professor eu vou dar continuidade com o do outro. O aluno sempre sabe o que ele tem que fazer. Começou com um professor, passa na aula do outro ele tá fazendo aquilo, no do outro, né, então eles não... Vou dizer assim: a gente não tem esse problema, mas se dissesse aconteceu um problema, o professor não chegou, você senta com o aluno e fala: “O que você tava fazendo?” / “Isso.” / “Então continua.” / E ele tem autonomia de continuar. Isso eu vi que foi um passo muito grande. Quando é que você ia chegar pro aluno e falar assim: “O que que você tava fazendo na aula anterior?” / “Sei lá! ah, nem sei! O professor escreveu no quadro aí!”. Agora não tem isso. Ele sabe que o professor deu uma orientação aqui e duas três aulas pra frente ele vai tá seguindo aquela orientação, ele vai tá terminando isso aí. Então, é... às vezes a gente tem as nossas medidas “punitivas”, vamos dizer assim, né, o aluno que matou aula, o que que acontece?, ou o aluno que chegou atrasado, a gente diz: “Você vai ficar lá na salinha de estudo hoje.” Aí eu chego e falo e para o professor: “Professor, o aluno fulano não sobe hoje, tá? Ele tá na sala de estudo.” / Aí, o professor passa é só fala pra ele: “Lembra da atividade tal? Vai lá e corrige, já te dei o retorno.” Ou então o professor fala: “Lembra do que você pesquisou? Já pode escrever, então o que você pesquisou.” / Nem esse tipo de problema a gente tem. O aluno fica aqui e ele sempre sabe o que tem pra fazer. Ele sempre da continuidade ao trabalho. Dizer assim que a gente fica com aluno ocioso, não tem. Ele sempre tem alguma coisa pra fazer. Às vezes eu acho engraçado que a gente fala assim que eles querem ir pra sala de informática na hora do almoço, porque eles querem olhar o Facebook, por exemplo. Um ou dois querem, os outros querem tá pesquisando alguma coisa relacionada à aula. Às vezes eles chegam mais cedo e pedem assim, apesar de que sete horas a sala tá aberta, né? Aí eles pedem: “Professora, a gente pode usar o computador?” / “Pode.” / Aí, eles vão lá e comentam: “Eu fui lá olhar e os alunos estavam fazendo pesquisa.” Então, eles chegam mais cedo pra isso... Então... eu não sei... é uma sensação gostosa, de estarem sempre estudando. Dizer que 100% dos nossos alunos são ótimos, é utopia, né, não são, não são mesmo, mas a grande maioria deles são alunos, assim, que são melhores que a encomenda, vamos

dizer assim. Eles são ótimos, eles se inseriram muito bem. A gente trabalha com ensino profissionalizante também, né, então o ensino médio é integrado do ensino profissionalizante (43:44), a nossa área é o Técnico em Informática. Então, eu vejo também, esses alunos são mais... são mais... eles são mais penalizados, porque a carga-horária deles é maior, porque além dessas cinco aulas, de todas as disciplinas que ele já tem, eles ainda tem cinco disciplinas a mais a cada ano, que é da Base Técnica, além das 16 da Base Nacional. E aí, às vezes o professor olha e fala: “Gente do céu, você dá pro aluno resolver um problema de lógica, de programação, e você pensa que não vai sair. Quando você pensa que não, o guri te deu a solução mais rápida do que a que você pensou.” Então tem em grupo que a gente olha e fala assim: esse pessoal vai longe. Tem um grupo de estudos que se forma na Orientação de Estudos. Na Orientação de Estudos não é obrigatório, por exemplo, o professor de História leve só o pessoal do 1º A, por exemplo. Na Orientação de estudo, ele pode ter 5 alunos do 1º A, 5 do B, alguns do terceiro, podem ser misturados. Dentro do dia, do horário normal de aulas, eles ainda estão divididos em sala (1º A, 1º B). Esse negócio de sentar em fila, a gente nunca fez, primeiro que, você viu o formato da escola, né? Essa sala não possibilita o aluno sentar em fila. Sempre foi, ainda é, pro pessoal do regular aí de fora, colocar os alunos em fileira, né? A nossa arquitetura não foi feita pra isso. Foi feita pra fazer círculos na sala. Então são formados 2: um círculo maior e um círculo menor no meio. Então, já tem essa diferença, né, o professor tem uma visão geral da sala e o aluno também, ele tem uma visão geral de todo mundo. Já é outra situação, outra dinâmica. A gente não tem isso. Agora, só que, assim, a gente ainda não conseguiu uma forma de separar, por exemplo, no dia a dia serem feitos grupos mistos. Eles ainda são separados por sala. Dentro da sala eles ainda, podem ser separados em grupos, por exemplo, mesmo que o professor dê uma problematização ele pode pedir vários passos para grupos diferentes. Aí, essa organização é com o professor lá dentro, né? A proposta seria justamente essa, né, a proposta seria que tivessem salas de aula, né, que eles estivessem juntos e misturados. A gente viu, e até achou muito legal, a Escola da Ponte. Mas a gente também achou legal que um grupo de professores aqui conseguiu com eles parecido com o que eles fazem lá, que é de sentar e propor: “Vamos fazer um problema?”, não, “eu te dei um problema”. Falou de circulação”; “Ah! O que que nós vamos fazer?” Quais são as problemáticas que vocês vêm em torno da circulação sanguínea?” Aí o aluno falou assim: “O meu avô é hipertenso.”/”Ah! O que causa a hipertensão? Então, você vai ver pra gente o que causa a hipertensão.”/”Ah! O meu avô teve um AVC.”/”O AVC tá relacionado com isso? Vamos procurar.”/Então, eles trouxeram as realidades do dia a dia e a professora foi juntando ali, pra eles mesmos irem construindo essas respostas. Que é parecido com que eles fazem lá, né? Que eles apresentam o currículo e o aluno vai montando junto com o professor. Dessa vez, a professora de Biologia conseguiu fazer igual. Nem sempre dá, né, porque a gente também tá... a gente não é 100% preso, mas a gente é dependente do Referencial Curricular. A gente tá tentando fazer uma reestruturação mesmo, sentar, pegar tudo, misturar e falar assim: onde que cabe cada um? Pra gente não ter que trabalhar amarradamente a ele, porque se a gente faz aquela sequência é...por exemplo, uma coisa que a gente vê aqui no 1º ano de Biologia, a gente vê lá no 3º em Química. Por que que não podia ser visto tudo junto no 1º? Porque aí o conhecimento seria diferente. Por que da forma que é feito, ele viu aqui no 1º ano, quando ele chegar lá no 3º pra ver, ele não lembra que ele viu, né? Aí, a gente pediu uma autorização e a gente tá tentando ver se consegue fazer isso, essa resignificação do currículo, vamos dizer assim, pra ajudar. Aí, quem sabe?., a gente poderia ter grupos nesse processo de educação integral, de sentar e falar pro aluno: “O currículo é esse, como é que a gente faz?” Mas por enquanto, a gente ainda trabalha, eu vou dizer assim, com um é aqui e um pé lá, porque a gente ainda depende de algumas coisas e, vou dizer assim, mais da parte burocrática mesmo, porque essa questão de Referencial é... algumas questões que a gente tá preso com essas avaliação externas. A gente até pensa assim: faz uma metodologia onde o aluno não faz prova, mas a mantenedora avalia ele com prova. O portfólio é um

instrumento de avaliação, mas não é o único. Os professores fazem outras atividades: júri simulado, debates...fazem esse tipo de atividade e que conta como nota, mas que não tá, né...às vezes a gente fala assim: tira foto, então, pra gente guardar...porque, posteriormente...hoje nosso portfólio é impresso, posteriormente ele vai ser todo digital, né, até porque não tem lógica a gente ficar acumulando papel. Então, é um processo que tá em construção, né, a Secretaria vai disponibilizar pra gente também um acesso pra como guardar essas coisas, então “vai ficar mais fácil você ter, né, de repente a gravação de um vídeo, de repente um... O portfólio é impresso, posteriormente ele vai ser todo digital, né, até porque não tem lógica a gente ficar acumulando papel. O portfólio não é o único, mas vamos dizer que é o principal, porque é o que a gente tem de palpável. Porque, assim, o professor fez um teatro, fez um sarau... tem os critérios e tá lá. Ele que avaliou, ele que colocou... A gente tem acesso ao controle do professor, você vai abrir o portfólio e vai tá constando lá, pode até tá constando: “nesse período não tem produção escrita porque foi feito um teatro.” Uma justificativa tem que ter porque sempre vem alguém e pode perguntar: “Mas por que que nessa disciplina não tem nada? Pra não ficar aquela coisa: “O professor não tá fazendo nada?”/ Ele tá. De repente não tá colocado ali porque não foi feito um registro escrito, né, desenho e essas coisas que são feitas... Às vezes a professora tá trabalhando com produção de tela, e como é que você vai colocar tela dentro do portfólio? Sabe que foi feito, que tá ali, o material fica até a gente tem umas que estão expostas aqui no corredor, que já foram feitas por nossos alunos anteriormente, né, de outros anos, eles só vão dando sequência dentro da temática que eles estão desenvolvendo. Então, assim, a gente pensa o quê? O professor tem que trabalhar de forma implícita com o aluno, que ele tá colocando ali os descritores que são cobrados, mas sem aquela coisa assim para o aluno: agora você está trabalhando o descritor 35. Isso não existe! Ele tem que perceber que dentro da atividade que ele tá dando, o aluno vai contemplar... Os descritores são do MEC, né, são do... não só do Português e da Matemática, mas como nas nossas avaliações são cobrados esses...Na verdade, todas as disciplinas têm descritores, né, o Português tem... A Matemática acho que tem mais de oitenta e poucos descritores lá, que vai desde a capacidade do guri somar, por exemplo, à capacidade dele de calcular à área de uma figura geométrica. Esse tipo de coisa assim. Isso tá implícito, mas sempre esteve, implícito dentro do plano do o que que ele escreveu não tá bom, que ele vai ter que escrever de novo. Nossa! Eu tive uma professor. O professor tem que saber o quê? “O que eu quero que ele saiba disso aqui?” O ENEM trabalha com descritores, né, e o aluno tem que saber. O pessoal fala que é só ele saber ler e interpretar, mas não é bem assim não, ele tem que ter um conhecimento também, senão ele, chega lá, vai ler um negócio falando de boi, e ele não sabe o que é que é boi, dá no mesmo, né? Então, é...sempre foi trabalhando isso, às vezes a dificuldade estava no professor pensar: “O que que eu quero que o meu aluno saiba disso aqui?” Porque, implicitamente, você sabe o que você quer do aluno, mas você tem que ter isso também como um registro escrito: “Eu esperava que o meu aluno me dissesse que ecologia é a casa dos seres vivos”, por exemplo, né?” Mas o meu aluno disse que a ecologia é um estudo de bichinhos. Ele tá 100% errado? Ele tá equivocado? Vou ter que melhorar esse conceito dele.” É que é uma coisa, que a gente não para pra pensar assim, né, o professor, com o seu tempo em sala de aula, ele é meio que mecânico: “Não, ou o guri responde a alternativa certa ou, então, ele tá errado e pronto, acabou.” E agora, com a escrita do aluno, não tem mais isso, porque o professor tem que pensar:” Não... mas eu vou avaliar aqui o que eu acho que tá certo ou eu vou dar uma chance ao que o aluno pensou? Não, o aluno pensou certo, mas ele se expressou mal? Então eu tenho que colocar aqui: arrumar...Vou sugerir o que ele tem que fazer e pedir pra ele fazer de novo”, o que também um diferencial. Geralmente, o professor vai lá, dá prova: “Não, você tirou zero. Vai lá, toma sua prova aqui.” Aí, de repente, o que que acontece, né? “Vamos fazer uma recuperação?”/ “Vamos.”/ Aí, eu, assim: “Olha, você errou isso aqui, porque você respondeu tal coisa, mas o certo você devia de ter pensado por esse outro caminho...” E aí você pode dar cinquenta provas, ele vai continuar tirando nota baixa, né? E

essa parte do retorno do professor, que a gente cobra que o professor retorne pra ele, porque ele precisa progredir na atividade, é que faz o crescimento. Foi difícil! Tem aluno que não aceita menina que chegou aqui dizendo: “Qual o professor que o que tô escrevendo tá uma, bosta...”... que num sei o quê num sei o quê.../O professor falou assim?/ “Ah! Mas ele diz que tudo o que eu escrevo tá ruim...Ah! Ele quer que eu arrume.”/Então você vai arrumar. Se o professor disse que precisa arrumar, você tem que arrumar!/ Mas pra alguns deles, né, essa questão é...ele faz a prova e se tá certo, tá certo e se não tá, não tá.! “Depois ele vai passar um trabalho e eu vou recuperar a minha nota.” Agora ele tem que fazer, às vezes, três vezes o mesmo texto. O professor de Português disse assim: “Eles me odeiam, porque me devolve o texto e eu falo: vai escrever de novo e vai escrever de novo, e vai escrever de novo”. E eles pegam o papel e ficam irritadíssimos! Que é do ser humano isso, né? Aceitar que você precisa fazer que não tá bom. “E aí, você pegou aluno que vieram, por exemplo, até de escolas públicas, mas que eram, por exemplo, os melhores da sala:” Como assim esse professor agora tá dizendo que o que eu tô fazendo num tá bom? Sempre tava bom. Por que que agora eu não sou bom?” Então, até eles entenderam que era um processo, que eles tinham que passar, que, pra serem melhores do que eles já eram, eles iam ter que passar por isso, demorou um tempo. A gente teve muita resistência em corrigir, né? De aluno que não corrigiu, porque ele achava que ele não tava errado que ele não ia corrigir. Então é crescimento assim. Com o tempo eles vão entendendo, ainda que...teve uma professora que disse: “Não, eles não suportam mais escrever pela quinta vez...” Mas é importante ele entender que ele vai escrever até entender que tem que ser assim. O Projeto Político Pedagógico está sendo... eu estou terminando de fazer as adequações, porque... Até, eu falei assim: eu vou fazer agora e em 2018 vou ter que refazer, né? Porque quando saiu o ensino regular... Porque agora quem olha nosso Projeto Político Pedagógico diz assim: “Isso é uma escola ou são três escolas?” Porque, aparentemente a gente tem três escolas, né, são três grupos distintos de professores: o professor do regular, o professor do integral e o professor do noturno. Embora, assim, alguns professores do regular matutino sejam do noturno, né, então ele tá mais inteirado. Agora, então, assim... Ele tá sofrendo as adequações, né? Ele já tinha sofrido uma quando a gente fez a Educação Profissional, aí, agora, com o Integral, eu tô fazendo essa adequações pra colocar mesmo, né, a nossa metodologia, como, a gente trabalha... Mas a questão assim... dos projetos, né, e da pesquisa, a gente tenta fazer com que a escola inteira trabalhe semelhante, pra facilitar pra gente e pra facilitar pro professor. Eu penso assim como que você vai fazer um projeto e chamar: ah! O seu projeto é do regular, esse é o projeto integral... Não. Todo mundo tem que estar no mesmo projeto, é a mesma escola, não tem como a gente ficar trabalhando desse jeito. O que um faz o outro tem que fazer de acordo com o que foi oferecido. Tanto é que tem um aluno que veio e falou assim: “Mas por que que eu não posso...” – ele é do regular – “Por que que eu não posso fazer o trabalho do professor de História do Integral?”/Meu filho, porque você não entra na sala com o professor, então como que o professor vai te orientar?/ “Não, mas eu...”/ Aí, eu falei:” Não, você não pode. Entenda, você não pode.” Quando a gente deixou eles livres assim, ele pensou que...” calma, ainda nem tanto!” Aí, depois de muito conversar, ele escolheu o projeto de um dos professores dele. Ele entendeu que tinha que ser assim. Mas foi só esse, que tava meio perdido assim... Mas eles achavam assim, que, então, já que é livre, eu gostei... por que que eu não posso fazer aquilo? Mas acho que mais do que, assim... Como eu disse antes, antes eu achava que educação integral era aquela que mantinha o aluno o dia inteiro na escola. Hoje eu vejo que a educação integral ela depende um pouco do tempo que ele passa aqui. O importante é que o aprendizado dele seja integral, né, que ele tenha essa condição de... de perceber que esse aprendizado dele é concreto. Eu vejo que a integralidade ela tá mais no aprendizado, independente se ele passa aqui quatro ou oito horas. Isso fica quase a cargo de uma questão burocrática, né? Integral tem que ser o conhecimento. A educação integral tem que proporcionar um conhecimento integral. Eu tenho que saber que vi isso e que isso é útil pra minha vida. Não tenho que continuar pensando que eu vou, sei lá,

vou achar o valor do X porque o professor quer que eu ache. Tenho que perceber onde isso vai influenciar na minha vida. Aí eu considero que seria uma educação integral. A questão do tempo é só, vamos dizer..., sei lá, uma mera burocracia. Porque quando a gente começou a trabalhar diferente, a dar uma significação pra aquilo que a gente tá passando, né, a gente percebe isso quando eles falam: “ah! “Eu aprendi a matéria tal”, “eu entendi.” Ou então: “não, o professor tal é um professor destaque, porque ele faz uma aula assim, assim... e aí, às vezes, você vê eles falando no corredor, falando com brincadeira, mas eles falam o que viram na aula, então tá absorvendo, tá dentro dele, ele vai levar isso com ele. Então, isso é integral. Ele levou com ele, né? Construiu o conhecimento pra vida, o resto é só formalidade, vamos dizer assim, né?”

Caminhante 5

A escola integral, nós aqui, nesse colégio, é um projeto novo, né, que o Prof. Pedro Demo está conduzindo junto com a Secretária Estadual de Educação, Profa. Maria Cecília, e além da escola integral tem a metodologia diferenciada, né, que é o educar pela pesquisa. Então, não é só estar na escola, mas com aquela metodologia antiga ainda, de exposições orais. É uma proposta nova em que busca atribuir mais conhecimento ao aluno, na medida em que ele pesquisa, em que ele participa, o currículo é mais flexível, tem uma carga-horária um pouco maior, mas também tem bastante atividades lúdicas, tem aula de violão, tem a rádio, tem os esportes, né, os Centros de Interesse. Então, o currículo é um currículo diferenciado, a proposta curricular ela já é diferente, tendo quantidade de aulas, com exceção de Matemática e Português, né, as outras são todas iguais, são duas aulas pra cada turma. A gente teve uma capacitação, em setembro do ano passado nós começamos, lá por agosto ou setembro, e é uma coisa nova pra nós, então tivemos que nos preparar para conseguir propiciar é... tanto em termos de planejamento, de questões avaliativas, o lidar com isso, né, porque muita gente não lê também, devido a uma carga-horária muito grande de trabalho, os professores acabam não lendo, e o educar pela pesquisa acaba não deixando, né, porque você precisa ler. O aluno, às vezes, traz um problema que não é tanto do domínio da gente e a gente acaba, na interdisciplinaridade também, buscando o conhecimento para ajudar o aluno, junto ao aluno. Então, esse é um dos quesitos do educar pela pesquisa, você aprende ao mesmo tempo que também tá ensinado, né, buscando o conhecimento. E... é... foi legal a proposta, ela tá sendo bacana. Deu muito trabalho, né, a gente tá, assim, se debatendo até agora em algumas questões, mas o resultado é bom, o resultado é bom. A gente não vai quebrar de uma hora para outra o sistema, né, a gente tem em mente aí que o que vai realmente dar uma possibilidade maior de análise é o 1º ano, daqui a dois anos, quando eles estiverem no terceiro, na aplicação de provas que a gente vai conseguir ver. Mas, na minha matéria específica, no caso a Geografia, ou na área de humanas, que a gente tem uma afinidade um pouco maior, a gente já percebe que eles chegaram e praticamente não conseguiam construir um...um parágrafo, às vezes, quiçá um texto. Hoje já sabem a estrutura de um texto (2:43), sabem fazer uma correção mínima, e a gente também acaba ajudando a Língua Portuguesa. Então, sai um pouco aquela mentalidade de correções, de análise, sintática, morfológica, tudinho da Língua Portuguesa. Não, a gente também ajuda, porque eu preciso fazer com que ele escreva bem, então trabalhamos desde pontuações até uma estrutura de pesquisa: como pesquisar, as citações de referência, buscar os materiais estruturar toda uma sequência lógica, né? Então, tá sendo

bacana. Você pega alunos aí que não sabiam e hoje ele já senta e escreve um texto. Não tem tanta cientificidade, ele precisa buscar, mas, assim, a estrutura tá bem legal. Outros avançam mais devagar, mas isso é normal dentro do processo. Numa metodologia com essa, você tem um processo diferenciado mesmo, não há uma homogeneidade. Uns aprendem mais rápido Matemática, outros mais rápido Geografia, outros mais Biologia e isso é... normal. Mas a proposta... o principal problema nosso aqui foi a estrutura, né? Não tinha laboratório de informática, não tinha a questão da internet Wifi, que nem tem hoje já conectando nos intervalos – em todos os intervalos é liberado pra eles. Então, hoje já tem mais dois laboratórios funcionando. Então, agora tá tudo bem estruturado mas ainda falta biblioteca, falta questão de vestiários, ainda, né, pra dar uma melhorada. Então, é... nós estamos numa reforma se arrastando aí, né, há três, quatro anos na escola, que não acaba. Com esses problemas de licitação, atrapalhou um pouco a questão de estrutura, de espaço físico na escola. E de manhã ainda tem a questão do regular, então é... troca sala, vai pra aqui, vai pra ali...então, eu acredito que com o caminhar das coisas elas vão se ajustando certinho. A nossa quadra mesmo, tá horrível. Tá um problema danado de perda de bola, porque os arames estão todos soltando e, aí, vai jogar bola, fura a bola, a bola é novinha...Tem dia de estar jogando por duas horas e a bola já fura, porque lá está cheio de ponta, né, a cerca, os alambrados, cheios de ponta. Sem falar pombos que têm pra todo o lado. Então, assim, eu acho que a urgência maior da escola agora da questão da quadra, né? E alguém pode falar assim? Ah! Mas é só Educação Física...”/Não é, porque acaba usando aquele espaço para as comemorações, os congressos, porque, como é uma área grande, quando a gente vai fazer apresentações vai tudo para a quadra, né, a gente não tem uma auditório, o que seria uma coisa interessante a se pensar, mas, em termos de produção eu vejo avanço. Até porque, eu trabalho em outra escola também, em que a proposta ainda é aquela proposta mais antiga, então, quando você casa, você vê o interesse, porque o aluno acaba buscando por conta própria. Não é só essa questão expositiva, né, o professor e o aluno apenas receptor. Não, eles interagem. Na realidade, assim, entre aspas, é “proibido” de dar aula oral, né? Como é que a gente faz? Você explica o conteúdo e direciona. Então, nós somos os orientadores, nós somos os tutores e aí, depois já passa ao trabalho de campo. Por isso, a importância da internet, da biblioteca...A gente precisa de uma biblioteca um pouco maior, revistas, né, livros. Nossa biblioteca ainda é muito pobre nesse sentido, para atender a demanda. Já levei alguns alunos lá e, assim, você procura e não tem, né? Então, a gente precisaria, sim. Principalmente de revista, porque livro, na idade deles, é uma coisa um pouco complicada pra você falar pra eles fazerem pesquisa só em livro. Eles gostam muito é da internet, já abrem um monte de coisa, né, já veem ali ... Não dá pra tá pegando um adolescente também e querer trabalhar como na faculdade, né?. Nós tivemos uma palestra com um professor que veio, do IF, Instituto Federal, e ele falou que o principal problema deles lá era achar que o ensino médio, né, os professores eram doutores e queriam aplicar a mesma metodologia...e aí onde era que estava dando muita desistência. Eles estão mudando também...ser técnico, ser científico, mas sem ser pragmático ao ponto de achar que um adolescente tem que ter as mesmas concepções, a mesma desenvoltura de um aluno que esteja cursando o ensino superior. Então, pra nós aqui, tá bacana nesse sentido, né? Não tá a coisa muito ainda encaminhada...as avaliações, né, muita subjetividade, até o ponto que se fala, mas, ao mesmo tempo também, quando você abre muito não tem como você é... cobrar coisas sistemáticas. Então, eu, por exemplo, minha área é escrita, né, então por mais que nesse bimestre, por exemplo, eu trabalhei com eles nos seminários, mas eu pedi que no final agora cada um fizesse uma redação. Então eles fizeram, eu estou corrigindo, entregando, e essa redação é que fica no processo avaliativo do portfólio. Então, nota escrita é essa avaliação, mais o relatório que eu vou fazer, né, da

desenvoltura na apresentação, mas nos outros bimestres, não. Não teve seminário, foi só trabalho escrito e projeto. Foi artigo científico e trabalho científico (8:08). Foi bem ABNT, né?. De um modo geral, acabei fazendo técnica de pesquisa com eles aplicada à Geografia. Isso foi bom, porque tem muita gente que tá usando, né, a escola toda tá usando agora. Vai pedir um artigo? Eles já sabem. Vai pedir um trabalho? Eles já sabem... Como fazer citações, como fazer referências, como é que faz a estruturação, a formatação. Para o professor, para a atividade docente, também mudou. O tempo na escola já é maior, né, mas esse tempo maior ele acaba sendo pra você corrigir a quantidade de atividades individuais que o aluno produz. Então, as produções individuais, inclusive, há uma cobrança em cima da gente, que tem que ser realmente feitas as correções e observações, entregue para o aluno e ele tem que devolver. E eu, acabei já pegando isso aí desde lá do começo do ano, então, assim, eu pego tanto aqueles que eu trabalhei junto o produto final e anexo tudo junto. Se alguém olhar na pasta, vai ser a evolução: do primeiro rabisquinho, método bem frágil ainda, sem nenhum conhecimento, até chegar ao produto final, que já é uma coisa mais elaborada. Então, isso demanda tempo, porque você pensa, por mais que nós tenhamos poucas turmas ainda, mas são quase 200 alunos, pra você ler 200 redações, depois reler, pra depois... Então, esse tempo de planejamento, que é bem dividido ainda, dá. E, aí, nós temos dias específicos... por exemplo, na sexta é planejamento coletivo, é quando a gente vai discutir as atuações em conjunto. Como hoje, nos dois últimos tempos, chama Orientação de Estudos, então eles já vêm numa sequência de praticamente um mês e meio, dois meses, um bimestre, com o mesmo objeto. No nosso caso, por exemplo, nós estamos trabalhando a questão da ditadura militar, né, então toda a questão da ausência da liberdade de expressão, da privação, liberdade de imprensa... E os alunos, cada um foi pegar um determinado tema. Uns são “a favor” outros contra, e cada um fez uma pesquisa e a gente tá aumentando, né? Então, isso demanda um pouco mais de... de... de dificuldade, porque você sentar sozinho é muito mais fácil, você direciona, você faz... quando você precisa encaixar o seu conteúdo e a sua disciplina, na realidade até sua didática, junto com outros professores, mais dois, mais três, já muda tudo, né? Porque tem que ter uma flexibilidade maior, tem que ser pensada uma sequência, não é uma coisa fragmentada, que joga e o trabalho vai. Então assim, aonde que a Geografia entra na ditadura militar? Aonde estão as questões sociais, né, a Sociologia? E a História? O que é verdade, o que não é? Qual a história que é falada? Qual a história que...? Então, assim, tem que pensar em todos esses nexos, né, pra que a coisa não fique solta. Senão não é uma interdisciplinaridade, né? Junta lá e... continua fragmentado. Mas não é fácil! Quando a gente pega também um... a vida toda...e dez anos trabalhando de uma forma, tem hora que você...mas como que eu vou fazer isso? Como que eu vou conseguir fazer isso com esse tema? A gente vê muito essa dificuldade na Matemática. Pra Matemática é muito mais complicado, porque é exata, né? Inclusive, meu planejamento do bimestre passado foi Geografia, Matemática e Química, agora Geografia, Matemática e Educação Física. Então, eu até falei pra ele: “Faça o planejamento e vamos ver no que eu consigo me inteirar.” No caso, foi meio ambiente e Matemática, desde as proporções de chuvas ácidas, problemas locais, né, quanto de porcentagens de solo se perde, o assoreamento, a quantidade de enchentes, não impermeabilizar o solo porque a grande quantidade de águas de chuva pode ocasionar alagamentos... Então, nesse sentido, que aí a gente consegue trabalhar os números e a gente consegue trabalhar desde as questões mais globais, como chuva ácida e aquecimento global, e questões mais locais também, porque o aluno tá lá com um buraco na frente da casa dele e daí? Onde que é o problema daquilo, né? Então, não tem galeria pluvial, impermeabilizou o solo, só tem asfalto, a água desce e não tem pra onde escoar... são questões de planejamento urbano, que afetam o meio ambiente e, conseqüentemente, a vida dele também. Então, a gente tenta sempre pegar

essa deixa, né, de relacionar. Eu gosto, eu gosto, eu acho interessante. Agora, o problema é que tem conteúdos... é a burocracia... a burocracia tá travando um pouco, né? Por que, por exemplo, assim, tem que seguir o Referencial Curricular e, aí, às vezes não bate. O conteúdo, que às vezes a pessoa quer trabalhar, pra uns tá no primeiro, pra outros tá no terceiro da outra disciplina, pra outros tá no segundo... por mais que houve a flexibilidade, a gente pode trabalhar dentro do ano, mas, às vezes, é em outro ano. Por exemplo, fontes energéticas. O professor de física trabalha no segundo e pra mim já é no primeiro... Então, assim, esses são problemas. O que agente pediu para o professor, quando ele esteve aqui, que ele visse isso, né? Tentar ver essa flexibilização. Porque como é uma proposta nova, não dá pra trabalhar com uma ferramenta antiga. Precisa rever para o ano que vem o novo referencial curricular pra cá, com um pouco mais de flexibilidade. Já tem a Base Nacional Comum aí, direcionando alguma coisa, mas a gente precisa ver, porque nós vamos ter uma quantidade de turmas maiores, né, tanto de alunos novos quanto de alunos do próprio segundo ano aqui, que já falaram que querem montar mais uma turma e tal... Então, se a gente fica engessado fica ruim tanto pra nós quanto pra eles também, né? Pra aprendizagem tem diferença também, mas a responsabilidade não pode ficar só em cima da escola, né, tem todo contexto. Tem aluno que vai embora, ele vai lá em uma escola regular, e se ele estivesse aqui também iria. Qual a diferença que eu vejo? A gente não enfadonha o aluno com aquela mesmice de sempre de ele ficar 4 horas, às vezes, sentado, só escutando, sem muito poder falar, sem poder agir, sem poder dar as ideias, né, sem ter liberdade pra isso. Então, é nesse sentido que eu acredito. O mau aluno, ou o aluno que não gosta de estudar mesmo, às vezes ele dá aqueles estalos e ele participa, a gente consegue observar isso. Por quê? Ah. Ele não gosta de Geografia... Mas gosta de quê? Ah! Gosta de rock. Então, espera aí, aonde começou o rock? Aí, você vai pegar o rock. Ah! Gosto do skate... Um menino apresentou um trabalho pra mim no primeiro bimestre, sobre skate, fantástico! Se é um guri dos moldes comuns a gente fala assim: “Ah! Não vai...” Mas, assim, não interessa pra ele, às vezes, aquilo que eu falo, se eu for cobrar dele realmente, no sentido de “Não, teria que aprender o conteúdo, o ABC conforme eu passei e fazer uma prova ABC...”, ele não vai mesmo. Mas eu falei pra ele: “O que você quer pesquisar?” Ele falou: “Skate” / “Então, tá bom. Você faz uma pesquisa, vê o que tem do conteúdo e apresenta a pesquisa.” E ficou muito bacana. Então, assim, até que ponto a gente tá engessando e preparando para o mercado de trabalho é bom? E a vida, né? Vai e dá uma nota baixa pra um aluno desse e daqui a pouco ele sai da escola. Amanhã ele sai da escola e, assim, quando ele adquirir a maturidade, dois, três anos depois, ele vai sentir a necessidade e permanecer na escola é bom. É esse o primeiro ponto que a gente tem que pensar. Tentar trazer o aluno e fazer com que ele goste, né, fazer com que eles venham pra escola. Muitos não gostam de estudar, mas, assim, aonde que tá a minha culpa nisso? Então, assim, a gente tentando dar uma aula flexível, tentando dar um ambiente mais prazeroso, a gente diminui, significativamente, o peso da escola. Mas, como eu disse, o aluno, se ele não quer aprender, não adianta. Nós temos alunos aí que não querem nada, ele não quer... Tem problemas, enfim, a família toda desestruturada, não tem pai, não tem mãe, mora com a avó, sofreu violência sexual, enfim... São problemas que, independente da metodologia, ele não teria mesmo, as situações são muito complicadas. Mas os alunos, a maioria, a gente observa que eles gostam, eles estão aí... Inclusive, o número de alunos que saíram, né, da proposta do começo do ano pra cá, foi muito pouco, muito pouco, a maioria continuou e tá aí até hoje. Inclusive, quando falta de manhã vem à tarde, né, vem depois do almoço ou vice-versa. Então, assim, eles conseguem. Teve aí um ou dois alunos que realmente não... Ao meu entender, mesmo que fosse em outra escola eles não querem. Não é a modalidade de educação integral, em si, que interferiu. Não quer estudar, quer trabalhar. A concepção deles era assim, de trabalhar e estudo em

segundo plano, porque eles querem as coisas e tava faltando, então o apelo do mercado... Lá na frente que ele vai acabar sentindo um pouco, né, porque quando começa a trabalhar, beleza, mas ganha muito pouco e, aí, daqui a pouco tem que constituir família e o ganho não vai suprir, porque faltou o estudo e, conseqüentemente, ele acaba tendo, né, que voltar pra recuperar esse tempo perdido aí, né? Tem também a questão da avaliação nessa proposta. Tem nota. É atribuído nota, né, senão... tem que estar nos boletins e tudo isso, né? Mas, assim, por exemplo, como eu falei, se eu pedisse só a subjetividade, um seminário? Então, outras coisas são levadas em consideração. O portfolio é só uma... um local onde são depositadas as produções deles, né? Então, alguns têm produções mais significativas, gostam de escrever mais, participam mais. Outros são em menor... Então, escreve menos, produz menos, não gosta tanto daquela disciplina... Tudo é levado em consideração, inclusive a produção do aluno no dia a dia. Então, nós temos fichas aí que a gente consegue marcar: Ah! Participou da aula, escreveu, debateu... Tem os critérios, né? Então, assim, ele não escreve tanto, mas ele participa, ele debate, ele se apresenta com outras ferramentas, ele consegue desenvolver outra coisa... Tudo isso é levado em consideração. Não adianta eu querer penalizar um excelente aluno em Matemática e péssimo em Português, né? Então nossas conversas de planejamento coletivo, a gente conversa muito isso: “E, aí? Ah! Não, ele é bom naquilo... Mas como é que tá o aluno?” Os alunos da Base Técnica... O que é a Base Técnica? É o PRONATEC. Eles são fantásticos, mas só que não gostam de escrever e tal... A gente sabe que eles não vão ser formados em Letras ou em Geografia, ele vai ser sistema, análise, então pra que, né? Ele tem que ter uma base mínima, né? Então tem que explicar pra ele que ele precisa, porque, senão, vira um doutor lá, mas na hora que for fazer um texto escrito não consegue nem dar os tempos verbais corretos. Então, tem que ter um mínimo pra cobrar. O que é cobrado da gente também, nessa parte da avaliação, é a parte física, né? Pelo menos uma produção ele tem que ter, senão o pai chega ali perguntando: “O que meu filho tá fazendo?” E, aí, não tem nada. E também a Secretaria de Educação, a cada 15, 20 dias eles estão aqui, pegam, olham e vão dizer: “Mas, espera aí, cadê o fulano, não tem nada? Ele tá faltando?” / “Não, não tá faltando.” / “Mas, espera aí, se está na escola, os outros todos têm?” / Então, essa questão física é pra provar, né, pra ficar anexado. A gente tem os portfólios justamente pra isso, pra mostrar pro pai, pra mãe, pra Secretaria... Parece que vão vir outras escolas aqui, acompanhar os planejamentos, acompanhar algumas coisas, porque vai ser implantado no ano que vem. Então, o processo que nós passamos no ano passado eles vão passar também. A diferença é que eles já vão ter uma base, né, uma base, assim, que já que esteja pronta. Nós, não. Nós que tivemos que construir do zero e ainda estamos reconstruindo ainda. Ainda estamos em processo de formação. Inclusive, agora, no quadro bimestre, nós vamos trabalhar com uma experiência nova, dentro dessa metodologia, sem mudar, mas uma experiência nova de atribuir algumas funções mais delegadas pra alguns alunos, pra que eles consigam trabalhar mais em grupo, porque tem uma dificuldade muito grande de eles trabalharem em equipe. A maturidade, a falta, ainda, de achar que é integral e... “Ah! Tem tempo...” E daqui a pouco as coisas chegam no próximo e eles não entregam ou tá crua. A gente tem visto esses problemas. Então, a gente vai tentar despertar neles esse rodízio: “Nessa semana, você que vai fazer os relatórios, na outra semana o outro, vai ser pesquisa...” Então, pra mostrar pra eles a importância de estar trabalhando em equipe, porque ele precisa também. Apesar de a gente pedir coisas ali individuais, mas o mercado de trabalho, e a própria vida, não dá pra você viver sozinho. Você tem que se comunicar, você precisa ter as relações, saber perder, lidar, às vezes, com uma situação que você levou uma bronca... O trabalho em equipe, então, é fundamental, né, para preparar, principalmente, eu falo, o cidadão, a pessoa, cada pessoa. É além da escola, né? Até, nós estamos reescrevendo o Projeto Político Pedagógico

também. Ele tá sendo reescrito, porque enquanto não terminar realmente a proposta nossa... Então, assim, como a proposta começou, tem algumas coisas definidas, mas pode ser que mude, ele tá... até onde eu fiquei sabendo, só vai ser novamente debatido quando realmente: “Oh! Essa aqui é a nossa proposta! As práticas pedagógicas são essas, são essas, são essas...as avaliativas são essas, é isso assim, assim, assado. Tem uma base que ela praticamente não muda, continua, né, de participação da comunidade, de conselho participativo, etc. Essa parte aí é tranquila, mas a questão mesmo avaliativa, por exemplo, ela muda por causa da subjetividade. Mas a participação de pais, a escola tá cada vez, mais aberta para a participação de pais, a escola tá cada vez mais aberta para a família, né? Então, é nesse sentido que vai ter que esperar a proposta, pra sentar e ver o que vai ser feito também no Projeto Político Pedagógico. Agora, pra mim, a educação integral é aquela que contempla o conhecimento do aluno, né, através dele sendo sujeito da aprendizagem. Eu sempre falo muito isso pra eles, né, eles têm condição, sim, de pesquisar, de correr atrás e usar as ferramentas, que são muito amplas hoje, pra transformar a informação em conhecimento. E a gente, professor, eu falo pra eles, eu acho que a gente tem um peso muito pequeno no processo deles, hoje em dia. Eles, tá certo, não conseguiriam ser autodidatas, talvez não conseguiriam sobreviver, mas eu falo: “Gente, se vocês fizerem um esforço maior, a gente acaba direcionando muito pouco”. Por isso que eu falo que eles precisam ser atores do processo de transformação deles. É isso que nós estamos tentando. Estamos tendo trabalho, e no meu caso também não é diferente, porque, pra mim, incorporar isso neles é difícil. Pra um aluno que foi a vida toda, oito, nove anos, naquela concepção ainda de “abre lá e copia da página 25 até a página 30”, ele, quando você fala “Oh! Não quero que copia. O livro é seu, por que que você vai copiar? Então você só responde.” Mas, nossa! Então assim, é um paradigma pra quebrar que não vai ser de uma hora pra outra. Aí, você fala pro aluno que não é pra ele dar um Ctrl C, Ctrl V, não é pra ele copiar, colar e entregar, é pra ele ler, entender e fazer um resumo de ideia... Isso demanda muito mais tempo. Pra quem gosta do conhecimento é muito bom, mas pra quem é mais preguiçoso, pra quem não tá acostumado, pra entender os ganhos que isso vai dar no futuro é um problema. Então, assim, quando a gente planeja pra esse tipo de educação, a gente planeja para décadas, né? Uma educação de qualidade no Brasil, se planeja hoje pra daqui 10 anos, 15 anos...Você vê aí, nós estamos aí com cento e poucos anos de República, com uma educação que foi ser massificada há pouco tempo, né, se melhoramos a questão dos analfabetos, mas e os analfabetos funcionais? Então, assim, há ampliação do acesso, mas, assim, esse acesso é acompanhado de leis, mas não tem o preparado professores, estrutura, escola... um monte de coisa que...é um conjunto, né? Professor, escola...todo mundo fazendo a sua parte a gente consegue fazer alguma coisa. Agora, achar que a escola... “Ah! Vou lá e deposito o meu filho, porque é integral, porque ele não vai estar na rua, então. Como eu tinha feito algumas pesquisas, por exemplo, que os pais disseram isso. Porque você colocou seu filho na educação integral? “Ah! Porque ele não vai ficar na rua à tarde, ele vai estar na escola, pelo menos na escola ele vai estar cuidado. Se ele ficar em casa é um trabalho, vai ficar brigando com o irmão, com a irmã.” Mas, a maioria falou: “Porque de manhã ele vai ter aulas normais e á tarde ele vai ter informática, outros cursos, etc.” O que falta é o pai deixar de ser um pouco capitalista e tentar entender que tem que estar um pouco mais presente na vida do filho. Em casa, olhando o caderno, olhando a bolsa, a mochila...e também na escola, perguntando sobre o filho. Geralmente, eles começam a estar na escola agora, quando começa a apertar e, aí, o aluno: “Ah, pai...na disciplina A eu tô ruim, na B eu tô assim...” Aí a mãe, o responsável vem, né? Quando, na verdade, já teria que ter vindo antes. E a escola chama, mas, às vezes, tem dificuldade. Na semana passada mesmo, uma menina passou mal, desmaiou e tentamos 5, 4 telefones e não conseguimos a encontrar. A Professora que teve que acompanhar, o SAMU veio

busca-la. Então, assim, 4 telefonemas, a maioria das pessoas tem telefone celular e você não consegue, né: Então, são essas coisas. Mas eu acredito nessa proposta. Não é achar que essa escola vai revolucionar, né, é um processo longo. A gente vai ter uma ideia boa... pode ser que não seja no 1º ano, nem 2º, mesmo 3º... uma ideia boa e, aí, dentro dessa construção, você vai vendo o que tá errado, você vai corrigindo, o que tá certo você mantém, aprimora e vai...até chegar lá. Precisa ver, né, o que nós fizemos de errado nesse processo? Aí, o aluno também, né? O que foi bacana? O que não foi? A gente tem esses espaços também de discussão. A gente senta, conversamos, pra gente arrumar. Porque é bom pra nós e pra eles, mas, assim, tem coisas que dependem, tem coisas que não dá, coisas que a burocracia esbarra... São problemas que qualquer escola enfrenta. Nosso desafio é grande, mas eu acredito que estamos indo bem. Os resultados estão sendo bons, assim, na medida em que a gente esperava. Como eu te falei: aluno que não escrevia uma linha, uma frase, e hoje está escrevendo um texto inteiro. Alunos que entregaram artigos e você disse: “Ah! Você comprou isso aqui”. Aí ele fala: “Não, eu que fiz.” Aí você vai pesquisar, você joga na internet lá, puxando, e vê que realmente ele escreveu. Isso já é um avanço muito grande. Só que dá pra melhorar mais, dá pra melhorar mais. A gente tá buscando as formas pra não ficar uma coisa assim: um ano trabalha com A, outro ano trabalha com B, com várias metodologias e métodos, né? A gente tem que tentar estabelecer duas, três, e que não engessem, mas também não fique solto demais, lá é a metodologia do faz tudo. Não, lá as metodologias são adequadas, são colocadas em conjunto, a escola toda. A metodologia, essa, ela foi aplicada lá nos Estados Unidos, a aprendizagem baseada em projetos, então assim, não dá pra comprar. Quando você vai ver, a escola dos Estados Unidos é diferente o nível de vida, social, a questão cultura, né, enfim, é um outro contexto. Aqui é um país em desenvolvimento, com uma boa parte das periferias marginalizadas, que a criança tá com o convívio social todo fragmentado, enfim não dá pra comprar. Então, nós estamos aqui com um pouco daqui, um pouco daqui, um pouco daqui...alguns falam que a nossa metodologia tá híbrida. Que seja. Eu falei: Não é ruim tá híbrido. Porque que a gente tem que pegar um modelo lá e seguir aquele modelo? Não. Se ele fosse bom, realmente, se se encaixasse, mas não se enquadra. Então, a gente tá pegando o que é bom e montando a nossa, com a realidade nossa. E, provavelmente, Dourados vai pegar a nossa aqui e vai mudar, adaptar à realidade deles, indígenas, quem for pro outro lado, quilombola ou outra periferia, ou que não seja periferia, com alunos um pouco mais instruídos...Vai ter que mexer, e isso é normal. Isso é desburocratizar um pouco, né? É isso aí.

Caminhante 6

Bom, educação... educação numa escola integral, eu vejo de duas formas. Eu vejo como educação integral ou ainda só escola integral, tá? Essas são as duas concepções que eu tenho pra mim, assim. Porque na escola integral eu vejo que o aluno ele permanece na escola em um dos turnos e no contra turno, de repente, ele vai fazer outro tipo de atividade ou continua o mesmo método que ele continua o mesmo método que ele começou no turno anterior, né? Agora, de ensino integral, eu vejo outras, que há outras possibilidades assim. De você trabalhar outras metodologias, é... não ser só um contraturno só pra distrair o aluno, mas um estudo que

você complete o dia dele de estudo, né, com diferentes metodologias ou alguma coisa do tipo. Então, essa é a diferenciação que eu faço das escolas integrais. Essa é a primeira escola de educação integral que eu trabalho e esse é o primeiro ano de atividades aqui. Em relação a essa escola, eu vejo ainda como... bem prematuro tirar conclusões sobre a aprendizagem, por exemplo, né, porque a gente ainda tá numa fase de implantação das coisas, eu vejo que a gente ainda tem que é... adaptar e arrumar muitas coisas ainda, tá? Porque a gente vem de uma forma de ensino ou de um jeito de ensinar é... de anos e anos e se libertar disso é muito complicado, né, e a gente tá passando por isso ainda. Apesar de a gente ter, assim, a... é... a gente sempre tá falando, né, que a escola é diferenciada e tudo, mas a gente ainda não chegou onde a gente ainda quer. Quebrar essa barreira é difícil. Então, ainda vejo que a gente tá com uma escola integral, mas ainda é... isso a minha concepção, né, não sei de outros professores, mas eu vejo que a gente ainda tá com uma escola de ensino tradicional nos dois turnos. Eu acho que ainda não houve uma mudança de paradigma é... no ensino aqui. Então ainda tá trabalhando, a gente tá estudando as possibilidades para o ano que vem ainda...Então essa é a minha visão ainda, quer dizer, temos chances de mudar, mas ainda não mudamos. Porque eu acho que continua muito tradicional. Ainda acho muito “dar aula”. É... a grande questão nossa aqui, é essa questão de “dar aula”, o professor passar tudo pro aluno. O aluno recebe tudo de mãos beijadas, assim, digamos, né, tudo pronto pra ele. Ele não costuma usar o seu tempo ou a sua cabeça para pensar, né, a gente.. Então, essa questão do aluno receber tudo de mão beijada que eu acho que é do tradicional que eu tô falando, né? Então, a gente precisa fazer com que esse aluno fique mais ativo, que ele corra atrás do que ele quer, que ele saiba pesquisar, que ele saiba é... correr atrás do... uma questão que ele quer responder. Essa autonomia a gente busca, né? E o tradicional, não, o professor tá ali e joga tudo pro aluno, o aluno fala que entendeu ou enfim...eu não acredito muito nesse tipo de educação, né? Eu passei por isso, acho que todo mundo passou por isso, mas, enfim... se não houver uma força de vontade do próprio aluno, pra correr atrás, ele não vai se sentir motivado a seguir no estudo. Então, eu ainda atribuo a isso. A concepção dessa escola seria fazer com que o aluno pesquisasse, né, e aqui em cima daquilo que eu falei, ainda a gente não conseguiu chegar a isso. É uma visão que eu tenho ainda, né? A gente até vai trabalhando nesse sentido, mas, é... enfim, eu acho que a gente ainda não chegou nesse ponto, né? Eu acho que tem que organizar, reorganizar essas questões metodologia ainda, manter um padrão na escola, certinho, pra gente é... seguir. Mas eu acho que ainda não... não... chegamos num padrão correto que a gente deverias chegar, ainda não. A proposta é que o professor proponha ou o próprio aluno proponha, depende, porque aqui a gente trabalha com duas possibilidades: ou de problematização ou de problemas. Dependendo do professor, ou o aluno que vai dar o problema que ele quer, e vai pesquisar, ou o professor que vai dar o problema, né? Corre em cima disso. Aí, a partir disso, uma... é traçada uma estratégia para que o aluno, através do conteúdo, enfim, do currículo, ele consiga pesquisar e correr atrás do que ele quer. Dentro do possível acho que já melhorou bastante, não naquilo que eu queria chegar, mas já deu uma boa melhorada. Eu acho que eu tenho tempo e eu tenho com planejar uma aula diferenciada, né, nesse sentido eu acredito que tem dado resultado nesse sentido. Não onde eu quero chegar, mas eu considero que já deu um avanço. Então, umas das coisas que eu acho que mais mudou na escola em relação ao trabalho do professor foi a questão da interdisciplinaridade, da multidisciplinaridade. A gente conseguiu juntar é... o conteúdo, a gente conseguiu juntar essa maior comunicação entre os professores, a gente tem tempo pra isso, né, a gente tem a possibilidade de... relacionar conteúdos entre diferentes áreas e a gente acho que evoluiu bastante nesse sentido. Isso ajuda bastante e tá ajudando bastante nesse sentido. Anterior a essa proposta, a gente já tinha, a gente teve, a gente refez, a gente trabalhou bastante em cima da proposta, né, a gente tá sempre

atualizado. Mas eu acho que a partir do... do... da nova proposta aí, da escola integral, a gente ainda não chegou a mexer ainda em algumas coisas, com o Projeto Político Pedagógico, por exemplo. Até porque não tem nada assim definido, entendeu? E o que eu sempre falo para a coordenação e pra direção, a gente precisa definir logo pra gente poder escrever, porque, por enquanto, pra nós, tá muito assim do falar e não tá... não tem nada registrado ainda né, né? Apesar que, também, a gente tá, o quê?, no terceiro bimestre, né, tem toda uma situação ainda pra se resolver. Acho que o próximo passo é pegar, deixar um padrão certinho pra gente poder registrar a proposta. Depois do projeto vem uma questão referente ao “PPP, né? Ah! E tem os critérios de avaliação. Eu vou falar, assim, do meu caso, porque eu acho que cada professor tá trabalhando assim, eu sei que o produto final é sempre uma produção, na grande maioria das vezes, é textual, que vai ficar lá no portfólio deles. Da minha, parte, por exemplo, que eu faço, eu tenho as minhas aulas de laboratório é... levando questões do problema lá, né, no laboratório, e eles vão ter que me responder esses problemas, vão pesquisar e nisso, em cima disso, eu peço pra eles uma produção textual explicando o fenômeno que acontece e tal. Então, o meu trabalho tem sido em cima disso. Até porquê o pessoal da Secretaria é... eles pedem sempre que seja em cima dessa proposta, que o aluno escreva bastante. Então vem trabalhando bastante sobre isso. Aí, essa parte eu mudei bastante também. Agora, como é isso pra Química, né? Então, vai depender muito da visão do professor. Eu vejo que tem professores que relutam até. Não aqui na escola, mas de outras pessoas que eu conheço, né? De que... as questões são muito é.. de fazer continha, de marcar um X, de fazer essas coisas. Acho que encima disso a gente evoluiu bastante também. Nessa questão de...uma avaliação não é só marcar X e só fazer uma conta, né? O que a gente trabalha..., eu trabalho nessa ideia, de que o aluno descreva o fenômeno que está acontecendo. Pra mim, só fazer conta não quer dizer nada, né? Então, pra mim, essa parte textual acho que tá sendo é... trabalhosa. Quer dizer, a gente não tinha esse costume de ficar corrigindo textos, inclusive até em questão de Português. Dentro do meu possível de conhecimento, eu vou tentando corrigir e... vem sendo assim, É mais trabalhoso, mas eu acho que é até mais gratificante pra mim. Porque você ver umas continhas, aí erra continhas, e tal, uma coisa decorada assim. Tem um monte lá de textos que eu ainda tenho que corrigir. Eu corrijo, vejo que aquilo não tá dentro daquilo que eu quero, né, do conhecimento que ele... para ele...aí eu peço...devolvo pra eles poderem.... dou mais um tempo pra eles poderem pesquisar, correr atrás e refazer. Então, é essa dinâmica, nesse feedback. Pra eles, assim, é muito cansativo, às vezes, porque, você vai, devolve, faz...e não é só da minha matéria. Às vezes... Uma coisa, por exemplo, que a gente tava falando agorinha há pouco do... da interdisciplinaridade, o bom disso também, é que, por exemplo, a gente tem é... ao invés, de ter três trabalhos a gente tem um trabalho só. Um texto só, que ele vai ter que produzir, relacionando os três conteúdos, né? Mas é... a gente tem tido esse cuidado. Teve bimestre que eles já reclamaram, porque, como a gente tá começando, a gente não tinha, assim um... um parâmetro, aí: Ah! Tá tendo muito trabalho e tal... escrito e tal. (13:18) Aí, a gente pensou bem, começamos a juntar mais conteúdo e... pra poder dar menos trabalho, porque, senão, fica muito desgastante. Eu entendo o caso deles, né, porque é muita coisa mesmo pra eles fazerem. Até porque, eles vêm de um jeito que não era acostumado a fazer assim, aí estranha um pouco. Mas, aí, a gente tem tudo pra adaptar ainda, certinho, e colocar tudo certinho pra não ficar desgastante para o aluno também. Tem que ver esse lado dele. No contexto da interdisciplinaridade a gente tem um grande problema... que é o Currículo, né? O Currículo, ele... enquanto ele for é... enquanto ele tiver separado, assim, a gente tiver impossibilidade de a gente poder...de ser mais flexível, não sei se você está me entendendo, mas ele amarra muito o conteúdo. Então, por exemplo, um conteúdo que poderia tá trabalhando junto com o professor de Educação Física ou, então, com o de Física,

nesse momento, na verdade, eu vou tá trabalhando no segundo ano o que ela poderia juntar, só que ele tá trabalhando com o primeiro, sabe? As vezes não casa. E, às vezes, se a gente for tentar, a gente vai tentar, vai forçar e não vai ficar legal. Então, a gente tem essa grande... esse grande obstáculo ainda pra gente ultrapassar, que é o nosso currículo, né? A Secretaria de Educação é meio resistente nessa questão do currículo, né? Enquanto ela não abraçar essa causa...eu não sei como vai ficar daqui pra frente sobre o MEC, né, na questão que ele queria mudar do currículo, né, ficar mais flexível, mas não sei o que vai dar. Aí, o que que acontece? A gente junta, a gente conversa e vê o que que dá pra casar aqui e outro ali e... a gente vai juntando. Que dizer, no primeiro bimestre eu trabalhei com... eu já trabalhei com biologia, com educação física agora eu iniciei um trabalho, tô trabalhando com geografia e matemática... Então, a gente vai juntando assim, sabe? Mas... é... se a gente tivesse uma flexibilidade melhor do currículo, ai daria uma coisa bem mais casada assim, bem legal mesmo. Esse é um obstáculo. Então... e tem a avaliação. O portfólio, na verdade, ele tá... ele é um instrumento de avaliação, mas a gente não tem só o portfólio. Na verdade... o portfólio, na verdade, ele tá ali... tá sendo, é... tá sendo colocado ali todas as produções dele, mas tem uma questão também que a gente tá trabalhando, de uma ficha de avaliação. A gente tá arrumando ela, devagarzinho, mas tem toda uma questão de uma ficha... de a gente estar avaliando a aprendizagem de leitura, se o aluno tá conseguindo... tá tendo uma boa leitura, se ele consegue escrever corretamente, tá? Por graus assim... não sei se você já chegou a ver uma ficha do tipo, mas... se o aluno consegue escrever bem, se não consegue... a gente... a gente bolou, né? Tem os critérios... e se ele consegue trabalhar em grupo e tal. Então, a gente ainda tá trabalhando. Porque é bem complicadinho assim, pra poder deixar isso tudo redondinho, certinho, mas acho que, para o ano que vem, ou para o próximo bimestre, a gente vai conseguir fazer. Há uma atribuição de nota. A nota... enfim, o sistema pede a nota, né, então a gente tem que dar a nota. Aí, em cima dessas fichas aí a gente... se o aluno está ali, em tal campo ali... na ficha vai de tanto a tanto a nota, aí ele tá ali vai de tanto a tanto... tem que ter um parâmetro assim, né? A gente também agora vai começar a trabalhar com autoavaliação também do aluno. É... no próximo bimestre a gente já tá acertando o jeito de fazer a autoavaliação também, pra agregar como mais um instrumento. Tudo tem um começo, né? Houve uma inserção, por exemplo. A formação ela foi no ano passado ainda, né? Assim, particularmente eu acho que poderia ter tido mais formação pra gente, um tempo maior. A gente começou a ter formação no meio de ano assim... agosto, por aí, a gente começou a ter, setembro... formação... eu acredito que ainda é muito pouco, pelo fato de você ter que mudar toda uma mentalidade do que você vinha trabalhando antes. A gente fez é... bom, aí... a partir daí, no começo do ano na gente não sabia muito assim o que que ia acontecer, né? Até porque você não tem muito parâmetro, para o que a gente queria trabalhar aqui na escola, em outros lugares. Até porque, a gente fez pesquisa, tudo... e a gente não achou quase nada, então a gente não sabia muito bem, e... nisso a gente, quer dizer, hoje a gente tá aprendendo e reaprendendo na prática. A formação deu subsídios, assim, até certo ponto, faltou mais, digamos. E, quer dizer, ainda continua, a gente estuda toda quarta... tem um grupo que estuda quarta, tem um grupo que estuda na segunda. Vai começar outro curso também que a gente faz pelo Moodle. Então, a gente tá continuando a estudar, e acho que a gente não tem que parar de estudar também, né? Mas, assim, na verdade, a gente acabou aprendendo as coisas e estudando, discutindo, tudo na prática. Para os alunos é... em toda a literatura que fala sobre o assunto é... sempre dá aquela impressão de que aluno... que você não tá dando aula, assim, coisa, assim, que fica muito por conta do aluno, e dá a impressão que o aluno tá solto assim, faz se quiser ou não. Então, surgiram algumas ideias assim, no início, dos alunos e tal... e alguns alunos brincavam: “ai, professor, passa alguma fórmula aí, pra que a gente resolva, responda...”

e tal, né? Então, assim, foi uma questão de adaptação deles e alguns falavam: “Ah, professor, volta do jeito que tava...” e não sei o que... mas é uma questão de mudar de visão, né, porque vêm desde a primeira série com o mesmo... até o oitavo, nono ano com o mesmo... e, de repente, você muda, do nada. Até onde eu sei, nenhum aluno saiu por causa disso, porque a escola é assim agora do jeito que é. Tem algumas salas que falam assim: “É, professor, a gente é cobaia, né?” É... né? É o primeiro dia... primeiro ano, né, e a gente vai se ajustando, não tem jeito. É mais ou menos assim. Aquilo que eu falei para a escola, eu acho que... a gente precisa é... reorganizar várias coisas, né? Dentro disso, eu acho que a escola integral acho que é... ela sabendo... porque você tem hoje o Mais Educação, que você tem uma modalidade de estudo normal de manhã, por exemplo, e à tarde você tem que fazer atividades extras, não vejo, assim, uma escola legal pra ser integral. Eu acho que tem que aproveitar, que o aluno está aqui na escola, e fazer um trabalho, que não seja desgastante, mas que o aluno esteja o tempo todo é... integrado naquele (22:57)... dentro daquele... inserido no conteúdo, porque ele tem que aprender. Eu acho que... eu acho que não tem muita volta, assim, tem que... acho que essa é a tendência aqui, porque nós, os brasileiros, costumamos passar muito pouco tempo em sala de aula, diferente de outros países, né? Então, o aluno tá acostumado a ficar quatro horas dentro da sala de aula e achar que já aprendeu ou, sei lá, passou seu tempo. Eu acho que esse é o momento de a gente mudar essa ideia. Precisamos que os alunos se interessem mais, que fiquem mais dentro da escola e aprendam mais, que o tempo seja otimizado pra isso tudo né? Eu acho que essa é a tendência, acho que tem que ser assim, acho que escola de meio período, assim, é... eu acho que não é suficiente pra aprendizagem, o tempo é muito curto. Na verdade, na escola assim você tem o primeiro tempo que você, praticamente você perde um bom tempo para dar aula. No último tempo você perde também. Então, é muito pouco. Então, eu acho que no integral... essa é a ideia. Mas acho que o integral por ser integral não resolve. Tem que ser muito bem trabalhada essa questão, porque, esses dias aí, não sei se cabe, eu assisti uma reportagem que em São Paulo as escolas municipais, tem dados lá de uma pesquisa recente, que os alunos estavam abandonando as escolas integrais. Aí, eles estavam debatendo, e a grande questão que eles estavam levantando é que você tem de manhã uma coisa e à tarde você tem outra coisa que repete. Então, o aluno desgasta o aluno, quer dizer... aquela escola que você fica em filinha lá, fica recebendo a informação do professor, isso aí cansa, né? Cansa. O aluno fica sentado oito horas dentro de uma escola, nove horas, do mesmo jeito, só ali recebendo as coisas, ele cansa, ué! Não tem quem aguente. Então, em cima disso, eu acho que a gente tem que trabalhar de uma forma que o aluno se sinta confortável dentro da escola, ao que a escola traz, e que ele consiga ter autonomia pra que ele consiga... Porque eu acho que o objetivo principal dessa escola, é que quando ele sair daqui, no 3º ano, é... em algum momento que ele tiver que estudar, ele sabe onde procurar as coisas, ele saber resolver as coisas também sozinho. Eu acho que talvez seja o maior benefício que ele venha receber na escola assim. Seria mais ou menos isso. Que ele tenha essa autonomia de correr atrás das coisas, de saber se virar, né?

Caminhante 7

Então... Começando, tá? A escola funciona no período integral desde 2010, só que antes nós tínhamos outra metodologia de ensino, né, que era voltada às atividades da tarde. De manhã

nós tínhamos as aulas do ensino regular, do currículo, e à tarde era voltada mais pra projeto, onde entrava o Mais Educação. Mas o Mais Educação era voltado para o ensino fundamental. Então nós trabalhamos aqui na escola do oitavo ano, o nono do fundamental e as três séries do ensino médio. Então as séries do fundamental eram voltadas para o Mais Educação, à tarde eram essas atividades, e o ensino médio fazia parte do Ensino Médio Inovador. Os alunos tinham oficinas, né? Então eles tinham várias oficinas: vidraria, informática, danças, teatro... Então, no ano passado foi proposto pra escola essa mudança, né? Na verdade essa escola aqui tá sendo piloto da escola integral de tempo integral. O que que difere? Qual é a mudança do ensino da escola integral para a escola integral de tempo integral? Agora, a metodologia é voltada totalmente para a pesquisa. Nós, professores, somos na sala de aula como orientadores dos nossos alunos. Na verdade, nós não podemos nem chamar de aula, nós chamamos de “momento de estudo”, nós direcionamos os alunos a pesquisarem. Nós pesquisamos na sala de informática, pesquisamos na biblioteca, em revista, em jornais. Nós temos que direcionar o aluno para a pesquisa. Na verdade, aquela aula pronta, preparada, que o professor planejava, chegava na escola, na sala de aula e passava no quadro, aqui não existe mais essa escola. Nós, apenas, vamos direcionando os nossos alunos. Na verdade, a gente trabalha com a autonomia do aluno e a gente tá tendo resultados. No início foi muito difícil, está sendo ainda. Porque, na verdade, essa transição do ensino tradicional para o ensino voltado pra pesquisa, é muito difícil, né? Porque não faz parte...é o primeiro ano, nós estamos sendo piloto... Para o ano que vem, para 2017, várias escolas estão aderindo, mas nós somos o piloto mesmo. A gente tem aprendido muito. Na verdade, não é só o aluno que está aprendendo com essa nova metodologia, o professor também, né? Nós estávamos acostumados a dar aula, mas a gente vem vendo as conquistas, o crescimento do aluno. Nossos alunos não eram acostumados a ter autonomia de escrever, dissertar, e a gente vê essa evolução, isso vem acontecendo. Hoje, às vezes os alunos nos desafiam quando a gente é... lança uma problemática que não exige muito. Eles falam “Professora, a gente não vai ter que pensar hoje? Porque eles estão acostumados a pensar, eles vêm trabalhando isso desde o início do ano, né, e isso vem mudando, vem fazendo a diferença. Toda a escola está em educação integral, do 8º ao 3º ano do ensino médio, né, então todas as turmas seguem a metodologia de pesquisa, né? E agora nosso planejamento, por exemplo, é totalmente diferente. Antes, o que nós fazíamos? Ele estava na verdade, praticamente quase pronto no sistema. Íamos ao sistema da SED e íamos só direcionando, porque quando abria lá já aparecida a turma, o currículo, o conteúdo que nós tínhamos que trabalhar do currículo, os objetivos, as habilidades, tudo...a gente só ia, praticamente, descrever como seria a nossa aula, né então, nós descreveríamos ali no sistema como nós iríamos trabalhar com aqueles alunos durante aquela aula. Agora não. O sistema da SED não suporta nosso planejamento, porque nosso planejamento é totalmente diferenciado. Então, na verdade, nós costumamos dizer que todo mês é um parto, porque é muito difícil fazer esse planejamento. Porque antes nos escreveríamos, nós fazíamos como que nós íamos passar a aula, hoje não, hoje nós descrevemos como os alunos vão conceber a aula, porque, na verdade, eles são os autores, né? Então a gente não pode descrever (4:23) o que nós vamos fazer, não, o que eles vão fazer. E é tudo voltado pra pesquisa. Então mudou muito o planejamento. Nós trabalhamos com um tema. Por exemplo, cada mês nós escolhemos um tema. Na verdade, os professores se reúnem, debatem e é lançada uma problemática. Agora, no momento, o tema está sendo “A Matemática no Mundo”. Por que que nós escolhemos esse tema? Porque Matemática é a disciplina que tem o maior índice de defasagem, né, os índices são bem baixos. Então, todas as outras disciplinas estão trabalhando com a interdisciplinaridade, Matemática. Todos os professores são desafiados a atribuir a Matemática, de alguma forma, no seu conteúdo. Então, através dessa problemática, né, nós

vamos planejando a nossa aula. Por exemplo, na minha área, de Geografia, eu não encontrei muita dificuldade porque várias disciplinas eu já trabalho a Matemática. Escala envolve Matemática, se eu vou trabalhar com fuso horário, envolve Matemática, cálculo, raciocínio lógico... é assim que a gente vai planejando a nossa aula, de acordo com aquela problemática. Eu fico dentro do currículo, a gente segue o currículo escolar, né, estabelecido lá pela SED, a gente não foge daquele currículo, a gente só vai é... é... a gente dá um jeito de incluir a Matemática dentro da Geografia, como os professores de Química, de Física, de Português... todos os professores estão trabalhando juntos. Já trabalhamos vários temas. Trabalhamos com a “Identidade”, trabalhamos com o “Eu Brasileiro”, então, cada mês... às vezes estende, o mês de agosto nós trabalhamos com a “Matemática no Mundo”, no mês de setembro também nós planejamos da mesma forma, porque a gente... nós chegamos ao consenso que precisa trabalhar um pouquinho mais, né? A gente precisa contribuir com a Matemática. Então a gente vai lançando... trabalhamos também muito com projeto, né? Como a escola está voltada para a iniciação científica, então os trabalhos têm que ter um caráter científico. (6:35) então já fizemos Feira de Ciências, já fizemos amostra científica... e os alunos gostam, porque eles mesmos que apresentam. E tudo tem um caráter científico mesmo, como se estivesse na Universidade, eles montam banner, eles expõem, tem uma banca que avalia, e como se fosse mesmo ou estivesse mesmo no meio acadêmico, mais ou menos assim. Para o aluno, pelo menos para alguns, não é tão fácil. Olha, tem aluno que tem dificuldade até hoje e que, infelizmente, não se adequaram ao perfil da escola, né, voltada para o caráter científico, a grande maioria, eu diria que 70% da escola estão gostando, se fosse para escolher agora, voltar para o tradicional ou continuar no educar pela pesquisa, tenho certeza que eles não iriam... não voltariam. Mas, é lógico que esses alunos que gostam, que já estão inseridos tiveram dificuldade no início, porque eram alunos que eram acostumados com provas objetivas (7:48), onde só lia e marcava um X. Hoje, não eles têm que descrever, eles têm que produzir texto. Cada aluno possui um portfólio. Esse portfólio fica na sala dos professores, engavetado. Então, cada turma, tem o seu portfólio, cada aluno tem o seu, particular. Então, todas as produções nós lançamos ali, eles não ficam com as produções, eles ficam com as pesquisas nos cadernos, os dados que são colhidos, ficam reservados ali. Através desses dados, tudo tem que fazer uma produção depois e essas produções são guardadas, porque a escola de tempo integral é... ela, com essa nova metodologia, ela não trabalha com avaliação. Nós não avaliamos nossos alunos, eles não têm prova mais. Então, eles são avaliados diariamente, não tem uma avaliação como prova, tem outros instrumentos. Eles são avaliados o tempo todo, né, o tempo todos eles são avaliados: comportamento, participação é... as produções. Então todas as atitudes do aluno dentro da escola, fazem parte da nossa avaliação. Esses trabalhos que eles fazem, que eles produzem, ficam guardados no portfólio de cada aluno. Os critérios pra essa avaliação são um trabalho conjunto, né, porque a educação integral de tempo integral ela já funciona com a nova metodologia, né, onde o aluno não tem aula e não tem prova, então isso assustou todo mundo, né, Como que os alunos não vão ter aula nem prova? (9:25). Então, como eu disse no início, né? Nós chamamos de “momentos de estudo” e as avaliações são feitas a todo o momento. Nós não lançamos provas bimestrais, provas semestrais... Nós vamos avaliando o cotidiano do aluno, o rendimento do aluno, se ele está produzindo, se ele não está produzindo... E, é lógico que, no início, teve aluno que: Ah, nossa, fácil, né? Não teremos prova, né, não tem essa pressão de ser avaliado... Mas se enganaram, porque estão sendo avaliados e, de repente, numa prova... Porque, na verdade, prova não avalia nada, né? Eu cresci ouvindo isso, que prova não avalia nada, porque, de repente, o aluno não estuda, não participa, chega no dia ele cola ou, então, vai na sorte, marca ali e tirou um dez. E, de repente, um aluno que domina o conteúdo não está bem naquele dia,

não consegue tirar boa nota na prova. Então, por isso que, na verdade, essa escola não trabalha com avaliação, ela trabalha com rendimento, com a produção do aluno, mas atribuímos uma nota. Se o aluno participa, se o aluno produz...se o aluno tem todas as produções, a nota dele atribuída uma nota boa, tem alunos que são dignos de dez, da mesma forma que temos aluno que produz, que não faz nada, que não faz esforço, que não faz questão de ser inserido, né, no ensino voltado para pesquisa, que, infelizmente não consegue, fica com nota vermelha. Não está se inserindo ao perfil da escola. Em relação aos professores, eles estão todos inseridos (11:12), acho que o pior já passou. |No início nós não estávamos preparados em relação a planejamento, em relação a essas produções, mas agora acho que todo mundo já conseguiu alcançar o seu objetivo e entender a importância do educar pela pesquisa. Agora, em relação a alunos, nós tivemos muitas transferências no início do ano. Da mesma forma como nós recebemos alunos de outras escolas, né, que vieram pra cá porque ficaram sabendo que o ensino era diferenciado. Mas, às vezes, aluno sai pela distância da escola ou, então mesmo porque não conseguiu se adequar (11:45) ao ensino. Muitos alunos acham que... “Ah, nós não vamos aprender. A gente precisa de prova, a gente precisa de aula.” A gente não foge da explicação. O professor, né, muitas vezes tá ali, tá orientando e ele tem que explicar, então o aluno...primeiro ele é direcionado à pesquisa. Nós lançamos a problemática e eles buscam as respostas. Depois, com as respostas em mãos, com os dados coletados, o professor faz um discurso em sala de aula, um debate e tem uma conversa, na verdade que vai esclarecendo as dúvidas, né? Até pra não ter é... o aluno ter a consciência de fazer a produção, porque ele tem que produzir em cima daquela pesquisa. Toda a pesquisa é direcionada depois para uma produção dissertativa. Só que as produções não ficam presas somente à dissertação, aluno também tem autonomia de escolher se ele quer produzir um vídeo falando sobre aquele tema, entendeu? É... agora mesmo eu trabalhei com audiovisual. Como eu trabalho com Geografia, nós estávamos estudando sobre a Ásia, especificamente a China, então em volveu a questão do trabalho escravo da população, então eles fizeram um audiovisual falando sobre isso. Foi escolhida uma música, que contextualizava um pouco com o conteúdo, e, aí, eles foram buscando imagens e fizeram um audiovisual, falando sobre o trabalho escravo, sobre a exploração, sobre a desigualdade social. Então, é uma forma de produção também, usando os meios midiáticos, né, que precisam ser explorados, né, e eles conhecem muito bem, eles dominam essa área. Então, a gente explora também a Tecnologia como recurso didático, a gente não fica preso só no texto, na produção escrita. Eu acho que evoluíram muito. Os alunos que estão totalmente envolvidos com o educar pela pesquisa, evoluíram muito. Tem alunos que surpreenderam, né? Mas, é como eu disse, tem uns 30% que não estão totalmente inseridos, né, têm dificuldade ainda de alicerçar, escrever, compreender, mas são, geralmente, alunos que sem algum comprometimento. Nós sabemos que nem todos os alunos têm sua capacidade cognitiva, né, 100%. Então, geralmente, esses alunos que têm um pouquinho de comprometimento né, no aprendizado, são as pessoas que têm um pouquinho mais de dificuldades. Mas, esses alunos a gente tem que entender que são comprometidos. Aí realmente tem aqueles alunos que não fazem, por preguiça ou porque não querem. Mas a grande maioria participa e a gente percebe uma grande mudança. A gente percebe realmente essa autonomia, essa autoria. Porque é isso que o educar pela pesquisa busca num aluno, né? O aluno é autor da sociedade. É isso que a gente tenta trabalhar o tempo todo: essa autonomia. A gente procura sempre trabalhar com a realidade do aluno, pra que ele possa compreender as transformações que acontecem, né, na sociedade, na cidade, no país, no mundo... Então, a gente tá sempre voltada para essas questões, e a gente tem alcançado sucesso. Eu tenho percebido isso. Nem contamos um ano letivo completo ainda, mas já conseguimos perceber. Ano que vem, realmente, é que nós vamos

conseguir identificar as mudanças, porque nesse semestre que foi trabalhado já teve um grande avanço, né, nós entramos agora no segundo semestre, então para o ano que vem eles vão estar mais inseridos, né? A tendência é que a escola permaneça com educação integral. Nós começamos a nossa formação desde o ano passado (15:55), por volta de setembro, outubro, do ano passado, nós começamos nossa formação, e continuamos. Todas as quartas de manhã nós temos formação. Na verdade, a escola é dividida. A escola tem dezesseis professores, aí na terça-feira à tarde um grupo está em sala de aula outro grupo está em formação. Aí, na quarta de manhã, o outro grupo que estava em formação na terça, está em sala de aula e os demais estão em formação. Eu faço parte do grupo que está em formação na terça-feira, na quarta, desculpa. Então, toda quarta de manhã, nós estamos em formação, terça e quarta... Quem é o idealizador dessa proposta de ensino integral em tempo integral, é o professor Pedro Demo. Então, nós começamos com a capacitação com ele. Primeiro, a gente começa estudando sobre a escola integral de tempo integral, sobre educar pela pesquisa, né? Porque, na verdade, nossa escola já era integral, mas não tinha essa metodologia voltada para a pesquisa, pra autonomia do aluno. Então, os estudos, no início, eles, consistiram é... sobre o educar pela pesquisa, como seria essa metodologia, né, como educar com a pesquisa, como avaliar com a pesquisa... Os estudos são voltados, até hoje, sobre como trabalhar com o aluno pra pesquisa, seja a metodologia, ou a avaliação. Agora mesmo nós estamos estudando a avaliação, sobre como avaliar o aluno, né, através da pesquisa. Mas a Secretaria vem até hoje, eles dão suporte. Agora, como eles estão levando a ideia do educar pela pesquisa para o Estado, né, elas estão ficando um pouquinho mais ausentes aqui, mas antes eles estavam todas as quartas-feiras. Eles participaram também das nossas formações. Participam até hoje. Nós temos que produzir textos, nós temos que escrever artigos, dentro do educar pela pesquisa, relatando a nossa experiência, principalmente dentro das nossas áreas. Cada semestre nós temos que entregar um artigo, falando sobre a pesquisa, sobre a nossa área, sobre a experiência, né? E esses artigos vão fazer parte de um livro do professor Pedro Demo. É um caminho científico também... Os professores estão voltados para a pesquisa. Nós também temos que... Na verdade, é um aprendizado, né, tanto para o aluno quanto pra nós, é totalmente diferente. Nós estávamos acostumados com o ensino regular tradicional, então, pra estar inserido, a gente tem que pesquisar, tem que buscar, tem que conhecer, senão a gente não dá conta. Não damos conta mesmo. Olha, eu vejo muita evolução. Eu acho que as outras escolas também deveriam aderir, né? Pra muitas pessoas, a escola integral é vista como se fosse uma creche: “vamos depositar o nosso filho lá”, muitas mães pensam assim. E muitas pessoas também que não conhecem a realidade de educar pela pesquisa, mas o que eu vejo aqui é totalmente diferente, porque os nossos alunos têm aula de manhã, são quatro aulas de manhã e quatro à tarde, então eles estão o tempo todo aqui aprendendo, eles estão buscando conhecimento, então eu acho muito positivo. A nossa carga-horária, cada professor, né, ele fica integral na escola. Tem professores que têm a carga-horária maior ou têm a carga-horária menor que a gente... todos os professores têm o PL livre, né? Você tem uma tarde ou uma manhã para poder planejar na sua casa e, nas outras horas, você cumpre aqui na sala. Geralmente, os professores... acho que o professor que tem a menor carga-horária tem trinta e seis horas, mas ele não fica essas trinta e seis horas na sala de aula. Tem os momentos de PL, tempo para corrigir minhas atividades para elaborar meus planos de aula é... Eu sou lotada aqui na escola com quarenta e duas horas, dessas quarenta e duas horas eu tenho vinte horas em sala de aula, as outras vinte e duas é pré-PL, e pra planejamento, é pra formação. Então, o professor, nessa nova proposta, ele também tem uma carga-horária maior de planejamento, para capacitação, né? Então já é voltado para capacitação do professor e seus planejamentos, porque o professor não pode ficar lotado quarenta horas em

sala de aula, e o tempo para capacitação? Então, tem esse diferencial, essa nossa carga-horária é diferenciada do ensino regular. Nós temos um tempo maior pra planejamento, para formação, para capacitação. No início do ano fizemos também algumas alterações no Projeto Político Pedagógico, porque antes ele não era voltado para a pesquisa. Parte de uma escola integral, mas não era voltado para o ensino com a pesquisa, então teve algumas alterações, pra ficar inserido nessa nova metodologia.

Caminhante 8

A educação integral eu vejo, de uma forma, a formação integral do indivíduo, sendo que ele vai ter um aparato tanto da formação quanto na questão das condições pra que ele consiga se desenvolver. E, assim, é um caminho, sabe, que tá começando agora e, ao mesmo tempo, ainda tem muita coisa pra se conseguir, pra se alcançar, né, pra gente ver se isso vai chegar realmente no que a gente precisa, entendeu, que o objetivo é a aprendizagem. A educação integral aqui começou há mais ou menos sete anos, como integral, né? E ela veio por meio de uma outra diretora que nós tínhamos aqui e veio cheio de perspectivas, né, de condições, de assim, de realmente realçar aos olhos, mas, na realidade, tudo que foi prometido nós, infelizmente, né? Agora, a gente não sabe se foi é... em relação as condições, né? A gente não sabe se foi uma coisa que foi mal-entendida realmente, né? Mas o que a gente espera é que a formação dos alunos, a aprendizagem, que é o objetivo, seja realmente é... conquistado, mesmo que esse tempo seja ainda no início. Mas, assim, há mais ou menos sete anos... agora, que é o educar pela pesquisa, é diferente, tá? Antes era só ensino integral em tempo integral, agora é tempo integral com o... a ênfase no educar pela pesquisa. Esse é o projeto. Antes era escola integral em tempo integral, só. Mas, assim, os dois se encaixam em relação a questão do tempo, que é o tempo estendido do professor, do aluno, na escola. Só que as bases agora são diferentes, a metodologia, o método, é diferente. O educar pela pesquisa, as aulas não são aquelas tradicionais, né? O aluno vai buscar e vai atrás realmente do que é problematizado em sala de aula, mas o professor pode, e deve, fazer as suas explicações é... como é que eu posso dizer? As suas intervenções no momento que achar necessário. Já há um tempo atrás, o ensino integral era só o tempo integral, mas eram as aulas tradicionais, aulas expositivas, né? Não que agora você não tenha esse tempo. Você pode, e deve explicar quando for necessário, quando você perceber que a intervenção ali vai ser necessária. Em relação a metodologia do educar pela pesquisa, é algo, assim, muito novo pra gente ainda. Nós estamos ainda na formação, nós estamos fazendo curso, né? É novo tanto para os professores quanto para os alunos. E esse método é... o foco é a busca pelo conhecimento. Ai o aluno vai atrás, vai pesquisar, o professor vai problematizar uma situação. O aluno também vai ver como ele enxerga aquilo ali e como é que ele pode intervir numa determinada situação. O nosso método agora, quer dizer, a nossa metodologia de planejamento, ela mudou totalmente. Ele é um planejamento descritivo, nós temos uma outra é... uma outra parte do sistema que nós entramos agora, para poder disponibilizar. Ele é totalmente descritivo, não é igual era anteriormente, que era mais reduzido, agora é mais descritivo, mais detalhado. Há uma interdisciplinaridade. Uma das questões, assim, que a gente coloca em foco, é a interdisciplinaridade. Por quê? Porque aí você soma conhecimento, soma o conhecimento e a gente conversa entre as disciplinas a gente não deixa

uma coisa, assim, sabe, é só essa disciplina, não tem a ver, não, a gente quer somar o conhecimento. E, aí, os alunos também... os estudantes começam a perceber que existe essa interligação entre as disciplinas. Agora a gente não chama mais de aula, a gente chama de tempos de estudo, só muda a nomenclatura e... mudou a nomenclatura, mudou o modo também, a metodologia. Aí o aluno vai pesquisar e, ao mesmo tempo, o professor está junto. Se você tem uma atividade interdisciplinar, pode fazer junto com seu colega professor, pode fazer essa interdisciplinaridade de modo presencial, sim, mas também não são em todos os tempos de estudo, tá? Isso aí vai da necessidade de você ter essa interdisciplinaridade. Essa mudança é uma mudança bem brusca, né? Pra quem estava acostumado há um tempo bem grande em escola tradicional, essa mudança foi, assim, rápida, brusca, mas nós sabemos que os resultados a gente só vai ver daqui um tempinho. A gente precisa de tempo pra poder observar os resultados. Tanto para os professores quanto para os discentes é bem... tá sendo bem, assim, bem diferente. Nós estamos fazendo adaptações pra ver se a gente... e a gente quer realmente, né, alcançar o nosso objetivo maior, que é a aprendizagem, o aprender, a busca pelo conhecimento, fazer com que o indivíduo tenha uma autonomia, que ele busque que ele aprenda, que ele tenha gosto por buscar. Com relação aos professores, as indagações, as percepções, isso é natural, cada um vai se... vai expondo naturalmente, mas os alunos cada um tá recebendo de uma forma é... positiva. Não sabemos, porque é algo novo, né? Não sabemos ainda, exatamente, o resultado que a gente vai alcançar. Como o aluno é avaliado, na maioria das vezes, pela produção textual, nós percebemos que alguns melhoram bem em relação a produção textual. Hoje eles conseguem, alguns, né, conseguem fazer uma introdução, desenvolver um texto dissertativo, conseguem colocar lá uma intervenção na conclusão, mas não são todos. Mas isso aí leva tempo, porque pra você aprender o que é escrever leva tempo. Você tem que gostar de ler, você tem que aprender uma série é... são várias áreas ali pra você conseguir adequadamente fazer um texto. Um texto de forma adequada, que seja claro, que tenha coerência, tenha coesão... é um trabalho pra ser analisado ao longo do tempo, pra gente conseguir, né, realmente perceber quais são os resultados. Hoje nós não sabemos ainda, porque é muito recente. O educar pela pesquisa é muito recente, não tem nem um ano nessa escola. Com relação à avaliação, a prova tradicional, que é aquela prova que o aluno responde as questões ou, então, marca elas objetivamente, não temos mais. A produção do aluno, o aluno ele é avaliado pela produção textual e pela produção no dia a dia. Como é que ele... se ele é um aluno que participa, se ele se interessa, se o professor faz algumas indagações e percebe se ele tá compreendendo o que tá lendo, né? E, assim, por ele tá fazendo a pesquisa, isso não tem nenhum impedimento em relação a perguntar para o professor, ao professor explicar um sistema que é mais complexo pra explicar, entendeu? Não impede. Mas é que a metodologia, realmente é totalmente diferente. A produção textual deles é o instrumento de avaliação. Eles fazem textos individualmente, de acordo com a problematização realizada. Esses textos são avaliados e são, assim, são textos que vão sendo feitos é... de forma com que o aluno venha a melhorar sua produção. Não é só ele entregar o texto e acabou ali, não. Cada mês ou cada bimestre são feitas produções textuais e aí o professor entrega a primeira versão que o aluno fez, que o estudante fez, né, e aí, depois o aluno recebe aquela produção, vai ver ali quais foram as observações feitas pelo professor, né, as orientações e ele vai refazer essa produção. Isso em todas as áreas, não fica restrito à Língua Portuguesa, nem a Literatura, são todas as disciplinas. Esse texto, ele, geralmente, tem um tema em comum. Por exemplo, se foi lançado “A matemática no Mundo”, todas as disciplinas vão contextualizar a Matemática ali em seus conteúdos, entendeu? E de alguma forma, em algum momento ali no bimestre, vai ser realizada essa produção textual. Depois ela é arquivada na escola, no arquivo da escola, e, aí, é pontuado.

Não só a produção, mas como o aluno participa dos tempos de estudo. Mas essa produção tem uma base, tem uma... é como se fosse uma pontuação maior, né? Ele tem um peso maior nessa nota total que ele vai receber. Essas mudanças, ela é... vem de acordo com essas novas necessidades, né? Realmente, houve mudança inclusive no Projeto Político Pedagógico. Eu não sei te dizer exatamente quais foram, mas pelas reuniões, pelas formações, a gente sabe que houve, pra poder acompanhar essa nova metodologia. A mudança está em construção também, porque é tudo muito recente, né? Aí, as observações vão sendo feitas, pra depois poder ter uma fusão aí. Tivemos também uma formação para o educar pela pesquisa em tempo integral, que começou esse ano. Começamos a formação no ano passado, no ano de 2015, e essa formação ela se dá a distância, nós fazemos um curso e a plataforma utilizada é o Moodle. Só que nós não terminamos ainda, nós não terminamos essa formação. Na inicial, o pessoal da Secretaria veio até a escola e explicaram como que funciona a plataforma, conversaram um pouquinho com a gente e, aí, deu-se o início do curso. Houve alguns encontros presenciais na própria escola, mas a maioria do curso é feito pela plataforma mesmo, online. Nós estamos em formação ainda e nós conversamos com ele diretamente, eles dão uma olhadinha nas atividades. Tem esse feedback. Educação integral é formar o indivíduo de forma integral, né, em um tempo também estendido. Na minha visão, formar um indivíduo de modo integral, não é só a questão de ele saber os conteúdos, e sim dele ter uma autonomia, de ele aprender a ser um indivíduo mais autônomo, dele aprender a buscar, porque, muitas vezes, nas nossas vidas, né, nós precisamos ter essa autonomia, de buscar, de não ficar esperando, momento de intervir, momento de você ficar é... você não ficar ali esperando, mas fazer as suas observações. Não que o conhecimento vai ser deixado de lado. O conhecimento é necessário, até porque eles vão enfrentar provas aí... eternas, então são duas coisas: ele tem que ter o conhecimento e ao mesmo tempo ele tem que ter esse gosto por buscar o conhecimento. São os dois lados, caminham juntos. Um completa o outro, com certeza.

Caminhante 9

Nessa instituição eu sou professora há 2 anos. Meu 1º ano foi como professora de espanhol e agora, nesse segundo ano, eu comecei como professora de espanhol e fui designada para a função de coordenação. Só que eu sou professora há 6 anos e a minha experiência em educação integral começou no ano passado, no modelo de Ensino Médio Inovador, é o nome do projeto que o estado implantava nessa instituição, que funcionava assim: no período integral os alunos tinham aulas do currículo comum e à tarde eles tinham oficinas de complementação e de outros temas. Eles se inscreviam nas oficinas e essas oficinas aconteciam à tarde. Eu trabalhava à tarde aqui, porque era um componente da grade comum que não cabia de manhã. Então, por isso, eu tinha contato com o Ensino Médio Inovador, esse projeto integral. Aí, esse ano é outra experiência, porque é outro projeto. É o projeto educação integral em tempo integral, que são todas as disciplinas o tempo inteiro, estendidas pelo dia inteiro. A escola inteira é, as turmas de fundamental e médio. Nós temos um oitavo e dois nonos e aí dois primeiros, um segundo e um terceiro, são sete turmas. Toda a escola é integral. É uma experiência boa, bastante boa, embora seja cansativo. A jornada é das 8, e nós entramos às 8:00 horas até as 4:00 horas. Nós almoçamos aqui, né, então isso torna cansativo. Eu, pessoalmente, não estava acostumada a almoçar no ambiente de trabalho eu ia para casa, e eu sinto que isso me cansou e cansou os

alunos, entendeu? É mais puxado. Em contrapartida, eu acho que é mais produtivo para eles, embora seja mais trabalhoso. O professor, agora tem mais contato com os alunos, ele está mais próximo dos alunos. O caso da nossa escola é específico, porque nós temos só 180 alunos e você ficar o dia inteiro com esses 180 alunos, você cria uma proximidade maior. Então, eu acho que esse sistema de distribuição de carga horária, fez com que os professores tivessem mais próximos dos alunos. Então, assim, cria-se um vínculo com os alunos, você conhece todos os alunos da escola, você tem autonomia, você tem uma certa..., como eu posso dizer, mobilidade aqui. Você sabe onde todo mundo está, se o aluno enrolou ou não enrolou, se o aluno está bem ou não está bem..., o professor tem esse domínio maior, se a gente comparar com outras instituições que trabalham com 500 crianças por turno. Então, eu acho que dessa forma teve uma aproximação. A rotina de trabalho do professor aumentou, a carga horária aumentou, os planejamentos agora são descritivos, né? Eles precisam apresentar todos os procedimentos, não só o conteúdo que o professor vai trabalhar, todo o procedimento didático tem que estar no planejamento (4:04). E isso tornou-se uma carga maior de trabalho para o professor. Então ele sentiu esse impacto, essa mudança, né? É visível, é notável que, no discurso deles, eles estão o tempo todo inteiro recorrendo ao cansaço, ao trabalho, a pressão, embora seja um ambiente confortável de trabalho, porque agora ele tem apenas 180 alunos, se ele trabalhava do fundamental ao médio, quando a realidade em outras escolas é outra. Mas o que mudou? O sistema. Como a forma mudou, isto é, o dia inteiro, isso envolve mais planejamento, isso envolve mais cuidado..., o professor se sente mais é..., ele sente que é mais trabalhoso que antes, né? Para o planejamento, ele tem tempo dentro da escola e fora da escola, tem tempo para cumprir aqui e fora. A gente tem um modelo de planejamento. Nós temos um modelo de planejamento da escola, que é descritivo, que é normativo. Ela orienta como esse planejamento acontece. Então ele é um documento, na verdade. Realmente, o modelo de planejamento mudou, nós não usamos mais o modelo disponível no sistema, porque o planejamento disponível no sistema, tem as caixas de texto pequenas, que não comportam a descrição que os professores fazem. Então é feito no Word, é postado no ambiente virtual, que é o modelo das escolas integrais, mas antes nós tínhamos um e-mail coletivo e aí, a gente postava lá. Então, a gente tem esse modelo de planejamento, que realmente é diferente, né, uma coisa diferente assim. (6:31) A rotina da escola é assim: de segunda a quinta, não, de segunda a sexta de manhã, sempre nós temos as atividades do currículo da base comum, o currículo normal, elas são estendidas então. Tem um documento publicado esse ano que regulamenta toda a carga-horária dessas escolas integrais e distribui essa carga-horária que é aumentada. Então, nós trabalhamos em cima dessa distribuição. Na quinta-feira à tarde, nós temos uma orientação de estudos, que funciona como? Todos os professores trabalham o mesmo tempo na escola, com turmas reduzidas e multisseriadas de alunos que precisam de algum apoio diferenciado, seja no sentido de avançar os estudos, seja no sentido de revisar os estudos. Então, nós temos 16 espaços, os 16 professores trabalham com turmas de 12 alunos. Ora eles escolhem, ora eu seleciono, depois deles terem feito uma triagem, né? Os professores fizeram uma triagem, classificaram..., classificaram, não, mas, assim, analisaram cada aluno dentro de parâmetros e aí, as turmas, tá? Não necessariamente nós teremos uma turma só de alunos com alta habilidade, não, mas o professor sabe naquela turma quem tem dificuldade, quem não tem dificuldade. É claro que a gente tenta agrupar o aluno naquilo que ele tem mais dificuldade, ainda naquilo que ele tem mais dificuldade, ainda que ele tenha habilidade em alguma coisa, ele tem dificuldade em outras, né? Então, a orientação de estudo é pra isso. No primeiro semestre não aconteceu assim. No primeiro semestre foram desenvolvidos projetos de pesquisa de demonstrações experimentais e foram feitas duas feiras. Uma com as pesquisas feitas até aquele primeiro

momento, que foi no mês de maio, em comemoração do aniversário do patrono da escola, e outra em junho, que foi uma feira de experimentos, só da área de ciências, e os alunos desenvolveram esses estudos e apresentaram na feira. Agora, nesse segundo semestre, que a gente tá fazendo um trabalho mais sistematizado, com atividades multisseriadas. Futuramente, a intenção é fazer com que os alunos escolham, né, quando que é o professor, qual que é a..., o grupo de estudo que ele quer participar. É o que a gente vai tentar fazer no 4º bimestre. Na sexta à tarde é também um dia diferente dos demais, porque os alunos têm aulas, tempos de estudo normal, na manhã, e à tarde eles têm as atividades do centro de interesses, que são disponibilizados pela mais educação na escola. Então, tem dança, tem violão, tem futsal, tem inglês, tem informática..., os alunos escolhem as disciplinas que eles vão fazer e eles fazem. Quer dizer, é uma opção escolher, mas não é uma opção não escolher. Isso faz parte da grade da escola, né, ele tem que tá em duas disciplinas no centro de interesse. E aí, nesse momento que todos os alunos estão com os funcionários do Mais Educação, os colaboradores, os professores estão fazendo planejamento coletivo, que é a nossa reunião de sexta à tarde, quando todos os professores estão na escola. E ali são decididas coisas, são feitos documentos, são discutidos vários temas de ordem geral da escola. A princípio, o que o grupo responsável pela implantação do projeto propôs, que é o GEST, o GEST é a sigla do grupo responsável por esse projeto na secretaria. Eles propuseram, né, a metodologia do educar pela pesquisa, do Prof. Pedro Demo, que é uma coisa que já vem sendo divulgada nas formações continuadas da escola da rede, desde a mudança do governador. Então, assim essas escolas agora, que tem esse projeto, estão aplicando essas propostas. Então, metodologicamente, o caminho é pela pesquisa, seja em livro, seja pela internet, seja pesquisa de campo, qualitativas, é assim que ele vai chegar ao conhecimento. E o professor, a princípio, vai orientando essas pesquisas – análise. Isso não prescinde o estudo sistematizado. Quer dizer, há o estudo sistematizado. Há o momento de parar, resolver exercícios, né, de ler, mas também tem esse caminho que é a pesquisa. A organização sistemática continua igual à da rede. Então, o professor tem a mesma distribuição de carga-horária. O que acontece é que para a educação integral, que também a resolução prevê, é que não terão aulas quebradas. O professor ter, no mínimo..., a não ser aquele professor que tem carga-horária ímpar, por exemplo três aulas. Tirando esse professor, o restante todo vai trabalhar com tempos de estudo duplicados: dois tempos de matemática, dois tempos de..., casos raros de ter um tempo, porque o professor tem a carga-horária ímpar, já pra que o raciocínio possa ser desenvolvido com mais tempo e com mais folga, porque um tempo de estudo não seria suficiente pra fazer todas as atividades dentro dessa metodologia. Então, a gente tem essa mudança de organização, assim. Os professores, no planejamento coletivo, eles dialogam entre eles sobre quais temas eles estão trabalhando, as áreas afins. Quais temas eles estão trabalhando, se eles podem ou não, cruzar alguma aula ou trabalho. E a gente também trabalha com temas, né, os nossos planejamentos foram temáticos. Então, no primeiro bimestre o nosso tema foi identidade e aí a gente vai trabalhando nessa propensão temática, então todos os planejamentos tentam convergir pra esse tema. Nem sempre é possível. Tem ali um referencial, conteúdos que não se encaixam na temática, e não tem problema, o professor vai trabalhar do mesmo jeito. Agora, aqueles que se encaixam tentam sempre alavancar com o tema daquele bimestre, de forma que, se você analisar todos os planejamentos, eles vão falar sobre a mesma problemática, ainda que cada um tenha um direcionamento diferente. Aí, eu não sei se já pensando nisso já seria o nível da interdisciplinaridade. Dentro dessa proposta do educar pela pesquisa, os professores começaram a estudar a APP, né, que é a Aprendizagem Pela Problematização, então nós estudamos esses textos, porque os professores têm formações continuadas semanais. Então, nós temos dois grupos de estudo e esses dois grupos estudam os mesmos textos e a discussão

vai para estudar essa questão da avaliação da Hoffmann, e assim os textos vão surgindo. Ora os próprios professores estão sugerindo, ora a coordenação seleciona, disponibiliza via e-mail, e aí o professor tem esses quatro tempos durante a semana pra sentar, ler e discutir. A princípio, o GEST, no primeiro semestre, ele sempre sugeria as leituras, agora não. Agora a gente tá com abertura pra decidir, esse textos, ou a coordenação decide ou os professores também colaboram. A formação inicial aconteceu no ano passado, na verdade. A formação vem desde o ano passado, pelo ambiente virtual Moodle, da SED. Então a gente teve uma formação do educar pela pesquisa, aonde tinham todos esses textos. O primeiro modulo eram os textos do professor Pedro Demo sobre a proposta, depois nós estudamos os dois caminhos, que foi a problematização para a aprendizagem, os passos de Berbel também. Estudamos os textos, e, aí, ela acabou, essa formação (16:40) acabou. Aí, essa formação foi incorporada na carga horária do professor, dos tempos de estudo aqui e aqui a gente começou a estudar a primeira sugestão e agora a selecionar o que vai ser estudado. Com relação aos alunos, o que eu analisei foi o seguinte: primeiro, o impacto do discurso midiático, porque a grande influência do primeiro semestre foi o que a mídia dizia e veiculava do que iria ser a escola integral. Esse foi o primeiro impacto. Então, eles chegaram já com uma ideia formada, do que seria, antes da escola começar. Então esse foi o primeiro impacto. E esse, eu acredito, que tenha sido o maior impacto, o enfrentamento. Do professor ter que argumentar, que se justificar e ter de certa forma, que colocar no discurso dele o quão importante é o projeto ou que o aluno não vai ter a prova, mas ele vai ter que ter os trabalhos, ele tem que cumprir com todas as etapas. O imaginário, do que era veiculado, era que a escola não ia ter prova a escola era uma escola sem prova, era uma escola que não reprovava, era uma escola que não ia ter aula e..., o gênero 'aula', como nós conhecemos, né? E, aí, os alunos chegaram com essa ideia e isso é..., quase, assim, deslizou pra anarquia, né? Eles quase acharam que fosse ser uma anarquia, porque isso fazia com que, no primeiro momento, com que eles dessem tanta atenção, eles não sentissem tão responsáveis, eles achassem que iam ter qualquer nota, que as notas iam ser boas só por eles fazerem qualquer tipo de trabalho, que eles não iriam ter tanto trabalho assim..., então, esse primeiro bimestre, esse segundo bimestre, de convencimento, de que não era assim, não funcionava dessa forma. O fato de não ter aula significa que não tem aquele padrão de aula antigo, mas que tem os tempos de estudo, que tem os trabalhos, que, uma vez não feitos os trabalhos, a nota cai, os professores partem de critérios..., então, isso foi o mais difícil, isso foi o mais difícil: convencê-los de que a escola não era como eles conheciam antes, embora fosse uma escola, fosse uma instituição de formação. Esse foi, assim, eu acho, um dos maiores desafios. Houve aluno que não se adaptou. Principalmente, por causa do tempo que passa na instituição e pela quantidade de coisas que eles precisam fazer. Eles não têm trabalhos pra casa, né, assim, de hoje pra amanhã. Pode ser que algum professor passe alguma coisa pra quinze dias, que ai eles possam desenvolver alguma coisa no final de semana. Como eles passam o dia inteiro aqui, eles não têm essa tarefa, né, esse conceito de tarefa, porque tudo é feito aqui. Mas a quantidade de atividades que eles precisam desenvolver aqui é grande, né, e, aí, muitos alunos..., muitos alunos, não, eu posso dizer que uns 3% dos alunos que evadiram eles evadiram porque não se adaptaram à escola integral, mas por razão de não ter feito parte do sistema integral no ano anterior, então não estava acostumado com estar o dia inteiro na escola ou não estava acostumado com a quantidade de trabalho..., por essas duas razões. Mas, um dos aspectos que o outro coordenador constatou foi o seguinte: no ano passado, o índice de evasão (21:42) no segundo semestre, com o modelo integral anterior, foi muito maior que o desse ano. Os alunos não evadiram. Houve um começo de evasão no começo, e que não permaneceu agora, pelo contrário, esse ano nós recebemos alunos novos. Ele comparou e observou que agora nós

recebemos mais alunos no segundo semestre do que no ano anterior. Pela vigência da escola, pela primeira vez os professores têm como preocupar-se se o aluno está aprendendo ou não e encontram meios efetivos (tempo, opções de trabalho) para que possam melhorar. Porque, na realidade, numa escola com 180 alunos, se tem um aluno com dificuldade tem como dar uma atenção especial pra ele, tem como fazer algo especial. Principalmente nessa realidade que o professor fica aqui o dia inteiro, ele é integral da escola, porque o professor também não divide carga-horária em outras escolas. Na realidade anterior, que nós vivíamos, não tinha como, porque o professor dava 40 horas em quatro escolas, cinco escolas, porque ele tinha 500 alunos. Então, por mais que ele diagnosticasse o problema, ele conseguisse diagnosticar o problema em cada turma, era difícil pra ele lidar com esse volume de alunos, com esse volume de pessoas. Então, aqui não. Aqui, se ele tem um problema por turno, se ele tem alunos com dificuldades (vamos colocar 15 alunos, 20 alunos), ele tem como trabalhar na orientação de estudos, ele pode formar uma turma só com alunos que ele perceba que tem dificuldade, naquilo que tem dificuldade. Então, é, de certa forma, é um trabalho, mais especializado, que rende, que rende. O que acontece, é que nós não podemos comparar os resultados a curto prazo. É o primeiro ano do projeto, e nós recebemos um público aqui que veio de uma rede municipal com dificuldades, então é complicado a gente mensurar isso esse ano. É uma opinião minha. Mas observando do os alunos, observando a aprendizagem deles..., os alunos são os mesmos, os problemas são os mesmos, o que acontece é que agora nós temos mais possibilidade de trabalho. Nós temos os mesmos problemas, nós lidamos com os mesmos problemas, mas agora nós temos espaço, parece que fôlego, pra lidar com eles. O professor não tem que correr de escola em escola, em outra, em outra, em outra..., ter que corrigir 200 provas, avaliações, pra entregar naquele bimestre, quer dizer, não dá tempo, é muita gente, é muita coisa. Uma coisa assim por atacado mesmo, então o processo de aprendizagem fica difícil. Mas a avaliação tem quantificação, há notas, nós temos os trabalhos, nós temos as atividades..., os instrumentos são os mesmos. Acontece, que a prova não é o único fim da avaliação, né? Pode ter uma lista de exercício como parte? Pode. Porque nós temos disciplinas que no cerne dela está o cálculo. Não tem como avaliar por outro meio, não tem como não ter como parte da avaliação o cálculo. Só que nós temos os trabalhos. Nós trabalhamos com o portfólio. Então, aqueles trabalhos principais, os professores arquivam no portfólio e eles dão uma nota a partir de critérios que eles estabelecem, né? Eles estabelecem critérios, eles organizam a nota deles, o cálculo da nota deles, e, aí, eles geram, calculam e isso tem uma nota, uma quantidade. Pode ser, por exemplo, relatório de aula prática, atividades no caderno de pesquisa, registro de pesquisa..., o professor pode atribuir ali uma quantidade pra cada um e aquilo somar e ter uma nota. O portfólio é por aluno. Na sala dos professores nós temos um arquivo e, aí, com aquelas pastas de arquivo vivo..., cada pasta é um aluno. Dentro daquela pasta nós temos todas as atividades, as principais. Geralmente, o que vai ser arquivado são as atividades finais ou as principais atividades. E, aí, fica muito claro também. O método do portfólio como avaliação fica muito claro, porque você atende um pai que quer saber como que o aluno tá, basta pegar o portfólio do aluno e o portfólio de um aluno que faz a maioria das atividades. E é perceptível. O aluno que faz do aluno que não faz. É algo comprovatório, sabe? Não tem..., Não tem como não entender um 4 e um 8 quando você olha o portfólio, porque ali estão os principais registros. Se aquele aluno esteve no mesmo tempo de estudo que o outro e não tem os mesmos registros, é porque ele não fez os trabalhos, né? Tem um instrumento físico que comprova as notas. E, assim outro dado também. No ano passado nós tínhamos problemas também, porque as mães vinham falar se o filho tinha tirado, reclamar, se o filho tinha tirado tal nota ou tal nota, né, que não deveria ter sido assim... Então, a gente atendeu alguns casos de mães questionando a nota, e, aí, aquela nota era, inclusive alterada,

dependendo..., Esse ano nós não recebemos esses casos. Não há questionamento. E o pai, que vem e pergunta sobre o aluno, toda vez nós mostramos o portfólio com uma comparação de um aluno que faz e do filho, sabe? Então a gente mostra, e isso neutralizou os problemas. Por mais que o aluno receba a nota baixa, 4, nota baixa, os pais eles não reivindicam isso, e os próprios alunos não reivindicam, não acham injusto aquilo, porque fica tudo arquivado. Para o professor, para a avaliação do professor, nós temos dois casos. Nós temos tanto o que vai pra mesma disciplina o mesmo trabalho, como, apesar do trabalho interdisciplinar que ocorreu, o diálogo entre as disciplinas, dois professores trabalhando juntos no mesmo tempo de estudo, fazem trabalhos diferentes. Tem essas duas realidades, e elas concorreram normalmente, respeitando especialidades, né? Quando pode agrupar, agrupa-se. Quando não, não agrupa-se. Já aconteceu também de trabalhos diferentes, de disciplinas diferentes, porém o mesmo portfólio, entendeu? O mesmo registro, já aconteceu também. Eu faço uma parte do meu trabalho final da disciplina de Espanhol e parte do meu trabalho final da disciplina de História. Os dois professores corrigem separadamente, mas eles fazem parte do mesmo trabalho. Eu já tive também essa experiência. Aí, tem o Projeto Político Pedagógico da escola. Ele é o seguinte: existe o mesmo do ano passado, não sei se está atualizado no site da escola, e nós temos o desse ano. O que aconteceu com o desse ano? Houve troca de direção. No primeiro semestre nós tivemos uma diretora pró-tempo e agora nós estamos com outras, que foi eleita neste ínterim. Então, eu acredito que o Projeto Político Pedagógico ainda vai mudar muito. Porque muitas das atividades que estão no Projeto Político Pedagógico revisto pela antiga diretora não... não acontecem mais, e muitas das coisas que acontecem não estão registradas no Projeto Político Pedagógico da Escola..., Apesar da nomenclatura “Educação Integral” estar lá, entendeu? Algumas das coisas que não são descritas, por exemplo, são as oficinas do Mais Educação, que é o Centro de Interesses. Outra coisa, as Orientações de Estudo não estão inseridas lá. O modelo de planejamento que foi criado depois dessa revisão, também não está lá. Por quê? Porque a escrita do Projeto Político Pedagógico foi antes do início das atividades. Depois que se iniciaram as atividades, muita coisa caminhou. Então, eu acredito que a próxima versão estará muito mais atualizada. Mas, de qualquer forma, nós temos o de 2016, mas acredito que terá uma mudança bastante volumosa pra 2017. Mas, sabe, a minha visão de educação integral é a seguinte: primeiro, é uma oportunidade nova. E, nessa oportunidade, a gente começa a enxergar chances que realmente as escolas mudem. Mudem, não porque têm outros professores, não porque têm outros alunos, não porque têm agora um laboratório super bem equipado, não porque têm muitas quadras e muito espaços, não, mas porque a forma e a qualidade das pessoas que estão na escola mudou. Eu acho que essa é a mudança. Eu continuaria como professora, estou na coordenação porque existiu a necessidade de uma coordenação nessa escola integral, e, aí, eu era uma das únicas professoras concursadas que poderia ocupar essa vaga. Mas eu não gostaria de estar na coordenação da escola, eu gostaria de estar dando aula. Então, o que eu posso falar é isso, dentro da minha visão. Os alunos também têm uma concepção de educação integral, com certeza. Eu acho que agora existe uma escola com algo trabalhoso e eles sabem que isso exige deles recursos que eles precisam mobilizar: atenção, paciência, leitura, concentração...uma ideia de escola que eu acredito que eles não tinham antes. Talvez seria bom entrevistar um aluno, pesquisar essa questão de como aconteceu essa transformação desse conceito de escola (35:52). O que era escola pra ele. O que que ele acreditava que ia ter? O que que ele tem agora? Nas palavras deles. Mas, de uma maneira geral, o que mudou principalmente, é a ideia de trabalho. E escola, pra eles, agora, significa algo trabalhoso, que dá trabalho e eles entendem que exige deles certos recursos. Ainda que eles não deem conta disso. Mas eles sabem que exige deles essa competência. Competências diferentes, por exemplo, das que eu via que os alunos

relacionavam antes, que era decorar, que era memorizar as coisas, né, que era estudar só pra prova. Os pontos positivos dessa proposta de educação integral é: a filiação do professor à escola, o professor é da escola, ele não precisa procurar algo em outras escolas, porque houve expansão da carga horária. Isso é um ponto muito positivo. O trabalho com as produções dos alunos, a metodologia do portfólio é muito positivo. As atividades do Centro de Interesses renovaram a escola, a concepção de que educação é só..., é escolástica. É dança, é canto, ele é artístico, ela é iminentemente artística, ela pode ser também. A característica da escola...A escola tornou mais a cara da comunidade. Se você analisar essa escola integral..., ela tem outra vertente. E pontos negativos... Pontos negativos é...: a influência que o discurso mediático tem nos alunos, essa, como que eu posso dizer eles criam esse imaginário..., essa exploração desse senso comum, que ainda..., que ainda, não, que continuará influenciando a muitos. O fato dos alunos virem da educação municipal ainda com muitas falhas, com muitas lacunas. Assim, alunos que deveriam ter um nível e não tem esse nível na série. Você espera que ele tenha algumas habilidades, mas ele não tem. E isso invariavelmente, é oriundo do municipal. Conhecimentos básicos que eles precisam ter e, é uma pena... é uma pena que nem todos optem pela educação integral, porque ela ainda não é um caminho que todos podem cursar, porque a maioria dos jovens têm a necessidade de trabalhar no contraturno. A própria estrutura da família que opta que o aluno trabalhe, que não é ruim nem bom, mas muitos poderiam estar aqui e não estão, porque trabalham, porque enxergam no trabalho uma melhoria, algo seja melhor do que ficar o tempo inteiro na escola. A escola integral ainda não é opção dessa comunidade, então eu acho que isso é um pouco danoso. Porque se a gente olhar outra escola aqui perto da nossa, a quantidade de alunos é absurda. Nós poderíamos receber muito mais alunos aqui, da região, do que esta outra escola, e não recebemos porque é um tempo integral. Isso ainda não é uma opção das famílias, principalmente.

APÊNDICE 8: QUADROS EIXOS DE ANÁLISE ENTREVISTAS

I - Compreensão a respeito de educação integral

Identificação	Conteúdo	Essência	Categoria
<p style="text-align: center;">Caminhante 1</p>	<p>Não vejo que a escola normal tenha diferença da escola integral. Hoje já faz três anos e meio que eu saí, então, naquele momento, a escola que eu presenciei não tinha tanto essa diferença. Por quê? Era mais pra segurar o aluno lá das 7 até às 5 da tarde. Mas, lógico, escolas que têm algum... mais estrutura, tem até uma diferença, sim, porque tem várias atividades paralelas, né?</p> <p>-----</p> <p>Na minha concepção, o que que eu vejo na escola de tempo integral, necessitaria, sim, o projeto é interessante, é bacana, tem várias ideias boas, mas, primeiramente, o professor deveria tá lotado 40 horas.</p>	<p>Escola de educação integral não apresenta diferença da escola regular.</p> <p>-----</p> <p>Ideia de educação integral vinculada à extensão da jornada do professor e seu cumprimento de carga-horária em única escola.</p>	<p>Concepção de Educação Integral</p>
<p style="text-align: center;">Caminhante 2</p>	<p>[...]muita coisa assim que eu poderia te falar é de quanto essa educação integral é importante. Quanto que é importante tanto para a criança, que tá recebendo essa, essa... esse estímulo a mais, né, porque ela sai, no caso, ela tem um... o horário dela de manhã, né, com a professora regente, normal, né, naquela educação formal, e à tarde ela vem pra essa educação integral, que seriam as oficinas, é um complemento.</p>	<p>Qualidade da educação integral relacionada ao tempo integral, extensão da jornada escolar.</p>	<p>Concepção de Educação Integral</p>

<p>Caminhante 3</p>	<p>[...] o Programa do... da... do Mais Educação, de integral, no papel o projeto é muito lindo, né, mas ainda tem suas falhas, porque a gente começou o ano sem a merenda, a criança não pode ficar na escola sem almoço, então taria indo pra casa e voltando, né?</p>	<p>Educação integral relacionada ao conceito do Programa Mais Educação: extensão da jornada escolar e estrutura para atendimento ao aluno no tempo de permanência na escola.</p>	<p>Concepção de Educação Integral</p>
<p>Caminhante 4</p>	<p>[...] a concepção que eu tinha de... vou começar pelo que eu tinha, né? A gente entende por escola de tempo integral aquela que o aluno ia para ficar o dia inteiro e... eu entendia assim, como os modelos que a gente tinha antes, que ele ficava de manhã, que tinha as disciplinas normais e à tarde ele teria outras atividades, né? Que fosse esporte, né? Algo que desenvolvesse a habilidade específica dele.</p> <p>-----</p> <p>Como eu disse antes, antes eu achava que educação integral era aquela que mantinha o aluno o dia inteiro na escola. Hoje eu vejo que a educação integral ela depende um pouco do tempo que ele passa aqui. O importante é que o aprendizado dele seja integral, né, que ele tenha essa condição de... de perceber que esse aprendizado dele é concreto. Eu vejo que a integralidade ela tá mais no aprendizado, independente se ele passa aqui quatro ou oito horas. Isso fica quase a cargo de uma questão burocrática, né? Integral tem que ser o conhecimento. A educação integral tem que proporcionar um conhecimento integral. Eu tenho que saber que vi isso e que isso é útil pra minha vida. Não tenho que continuar pensando que eu vou, sei lá, vou achar o valor do <u>X</u> porque o professor quer que eu ache. Tenho que perceber onde isso vai influenciar na minha vida. Aí eu considero que seria uma educação integral. A questão do</p>	<p>Ideia de educação integral relacionada ao tempo integral, extensão da jornada escolar.</p> <p>-----</p> <p>Educação integral: qualidade da aprendizagem relacionada ao tempo de permanência do aluno na escola, mas não necessariamente.</p>	<p>Concepção de Educação Integral</p>

	tempo é só, vamos dizer..., sei lá, uma mera burocracia.		
Caminhante 5	[...]pra mim, a educação integral é aquela que contempla o conhecimento do aluno, né, através dele sendo sujeito da aprendizagem.	Educação integral relacionada à aprendizagem constituída por meio de um sujeito ativo, não passivo.	Concepção de Educação Integral
Caminhante 6	<p>Bom, educação... educação numa escola integral, eu vejo de duas formas. Eu vejo como educação integral ou ainda só escola integral, tá? Essas são as duas concepções que eu tenho pra mim, assim. Porque na escola integral eu vejo que o aluno ele permanece na escola em um dos turnos e no contraturno, de repente, ele vai fazer outro tipo de atividade ou continua o mesmo método que ele começou no turno anterior, né? Agora, de ensino integral, eu vejo outras, que há outras possibilidades assim, de você trabalhar outras metodologias, é... não ser só um contraturno só pra distrair o aluno, mas um estudo que você complete o dia dele de estudo, né, com diferentes metodologias ou alguma coisa do tipo. Então, essa é a diferenciação que eu faço das escolas integrais.</p> <p>-----</p> <p>[...] eu acho que a escola integral acho que é... ela sabendo... porque você tem hoje o Mais Educação, que você tem uma modalidade de estudo normal de manhã, por exemplo, e à tarde você tem que fazer atividades extras, não vejo, assim, uma escola legal pra ser integral. Eu acho que tem que aproveitar, que o aluno está aqui na escola, e fazer um trabalho, que não seja desgastante, mas que o aluno esteja o tempo todo é... integrado naquele... dentro daquele... inserido no</p>	<p>Diferença entre educação integral e escola integral. A primeira está relacionada ao conhecimento, à qualidade da aprendizagem. A segunda está relacionada ao tempo, à extensão da jornada escolar desprovida de qualidade.</p> <p>-----</p> <p>Educação integral relacionada ao Programa Mais Educação, entendida como desprovida de qualidade. O tempo de permanência na escola deve contribuir para a qualidade do aprendizado.</p>	Concepção de Educação Integral

	<p>conteúdo, porque ele tem que aprender.</p> <p>Precisamos que os alunos se interessem mais, que fiquem mais dentro da escola e aprendam mais, que o tempo seja otimizado pra isso tudo né? Eu acho que essa é a tendência, acho que tem que ser assim, acho que escola de meio período, assim, é...eu acho que não é suficiente pra aprendizagem, o tempo é muito curto. Na verdade, na escola assim você tem o primeiro tempo que você, praticamente você perde um bom tempo para dar aula. No último tempo você perde também. Então, é muito pouco. Então, eu acho que no integral...essa é a ideia. Mas acho que o integral por ser integral não resolve.</p>		
Caminhante 7	<p>Pra muitas pessoas, a escola integral é vista como se fosse uma creche: “vamos depositar o nosso filho lá”, muitas mães pensam assim. E muitas pessoas também que não conhecem a realidade de educar pela pesquisa, mas o que eu vejo aqui é totalmente diferente, porque os nossos alunos têm aula de manhã, são quatro aulas de manhã e quatro à tarde, então eles estão o tempo todo aqui aprendendo, eles estão buscando conhecimento, então eu acho muito positivo.</p>	<p>Educação integral não é aquela desenvolvida em tempo integral somente para manter o aluno na escola, como depósito, mas a que contém uma metodologia que favorece a pesquisa e, conseqüentemente, a autonomia do aluno em busca do conhecimento.</p>	<p>Concepção de Educação Integral</p>
Caminhante 8	<p>A educação integral, eu vejo de uma forma, a formação integral do indivíduo, sendo que ele vai ter um aparato tanto da formação quanto na questão das condições pra que ele consiga se desenvolver. E, assim, é um caminho, sabe, que tá começando agora e, ao mesmo tempo, ainda tem muita coisa pra se conseguir, pra se alcançar, né, pra gente ver se isso vai chegar</p>	<p>Educação integral é a que proporciona a formação integral, que objetiva a autonomia e aprendizagem.</p>	<p>Concepção de Educação Integral</p>

	realmente no que a gente precisa, entendeu, que o objetivo é a aprendizagem.		
	Educação integral é formar o indivíduo de forma integral, né, em um tempo também estendido. Na minha visão, formar um indivíduo de modo integral, não é só a questão de ele saber os conteúdos, e sim dele ter uma autonomia, de ele aprender a ser um indivíduo mais autônomo, dele aprender a buscar.		
Caminhante 9	Mas, sabe, a minha visão de educação integral é a seguinte: primeiro, é uma oportunidade nova. E, nessa oportunidade, a gente começa a enxergar chances que realmente as escolas mudem. Mudem, não porque têm outros professores, não porque têm outros alunos, não porque têm agora um laboratório super bem equipado, não porque têm muitas quadras e muito espaços, não, mas porque a forma e a qualidade das pessoas que estão na escola mudou. Eu acho que essa é a mudança.	Educação integral é uma oportunidade “nova”, de mudança da “velha” escola, porque proporciona qualidade aos sujeitos que participam dela.	Concepção de Educação Integral

II – Experiência/vivência em escola de educação integral

Identificação	Conteúdo	Essência	Categoria
<p>Caminhante 1</p>	<p>No início foi meio estranho, porque a escola não tinha infraestrutura pra uma escola de tempo integral, então, não sei se mudou hoje, né? Então, eu dava aula no período vespertino, só peguei uma sala só, que era um 6º ano. Era até estranho porque eles vinham de manhã, entravam 7 horas da manhã, tinha as atividades extras, eu não lembro agora de cabeça qual era. Então, chegava lá uma hora, eu tinha que pedir para os meninos lavar o pé, porque ficava o dia inteiro lá nas atividades... vamos dizer assim, na quadra, né?</p> <p>A ideia era boa no início, mas nesse período que eu fiquei lá, eu vi que a escola não estava preparada, não tinha uma sala de jogos ou um vestiário, ou um alojamento que necessitavam, né?</p> <p>Era uma escola normal, pequena, que tinha um projeto, mas não tava a infraestrutura colocada pra esse tipo de escola em tempo integral.</p>	<p>Experiência em escola de tempo integral submetida ao Programa Mais Educação. Escola e professores não preparados para a educação integral, sem projeto diferenciado de aprendizagem, seguindo metodologia da escola regular. Experiência em 2012 e 2013.</p>	<p>Experiência em escola de educação integral</p>
<p>Caminhante 2</p>	<p>Eu tô desde o ano passado e já era a Profa. [...], né? Chegou o ano passado com a gente, já fazendo reunião, já falando como ela espera que o Programa esteja acontecendo né? Ela pontua muito essa questão do trabalhar esse lúdico com a criança, porque eles são séries iniciais, eles são muito pequenos, né?</p> <p>[...]logo assim que começou foi um susto pra escola, né? De ficar com essas crianças</p>	<p>Experiência em escola de tempo integral submetida ao Programa Mais Educação. Escola e professores não preparados para a educação integral, sem projeto diferenciado de aprendizagem, seguindo metodologia da escola regular. Início da experiência em 2015.</p>	

	<p>em tempo integral, né? Porque eles nunca tinham trabalhado, contratar o pessoal e, conforme os anos vão passando, a gente percebe assim, que eles vão, se adequando. Falar assim: olha, professora tá precisando de bastante coisa ainda, né? Nessa questão da infraestrutura, principalmente, né?</p> <p>Quando começou aqui, tem 5 anos, é uma escola pequena, com estrutura menor, aí, então eles entenderam, eu acredito, que era começar com essas duas séries e, conforme os anos fossem passando ir ampliando. Ainda não saímos disso, mas eu acredito que a ideia deles, no começo seria isso, até porque a gente teve um problema ano passado com a questão de recurso, que o governo do Estado chamou a gente e diminuiu um pouco as nossas aulas e... comentando que o recuso federal que viria para o Mais Educação não estava chegando.</p> <p>Eu vejo assim, que muita coisa melhorou, eu tenho fé que ainda vai melhorar mais um pouco, e que a gente, assim eu procuro fazer o máximo quando eu posso, né? Falando que nós vamos gastar um pouco do nosso, se a gente quer fazer um trabalho legal, a gente tem que ter esse sentido real também. Então, eu falo assim, talvez você conversando com outro ele vai falar que tá sofrido, pra mim tá tranquilo, pra mim ainda tá assim, sabe, tô trabalhando legal, sabe? Eu tô conseguindo ir pra sala, tô motivada.</p>	<p>Sentido de realidade educacional: usar os próprios recursos para desenvolver um trabalho de qualidade.</p>	
--	--	---	--

<p>Caminhante 3</p>	<p>Eu trabalho no 2º ano [...] e... fiquei sabendo do projeto, né? Que de manhã é o ensino regular e à tarde tem as oficinas é... as outras, as demais oficinas do Projeto Mais Educação, né? A minha experiência é com esse 2º ano [...]</p> <p>[...] é meu 2º ano de experiência com o 2º ano, que eu já tive ano passado meu 1º ano do ano integral.</p> <p>A gente queria já pegar uns alunos de 2º ano com base alfabética, sabendo o silabário, né? Principalmente... Porque eu sou tradicional, eu alfabetizo pelas sílabas ainda, entendeu?</p> <p>[...]eu falo que é uma experiência, nenhuma escola hoje em Aquidauana comporta educação integral pra todos, tipo até pro 9º ano...porque até, então, o que eu entendi do Projeto, é que eles chegar até o 5º ano, de educação integral. Ainda não comporta, nem tem estrutura, nem tem estrutura pra isso, você entendeu? Então, o que que é isso hoje em dia? É os primeiros passos. Porque, eu acho, que são 3 anos que tá esse Mais Educação, 3 ou 4 anos. Se não me engano, entendeu? Começou agora esse Projeto é novo.</p>	<p>Experiência em escola de tempo integral submetida ao Programa Mais Educação. Escola e professores não preparados para a educação integral, sem projeto diferenciado de aprendizagem, seguindo metodologia da escola regular. Início da experiência em 2014, aproximadamente.</p>	<p>Experiência em escola de educação integral</p>
<p>Caminhante 4</p>	<p>Na época eu era professora de sala, né, a direção me chamou e perguntou se a gente aceitava o projeto. O primeiro pensamento, que foi meu, e que eu acho que foi da maioria dos professores, foi justamente esse mesmo, assim: se a gente está fazendo já há dez anos, mais que isso, né, mas, pelo menos eu, há dez anos fazendo educação</p>	<p>Experiência em escola de educação integral em tempo integral sob a proposta de educar pela pesquisa, projeto de ensino e aprendizagem. Início da experiência em 2016.</p>	<p>Experiência em escola de educação integral</p>

	<p>dessa forma e não está tendo resultados, se a gente não tentar mudar, né? Não tem por que você querer continuar. Aí a equipe aceitou numa boa, né, aí, é...</p> <p>A nossa escola nunca foi 100% tradicional, mas ela seguia, né, porque, assim a gente já trabalha projetos, a gente já tinha uma forma de trabalhar, mas o modelo de aula ainda seguia, né, como na maioria das escolas.</p> <p>A escola atende só o Ensino Médio. Inserido dentro da metodologia integral nós temos... 180,190 ... quase uns 200, por aí. Há alunos que não estão inseridos na Escola Integral. Como a escola já era escola de ensino médio, né, mas era ensino médio regular, que a gente fala, como esse ano começou, esses alunos já estavam com a gente, então é um direito deles terminarem o ensino médio deles aqui. Então, a gente tem 2º e 3º anos que são regulares, né, aí, somando tudo, a gente tem mais de 300 alunos de manhã; a gente tem mais 300 e poucos à noite, que a noite também funciona com uma outra metodologia, né, que a gente também faz diferenciado porque o aluno do noturno é problemático, né, aí a gente tem toda uma questão de flexibilização de horário, aula a distância, né, pra cumprir aquela carga-horária que ele deveria ter, e os projetos.</p>	<p>-----</p> <p>A mesma escola também atende alunos em outras modalidades de ensino e com outras metodologias.</p>	
<p>Caminhante 5</p>	<p>A escola integral, nós aqui, nesse colégio, é um projeto novo, né, que o Prof. Pedro Demo está conduzindo junto com a Secretária Estadual de Educação, [...] e além da escola integral tem a</p>	<p>Experiência em escola de educação integral em tempo integral sob a proposta de educar pela pesquisa, projeto de ensino e aprendizagem, certa flexibilidade no currículo.</p>	<p>Experiência em escola de educação integral</p>

<p>Caminhante 5</p>	<p>metodologia diferenciada, né, que é o educar pela pesquisa. Então, não é só estar na escola, mas com aquela metodologia antiga ainda, de exposições orais. É uma proposta nova em que busca atribuir mais conhecimento ao aluno, na medida em que ele pesquisa, em que ele participa, o currículo é mais flexível, tem uma carga-horária um pouco maior, mas também tem bastante atividades lúdicas, tem aula de violão, tem a rádio, tem os esportes, né, os Centros de Interesse.</p> <p>[...] eu trabalho em outra escola também, em que a proposta ainda é aquela proposta mais antiga, então, quando você casa, você vê o interesse, porque o aluno acaba buscando por conta própria. Não é só essa questão expositiva, né, o professor e o aluno apenas receptor. Não, eles interagem. Na realidade, assim, entre aspas, é “proibido” de dar aula oral, né?</p> <p>Qual a diferença que eu vejo? A gente não enfadonha o aluno com aquela mesmice de sempre de ele ficar 4 horas, às vezes, sentado, só escutando, sem muito poder falar, sem poder agir, sem poder dar as ideias, né, sem ter liberdade pra isso. Então, é nesse sentido que eu acredito.</p> <p>Mas não é fácil! Quando a gente pega também um... a vida toda...e dez anos trabalhando de uma forma, tem hora que você...mas como que eu vou fazer isso? Como que eu vou conseguir fazer isso com esse tema?</p>	<p>Início da experiência em 2016.</p> <p>-----</p> <p>Diferença entre escola regular e escola de educação integral em tempo integral.</p> <p>-----</p> <p>Desafio metodológico que a experiência tem apresentado: “proposta nova” com “ferramenta antiga”.</p>	
----------------------------	---	--	--

	<p>Porque como é uma proposta nova, não dá pra trabalhar com uma ferramenta antiga. Precisa rever para o ano que vem o novo referencial curricular pra cá, com um pouco mais de flexibilidade. Já tem a Base Nacional Comum aí, direcionando alguma coisa, mas a gente precisa ver, porque nós vamos ter uma quantidade de turmas maiores, né, tanto de alunos novos quanto de alunos do próprio segundo ano aqui, que já falaram que querem montar mais uma turma e tal... Então, se a gente fica engessado fica ruim tanto pra nós quanto pra eles também, né? Pra aprendizagem tem diferença também, mas a responsabilidade não pode ficar só em cima da escola, né, tem todo contexto.</p>		
Caminhante 6	<p>Essa é a primeira escola de educação integral que eu trabalho e esse é o primeiro ano de atividades aqui. Em relação a essa escola, eu vejo ainda como... bem prematuro tirar conclusões [...] porque a gente ainda tá numa fase de implantação das coisas, eu vejo que a gente ainda tem que é... adaptar e arrumar muitas coisas ainda, tá? Porque a gente vem de uma forma de ensino ou de um jeito de ensinar é... de anos e anos e se libertar disso é muito complicado, né, e a gente tá passando por isso ainda.</p>	<p>Experiência iniciante em escola de educação integral em tempo integral sob a proposta de educar pela pesquisa, projeto de ensino e aprendizagem, certa flexibilidade no currículo. Início da experiência em 2016, fase de transição: escola regular para modalidade integral.</p>	<p>Experiência em escola de educação integral</p>
	<p>Quebrar essa barreira é difícil. Então, ainda vejo que a gente tá com uma escola integral, mas ainda é... isso a minha concepção, né, não sei de outros professores, mas eu vejo que a gente ainda tá com uma escola de ensino tradicional nos dois turnos. Eu acho que ainda não houve</p>	<p>Desafio que a experiência tem apresentado: “proposta nova” com “ferramenta antiga”, ensino ‘continua muito tradicional”.</p>	

	<p>uma mudança de paradigma é... no ensino aqui. Então ainda tá trabalhando, a gente tá estudando as possibilidades para o ano que vem ainda...Então essa é a minha visão ainda, quer dizer, temos chances de mudar, mas ainda não mudamos. Porque eu acho que continua muito tradicional. Ainda acho muito “dar aula”.</p>		
<p>Caminhante 7</p>	<p>A escola funciona no período integral desde 2010, só que antes nós tínhamos outra metodologia de ensino, né, que era voltada às atividades da tarde. De manhã nós tínhamos as aulas do ensino regular, do currículo, e à tarde era voltada mais pra projeto, onde entrava o Mais Educação. Mas o Mais Educação era voltado para o ensino fundamental. Então nós trabalhamos aqui na escola do oitavo ano, o nono do fundamental e as três séries do ensino médio. Então as séries do fundamental eram voltadas para o Mais Educação, à tarde eram essas atividades, e o ensino médio fazia parte do Ensino Médio Inovador. [...]Então, no ano passado foi proposto pra escola essa mudança, né? Na verdade essa escola aqui tá sendo piloto da escola integral de tempo integral.</p> <p>[...] na verdade, essa transição do ensino tradicional para o ensino voltado pra pesquisa, é muito difícil, né? Porque não faz parte...é o primeiro ano, nós estamos sendo piloto... Para o ano que vem, para 2017, várias escolas estão aderindo, mas nós somos o piloto mesmo. A gente tem aprendido muito.</p>	<p>Experiência iniciante em escola de educação integral em tempo integral sob a proposta de educar pela pesquisa, projeto de ensino e aprendizagem, certa flexibilidade no currículo. Início da experiência em 2016, fase de transição: Programas Mais Educação e Ensino Médio Inovador para escola integral em tempo integral.</p> <p>-----</p> <p>Desafio que a experiência tem apresentado: transição do ensino tradicional para o ensino voltado para a pesquisa.</p>	<p>Experiência em escola de educação integral</p>

	<p>Na verdade, é um aprendizado, né, tanto para o aluno quanto pra nós, é totalmente diferente. Nós estávamos acostumados com o ensino regular tradicional, então, pra estar inserido, a gente tem que pesquisar, tem que buscar, tem que conhecer, senão a gente não dá conta. Não damos conta mesmo.</p>		
<p>Caminhante 8</p>	<p>A educação integral aqui começou há mais ou menos sete anos, como integral, né? E ela veio por meio de uma outra diretora que nós tínhamos aqui e veio cheio de perspectivas, né, de condições, de assim, de realmente realçar aos olhos, mas, na realidade, tudo que foi prometido nós, infelizmente, né? Agora, a gente não sabe se foi é... em relação as condições, né? A gente não sabe se foi uma coisa que foi mal-entendida realmente, né? Mas o que a gente espera é que a formação dos alunos, a aprendizagem, que é o objetivo, seja realmente é... conquistado, mesmo que esse tempo seja ainda no início. Mas, assim, há mais ou menos sete anos... agora, que é o educar pela pesquisa, é diferente, tá? Antes era só ensino integral em tempo integral, agora é tempo integral com o... a ênfase no educar pela pesquisa. Esse é o projeto. Antes era escola integral em tempo integral, só. Mas, assim, os dois se encaixam em relação a questão do tempo, que é o tempo estendido do professor, do aluno, na escola. Só que as bases agora são diferentes, a metodologia, o método, é diferente.</p>	<p>Experiência iniciante em escola de educação integral em tempo integral sob a proposta de educar pela pesquisa, projeto de ensino e aprendizagem, certa flexibilidade no currículo. Início da experiência em 2016, fase de transição: Programas Mais Educação e Ensino Médio Inovador para escola integral em tempo integral.</p>	<p>Experiência em escola de educação integral</p>

	A mudança está em construção também, porque é tudo muito recente, né?		
Caminhante 9	<p>[...]a minha experiência em educação integral começou no ano passado, no modelo de Ensino Médio Inovador, é o nome do projeto que o estado implantava nessa instituição, que funcionava assim: no período integral os alunos tinham aulas do currículo comum e à tarde eles tinham oficinas de complementação e de outros temas. Eles se inscreviam nas oficinas e essas oficinas aconteciam à tarde. Eu trabalhava à tarde aqui, porque era um componente da grade comum que não cabia de manhã. Então, por isso, eu tinha contato com o Ensino Médio Inovador, esse projeto integral. Aí, esse ano é outra experiência, porque é outro projeto. É o projeto educação integral em tempo integral, que são todas as disciplinas o tempo inteiro, estendidas pelo dia inteiro. A escola inteira é, as turmas de fundamental e médio. Nós temos um oitavo e dois nonos e aí dois primeiros, um segundo e um terceiro, são sete turmas. Toda a escola é integral.</p> <p>É uma experiência boa, bastante boa, embora seja cansativo. A jornada é das 8, e nós entramos às 8 horas até às 4 horas. Nós almoçamos aqui, né, então isso torna cansativo. Eu, pessoalmente, não estava acostumada a almoçar no ambiente de trabalho, eu ia para casa, e eu sinto que isso me cansou e cansou os alunos, entendeu? É mais puxado. Em contrapartida, eu acho que é mais produtivo para eles, embora seja mais trabalhoso.</p>	<p>Experiência iniciante em escola de educação integral em tempo integral sob a proposta de educar pela pesquisa, projeto de ensino e aprendizagem, certa flexibilidade no currículo. Início da experiência em 2016, fase de transição: Programas Mais Educação e Ensino Médio Inovador para escola integral em tempo integral.</p> <p>----- Desafio que a experiência tem apresentado: cansaço causado pela extensão da jornada escolar.</p>	Experiência em escola de educação integral

III – O cotidiano da escola de educação integral

Identificação	Conteúdo	Essência	Categoria	Sub- categoria
Caminhante 1	<p>Então eles chegavam[...] 7 horas da manhã, tinha atividades, algumas atividades de manhã, almoçava e iniciava o período vespertino à tarde.</p> <p>[...]era mais pra brincar. Aí, as salas, quem estudava de manhã ficava livre à tarde. Então achei muito estranho também. Tinha muitos alunos que estavam embaixo da árvore, lá, descansando, né? Porque não tinha aquela coisa, e os alunos mais velhos acabavam interferindo um pouco nesse meio pedagógico. Eles eram auxiliares do pessoal da limpeza, auxiliar da tia da cantina.</p> <p>[...]o meu caso... só tinha três aulas semanais... ia lá, dava minha aula e ia embora, como outra escola normal.</p> <p>[...] o que eles dão são cursos, outras atividades para completar o período, né? [...] Essas palestras era o que era mais atrativo para os alunos [...]</p> <p>No contraturno eram as oficinas... Essa era a realidade. Por cima, eu sabia que tinha o judô, que eu vi o professor lá, e o pessoal com quimono, e outras atividades.</p> <p>[...] no meu caso, o professor ele dava a sua aula e ia embora, uma escola normal que tinha recebido o título de escola integral. No que eu presenciei e vivi não tinha muita interferência no professor, um trabalho [...] que poderia contribuir naquele momento.</p>	<p>Programa Mais Educação. Aulas que seguem a mesma abordagem da escola regular, com acréscimo de oficinas e algumas atividades complementares no contraturno. O professor dá sua aula e vai embora.</p>	Cotidiano da escola	Aulas
Caminhante 2	<p>[...] aí ele participa das oficinas. A gente faz a tarefinha com eles, reforça. Eu, no caso, sou na área de exatas, aí tem a professora de</p>	<p>Programa Mais Educação. Oficinas e/ou atividades complementares que servem como reforço ou</p>	Cotidiano da escola	Aulas

	<p>linguagem, aí tem as outras oficinas, tem esporte, tem lazer, a outra que é só Educação Física mesmo... então, ele vai passando, né, durante a semana ele vai passando por essas oficinas. E é um complemento[...].</p>	<p>complemento das aulas regulares.</p>		
Caminhante 3	<p>[...] de manhã é o ensino regular e à tarde tem as oficinas é... as outras, as demais oficinas do Projeto Mais Educação[...].</p>	<p>Programa Mais Educação. Oficinas e/ou atividades complementares que servem como reforço ou complemento das aulas regulares.</p>	<p>Cotidiano da escola</p>	<p>Aulas</p>
Caminhante 4	<p>Então, aqui funciona assim: o nosso aluno, ele tem as disciplinas de manhã e tem à tarde, né, porque aí aumentou a carga-horária.</p> <p>Só que é uma forma que aqui a gente evita até... a gente usa o termo “aula” pelo hábito, né, que já é [...] o educar pela pesquisa, aí o professor não fica o tempo inteiro ali, né, explicando conteúdo, e o aluno sentado, copiando do quadro. O professor sempre chega com uma problematização, aí fala: “Olha nossa problemática é essa, o que que a gente faz para resolver?” Independente da disciplina.</p> <p>[...] de todo esse tempo de aula, fora isso a gente tem quatro aulas que são para orientação do estudo, porque, por exemplo, naquela semana o aluno não conseguiu terminar uma determinada produção, aí ele vai fazer orientação com aquele determinado professor. Ou ficou em dúvida de como ele ia fazer, ou do próprio conteúdo em si. Pro 3º ano, geralmente é orientado uma aula pro ENEM pré, uma coisa mais direcionada assim, aí cada semana o professor pega aquela turma de forma mais direcionada para trabalhar: “Como que são essas problemáticas? Como que vocês têm que ler pra interpretar?” Então, são essas quatro horas que são direcionadas para esse estudo. E eles têm 4 horas que a gente chama de Centro de Interesse. Nesse Centro de Interesse, aí sim, são atividades que</p>	<p>“Aulas” de acordo com o educar pela pesquisa e a problematização dos conteúdos.</p> <p>Há momentos de orientação de estudo e centros de interesse no contraturno escolar.</p>	<p>Cotidiano da escola</p>	<p>Aulas</p>

	<p>não estão relacionadas com a Base Nacional Comum, tanto que são professores de fora que vêm. É música, é teatro, é dança, né, é... esportes... essas coisas. Então, eles fazem a inserção pelo interesse: “Eu quero fazer inglês, eu quero fazer música”, então ele pode fazer duas atividades naquele dia.</p>			
Caminhante 5	<p>[...] não é só estar na escola, mas com aquela metodologia antiga ainda, de exposições orais. É uma proposta nova em que busca atribuir mais conhecimento ao aluno, na medida em que ele pesquisa, em que ele participa, o currículo é mais flexível, tem uma carga-horária um pouco maior, mas também tem bastante atividades lúdicas, tem aula de violão, tem a rádio, tem os esportes, né, os Centros de Interesse. Então, o currículo é um currículo diferenciado, a proposta curricular ela já é diferente, tendo quantidade de aulas, com exceção de Matemática e Português, né, as outras são todas iguais, são duas aulas pra cada turma.</p> <p>[...]. Como hoje, nos dois últimos tempos, chama Orientação de Estudos, então eles já vêm numa sequência de praticamente um mês e meio, dois meses, um bimestre, com o mesmo objeto. No nosso caso, por exemplo, nós estamos trabalhando a questão da ditadura militar, né, então toda a questão da ausência da liberdade de expressão, da privação, liberdade de imprensa... E os alunos, cada um foi pegar um determinado tema. Uns são “a favor” outros contra, e cada um fez uma pesquisa [...].</p> <p>[...] a gente tentando dar uma aula flexível, tentando dar um ambiente mais prazeroso, a gente diminui, significativamente, o peso da escola.</p>	<p>“Aulas” de acordo com o educar pela pesquisa e a problematização dos conteúdos.</p> <p>Há momentos de orientação de estudo e centros de interesse no contraturno escolar.</p>	Cotidiano da escola	Aulas
Caminhante 6	<p>É... a grande questão nossa aqui, é essa questão de “dar aula”, o professor passar tudo pro aluno. O</p>	<p>“Aulas” de acordo com o educar pela pesquisa e a problematização dos</p>	Cotidiano da escola	Aulas

	<p>aluno recebe tudo de mãos beijadas, assim, digamos, né, tudo pronto pra ele.</p> <p>Então, essa questão do aluno receber tudo de mão beijada que eu acho que é do tradicional que eu tô falando, né? Então, a gente precisa fazer com que esse aluno fique mais ativo, que ele corra atrás do que ele quer, que ele saiba pesquisar [...].</p>	<p>conteúdos ainda são um desafio. Não houve o rompimento com o modelo tradicional.</p>		
Caminhante 7	<p>O que que difere? Qual é a mudança do ensino da escola integral para a escola integral de tempo integral? [...] Nós, professores, somos na sala de aula como orientadores dos nossos alunos. Na verdade, nós não podemos nem chamar de aula, nós chamamos de “momento de estudo”, nós direcionamos os alunos a pesquisarem. Nós pesquisamos na sala de informática, pesquisamos na biblioteca, em revista, em jornais. Nós temos que direcionar o aluno para a pesquisa. Na verdade, aquela aula pronta, preparada, que o professor planejava, chegava na escola, na sala de aula e passava no quadro, aqui não existe mais essa escola. Nós, apenas, vamos direcionando os nossos alunos. Na verdade, a gente trabalha com a autonomia do aluno [...].</p> <p>A gente não foge da explicação. O professor, né, muitas vezes tá ali, tá orientando e ele tem que explicar, então o aluno...primeiro ele é direcionado à pesquisa.</p>	<p>“Aulas” são denominadas “momentos de estudo”, ministradas de acordo com o educar pela pesquisa e a problematização dos conteúdos. Ainda são um desafio. Professores são orientadores dos alunos, que devem aprender a pesquisar.</p>	Cotidiano da escola	Aulas
Caminhante 8	<p>O educar pela pesquisa, as aulas não são aquelas tradicionais, né? O aluno vai buscar e vai atrás realmente do que é problematizado em sala de aula, mas o professor pode, e deve, fazer as suas explicações é... como é que eu posso dizer? As suas intervenções no momento que achar necessário. Já há um tempo atrás, o ensino integral era só o tempo integral, mas eram as aulas tradicionais, aulas expositivas, né? Não que agora você não tenha esse tempo. Você pode, e deve,</p>		Cotidiano da escola	Aulas

	explicar quando for necessário, quando você perceber que a intervenção ali vai ser necessária.			
Caminhante 9	<p>A rotina da escola é assim: de segunda a quinta, não, de segunda a sexta de manhã, sempre nós temos as atividades do currículo da base comum, o currículo normal, elas são estendidas então.</p> <p>Na quinta-feira à tarde, nós temos uma orientação de estudos, que funciona como? Todos os professores trabalham o mesmo tempo na escola, com turmas reduzidas e multisseriadas de alunos que precisam de algum apoio diferenciado, seja no sentido de avançar os estudos, seja no sentido de revisar os estudos. [...] a orientação de estudo é pra isso.</p> <p>Na sexta à tarde é também um dia diferente dos demais, porque os alunos têm aulas, tempos de estudo normal, na manhã, e à tarde eles têm as atividades do centro de interesses, que são disponibilizados pela mais educação na escola. Então, tem dança, tem violão, tem futsal, tem inglês, tem informática..., os alunos escolhem as disciplinas que eles vão fazer e eles fazem. Quer dizer, é uma opção escolher, mas não é uma opção não escolher. Isso faz parte da grade da escola, né, ele tem que tá em duas disciplinas no centro de interesse. E aí, nesse momento que todos os alunos estão com os funcionários do Mais Educação, os colaboradores.</p> <p>[...] professor [...] vai trabalhar com tempos de estudo duplicados: dois tempos de matemática, dois tempos de..., casos raros de ter um tempo, porque o professor tem a carga-horária ímpar, já pra que o raciocínio possa ser desenvolvido com mais tempo e com mais folga, porque um tempo de estudo não seria suficiente pra fazer todas as atividades dentro dessa metodologia. Então, a gente tem essa mudança de organização, assim.</p>	<p>“Aulas” são denominadas “momentos de estudo”, ministradas de acordo com o educar pela pesquisa e a problematização dos conteúdos. Professores são orientadores dos alunos, que devem aprender a pesquisar.</p> <p>Há momentos semanais de orientação de estudo e centros de interesse no contraturno escolar.</p>	Cotidiano da escola	Aulas

	<p>E o professor, a princípio, vai orientando essas pesquisas – análise. Isso não prescinde o estudo sistematizado. Quer dizer, há o estudo sistematizado. Há o momento de parar, resolver exercícios, né, de ler, mas também tem esse caminho que é a pesquisa.</p>			
--	--	--	--	--

III – O cotidiano da escola de educação integral

Identificação	Conteúdo	Essência	Categoria	Sub-categoria
Caminhante 1	<p>Era uma escola normal, pequena, que tinha um projeto, mas não tava a infraestrutura colocada pra esse tipo de escola em tempo integral.</p> <p>[...]o meu caso... só tinha três aulas semanais... ia lá, dava minha aula e ia embora, como outra escola normal.</p> <p>No contraturno eram as oficinas... Essa era a realidade.</p> <p>[...] o professor ele dava a sua aula e ia embora, uma escola normal que tinha recebido o título de escola integral.</p>	<p>Escola/professor sem direcionamento metodológico à educação integral. Oficinas (Programa Mais Educação) funcionam no contraturno escolar.</p>	Cotidiano da escola	Metodologia
Caminhante 2	<p>Então, eu falo assim: esse método, essa parte do integral é muito importante e... aí ele participa das oficinas [...]</p> <p>Ah! Vamos só trabalhar com construtivismo”, né? A criança tem que construir? Tem, claro que tem, mas a gente precisa, eu acredito, que a gente precisa de pegar no papel ali, a gente precisa ensinar essa criança a ter coordenação motora. Então, eu falo assim, eu acho que sempre tem que mesclar.</p> <p>[...] eu acho assim, que se a gente estudar os métodos, todos os métodos, todos são bons, então eu</p>	<p>Ecletismo metodológico.</p> <p>Escola/professor sem direcionamento metodológico à educação integral. Oficinas (Programa Mais Educação) funcionam no contraturno escolar.</p>	Cotidiano da escola	Metodologia

	<p>acho assim, quando a gente foca só em um a gente perde do outro. Então, se a gente foca só, né, No atual, a gente perde muita coisa do tradicional, que é bom também.</p>			
Caminhante 3	<p>[...] eu sou tradicional, eu alfabetizo pelas sílabas ainda, entendeu? Eu... O método é o silabário é essa a alfabetização, porque eu não sei de outra forma, é a forma que eu sei, enfim...</p> <p>[...] esses dias é... eu fiz duas atividades do índio, da independência, de Tiradentes e fui contar a história, aproveito tudo já, que já conto uma história só. Bem bonito, e fantasio e falo e tal pra eles... tá... e a professora, a... a monitora da tarde falou: “Stella, eu tô sem.. ah! Bonito esses daí!” e ela foi tirar xerox pra mim, e eu acredito que ela tirou pra ela e já fez rapidinho. A hora que eu entreguei o trabalhinho, um falou assim: “a gente já fez isso daqui à tarde”, aí eu falei: “mas é outra história que eu vou contar pra vocês, não é a mesma”, aí eu falei com a professora: “poxa, você deu a mesma” / “ah! Não tinha outra atividade pra dar, dei aquele seu”.</p> <p>Outra coisa, eu acho, assim, tem que ter jogos, trabalhar jogos, outras atividades, raciocínio lógico dessas crianças, isso e aquilo... por quê? O ‘massacre’ deixa com a professora regente, deixa ela ‘massacrar’ eles nesse sentido, porque tem que alfabetizar, tem que saber letra b, tem que saber letra a, que junta e vai dar isso... entendeu? Então, o projeto tem que... ele tem que chamar a atenção da criança.</p>	<p>Professor segue sua concepção pedagógica, sem direcionamento metodológico à educação integral.</p>	<p>Cotidiano da escola</p>	<p>Metodologia</p>
Caminhante 4	<p>[...] como metodologia, é o educar pela pesquisa, aí o professor não fica o tempo inteiro ali, né, explicando conteúdo, e o aluno sentado, copiando do quadro, né? O professor sempre chega com uma problematização, aí fala: “Olha nossa problemática é essa, o que que a gente faz para resolver?” Independente da disciplina.</p>	<p>Referências metodológicas: educar pela pesquisa, problematização e aprendizagem baseada em projetos. Processo de conhecimento e experimentação desses e outros caminhos metodológicos.</p>	<p>Cotidiano da escola</p>	<p>Metodologia</p>

	<p>A gente sempre escolhe uma temática, né, e fala assim: “Vamos estudar determinado tema?” Pra gente também acertar a nossa metodologia. Porque quando a gente começou a gente tinha duas coisas: a problematização e a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP). A gente tinha essas duas, né, era nossa referência teórica e a gente... cada professor foi fazendo, né, agora eu tento essa, agora eu tento aquela. Porque assim como nem todo aluno se adequa a uma, nem todo professor também... e as turmas também são diferentes, né? De repente uma turma trabalha bem com a problematização e a outra não. E aí a gente tá procurando outras coisas, né, estamos fazendo alguns estudos pra que a gente também dê um norte pra nossa caminhada, né, que é bem diferente agora.</p>			
<p>Caminhante 5</p>	<p>[...] escola integral tem a metodologia diferenciada, né, que é o educar pela pesquisa. Então, não é só estar na escola, mas com aquela metodologia antiga ainda, de exposições orais. É uma proposta nova em que busca atribuir mais conhecimento ao aluno, na medida em que ele pesquisa, em que ele participa [...].</p> <p>[...] esse é um dos quesitos do educar pela pesquisa, você aprende ao mesmo tempo que também tá ensinado, né, buscando o conhecimento [...].</p> <p>Como é que a gente faz? Você explica o conteúdo e direciona. Então, nós somos os orientadores, nós somos os tutores e aí, depois já passa ao trabalho de campo. Por isso, a importância da internet, da biblioteca...</p> <p>Inclusive, agora, no quadro bimestre, nós vamos trabalhar com uma experiência nova, dentro dessa metodologia, sem mudar, mas uma experiência nova de atribuir</p>	<p>Referências metodológicas: educar pela pesquisa, problematização e aprendizagem baseada em projetos. Processo de conhecimento e experimentação desses e outros caminhos metodológicos.</p>	<p>Cotidiano da escola</p>	<p>Metodologia</p>

algumas funções mais delegadas pra alguns alunos, pra que eles consigam trabalhar mais em grupo, porque tem uma dificuldade muito grande de eles trabalharem em equipe. A maturidade, a falta, ainda, de achar que é integral e... “Ah! Tem tempo...” E daqui a pouco as coisas chegam no próximo e eles não entregam ou tá crua. A gente tem visto esses problemas. Então, a gente vai tentar despertar neles esse rodizio: “Nessa semana, você que vai fazer os relatórios, na outra semana o outro, vai ser pesquisa...” Então, pra mostrar pra eles a importância de estar trabalhando em equipe, porque ele precisa também. Apesar de a gente pedir coisas ali individuais, mas o mercado de trabalho, e a própria vida, não dá pra você viver sozinho. Você tem que se comunicar, você precisa ter as relações, saber perder, lidar, às vezes, com uma situação que você levou uma bronca... O trabalho em equipe, então, é fundamental, né, para preparar, principalmente, eu falo, o cidadão, a pessoa, cada pessoa. É além da escola, né?

A gente tá buscando as formas pra não ficar uma coisa assim: um ano trabalha com A, outro ano trabalha com B, com várias metodologias e métodos, né? A gente tem que tentar estabelecer duas, três, e que não engessem, mas também não fique solto demais, lá é a metodologia do faz tudo. Não, lá as metodologias são adequadas, são colocadas em conjunto, a escola toda. A metodologia, essa, ela foi aplicada lá nos Estados Unidos, a aprendizagem baseada em projetos, então assim, não dá pra comprar. Quando você vai ver, a escola dos Estados Unidos é diferente o nível de vida, social, a questão cultura, né, enfim, é um outro contexto. Aqui é um país em desenvolvimento, com uma boa parte das periferias marginalizadas, que a criança tá com o convívio social todo fragmentado, enfim não dá pra comprar.

<p>Caminhante 6</p>	<p>A proposta é que o professor proponha ou o próprio aluno proponha, depende, porque aqui a gente trabalha com duas possibilidades: ou de problematização ou de problemas. Dependendo do professor, ou o aluno que vai dar o problema que ele quer, e vai pesquisar, ou o professor que vai dar o problema, né? Corre em cima disso. Aí, a partir disso, uma... é traçada uma estratégia para que o aluno, através do conteúdo, enfim, do currículo, ele consiga pesquisar e correr atrás do que ele quer.</p>	<p>Referências metodológicas: educar pela pesquisa e problematização.</p>	<p>Cotidiano da escola</p>	<p>Metodologia</p>
<p>Caminhante 7</p>	<p>Agora, a metodologia é voltada totalmente para a pesquisa.</p> <p>Toda a escola está em educação integral, do 8º ao 3º ano do ensino médio, né, então todas as turmas seguem a metodologia de pesquisa, né?</p> <p>Nós lançamos a problemática e eles buscam as respostas. Depois, com as respostas em mãos, com os dados coletados, o professor faz um discurso em sala de aula, um debate e tem uma conversa, na verdade que vai esclarecendo as dúvidas, né?</p> <p>Toda a pesquisa é direcionada depois para uma produção dissertativa. Só que as produções não ficam presas somente à dissertação, aluno também tem autonomia de escolher se ele quer produzir um vídeo falando sobre aquele tema, entendeu?</p> <p>[...] uma forma de produção também, usando os meios midiáticos, né, que precisam ser explorados, né, e eles conhecem muito bem, eles dominam essa área. Então, a gente explora também a Tecnologia como recurso didático, a gente não fica preso só no texto, na produção escrita.</p> <p>É isso que a gente tenta trabalhar o tempo todo: essa autonomia. A</p>	<p>Referências metodológicas: educar pela pesquisa e problematização. Processo de conhecimento e experimentação desses caminhos metodológicos.</p>	<p>Cotidiano da escola</p>	<p>Metodologia</p>

	<p>gente procura sempre trabalhar com a realidade do aluno, pra que ele possa compreender as transformações que acontecem, né, na sociedade, na cidade, no país, no mundo...</p>			
Caminhante 8	<p>O educar pela pesquisa, as aulas não são aquelas tradicionais, né? O aluno vai buscar e vai atrás realmente do que é problematizado em sala de aula, mas o professor pode, e deve, fazer as suas explicações é... como é que eu posso dizer? As suas intervenções no momento que achar necessário.</p> <p>Em relação à metodologia do educar pela pesquisa, é algo, assim, muito novo pra gente ainda. Nós estamos ainda na formação, nós estamos fazendo curso, né? É novo tanto para os professores quanto para os alunos. E esse método é... o foco é a busca pelo conhecimento. Ai o aluno vai atrás, vai pesquisar, o professor vai problematizar uma situação. O aluno também vai ver como ele enxerga aquilo ali e como é que ele pode intervir numa determinada situação.</p> <p>[...]mudou o modo, também a metodologia. Aí o aluno vai pesquisar e, ao mesmo tempo, o professor está junto.</p> <p>E, assim, por ele tá fazendo a pesquisa, isso não tem nenhum impedimento em relação a perguntar para o professor, ao professor explicar um sistema que é mais complexo pra explicar, entendeu? Não impede. Mas é que a metodologia, realmente é totalmente diferente.</p>	<p>Referências metodológicas: educar pela pesquisa e problematização. Processo de conhecimento e experimentação desses caminhos metodológicos.</p>	<p>Cotidiano da escola</p>	<p>Metodologia</p>
Caminhante 9	<p>[...]o que o grupo responsável pela implantação do projeto propôs, [...] grupo responsável por esse projeto na Secretaria. Eles propuseram, né, a metodologia do educar pela</p>	<p>Referência metodológica: educar pela pesquisa. Processo de conhecimento e experimentação desse caminho metodológico.</p>	<p>Cotidiano da escola</p>	<p>Metodologia</p>

	<p>pesquisa, do Prof. Pedro Demo, que é uma coisa que já vem sendo divulgada nas formações continuadas da escola da rede [...]. Então, assim, essas escolas agora, que tem esse projeto, estão aplicando essas propostas. Então, metodologicamente, o caminho é pela pesquisa, seja em livro, seja pela internet, seja pesquisa de campo, qualitativas, é assim que ele vai chegar ao conhecimento.</p>			
--	---	--	--	--

III – O cotidiano da escola de educação integral

Identificação	Conteúdo	Essência	Categoria	Sub-categoria
<p>Caminhante 1</p>	<p>Então eles chegavam[...] 7 horas da manhã, tinha atividades, algumas atividades de manhã, almoçava e iniciava o período vespertino, à tarde.</p> <p>[...] era mais pra brincar. Aí, as salas, quem estudava de manhã ficava livre à tarde. Então achei muito estranho também. Tinha muitos alunos que estavam embaixo da árvore, lá, descansando, né?</p> <p>Era uma escola normal, pequena, que tinha um projeto, mas não tava a infraestrutura colocada pra esse tipo de escola em tempo integral. Muitos professores completam a sua carga, ou tem só 20 horas, não ficam na escola, só vai um período [...].</p> <p>[...] tirando um ou outro que se propôs até a ganhar menos. Que o monitor ganha menos, né? Não é o mesmo salário que o professor. Então ele ficava 40 horas, sendo 20 como monitor, porque ele quis vestir a camisa da escola e falar que era uma escola de tempo integral. Ele atuava como professor pela manhã e monitor à tarde, pra ele viver a escola de fato, né? Em nossos debates lá, eles falavam que a maioria dos professores não tinha, vamos dizer assim, essa identidade</p>	<p>Programa Mais Educação: carga-horária estendida para alunos, mas professores regentes trabalham em um período e monitores, responsáveis pelas oficinas do contraturno, trabalham em outro. Tempo integral sem educação integral.</p>	<p>Cotidiano da escola</p>	<p>Tempo Integral</p>

	<p>numa escola de tempo integral. Era mais uma escola, apenas. Então, ele ia lá, dava o seu trabalho, fazia... procurava fazer o melhor, mas a escola não vivia uma escola de tempo integral.</p>			
Caminhante 2	<p>Então, eu falo assim: esse método, essa parte do integral é muito importante e... aí ele participa das oficinas.</p> <p>[...]pros pais é muito importante [...] essa complementação, esse continuar, né, porque esse pai, que fica muito pouco tempo em casa, ele tem também essa de deixar, de confiar, de deixar o filho ali, de saber que ele tá tendo uma alimentação legal, que ele tá sendo bem cuidado. Eu acho que a única coisa que falta, se eu posso falar assim, digamos assim, um ponto negativo de tudo, a gente precisaria de uma estrutura melhor da escola que começou a trabalhar no integral. Infelizmente, assim, alguma escola mais adequada.</p> <p>[...] desde o ano passado, eles reduziram um pouco o horário das crianças. Assim, porque antes eles entravam às sete horas e saíam às cinco, então esse tempo a gente, eles começaram a perceber assim, da criança ficar muito cansada, não render à tarde, aí eles deram uma enxugada, e agora eles estão saindo três horas. Eles diminuíram, né? Pra 8 horas esse tempo dessa criança na escola, até porque, nem sei se a preocupação maior foi a questão da idade, porque eles são muito pequenos, mas é... a gente percebe que também, assim, com essa redução do horário eles rendem muito mais.</p>	<p>Programa Mais Educação: jornada estendida, mas escola não adequada ao atendimento em tempo integral. Alunos mostram-se cansados por permanecerem maior tempo na escola. Atendimento ao mercado de trabalho, porque os pais têm onde deixar os filhos enquanto trabalham.</p>	<p>Cotidiano da escola</p>	<p>Tempo Integral</p>
Caminhante 3	<p>Português, Matemática, Artes e Educação Física são os projetos que são à tarde, do Mais Educação.</p> <p>Eu acho assim, há o desgaste da criança. [...] Aí, desculpe a palavra, mas socam lá no período integral por quê? É cômodo pros pais, mas essa é a minha visão de educadora, cê</p>	<p>Programa Mais Educação: jornada estendida, mas escola não adequada ao atendimento em tempo integral. Alunos mostram-se cansados por permanecerem maior tempo na escola. Atendimento ao mercado de trabalho, porque os pais têm</p>	<p>Cotidiano da escola</p>	<p>Tempo Integral</p>

	<p>entendeu? É uma visão de educadora.</p> <p>[...] o Programa do... da... do Mais Educação, de integral, no papel o projeto é muito lindo, né, mas ainda tem suas falhas, porque a gente começou o ano sem a merenda, a criança não pode ficar na escola sem almoço, então taria indo pra casa e voltando, né?</p> <p>[...]eles entram sete até o meio dia é o horário deles e eles vão até as três, que é o integral direto, né? então, o que que acontece? Aí, já as monitoras e as professoras já têm que estar na escola meio dia, porque o período, que o horário que eu saio, que é 11 e 25 até meio dia, acho que, se não me engano é meio dia que eles entram, [...] e aí eles já ficaram ali, com os monitores, e não sei se já tem o tempo do descanso, aí começa 1 hora as atividades.</p> <p>Vai receber essa criança... vai ter a hora do descanso? Pra começar uma hora? Porque nós, adultos, temos que chegar e nem que seja 10 minutos você tem que descansar, aí tipo uma hora eles já vão fazer o quê? Você acha que uma criança vai gostar da escola? Se você vai ter essa visão, entendeu? Aí, tem que ser um projeto bem elaborado, porque tem que ter a hora do descanso deles, eles têm que almoçar e descansar. Eu creio que mais... até uma hora, 40 minutos é igual a creche, né que a criança tem a hora do soninho deles, tem a hora do descansinho... eles são pequenos ainda.</p>	<p>onde deixar os filhos enquanto trabalham</p>		
<p>Caminhante 4</p>	<p>Porque é público difícil pra a escola pegar entendeu? Porque quando chega agora, no ensino médio, o foco, às vezes nem tanto do aluno, mas da família, é que ele vá trabalhar e o que eu percebi muito assim, é que não é que tá querendo que ele trabalhe porque precisa dessa composição da renda, às vezes é o porque o pai ele acha assim, que ele precisa trabalhar pra ele ficar</p>	<p>Proposta de educação integral em tempo integral. Escola de ensino médio enfrenta desafios porque os pais querem que os filhos trabalhem. Ficar na escola em tempo integral é um fator comprometedor para ingresso no mercado de trabalho (diferente dos pais de alunos do fundamental).</p>	<p>Cotidiano da escola</p>	<p>Tempo Integral</p>

	<p>responsável, né? O pai acha que se ele não começar a trabalhar, ele não vai adquirir responsabilidade, né? A gente fica meio triste de ver isso, porque nós temos alunos um pouco mais carentes, mas nós temos alunos que tem uma condição financeira não muita boa, mas que a família poderia mantê-lo estudando durante todo o ensino médio sem precisar colocá-lo numa Mirim ou numa Seleta. Às vezes a família não, não percebe que é um investimento pro futuro dele. Aí fica... a gente fica, assim, a cargo de um público difícil de atrair para o ensino médio. [...] Os pais das crianças pequenas querem que o filho fique integral na escola, os de adolescente, não.</p> <p>Nosso horário de almoço, a gente tem uma atividade que a gente fala Centro de Convivência, né? A gente tem assim, o pessoal almoça, aí tem um professor de educação física que fica lá embaixo, na quadra, pra cuidar dos alunos que quiserem jogar ou se quiser ficar lá, conversando. Aí tem um professor na sala de tecnologia, pra eles poderem ficar, se eles quiserem. Aí, igual a menina veio pegar a chave da rádio tem o centro do interesse, tem um centro de rádio, então eles fazem, pra semana, uma playlist pra tocar nos intervalos. Aí, são os próprios alunos que vêm, colocam a música, e voltam. Depois eles vão lá, fecham, entregam a chave e pronto. Então, assim, pra tornar esse horário pra eles também... Porque é um pouco puxado. Eles saem onze e meia e meio dia e meia eles voltam. Então, pra ficar o mais agradável possível esse horário deles, né, pra assim, não ter aquela coisa do guri ficar ansioso e ficar querendo sair, né? Então, é... também é uma parte bacana do projeto, que aí proporciona várias coisas, né, que ele pode tá fazendo.</p> <p>Como eu disse antes, antes eu achava que educação integral era aquela que mantinha o aluno o dia</p>	<p>Escola desenvolveu estrutura e estratégias para atendimento aos alunos em tempo integral.</p> <p>Concepção de tempo integral relacionada à qualidade da educação oferecida na escola.</p>		
--	--	--	--	--

	<p>inteiro na escola. Hoje eu vejo que a educação integral ela depende um pouco do tempo que ele passa aqui. O importante é que o aprendizado dele seja integral.</p>			
Caminhante 5	<p>Mas a proposta... o principal problema nosso aqui foi a estrutura, né? Não tinha laboratório de informática, não tinha a questão da internet Wifi, que nem tem hoje já conectando nos intervalos – em todos os intervalos é liberado pra eles. Então, hoje já tem mais dois laboratórios funcionando.</p> <p>Agora, achar que a escola... “Ah! Vou lá e deposito o meu filho, porque é integral, porque ele não vai estar na rua, então. Como eu tinha feito algumas pesquisas, por exemplo, que os pais disseram isso. Porque você colocou seu filho na educação integral? “Ah! Porque ele não vai ficar na rua à tarde, ele vai estar na escola, pelo menos na escola ele vai estar cuidado. Se ele ficar em casa é um trabalho, vai ficar brigando com o irmão, com a irmã.” Mas, a maioria falou: “Porque de manhã ele vai ter aulas normais e à tarde ele vai ter informática, outros cursos, etc.” O que falta é o pai deixar de ser um pouco capitalista e tentar entender que tem que estar um pouco mais presente na vida do filho.</p>	<p>Desenvolvimento da estrutura para atendimento aos alunos em tempo integral.</p> <p>Visão dos pais em relação à escola de tempo integral: depósito x aprendizagem x mercado de trabalho.</p>	Cotidiano da escola	Tempo Integral
Caminhante 6	<p>Apesar de a gente ter, assim, a... é... a gente sempre tá falando, né, que a escola é diferenciada e tudo, mas a gente ainda não chegou onde a gente ainda quer. Quebrar essa barreira é difícil. Então, ainda vejo que a gente tá com uma escola integral, mas ainda é... isso a minha concepção, né, não sei de outros professores, mas eu vejo que a gente ainda tá com uma escola de ensino tradicional nos dois turnos. Eu acho que ainda não houve uma mudança de paradigma é... [...] Porque eu acho que continua muito tradicional.</p>	<p>Escola de educação integral em tempo integral, mas com ações de escola tradicional, em termos de ensino.</p> <p>Exemplificação: tempo integral relacionado à qualidade da educação, à aprendizagem e autonomia do aluno.</p>	Cotidiano da escola	Tempo Integral

	<p>[...]esses dias aí, não sei se cabe, eu assisti uma reportagem que em São Paulo as escolas municipais, tem dados lá de uma pesquisa recente, que os alunos estavam abandonando as escolas integrais. Aí, eles estavam debatendo, e a grande questão que eles estavam levantando é que você tem de manhã uma coisa e à tarde você tem outra coisa que repete. Então, o aluno... desgasta o aluno, quer dizer... aquela escola que você fica em filinha lá, fica recebendo a informação do professor, isso aí cansa, né? Cansa. O aluno fica sentado oito horas dentro de uma escola, nove horas, do mesmo jeito, só ali recebendo as coisas, ele cansa, ué! Não tem quem aguente. Então, em cima disso, eu acho que a gente tem que trabalhar de uma forma que o aluno se sinta confortável dentro da escola, ao que a escola traz, e que ele consiga ter autonomia pra que ele consiga... Porque eu acho que o objetivo principal dessa escola, é que quando ele sair daqui, no 3º ano, é...em algum momento que ele tiver que estudar, ele sabe onde procurar as coisa, ele saber resolver as coisas também sozinho. Eu acho que talvez seja o maior benefício que ele venha receber na escola assim. Seria mais ou menos isso. Que ele tenha essa autonomia de correr atrás das coisas, de saber se virar, né?</p>			
<p>Caminhante 7</p>	<p>A escola funciona no período integral desde 2010, só que antes nós tínhamos outra metodologia de ensino, né, que era voltada às atividades da tarde. De manhã nós tínhamos as aulas do ensino regular, do currículo, e à tarde era voltada mais pra projeto, onde entrava o Mais Educação. Mas o Mais Educação era voltado para o ensino fundamental. Então nós trabalhamos aqui na escola do oitavo ano, o nono do fundamental e as três séries do ensino médio. Então as séries do fundamental eram voltadas para o Mais Educação, à tarde eram essas atividades, e o ensino médio fazia</p>	<p>Escola em período integral desde 2010 (PME e EMI). A partir de 2016 em proposta de educação integral em tempo integral. Professor cumpre carga-horária integral na escola, horários destinados aos tempos de estudo, planejamento e formação continuada.</p>	<p>Cotidiano da escola</p>	<p>Tempo Integral</p>

	<p>parte do Ensino Médio Inovador. Os alunos tinham oficinas, né? [...] Na verdade essa escola aqui tá sendo piloto da escola integral de tempo integral.</p> <p>A nossa carga-horária, cada professor, né, ele fica integral na escola. Tem professores que têm a carga-horária maior ou têm a carga-horária menor que a gente... todos os professores têm o PL livre, né? Você tem uma tarde ou uma manhã para poder planejar na sua casa e, nas outras horas, você cumpre aqui na sala.</p> <p>[...] o professor, nessa nova proposta, ele também tem uma carga-horária maior de planejamento, para capacitação, né? Então já é voltado para capacitação do professor e seus planejamentos, porque o professor não pode ficar lotado quarenta horas em sala de aula, e o tempo para capacitação? Então, tem esse diferencial, essa nossa carga-horária é diferenciada do ensino regular. Nós temos um tempo maior pra planejamento, para formação, para capacitação.</p>			
<p>Caminhante 8</p>	<p>Antes era escola integral em tempo integral, só. Mas, assim, os dois se encaixam em relação a questão do tempo, que é o tempo estendido do professor, do aluno, na escola. Só que as bases agora são diferentes, a metodologia, o método, é diferente. Já há um tempo atrás, o ensino integral era só o tempo integral, mas eram as aulas tradicionais, aulas expositivas, né?</p> <p>Educação integral é formar o indivíduo de forma integral, né, em um tempo também estendido.</p>	<p>Tempo integral relacionado à qualidade da educação, também entendida como integral.</p>	<p>Cotidiano da escola</p>	<p>Tempo Integral</p>
<p>Caminhante 9</p>	<p>É o projeto educação integral em tempo integral, que são todas as disciplinas o tempo inteiro, estendidas pelo dia inteiro. A escola inteira é, as turmas de fundamental e médio. Nós temos um oitavo e dois nonos e aí dois primeiros, um</p>	<p>Tempo integral para toda a escola, alunos, professores... Cansaço dos professores, por extensão da carga-horária e mudança no sistema de trabalho. Não adaptação e evasão de</p>	<p>Cotidiano da escola</p>	<p>Tempo Integral</p>

	<p>segundo e um terceiro, são sete turmas. Toda a escola é integral. A jornada é das 8, e nós entramos às 8 horas até às 4 horas. Nós almoçamos aqui, né, então isso torna cansativo. Eu, pessoalmente, não estava acostumada a almoçar no ambiente de trabalho eu ia para casa, e eu sinto que isso me cansou e cansou os alunos, entendeu? É mais puxado. Em contrapartida, eu acho que é mais produtivo para eles, embora seja mais trabalhoso.</p> <p>A rotina de trabalho do professor aumentou, a carga-horária aumentou. [...] E isso tornou-se uma carga maior de trabalho para o professor. Então ele sentiu esse impacto, essa mudança, né? É visível, é notável que, no discurso deles, eles estão o tempo todo inteiro recorrendo ao cansaço, ao trabalho, a pressão, embora seja um ambiente confortável de trabalho[...]. Mas o que mudou? O sistema. Como a forma mudou, isto é, o dia inteiro, isso envolve mais planejamento, isso envolve mais cuidado..., o professor se sente mais é..., ele sente que é mais trabalhoso que antes, né?</p> <p>[...]então, isso foi o mais difícil, isso foi o mais difícil: convencê-los de que a escola não era como eles conheciam antes, embora fosse uma escola, fosse uma instituição de formação. Esse foi, assim, eu acho, um dos maiores desafios. Houve aluno que não se adaptou. Principalmente, por causa do tempo que passa na instituição e pela quantidade de coisas que eles precisam fazer. Eles não têm trabalhos pra casa, né, assim, de hoje pra amanhã. Pode ser que algum professor passe alguma coisa pra quinze dias, que aí eles possam desenvolver alguma coisa no final de semana. Como eles passam o dia inteiro aqui, eles não têm essa tarefa, né, esse conceito de tarefa, porque tudo é feito aqui. Mas [...] no ano passado, o índice de evasão no segundo semestre, com o modelo</p>	<p>alunos em decorrência da ampliação da jornada escolar.</p>		
--	--	---	--	--

	<p>integral anterior, foi muito maior que o desse ano. Os alunos não evadiram. Houve um começo de evasão no começo, e que não permaneceu agora, pelo contrário, esse ano nós recebemos alunos novos. [...] agora nós recebemos mais alunos no segundo semestre do que no ano anterior.</p> <p>[...] o professor fica aqui o dia inteiro, ele é integral da escola, porque o professor também não divide carga-horária em outras escolas.</p>			
--	--	--	--	--

III – O cotidiano da escola de educação integral

Identificação	Conteúdo	Essência	Categoria	Sub-categoria
Caminhante 1	<p>[...] o meu caso... só tinha três aulas semanais... ia lá, dava minha aula e ia embora, como outra escola normal.</p> <p>[...] não tinha uma concepção assim, de várias atividades, cada dia uma... a maioria era esportes, então o professor de educação física dessa escola é que era o mais sobrecarregado, e os monitores, né?</p>	Planejamento individual, sem direcionamento metodológico adequado à educação integral.	Professor	Planejamento
Caminhante 2	<p>[...]essa parte do integral é muito importante e... [...] aí ele participa das oficinas. A gente faz a tarefinha com eles, reforça. Eu, no caso, sou na área de exatas, aí tem a professora de linguagem, aí tem as outras oficinas, tem esporte, tem lazer, a outra que é só Educação Física mesmo... então, ele vai passando, né, durante a semana ele vai passando por essas oficinas. E é um complemento é um... seria, assim, um estímulo a mais pra essa criança permanecer na escola.</p> <p>[...]eu tenho 13 anos de educação [...] quando eu saí da faculdade que</p>	Planejamento individual, sem direcionamento metodológico adequado à educação integral. Ecletismo metodológico. Ao planejar suas aulas, a professora lança mão de seus recursos financeiros para realizar suas aulas.	Professor	Planejamento

	<p>fui pra realidade, a gente tem uma noção de como que tá o professor. Eu não acredito que seja assim do integral, eu acho que todos eles têm essa dificuldade, essa questão do recurso, do professor, se ele quer fazer um trabalho melhor, ele acaba usando o dinheiro do bolso, entendeu? [...] eu nunca sentei e esperei esse material, esse recurso chegar na minha mão. Eu faço as adaptações que eu posso fazer. Quando tem um financeiro melhor, eu invisto mais, quando tem um menor eu invisto menos, mas eu não deixo de investir.</p> <p>Tem professor que não tira uma xerox de um livro, entendeu? [...]Porque os pequenos, principalmente 1º ano, é complicado você falar que você não vai trabalhar xerox. Claro que eu trabalho massa de modelar, eu trabalho... a gente compra papel cartão... a gente vai colocando a mão no bolso, vai colocando, vai colocando os materiais, vai trabalhando de outra forma. [...]Não tem como. Então, eu falo assim, é que alguns profissionais vão muito com essa questão! “Ah! A gente tem que trabalhar a oralidade, a gente tem que trabalhar o lúdico.” Eu acredito que a gente tem que trabalhar de todo o jeito, a gente não tem que focar numa... “Ah! Vamos só trabalhar com construtivismo”, né? A criança tem que construir? Tem, claro que tem, mas a gente precisa, eu acredito, que a gente precisa de pegar no papel ali, a gente precisa ensinar essa criança a ter coordenação motora. Então, eu falo assim, eu acho que sempre tem que mesclar.</p>			
<p>Caminhante 3</p>	<p>[...] eu sou tradicional, eu alfabetizo pelas sílabas ainda, entendeu?, Eu... O método é o silabário é essa a alfabetização, porque eu não sei de outra forma, é a forma que eu sei, enfim...</p> <p>[...] as professoras são todas da mesma escola, né? Professoras da</p>	<p>Planejamento individual, sem direcionamento metodológico adequado à educação integral e com abordagem tradicional de ensino.</p>	<p>Professor</p>	<p>Planejamento</p>

	<p>oficina, né? Daquela parte de Matemática, Artes, que eles trabalham, se não me engano, né? Português, Matemática, Artes e Educação Física são os projetos que são à tarde, do Mais Educação. Então, mas, por exemplo, assim, é bom que a gente tá sempre conversando: “Stella, que parte cê tá? O que que você tá trabalhando?” isso e aquilo... não fugindo do trabalho delas, né? Profissional lá, que eles devem ter o que seguir, né? Eles devem ter um currículo básico lá pra seguir, mas ajuda a gente nesse sentido, né? É... Por exemplo o professor de Matemática disse Stella, eu tô dando isso, tá na sequência? Vamos pegar a sequência? Vamos pegar a sequência, vamos... e é um apoio.</p>			
<p>Caminhante 4</p>	<p>Agora a gente tá trabalhando os planejamentos casados, que a gente fala, né, duas, três disciplinas sentam, pegam a mesma problemática e levam para sala. No caminho interdisciplinar. E aí os professores vão trabalhando juntos, né, cada um fazendo uma abordagem, e o resultado final é que a produção do aluno é... integra o conhecimento que veio de todas as disciplinas que estavam participando daquele planejamento.</p> <p>E aí eles têm horários que eles ficam aqui, que é pra fazer mesmo o planejamento, né, e traçar as estratégias deles em sala de aula.</p> <p>O planejamento deles é... eles falam que é quase um artigo científico. É quase isso. É quase um pré-projeto. Cada planejamento, ele vem com 5 passos: a possibilidade, a realidade, observação da realidade... todas essas coisas, né? Então, é uma coisa trabalhosa. Nenhum professor senta e com vinte minutinhos ele termina um planejamento, porque o modelo de planejamento que a gente tem no sistema é isso: você senta, você marca o x no conteúdo, você</p>	<p>Professores realizam planejamento interdisciplinar, com tempo disponibilizado pela escola, no período dedicado à sua carga-horária de tempo integral. Faz parte do direcionamento da proposta de educação integral em tempo integral.</p>	<p>Professor</p>	<p>Planejamento</p>

	<p>descreve lá o que você vai fazer de metodologia, marca os recursos, acabou! Agora não. Ele tem que descrever o passo a passo, porque quem pega o planejamento dele pra ler é como se eu pegasse o planejamento da professora de Matemática e pudesse ir pra sala dar a aula dela, tá super descrito ali todo o processo, toda a caminhada. Como a maioria desses planejamentos, a maioria não, todos eles agora são integrados, né, as disciplinas...</p>			
Caminhante 5	<p>[...] esse tempo de planejamento, que é bem dividido ainda, dá. E, aí, nós temos dias específicos... por exemplo, na sexta é planejamento coletivo, é quando a gente vai discutir as atuações em conjunto.</p> <p>[...] isso demanda um pouco mais de... de... de dificuldade, porque você sentar sozinho é muito mais fácil, você direciona, você faz... quando você precisa encaixar o seu conteúdo e a sua disciplina, na realidade até sua didática, junto com outros professores, mais dois, mais três, já muda tudo, né? Porque tem que ter uma flexibilidade maior, tem que ser pensada uma sequência, não é uma coisa fragmentada, que joga e o trabalho vai. Então assim, aonde que a Geografia entra na ditadura militar? Aonde estão as questões sociais, né, a Sociologia? E a História? O que é verdade, o que não é? Qual a história que é falada? Qual a história que...? Então, assim, tem que pensar em todos esses nexos, né, pra que a coisa não fique solta. Senão não é uma interdisciplinaridade, né? Junta lá e... continua fragmentado.</p> <p>Então, assim, quando a gente planeja pra esse tipo de educação, a gente planeja para décadas, né? Uma educação de qualidade no Brasil, se planeja hoje pra daqui 10 anos, 15 anos...</p>	<p>Professores realizam planejamento interdisciplinar e coletivo, com tempo disponibilizado pela escola, no período dedicado à sua carga-horária de tempo integral. Faz parte do direcionamento da proposta de educação integral em tempo integral. Ainda é um desafio.</p>	Professor	Planejamento
Caminhante 6	<p>Dentro do possível acho que já melhorou bastante, não naquilo que eu queria chegar, mas já deu uma boa melhorada. Eu acho que eu</p>	<p>Professores realizam planejamento interdisciplinar e coletivo, com tempo disponibilizado</p>	Professor	Planejamento

	<p>tenho tempo e eu tenho com planejar uma aula diferenciada, né, nesse sentido eu acredito que tem dado resultado nesse sentido. Não onde eu quero chegar, mas eu considero que já deu um avanço. Então, umas das coisas que eu acho que mais mudou na escola em relação ao trabalho do professor foi a questão da interdisciplinaridade, da multidisciplinaridade. A gente conseguiu juntar é... o conteúdo, a gente conseguiu juntar essa maior comunicação entre os professores, a gente tem tempo pra isso, né, a gente tem a possibilidade de... relacionar conteúdos entre diferentes áreas e a gente acho que evoluiu bastante nesse sentido.</p> <p>No contexto da interdisciplinaridade a gente tem um grande problema... que é o Currículo, né? O Currículo, ele... enquanto ele for é... enquanto ele tiver separado, assim, a gente tiver impossibilidade de a gente poder...de ser mais flexível, não sei se você está me entendendo, mas ele amarra muito o conteúdo. Então, por exemplo, um conteúdo que poderia tá trabalhando junto com o professor de Educação Física ou, então, com o de Física, nesse momento, na verdade, eu vou tá trabalhando no segundo ano o que ela poderia juntar, só que ele tá trabalhando com o primeiro, sabe? As vezes não casa. E, às vezes, se a gente for tentar, a gente vai tentar, vai forçar e não vai ficar legal. Então, a gente tem essa grande... esse grande obstáculo ainda pra gente ultrapassar, que é o nosso currículo, né?</p> <p>Aí, o que que acontece? A gente junta, a gente conversa e vê o que que dá pra casar aqui e outro ali e... a gente vai juntando. Que dizer, no primeiro bimestre eu trabalhei com... eu já trabalhei com biologia, com educação física agora eu iniciei um trabalho, tô trabalhando com geografia e matemática... Então, a gente vai juntando assim, sabe? Mas... é... se a gente tivesse uma</p>	<p>pela escola, no período dedicado à sua carga-horária de tempo integral. Faz parte do direcionamento da proposta de educação integral em tempo integral. Ainda é um desafio. O engessamento do currículo é um deles.</p>		
--	---	--	--	--

	flexibilidade melhor do currículo, ai daria uma coisa bem mais casada assim, bem legal mesmo. Esse é um obstáculo.			
Caminhante 7	<p>[...] nosso planejamento, por exemplo, é totalmente diferente. Antes, o que nós fazíamos? Ele estava na verdade, praticamente quase pronto no sistema. Íamos ao sistema da SED e íamos só direcionando, porque quando abria lá já aparecida a turma, o currículo, o conteúdo que nós tínhamos que trabalhar do currículo, os objetivos, as habilidades, tudo...a gente só ia, praticamente, descrever como seria a nossa aula, né então, nós descreveríamos ali no sistema como nós iríamos trabalhar com aqueles alunos durante aquela aula. Agora não. O sistema da SED não suporta nosso planejamento, porque nosso planejamento é totalmente diferenciado. Então, na verdade, nós costumamos dizer que todo mês é um parto, porque é muito difícil fazer esse planejamento. Porque antes nos escreveríamos, nós fazíamos como que nós íamos passar a aula, hoje não, hoje nós descrevemos como os alunos vão conceber a aula, porque, na verdade, eles são os autores, né? Então a gente não pode descrever o que nós vamos fazer, não, o que eles vão fazer. E é tudo voltado pra pesquisa. Então mudou muito o planejamento. Nós trabalhamos com um tema. Por exemplo, cada mês nós escolhemos um tema. Na verdade, os professores se reúnem, debatem e é lançada uma problemática.</p> <p>[...] é assim que a gente vai planejando a nossa aula, de acordo com aquela problemática. Eu fico dentro do currículo, a gente segue o currículo escolar, né, estabelecido lá pela SED, a gente não foge daquele currículo, a gente só vai é... é... a gente dá um jeito de incluir a Matemática dentro da Geografia, como os professores de Química, de Física, de Português... todos os</p>	<p>Sistema de registro do planejamento na Secretaria de Educação sofreu alterações, porque o perfil do planejamento também mudou. Professores realizam planejamento interdisciplinar e coletivo, com tempo disponibilizado pela escola, no período dedicado à sua carga-horária de tempo integral. Faz parte do direcionamento da proposta de educação integral em tempo integral. Ainda é um desafio. O engessamento do currículo é um deles.</p>	Professor	Planejamento

	<p>professores estão trabalhando juntos.</p> <p>A nossa carga-horária, cada professor, né, ele fica integral na escola. Tem professores que têm a carga-horária maior ou têm a carga-horária menor que a gente... todos os professores têm o PL livre, né? Você tem uma tarde ou uma manhã para poder planejar na sua casa e, nas outras horas, você cumpre aqui na sala.</p> <p>[...] o professor, nessa nova proposta, ele também tem uma carga-horária maior de planejamento, para capacitação, né? Então já é voltado para capacitação do professor e seus planejamentos, porque o professor não pode ficar lotado quarenta horas em sala de aula, e o tempo para capacitação? Então, tem esse diferencial, essa nossa carga-horária é diferenciada do ensino regular. Nós temos um tempo maior pra planejamento, para formação, para capacitação.</p>			
<p>Caminhante 8</p>	<p>O nosso método agora, quer dizer, a nossa metodologia de planejamento, ela mudou totalmente. Ele é um planejamento descritivo, nós temos uma outra é... uma outra parte do sistema que nós entramos agora, para poder disponibilizar. Ele é totalmente descritivo, não é igual era anteriormente, que era mais reduzido, agora é mais descritivo, mais detalhado. Há uma interdisciplinaridade. Uma das questões, assim, que a gente coloca em foco, é a interdisciplinaridade. Por quê? Porque aí você soma conhecimento, soma o conhecimento e a gente conversa entre as disciplinas a gente não deixa uma coisa, assim, sabe, é só essa disciplina, não tem a ver, não, a gente quer somar o conhecimento. E, aí, os alunos também... os estudantes começam a perceber que existe essa interligação entre as disciplinas.</p>	<p>Sistema de registro do planejamento na Secretaria de Educação sofreu alterações, porque o perfil do planejamento também mudou. Professores realizam planejamento interdisciplinar e coletivo, com tempo disponibilizado pela escola, no período dedicado à sua carga-horária de tempo integral. Faz parte do direcionamento da proposta de educação integral em tempo integral</p>	<p>Professor</p>	<p>Planejamento</p>

	<p>Se você tem uma atividade interdisciplinar, pode fazer junto com seu colega professor, pode fazer essa interdisciplinaridade de modo presencial, sim, mas também não são em todos os tempos de estudo, tá? Isso aí vai da necessidade de você ter essa interdisciplinaridade.</p>			
<p>Caminhante 9</p>	<p>[...] os planejamentos agora são descritivos, né? Eles precisam apresentar todos os procedimentos, não só o conteúdo que o professor vai trabalhar, todo o procedimento didático tem que estar no planejamento.</p> <p>Para o planejamento, ele tem tempo dentro da escola e fora da escola, tem tempo para cumprir aqui e fora. A gente tem um modelo de planejamento. Nós temos um modelo de planejamento da escola, que é descritivo, que é normativo. [...]o modelo de planejamento mudou, nós não usamos mais o modelo disponível no sistema, porque o planejamento disponível no sistema, tem as caixas de texto pequenas, que não comportam a descrição que os professores fazem. Então é feito no Word, é postado no ambiente virtual, que é o modelo das escolas integrais, mas antes nós tínhamos um e-mail coletivo e aí, a gente postava lá.</p> <p>[...] os professores estão fazendo planejamento coletivo, que é a nossa reunião de sexta à tarde, quando todos os professores estão na escola. E ali são decididas coisas, são feitos documentos, são discutidos vários temas de ordem geral da escola.</p> <p>Os professores, no planejamento coletivo, eles dialogam entre eles sobre quais temas eles estão trabalhando, as áreas afins. Quais temas eles estão trabalhando, se eles podem ou não, cruzar alguma aula ou trabalho. E a gente também trabalha com temas, né, os nossos</p>	<p>Sistema de registro do planejamento na Secretaria de Educação sofreu alterações, porque o perfil do planejamento também mudou. Professores realizam planejamento interdisciplinar e coletivo, com tempo disponibilizado pela escola, no período dedicado à sua carga-horária de tempo integral. Faz parte do direcionamento da proposta de educação integral em tempo integral</p>	<p>Professor</p>	<p>Planejamento</p>

	<p>planejamentos foram temáticos. Então, no primeiro bimestre o nosso tema foi identidade e aí a gente vai trabalhando nessa propensão temática, então todos os planejamentos tentam convergir pra esse tema. Nem sempre é possível. Tem ali um referencial, conteúdos que não se encaixam na temática, e não tem problema, o professor vai trabalhar do mesmo jeito. Agora, aqueles que se encaixam tentam sempre alavancar com o tema daquele bimestre, de forma que, se você analisar todos os planejamentos, eles vão falar sobre a mesma problemática, ainda que cada um tenha um direcionamento diferente.</p>			
--	--	--	--	--

III – O cotidiano da escola de educação integral

Identificação	Conteúdo	Essência	Categoria	Sub-categoria
<p>Caminhante 1</p>	<p>Para o professor, nessa escola que eu estive, acaba não influenciando muito. Porque seria mais, no meu caso, o professor ele dava a sua aula e ia embora, uma escola normal que tinha recebido o título de escola integral. No que eu presenciei e vivi não tinha muita interferência no professor, um trabalho, oficinas que poderiam contribuir naquele momento.</p> <p>Ele atuava como professor pela manhã e monitor à tarde, pra ele viver a escola de fato, né? Em nossos debates lá, eles falavam que a maioria dos professores não tinha, vamos dizer assim, essa identidade numa escola de tempo integral. Era mais uma escola, apenas. Então, ele ia lá, dava o seu trabalho, fazia... procurava fazer o melhor, mas a escola não vivia uma escola de tempo integral. Outra coisa que eu percebi [...], muitos desses monitores são estagiários, então a maioria dos monitores acaba sendo estagiário. Eles não estão</p>	<p>Professor não recebe formação relacionada à modalidade educação integral. Sua atuação é igual a da escola regular. Sob a diretriz do Programa Mais Educação há o monitor e o estagiário (está em processo de formação na universidade), que atuam no contraturno, ministrando as oficinas.</p>	<p>Professor</p>	<p>Formação</p>

	<p>preparados ainda, né? Eles estão lá pra aprender a dar aula, não estão pra ensinar.</p> <p>Ele não aguenta e fica aquela rotatividade. É um quebra-galho, né?</p>			
Caminhante 2	<p>[...] eu acredito assim, que o governo ele tá muito preocupado com a questão da formação do profissional [...] a coordenadora nossa do Mais Educação ... ela já comentou várias vezes... Da primeira turma que começou, como que eram os profissionais, né? E agora esse cuidado maior quanto à formação do profissional que tá lá dentro. Ele tá começando a investir nessa... nesse profissional, né? O que dá uma validade legal.</p> <p>[...] ela é responsável pelo Mais Educação no Estado, ela teve aqui, agora, mês passado [...] Tá acompanhando a gente de perto, dando formação, sabe? Trazendo o que que ela espera da gente, do Programa [...], então, por isso que eu vejo assim com muito bons olhos essa questão desse apoio, né?</p> <p>Ela pontua muito essa questão do trabalhar esse lúdico com a criança, porque eles são séries iniciais, eles são muito pequenos, né? Então, ela traz todo esse suporte, né? Quando ela não tá presente aqui, ela sempre tá mandando os vídeos, né? Mandando, texto e dando um suporte bem bacana pra gente. Assim, a gente percebe assim que, como é um projeto do governo, e não só o governo estadual abraçou, mas que é do Governo Federal, a gente percebe essa preocupação, deles tarem lá na SED, mas eles tão presente aqui na nossa escola. Então, acaba que a gente consegue desenvolver, né? O trabalho de uma melhor forma.</p> <p>A gente percebe, assim, que a gente não tá sozinho, né? Que a gente tem um suporte.</p>	<p>Formação continuada para os professores que estão envolvidos com as atividades complementares/oficinas do Programa Mais Educação.</p>	<p>Professor</p>	<p>Formação</p>

<p>Caminhante 3</p>	<p>[...] nos nossos cursos de capacitação a primeira coisa que a professora lá... gente, para de falar, para de dar desculpa que a criança não quer, que a criança não quer... mas se for dar uma aula, pegar um dia de sala de aula, ele fala assim: mas realmente, tu tinha razão, porque a criança... E você faz, e você faz e a atividade diferenciada e, não digo metade, mas 10% do seu salário é pra isso... e tem coisa assim que desestimula até a gente, entendeu?</p> <p>[...] o professor, o que acontece? Ele recebe, depois que ele vai ser capacitado. Primeiro ele recebe, engole, né? Depois ele vai ser capacitado. Isso é tudo ao contrário. Eles têm que, antes do Projeto, um ano antes preparar, aí vai receber.</p>	<p>Formação inicial x formação continuada Formação para professor regente, do Programa Mais Educação, denominado 'profissional de educação', parece insuficiente à modalidade educação integral.</p>	<p>Professor</p>	<p>Formação</p>
<p>Caminhante 4</p>	<p>Nós começamos a fazer uma formação para isso, aí a gente foi conhecendo o modelo e tentando adequar o nosso.</p> <p>E aí a gente tá procurando outras coisas, né, estamos fazendo alguns estudos pra que a gente também dê um norte pra nossa caminhada, né, que é bem diferente agora. A gente ainda tem um horário de formação, ela é... vou dizer assim; ela vem no pacote, né? O professor ele vem, tem as 40 horas, então ele um número x de aulas em sala e ele tem um número x de aulas planejada de formação. A Secretaria cobra deles que a cada semestre seja produzido um artigo, né, porque é assim, se ele estudou durante o semestre, ele tem que produzir. Eles acompanham o nosso trabalho...</p> <p>A formação inicial partiu da Secretaria e a continuada a própria escola que vai a encaminhar. Mas, é como eu disse, elas estão sempre aqui. Então elas vêm, às vezes elas trazem um material, elas vêm com algum artigo: "Olha, eu acho que seria bacana vocês estudarem isso aqui." A gente senta, olha, a</p>	<p>Inserção da proposta educação integral em tempo integral antecedida por formação inicial pertinente à modalidade de ensino (pensava-se que seria em extensão maior de tempo). Formação continuada acontece em encontros semanais, em horários pré-estabelecidos pela escola, no período em que o professor cumpre sua carga-horária de tempo integral.</p>	<p>Professor</p>	<p>Formação</p>

	<p>coordenação senta, olha, depois passa para os professores e são feitas as leituras. Aí, de todas essas leituras, o professor vai tirando, né, o embasamento pra escrever lá o seu artigo. Tá sempre produzindo alguma coisa. Então, assim, a questão da formação a gente encaminha, mas não é assim um problema, né, porque tem um horário pra fazer. Inclusive, a gente... a coordenadora deu um jeito de fazer um horário que duas vezes por semana o grupo se reúna só pra isso, só pra estudo.</p> <p>[...] a gente começou essa formação em setembro do ano passado. A gente fez formação até... as aulas atrasaram um pouquinho, né, de fevereiro? Em fevereiro a gente ficou preparando o planejamento, na verdade, né? A gente teve esse período, de setembro até dezembro, pra fazer uma formação. Que a gente pensou assim, a gente vai fazer um ano de formação, tava todo mundo com isso na cabeça, e depois a escola vai começar. De repente, a Secretaria disse: “Não. O projeto começa agora.”</p>			
Caminhante 5	<p>A gente teve uma capacitação, em setembro do ano passado nós começamos, lá por agosto ou setembro, e é uma coisa nova pra nós, então tivemos que nos preparar para conseguir propiciar é... tanto em termos de planejamento, de questões avaliativas, o lidar com isso, né? Porque muita gente não lê também, devido a uma carga-horária muito grande de trabalho, os professores acabam não lendo, e o educar pela pesquisa acaba não deixando, né, porque você precisa ler.</p> <p>Ainda estamos em processo de formação.</p>	<p>Inserção da proposta educação integral em tempo integral antecedida por formação inicial pertinente à modalidade de ensino (pensava-se que seria em extensão maior de tempo). Formação continuada acontece em encontros semanais, em horários pré-estabelecidos pela escola, no período em que o professor cumpre sua carga-horária de tempo integral.</p>	Professor	Formação
Caminhante 6	<p>A formação ela foi no ano passado ainda, né? Assim, particularmente eu acho que poderia ter tido mais</p>	<p>Inserção da proposta educação integral em tempo integral antecedida por</p>	Professor	Formação

	<p>formação pra gente, um tempo maior. A gente começou a ter formação no meio de ano assim... agosto, por aí, a gente começou a ter, setembro... formação... eu acredito que ainda é muito pouco, pelo fato de você ter que mudar toda uma mentalidade do que você vinha trabalhando antes.</p> <p>Até porque você não tem muito parâmetro, para o que a gente queria trabalhar aqui na escola, em outros lugares. Até porque, a gente fez pesquisa, tudo... e a gente não achou quase nada, então a gente não sabia muito bem[...].</p> <p>[...] a gente tá aprendendo e reaprendendo na prática. A formação deu subsídios, assim, até certo ponto, faltou mais, digamos. E, quer dizer, ainda continua, a gente estuda toda quarta... tem um grupo que estuda quarta, tem um grupo que estuda na segunda. Vai começar outro curso também que a gente faz pelo Moodle. Então, a gente tá continuando a estudar, e acho que a gente não tem que parar de estudar também, né? Mas, assim, na verdade, a gente acabou aprendendo as coisas e estudando, discutindo, tudo na prática.</p>	<p>formação inicial pertinente à modalidade de ensino (pensava-se que seria em extensão maior de tempo). Formação continuada acontece em encontros semanais, em horários pré-estabelecidos pela escola, no período em que o professor cumpre sua carga-horária de tempo integral ou pela plataforma de aprendizagem virtual Moodle.</p>		
<p>Caminhante 7</p>	<p>Nós começamos a nossa formação desde o ano passado, por volta de setembro, outubro, do ano passado, nós começamos nossa formação, e continuamos. Todas as quartas de manhã nós temos formação. Na verdade, a escola é dividida. A escola tem dezesseis professores, aí na terça-feira à tarde um grupo está em sala de aula outro grupo está em formação. Aí, na quarta de manhã, o outro grupo que estava em formação na terça, está em sala de aula e os demais estão em formação.</p> <p>Quem é o idealizador dessa proposta de ensino integral em tempo integral, é o professor Pedro Demo. Então, nós começamos com a capacitação com ele. Primeiro, a gente começo estudando sobre a</p>	<p>Inserção da proposta educação integral em tempo integral antecedida por formação inicial pertinente à modalidade de ensino (pensava-se que seria em extensão maior de tempo). Formação continuada acontece em encontros semanais, em horários pré-estabelecidos pela escola, no período em que o professor cumpre sua carga-horária de tempo integral.</p>	<p>Professor</p>	<p>Formação</p>

	<p>escola integral de tempo integral, sobre educar pela pesquisa, né? Porque, na verdade, nossa escola já era integral, mas não tinha essa metodologia voltada para a pesquisa, pra autonomia do aluno. Então, os estudos, no início, eles, consistiram é... sobre o educar pela pesquisa, como seria essa metodologia, né, como educar com a pesquisa, como avaliar com a pesquisa...Os estudos são voltados, até hoje, sobre como trabalhar com o aluno pra pesquisa, seja a metodologia, ou a avaliação. Agora mesmo nós estamos estudando a avaliação, sobre como avaliar o aluno, né, através da pesquisa.</p> <p>Nós temos que produzir textos, nós temos que escrever artigos, dentro do educar pela pesquisa, relatando a nossa experiência, principalmente dentro das nossas áreas. Cada semestre nós temos que entregar um artigo, falando sobre a pesquisa, sobre a nossa área, sobre a experiência, né? [...] É um caminho científico também... Os professores estão voltados para a pesquisa.</p>			
<p>Caminhante 8</p>	<p>Nós estamos ainda na formação, nós estamos fazendo curso, né? É novo tanto para os professores quanto para os alunos.</p> <p>Tivemos também uma formação para o educar pela pesquisa em tempo integral, que começou esse ano. Começamos a formação no ano passado, no ano de 2015, e essa formação ela se dá a distância, nós fazemos um curso e a plataforma utilizada é o Moodle. Só que nós não terminamos ainda, nós não terminamos essa formação. Na inicial, o pessoal da Secretaria veio até a escola e explicaram como que funciona a plataforma, conversaram um pouquinho com a gente e, aí, deu-se o início do curso. Houve alguns encontros presenciais na própria escola, mas a maioria do curso é feito pela plataforma mesmo, online. Nós estamos em formação ainda e nós conversamos</p>	<p>Inserção da proposta educação integral em tempo integral antecedida por formação inicial pertinente à modalidade de ensino (pensava-se que seria em extensão maior de tempo). Formação continuada acontece em encontros semanais, em horários pré-estabelecidos pela escola, no período em que o professor cumpre sua carga-horária de tempo integral ou pela plataforma de aprendizagem virtual Moodle.</p>	<p>Professor</p>	<p>Formação</p>

	com eles diretamente, eles dão uma olhadinha nas atividades. Tem esse feedback.			
Caminhante 9	<p>Dentro dessa proposta do educar pela pesquisa, os professores começaram a estudar a APP, né, que é a Aprendizagem Pela Problematização, então nós estudamos esses textos, porque os professores têm formações continuadas semanais.</p> <p>A formação inicial aconteceu no ano passado, na verdade. A formação vem desde o ano passado, pelo ambiente virtual Moodle, da SED. Então a gente teve uma formação do educar pela pesquisa, aonde tinham todos esses textos. O primeiro módulo eram os textos do professor Pedro Demo sobre a proposta, depois nós estudamos os dois caminhos, que foi a problematização para a aprendizagem, os passos de Berbel também. Estudamos os textos, e, aí, ela acabou, essa formação acabou. Aí, essa formação foi incorporada na carga horária do professor, dos tempos de estudo aqui.</p>	Inserção da proposta educação integral em tempo integral antecedida por formação inicial pertinente à modalidade de ensino (pensava-se que seria em extensão maior de tempo). Formação continuada acontece em encontros semanais, em horários pré-estabelecidos pela escola, no período em que o professor cumpre sua carga-horária de tempo integral ou pela plataforma de aprendizagem virtual Moodle.	Professor	Formação

III – O cotidiano da escola de educação integral

Identificação	Conteúdo	Essência	Categoria	Sub-categoria
Caminhante 1	Então eles chegavam 8... 7 horas da manhã, tinha atividades, algumas atividades de manhã, almoçava e iniciava o período vespertino à tarde. [...] era mais pra brincar. Aí, as salas, quem estudava de manhã ficava livre à tarde. Então achei muito estranho também. Tinha muitos alunos que estavam embaixo da árvore, lá, descansando, né? Porque não tinha aquela coisa, e os alunos mais velhos acabavam interferindo um pouco nesse meio pedagógico. Eles eram auxiliares do	Escola com jornada estendida (PME), mas sem diretriz pedagógica à aprendizagem do aluno. Tempo integral sem educação integral, “mais do mesmo”. Alunos ‘problemáticos’ atendidos no contraturno.	Aluno	Aprendizagem

	<p>pessoal da limpeza, auxiliar da tia da cantina, né?</p> <p>Jogavam de manhã, faziam palestras, oficinas, né? Faziam oficinas de jogos, de educação física, de judô... Essas palestras era o que era mais atrativo para os alunos [...].</p> <p>Os alunos, vamos dizer assim, mais problemáticos, que dão mais trabalho, eram os que ficavam à tarde.</p> <p>[...] naquele momento que eu presenciei, não interferia muito para os alunos.</p> <p>A maioria dos alunos está lá porque o pai quer que ele fique lá o dia inteiro, porque é escola de tempo integral, tá?</p>			
Caminhante 2	<p>Então eu não me importava de pagar 45 reais, 50 reais, 60 reais por mês pra tirar xerox porque eu queria levar umas atividades diferenciadas. Porque os pequenos, principalmente 1º ano, é complicado você falar que você não vai trabalhar xerox.</p> <p>“Ah! Vamos só trabalhar com construtivismo”, né? A criança tem que construir? Tem, claro que tem, mas a gente precisa, eu acredito, que a gente precisa de pegar no papel ali, a gente precisa ensinar essa criança a ter coordenação motora. Então, eu falo assim, eu acho que sempre tem que mesclar.</p>	Escola com jornada estendida (PME), mas sem diretriz pedagógica à aprendizagem do aluno. Tempo integral sem educação integral, “mais do mesmo”. Atividades desenvolvidas a partir de ecletismo metodológico, com tendência ao ensino tradicional.	Aluno	Aprendizagem
Caminhante 3	<p>O projeto de alfabetização do Estado é o seguinte: ele considera o 1º, o 2º e o 3º ano, tanto é que a reprovação, o 1º ano ele mantém, a criança, vai automática pro 2º ano, independente de sabendo ler ou não, ou tendo base alfabética ou não, e ele termina essa alfabetização no 3º ano, né? Aonde a gente entende essa educação do Estado agora, né? Eles acataram era parte da alfabetização agora. Então, o que que acontece?</p> <p>[...] tem criança que chega sem saber pegar no lápis.</p>	Escola com jornada estendida (PME), mas sem diretriz pedagógica à aprendizagem do aluno, inclusive no que tange à alfabetização. Tempo integral sem educação integral, “mais do mesmo”. Atividades desenvolvidas a partir do ensino tradicional.	Aluno	Aprendizagem

	<p>[...] aí, se perguntar a minha opinião enquanto educadora, eu acho o cúmulo.</p> <p>Por mais que tenha que entender o seguinte: o projeto de alfabetização do Estado, o modelo do estado de Mato Grosso do Sul, hoje, é os 3 anos. Então, a criança não chega pronta no 3º ano, às vezes ela chega até sem ser alfabetizada no 3º ano, entendeu? Bom? Eu não sei até onde que é bom isso.</p> <p>[...] eu acho ridículo, né? Desculpa até a palavra, mas isso existe.</p> <p>[...] ali você vê a diferença porque ano passado eles já estavam trabalhando essa educação integral e as crianças vieram mais prontas pra gente, pro 2º ano. Com base alfabetizada, né? sabendo as vogais...Eles tendo uma base alfabética, né?, isso aí é primordial. Pra mim, que trabalho com... a minha alfabetização é através do silábico, das sílabas, pra mim é bom...</p>			
<p>Caminhante 4</p>	<p>Porque a gente entende que o começo para eles foi difícil. Eles estavam acostumados a ficar sentados e copiar do quadro. Teve um aluno nosso que falou: “Não consigo. Não tem o que copiar, como é que eu vou estudar? Eu não tenho o que estudar.” Eles não entendiam, né, que esse conhecimento construído ia ser melhor do que o conhecimento decorado.</p> <p>Agora eles já olham e já conseguem compreender que eles não podem copiar na íntegra, né? A dificuldade de escrever que eles chegam aqui. Você pede uma produção, o menino, na marra, com você empurrando, ele fazia 5 linhas. E era na marra! Fazer mais do que isso... Os que já eram nossos, eles já tinham o hábito, por que a gente sempre dá uma prova de redação, né, no bimestre, eles sempre fazem produção de texto.</p>	<p>Proposta de educação integral em tempo integral: inicialmente, desafio para aplicação de diferentes formas de aquisição de conhecimento. Educar pela pesquisa objetiva promover autonomia em busca do conhecimento e tem proporcionado melhora na aprendizagem, que pretende ser significativa para o aluno dentro e fora da escola.</p>	<p>Aluno</p>	<p>Aprendizagem</p>

	<p>Então, ele já sabia que tinha que escrever, mas mesmo assim, para alguns a escrita é algo... desafiador, e, aí, a gente consegue perceber, olhando o portfólio de alguns, que o aluno que, lá nas primeiras semanas, ele escrevia três ou cinco linhas, ele já está conseguindo escrever uma folha. Então, já tem, né, já melhorou, né, a questão da coerência na escrita deles já está melhorando bastante. Até a forma de pensar mais criticamente, vamos dizer assim, né, eles veem, eles questionam, eles falam, conseguem pensar nos direitos deles de outra forma, né?</p> <p>[...] a gente faz um conselho de classe que é participativo, onde o aluno vem e aponta os pontos positivos e negativos daquele bimestre. É... quando eles começaram a usar o laboratório, nossa! O que veio de... os pontos positivos eram sempre esses: que as aulas tinham melhorado muito com isso, a gente foi no laboratório tantas vezes. Aí, eles foram pontuando assim, né, colocaram...</p> <p>[...]eles já melhoraram, assim... Pra você ter ideia, aluno chegar no fim do conselho e elogiar... Matemática. Eles disseram assim que, nossa! Eles estavam entendendo Matemática.</p> <p>[...]eles verbalizaram que eles gostam do jeito que o professor tá fazendo, que eles tão entendendo. Às vezes chega assim: “Ah! Eu consegui resolver os exercícios que o professor passou!” É muito legal também. A própria construção do conhecimento o nosso aluno[...] ele vem do ensino fundamental tradicional e ele chega como um aluno copista e ele consegue, assim, porque ele decora. Aqui ele tem que pensar numa resposta.</p> <p>“Ah! Mas porque que é assim?” O aluno nunca parou pra pensar “porque que é assim”, porque no método tradicional tá aqui, a definição é essa, o cálculo é esse, a</p>			
--	---	--	--	--

fórmula é essa... E geralmente, vou falar isso por experiência de aluno, né, que não gostava de Física, por exemplo, a teoria ela tá desvinculada daquele cálculo. De onde saiu esse monte de número? De onde saiu essa fórmula? E agora não tem, porque a gente se prende na análise do resultado. “Por que? Por que que você achou esse resultado?” Ah, então ele sabe agora que, por exemplo, as ondas são produzidas, né, por um determinado fenômeno e explicar.

Então, ele para pra pensar no processo, aí ele consegue ver o significado.

Então, eu vejo que a educação integral, ela trabalha nesse sentido, de dar significância aquele conteúdo. Eu não tô estudando isso porque tá lá no Referencial, eu tô estudando isso porque isso tem significado pra minha vida.

Agora a gente tá vendo na comparação mesmo da produção do aluno. De como ele pensava quando ele chegou aqui, em fevereiro, e como ele tá pensando agora em agosto. E a gente quer que até dezembro ele esteja pensando mais além e quando ele chegar no 3º ano do ensino médio é pra ele estar pensando muito mais além.

O aluno fica aqui e ele sempre sabe o que tem pra fazer. Ele sempre dá continuidade ao trabalho. Dizer assim que a gente fica com aluno ocioso, não tem. Ele sempre tem alguma coisa pra fazer. Às vezes eu acho engraçado que a gente fala assim que eles querem ir pra sala de informática na hora do almoço, porque eles querem olhar o Facebook, por exemplo. Um ou dois querem, os outros querem tá pesquisando alguma coisa relacionada à aula. Às vezes eles chegam mais cedo e pedem assim, apesar de que sete horas a sala tá aberta, né? Aí eles pedem:

	<p>“Professora, a gente pode usar o computador?” / “Pode.” / Aí, eles vão lá e comentam: “Eu fui lá olhar e os alunos estavam fazendo pesquisa.” Então, eles chegam mais cedo pra isso... Então... eu não sei... é uma sensação gostosa, de estarem sempre estudando. Dizer que 100% dos nossos alunos são ótimos, é utopia, né, não são, não são mesmo, mas a grande a maioria deles são alunos, assim, que são melhores que a encomenda, vamos dizer assim. Eles são ótimos, eles se inseriram muito bem.</p> <p>Porque quando a gente começou a trabalhar diferente, a dar uma significação pra aquilo que a gente tá passando, né, a gente percebe isso quando eles falam: “ah! “Eu aprendi a matéria tal”, “eu entendi.” Ou então: “não, o professor tal é um professor destaque, porque ele faz uma aula assim, assim... e aí, às vezes, você vê eles falando no corredor, falando com brincadeira, mas eles falam o que viram na aula, então tá absorvendo, tá dentro ele, ele vai levar isso com ele. Então, isso é integral. Ele levou com ele, né? Construiu o conhecimento pra vida, o resto é só formalidade, vamos dizer assim, né?”</p>			
<p>Caminhante 5</p>	<p>[...] mas o resultado é bom, o resultado é bom. A gente não vai quebrar de uma hora para outra o sistema, né, a gente tem em mente aí que o que vai realmente dar uma possibilidade maior de análise é o 1º ano, daqui a dois anos, quando eles estiverem no terceiro, na aplicação de provas que a gente vai conseguir ver. Mas, na minha matéria específica, no caso a Geografia, ou na área de humanas, que a gente tem uma afinidade um pouco maior, a gente já percebe que eles chegaram e praticamente não conseguiam construir um...um parágrafo, às vezes, quiçá um texto. Hoje já sabem a estrutura de um texto, sabem fazer uma correção mínima, e</p>	<p>Proposta de educação integral em tempo integral: inicialmente, desafio para aplicação de diferentes formas de aquisição de conhecimento. Educar pela pesquisa objetiva promover autonomia em busca do conhecimento e tem proporcionado melhora na aprendizagem, que pretende ser significativa para o aluno dentro e fora da escola. O mercado de trabalho apela ao ensino médio: estudar x trabalhar, isso implica na visão que o aluno tem da escola e do aprendizado que precisa ter.</p>	<p>Aluno</p>	<p>Aprendizagem</p>

	<p>a gente também acaba ajudando a Língua Portuguesa.</p> <p>Você pega alunos aí que não sabiam e hoje ele já senta e escreve um texto. Não tem tanta cientificidade, ele precisa buscar, mas, assim, a estrutura tá bem legal. Outros avançam mais devagar, mas isso é normal dentro do processo. Numa metodologia como essa, você tem um processo diferenciado mesmo, não há uma homogeneidade. Uns aprendem mais rápido Matemática, outros mais rápido Geografia, outros mais Biologia e isso é... normal.</p> <p>[...] mas, em termos de produção eu vejo avanço.</p> <p>Se alguém olhar na pasta, vai ser a evolução: do primeiro rabisquinho, método bem frágil ainda, sem nenhum conhecimento, até chegar ao produto final, que já é uma coisa mais elaborada.</p> <p>Teve aí um ou dois alunos que realmente não... Ao meu entender, mesmo que fosse em outra escola eles não querem. Não é a modalidade de educação integral, em si, que interferiu. Não quer estudar, quer trabalhar. A concepção deles era assim, de trabalhar e estudo em segundo plano, porque eles querem as coisas e tava faltando, então o apelo do mercado...</p> <p>Eu sempre falo muito isso pra eles, né, eles têm condição, sim, de pesquisar, de correr atrás e usar as ferramentas, que são muito amplas hoje, pra transformar a informação em conhecimento.</p> <p>Pra quem gosta do conhecimento é muito bom, mas pra quem é mais preguiçoso, pra quem não tá acostumado, pra entender os ganhos que isso vai dar no futuro é um problema.</p> <p>Os resultados estão sendo bons, assim, na medida em que a gente</p>			
--	--	--	--	--

	esperava. Como eu te falei: aluno que não escrevia uma linha, uma frase, e hoje está escrevendo um texto inteiro.			
Caminhante 6	<p>Essa é a primeira escola de educação integral que eu trabalho e esse é o primeiro ano de atividades aqui. Em relação a essa escola, eu vejo ainda como... bem prematuro tirar conclusões sobre a aprendizagem, por exemplo, né, porque a gente ainda tá numa fase de implantação das coisas, eu vejo que a gente ainda tem que é... adaptar e arrumar muitas coisas ainda, tá? Porque a gente vem de uma forma de ensino ou de um jeito de ensinar é... de anos e anos e se libertar disso é muito complicado, né, e a gente tá passando por isso ainda.</p> <p>Para os alunos é... em toda a literatura que fala sobre o assunto é... sempre dá aquela impressão de que aluno... que você não tá dando aula, assim, coisa, assim, que fica muito por conta do aluno, e dá a impressão que o aluno tá solto assim, faz se quiser ou não. Então, surgiram algumas ideias assim, no início, dos alunos e tal... e alguns alunos brincavam: “ai, professor, passa alguma fórmula aí, pra que a gente resolva, responda...” e tal, né? Então, assim, foi uma questão de adaptação deles e alguns falavam: “Ah, professor, volta do jeito que tava...” e não sei o que... mas é uma questão de mudar de visão, né, porque vêm desde a primeira série com o mesmo... até o oitavo, nono ano com o mesmo... e, de repente, você muda [...].</p> <p>[...] eu acho que o objetivo principal dessa escola, é que quando ele sair daqui, no 3º ano, é...em algum momento que ele tiver que estudar, ele sabe onde procurar as coisas, ele sabe resolver as coisas também sozinho. Eu acho que talvez seja o maior benefício que ele venha receber na escola assim. Seria mais ou menos isso. Que ele tenha essa</p>	Proposta de educação integral em tempo integral, fase de implantação: inicialmente, desafio para aplicação de diferentes formas de aquisição de conhecimento, por isso é prematuro tirar conclusões a respeito da aprendizagem dos alunos. Necessita de ajustes, adequações. Maneiras antigas de ensinar estão arraigadas na vida escolar. Educar pela pesquisa objetiva promover autonomia em busca do conhecimento.	Aluno	Aprendizagem

	autonomia de correr atrás das coisas, de saber se virar, né?			
Caminhante 7	<p>[...] mas a gente vem vendo as conquistas, o crescimento do aluno. Nossos alunos não eram acostumados a ter autonomia de escrever, dissertar, e a gente vê essa evolução, isso vem acontecendo. Hoje, às vezes os alunos nos desafiam quando a gente é... lança uma problemática que não exige muito. Eles falam “Professora, a gente não vai ter que pensar hoje? Porque eles estão acostumados a pensar, eles vêm trabalhando isso desde o início do ano, né, e isso vem mudando, vem fazendo a diferença.</p> <p>Para o aluno, pelo menos para alguns, não é tão fácil. Olha, tem aluno que tem dificuldade até hoje e que, infelizmente, não se adequaram ao perfil da escola, né, voltada para o caráter científico, da pesquisa, a grande maioria, eu diria que 70% da escola estão gostando, se fosse para escolher agora, voltar para o tradicional ou continuar no educar pela pesquisa, tenho certeza que eles não iriam...não voltariam. Mas, é lógico que esses alunos que gostam, que já estão inseridos tiveram dificuldade no início, porque eram alunos que eram acostumados com provas objetivas, onde só lia e marcava um X. Hoje, não eles têm que descrever, eles têm que produzir texto.</p> <p>Eu acho que evoluíram muito. Os alunos que estão totalmente envolvidos com o educar pela pesquisa, evoluíram muito. Tem alunos que surpreenderam, né? Mas, é como eu disse, tem uns 30% que não estão totalmente inseridos, né, têm dificuldade ainda de alicerçar, escrever, compreender, mas são, geralmente, alunos que sem algum comprometimento. Nós sabemos que nem todos os alunos têm sua capacidade cognitiva, né, 100%. Então, geralmente, esses alunos que têm um pouquinho de comprometimento né, no</p>	Proposta de educação integral em tempo integral, fase de implantação: inicialmente, desafio para aplicação de diferentes formas de aquisição de conhecimento. Educar pela pesquisa objetiva promover autonomia em busca do conhecimento e é importante que o aluno também esteja comprometido em buscá-lo.	Aluno	Aprendizagem

	<p>aprendizado, são as pessoas que têm um pouquinho mais de dificuldades. Mas, esses alunos a gente tem que entender que são comprometidos. Aí realmente tem aqueles alunos que não fazem, por preguiça ou porque não querem. Mas a grande maioria participa e a gente percebe uma grande mudança. A gente percebe realmente essa autonomia, essa autoria. Porque é isso que o educar pela pesquisa busca num aluno, né? O aluno á autor da sociedade.</p>			
<p>Caminhante 8</p>	<p>[...] nós sabemos que os resultados a gente só vai ver daqui um tempinho. A gente precisa de tempo pra poder observar os resultados. Tanto para os professores quanto para os discentes é bem... tá sendo bem, assim, bem diferente. Nós estamos fazendo adaptações pra ver se a gente... e a gente quer realmente, né, alcançar o nosso objetivo maior, que é a aprendizagem, o aprender, a busca pelo conhecimento, fazer com que o indivíduo tenha uma autonomia, que ele busque, que ele aprenda, que ele tenha gosto por buscar.</p> <p>Não sabemos, porque é algo novo, né? Não sabemos ainda, exatamente, o resultado que a gente vai alcançar. Como o aluno é avaliado, na maioria das vezes, pela produção textual, nós percebemos que alguns melhoram bem em relação a produção textual. Hoje eles conseguem, alguns, né, conseguem fazer uma introdução, desenvolver um texto dissertativo, conseguem colocar lá uma intervenção na conclusão, mas não são todos. Mas isso aí leva tempo, porque pra você aprender o que é escrever leva tempo. Você tem que gostar de ler, você tem que aprender uma série é... são várias áreas ali pra você conseguir adequadamente fazer um texto. Um texto de forma adequada, que seja claro, que tenha coerência, tenha coesão... é um trabalho pra ser analisado ao longo do tempo, pra</p>	<p>Proposta de educação integral em tempo integral, fase de implantação: inicialmente, desafio para aplicação de diferentes formas de aquisição de conhecimento, por isso, em certo sentido, é prematuro tirar conclusões definitivas a respeito da aprendizagem dos alunos. Necessita de ajustes, adequações. Maneiras antigas de ensinar estão arraigadas na vida escolar. Educar pela pesquisa objetiva promover autonomia em busca do conhecimento e é importante que o aluno também esteja comprometido em buscá-lo.</p>	<p>Aluno</p>	<p>Aprendizagem</p>

	<p>gente conseguir, né, realmente perceber quais são os resultados. Hoje nós não sabemos ainda, porque é muito recente. O educar pela pesquisa é muito recente, não tem nem um ano nessa escola.</p>			
<p>Caminhante 9</p>	<p>[...] pela primeira vez os professores têm como preocupar-se se o aluno está aprendendo ou não e encontram meios efetivos (tempo, opções de trabalho) para que possam melhorar. Porque, na realidade, numa escola com 180 alunos, se tem um aluno com dificuldade tem como dar uma atenção especial pra ele, tem como fazer algo especial. Principalmente nessa realidade que o professor fica aqui o dia inteiro, ele é integral da escola, porque o professor também não divide carga-horária em outras escolas. Na realidade anterior, que nós vivíamos, não tinha como, porque o professor dava 40 horas em quatro escolas, cinco escolas, porque ele tinha 500 alunos. Então, por mais que ele diagnosticasse o problema, ele conseguisse diagnosticar o problema em cada turma, era difícil pra ele lidar com esse volume de alunos, com esse volume de pessoas. Então, aqui não. Aqui, se ele tem um problema por turno, se ele tem alunos com dificuldades (vamos colocar 15 alunos, 20 alunos), ele tem como trabalhar na orientação de estudos, ele pode formar uma turma só com alunos que ele perceba que tem dificuldade, naquilo que tem dificuldade.</p> <p>[...] nós não podemos comparar os resultados a curto prazo. É o primeiro ano do projeto, e nós recebemos um público aqui que veio de uma rede municipal com dificuldades, então é complicado a gente mensurar isso esse ano. É uma opinião minha. Mas observando do os alunos, observando a aprendizagem deles..., os alunos são os mesmos, os problemas são os</p>	<p>Proposta de educação integral em tempo integral, fase de implantação: inicialmente, desafio para aplicação de diferentes formas de aquisição de conhecimento, por isso, em certo sentido, é prematuro tirar conclusões definitivas a respeito da aprendizagem dos alunos. O tempo integral do professor influencia na aprendizagem do aluno. Sua permanência na escola contribui para criação de vínculos e atendimento mais eficiente às dificuldades de aprendizagem. Educar pela pesquisa objetiva promover autonomia em busca do conhecimento e é importante que o aluno também esteja comprometido em buscá-lo. O mercado de trabalho apela ao aluno do ensino médio: estudar x trabalhar, o que compromete sua relação com a escola e, conseqüentemente, com a aprendizagem.</p>	<p>Aluno</p>	<p>Aprendizagem</p>

	<p>mesmos, o que acontece é que agora nós temos mais possibilidade de trabalho. Nós temos os mesmos problemas, nós lidamos com os mesmos problemas, mas agora nós temos espaço, parece que fôlego, pra lidar com eles.</p> <p>Os alunos também têm uma concepção de educação integral, com certeza. Eu acho que agora existe uma escola com algo trabalhoso e eles sabem que isso exige deles recursos que eles precisam mobilizar: atenção, paciência, leitura, concentração...uma ideia de escola que eu acredito que eles não tinham antes.</p> <p>[...] é uma pena que nem todos optem pela educação integral, porque ela ainda não é um caminho que todos podem cursar, porque a maioria dos jovens têm a necessidade de trabalhar no contraturno. A própria estrutura da família que opta que o aluno trabalhe, que não é ruim nem bom, mas muitos poderiam estar aqui e não estão, porque trabalham, porque enxergam no trabalho uma melhoria, algo seja melhor do que ficar o tempo inteiro na escola.</p>			
--	--	--	--	--

III – O cotidiano da escola de educação integral

Identificação	Conteúdo	Essência	Categoria	Sub-categoria
Caminhante 1	<p>[...] a maioria dos professores não conhece essa realidade. Vai lá, fica pela manhã, dá as suas aulas, e vira uma escola normal... Então, uma escola normal, não uma escola de tempo integral.</p> <p>Para o professor, nessa escola que eu estive, acaba não influenciando muito. Porque seria mais, no meu caso, o professor ele dava a sua aula e ia embora, uma escola normal que tinha recebido o título de escola integral. No que eu presenciei e vivi não tinha muita interferência no professor, um trabalho, oficinas que poderiam contribuir naquele momento.</p>	Escola integral mas com práticas de escola regular, conseqüentemente deduz-se que a avaliação e seus procedimentos também o são.	Aluno	Avaliação
Caminhante 2	<p>[...] ele participa das oficinas. A gente faz a tarefinha com eles, reforça. Eu, no caso, sou na área de exatas, aí tem a professora de linguagem, aí tem as outras oficinas, tem esporte, tem lazer, a outra que é só Educação Física mesmo... então, ele vai passando, né, durante a semana ele vai passando por essas oficinas. E é um complemento é um... seria, assim, um estímulo a mais pra essa criança permanecer na escola.</p>	As diretrizes do Programa Mais Educação não contemplam procedimentos específicos de avaliação para os alunos das oficinas ou das atividades complementares.	Aluno	Avaliação
Caminhante 3	<p>Eu trabalho no 2º ano B, [...] fiquei sabendo do projeto, né? Que de manhã é o ensino regular e à tarde tem as oficinas é... as outras, as demais oficinas do Projeto Mais Educação, né? A minha experiência com esse 2º ano, né?</p> <p>O projeto de alfabetização do Estado é o seguinte: ele considera o 1º, o 2º e o 3º ano, tanto é que a reprovação, o 1º ano ele mantém, a criança, vai automática pro 2º ano, independente de sabendo ler ou não, ou tendo base alfabética ou não, e ele termina essa alfabetização no 3º ano, né? Aonde a gente entende essa educação do</p>	<p>As diretrizes do Programa Mais Educação não contemplam procedimentos específicos de avaliação para os alunos das oficinas ou das atividades complementares.</p> <p>Avaliação específica para alunos em processo de alfabetização.</p>	Aluno	Avaliação

	Estado agora, né? Eles acataram essa parte da alfabetização agora.			
Caminhante 4	<p>Eles ficaram meio assim com a questão “a gente não faz mais prova, como é que vocês vão dar nota pra gente?” Porque a moeda de troca do aluno é nota, né, então eles ficaram mesmo assim: “Nossa, mas e aí?” Aí eles foram entendendo que as produções eram diárias, que tudo o que o professor tá falando, tudo que ele vai registrando que é o que vai, né, chegar ao final. A gente trabalha com portfólio, então cada aluno tem o seu, tudo o que ele produz, né, então ele entregou um texto, o professor avalia, faz adequações e fala: “Oh, arruma o que é preciso.” Aí ele devolve um outro com as correções devidas e o professor vai colocando lá. É um portfólio multidisciplinar.</p> <p>[...] algumas questões que a gente tá preso com essas avaliações externas. A gente até pensa assim: faz uma metodologia onde o aluno não faz prova, mas a mantenedora avalia ele com prova. O portfólio é um instrumento de avaliação, mas não é o único. Os professores fazem outras atividades: júri simulado, debates...fazem esse tipo de atividade e que conta como nota.</p> <p>O portfólio é impresso, posteriormente ele vai ser todo digital, né, até porque não tem lógica a gente ficar acumulando papel. O portfólio não é o único, mas vamos dizer que é o principal, porque é o que a gente tem de palpável. Porque, assim, o professor fez um teatro, fez um sarau... tem os critérios e tá lá. Ele que avaliou, ele que colocou... A gente tem acesso ao controle do professor, você vai abrir o portfólio e vai tá constando lá, pode até tá constando: “nesse período não tem produção escrita porque foi feito um teatro.” Uma justificativa tem que ter porque sempre vem alguém e pode perguntar: “Mas por que que nessa disciplina não tem nada? Pra</p>	Procedimentos, critérios e instrumentos de avaliação da escola de educação integral em tempo integral. Produções escritas dos alunos, em maioria, compõem um portfólio individual, porém multidisciplinar, após correções e revisões sistemáticas dos professores. Inicialmente, alunos e professores estranharam os procedimentos. Não há provas, mas há critérios de avaliação e notas. Entretanto, há critérios da macroestrutura educacional, sistema governamental, que avalia com provas.	Aluno	Avaliação

	<p>não ficar aquela coisa: “O professor não tá fazendo nada?”/ Ele tá. De repente não tá colocado ali porque não foi feito um registro escrito, né, desenho e essas coisas que são feitas... Às vezes a professora tá trabalhando com produção de tela, e como é que você vai colocar tela dentro do portfólio?</p> <p>O professor tem que saber o quê? “O que eu quero que ele saiba disso aqui?”</p> <p>[...]essa parte do retorno do professor, que a gente cobra que o professor retorne pra ele, porque ele precisa progredir na atividade, é que faz o crescimento. Foi difícil! Tem aluno que não aceita o que que ele escreveu não tá bom, que ele vai ter que escrever de novo.</p> <p>[...] até eles entenderem que era um processo, que eles tinham que passar, que, pra serem melhores do que eles já eram, eles iam ter que passar por isso, demorou um tempo. A gente teve muita resistência em corrigir, né? De aluno que não corrigiu, porque ele achava que ele não tava errado que ele não ia corrigir. Então é crescimento assim. Com o tempo eles vão entendendo.</p>			
<p>Caminhante 5</p>	<p>Não tá a coisa muito ainda encaminhada...as avaliações, né, muita subjetividade, até o ponto que se fala, mas, ao mesmo tempo também, quando você abre muito não tem como você é... cobrar coisas sistemáticas. Então, eu, por exemplo, minha área é escrita, né, então por mais que nesse bimestre, por exemplo, eu trabalhei com eles nos seminários, mas eu pedi que no final agora cada um fizesse uma redação. Então eles fizeram, eu estou corrigindo, entregando, e essa redação é que fica no processo avaliativo do portfólio. Então, nota escrita é essa avaliação, mais o relatório que eu vou fazer, né, da desenvoltura na apresentação, mas nos outros bimestres, não. Não teve seminário, foi só trabalho escrito e</p>	<p>Procedimentos, critérios e instrumentos de avaliação da escola de educação integral em tempo integral. Produções escritas dos alunos, em maioria, compõem um portfólio individual, porém multidisciplinar, após correções e revisões sistemáticas dos professores. Inicialmente, alunos e professores estranharam os procedimentos. Não há provas, mas há critérios de avaliação e notas. Entretanto, há critérios da macroestrutura educacional, sistema governamental, que avalia com provas.</p>	<p>Aluno</p>	<p>Avaliação</p>

projeto. Foi artigo científico e trabalho científico. Foi bem ABNT, né?. De um modo geral, acabei fazendo técnica de pesquisa com eles aplicada à Geografia. Isso foi bom, porque tem muita gente que tá usando, né, a escola toda tá usando agora. Vai pedir um artigo? Eles já sabem. Vai pedir um trabalho? Eles já sabem... Como fazer citações, como fazer referências, como é que faz a estruturação, a formatação.

Então, as produções individuais, inclusive, há uma cobrança em cima da gente, que tem que ser realmente feitas as correções e observações, entregue para o aluno e ele tem que devolver.

Tem também a questão da avaliação nessa proposta. Tem nota. É atribuído nota, né, senão... tem que estar nos boletins e tudo isso, né? Mas, assim, por exemplo, como eu falei, se eu pedisse só a subjetividade, um seminário? Então, outras coisas são levadas em consideração. O portfólio é só uma... um local onde são depositadas as produções deles, né? Então, alguns têm produções mais significativas, gostam de escrever mais, participam mais. Outros são em menor... Então, escreve menos, produz menos, não gosta tanto daquela disciplina...Tudo é levado em consideração, inclusive a produção do aluno no dia a dia. Então, nós temos fichas aí que a gente consegue marcar: Ah! Participou da aula, escreveu, debateu... Tem os critérios, né? Então, assim, ele não escreve tanto, mas ele participa, ele debate, ele se apresenta com outras ferramentas, ele consegue desenvolver outra coisa... Tudo isso é levado em consideração.

O que é cobrado da gente também, nessa parte da avaliação, é a parte física, né? Pelo menos uma produção ele tem que ter [...] , essa questão física é pra provar, né, pra ficar anexado. A gente tem os

	portfólios justamente pra isso, pra mostrar pro pai, pra mãe, pra Secretaria.			
Caminhante 6	<p>E tem os critérios de avaliação. Eu vou falar, assim, do meu caso, porque eu acho que cada professor tá trabalhando assim, eu sei que é produto final é sempre uma produção, na grande maioria das vezes, é textual, que vai ficar lá no portfólio deles. Da minha, parte, por exemplo, que eu faço, eu tenho as minhas aulas de laboratório é... levando questões do problema lá, né, no laboratório, e eles vão ter que me responder esses problemas, vão pesquisar e nisso, em cima disso, eu peço pra eles uma produção textual explicando o fenômeno que acontece e tal. Então, o meu trabalho tem sido em cima disso. Até porquê o pessoal da Secretaria é... eles pedem sempre que seja em cima dessa proposta, que o aluno escreva bastante. Então vem trabalhando bastante sobre isso. Aí, essa parte eu mudei bastante também.</p> <p>Acho que em cima disso a gente evoluiu bastante também. Nessa questão de...uma avaliação não é só marcar X e só fazer uma conta, né? O que a gente trabalha..., eu trabalho nessa ideia, de que o aluno descreva o fenômeno que está acontecendo. Pra mim, só fazer conta não quer dizer nada, né?</p> <p>Eu corrijo, vejo que aquilo não tá dentro daquilo que eu quero, né, do conhecimento que ele... para ele...aí eu peço...devolvo pra eles poderem.... dou mais um tempo pra eles poderem pesquisar, correr atrás e refazer. Então, é essa dinâmica, nesse feedback.</p> <p>O portfólio, na verdade, ele tá... ele é um instrumento de avaliação, mas a gente não tem só o portfólio. Na verdade... o portfólio, na verdade, ele tá ali... tá sendo, é... tá sendo colocado ali todas as produções dele, mas tem uma questão também que a gente tá trabalhando, de uma</p>	Procedimentos, critérios e instrumentos de avaliação da escola de educação integral em tempo integral. Produções escritas dos alunos, em maioria, compõem um portfólio individual, porém multidisciplinar, após correções e revisões sistemáticas dos professores. Inicialmente, alunos e professores estranharam os procedimentos. Não há provas, mas há critérios de avaliação e notas. Entretanto, há critérios da macroestrutura educacional, sistema governamental, que avalia com provas. Tem-se pensado em autoavaliação.	Aluno	Avaliação

	<p>ficha de avaliação. A gente tá arrumando ela, devagarzinho, mas tem toda uma questão de uma ficha... de a gente estar avaliando a aprendizagem de leitura, se o aluno tá conseguindo... tá tendo uma boa leitura, se ele consegue escrever corretamente, tá? Por graus assim... [...] Tem os critérios...</p> <p>Há uma atribuição de nota. A nota... enfim, o sistema pede a nota, né, então a gente tem que dar a nota. Aí, em cima dessas fichas aí a gente... se o aluno está ali, em tal campo ali... na ficha vai de tanto a tanto a nota, aí ele tá ali vai de tanto a tanto... tem que ter um parâmetro assim, né? A gente também agora vai começar a trabalhar com autoavaliação também do aluno. É... no próximo bimestre a gente já tá acertando o jeito de fazer a autoavaliação também, pra agregar como mais um instrumento.</p>			
<p>Caminhante 7</p>	<p>Então, cada turma, tem o seu portfólio, cada aluno tem o seu, particular. Então, todas as produções nós lançamos ali, eles não ficam com as produções, eles ficam com as pesquisas nos cadernos, os dados que são colhidos, ficam reservados ali. Através desses dados, tudo tem que fazer uma produção depois e essas produções são guardadas, porque a escola de tempo integral é... ela, com essa nova metodologia, ela não trabalha com avaliação. Nós não avaliamos nossos alunos, eles não têm prova mais. Então, eles são avaliados diariamente, não tem uma avaliação como prova, tem outros instrumentos. Eles são avaliados o tempo todo, né, o tempo todos eles são avaliados: comportamento, participação é... as produções. Então todas as atitudes do aluno dentro da escola, fazem parte da nossa avaliação. Esses trabalhos que eles fazem, que elas produzem, ficam guardados no portfólio de cada aluno. Os critérios pra essa avaliação são um trabalho conjunto, né, porque a educação integral de tempo integral ela já funciona com a</p>	<p>Procedimentos, critérios e instrumentos de avaliação da escola de educação integral em tempo integral. Produções escritas dos alunos, em maioria, compõem um portfólio individual, porém multidisciplinar, após correções e revisões sistemáticas dos professores. Inicialmente, alunos e professores estranharam os procedimentos. Não há provas, mas há critérios de avaliação e notas. Entretanto, há critérios da macroestrutura educacional, sistema governamental, que avalia com provas.</p>	<p>Aluno</p>	<p>Avaliação</p>

	<p>nova metodologia, né, onde o aluno não tem aula e não tem prova, então isso assustou todo mundo, né, Como que os alunos não vão ter aula nem prova?</p> <p>[...] as avaliações são feitas a todo o momento. Nós não lançamos provas bimestrais, provas semestrais... Nós vamos avaliando o cotidiano do aluno, o rendimento do aluno, se ele está produzindo, se ele não está produzindo...</p> <p>Porque, na verdade, prova não avalia nada, né? [...] porque, de repente, o aluno não estuda, não participa, chega no dia ele cola ou, então, vai na sorte, marca ali e tirou um dez. E, de repente, um aluno que domina o conteúdo não está bem naquele dia, não consegue tirar boa nota na prova. Então, por isso que, na verdade, essa escola não trabalha com avaliação, ela trabalha com rendimento, com a produção do aluno, mas atribuímos uma nota. Se o aluno participa, se o aluno produz...se o aluno tem todas as produções, a nota dele atribuída uma nota boa, tem alunos que são dignos de dez, da mesma forma que temos aluno que produz, que não faz nada, que não faz esforço, que não faz questão de ser inserido, né, no ensino voltado para pesquisa, que, infelizmente não consegue, fica com nota vermelha. Não está se inserindo ao perfil da escola.</p>			
<p>Caminhante 8</p>	<p>Com relação à avaliação, a prova tradicional, que é aquela prova que o aluno responde as questões ou, então, marca elas objetivamente, não temos mais. A produção do aluno, o aluno ele é avaliado pela produção textual e pela produção no dia a dia. Como é que ele... se ele é um aluno que participa, se ele se interessa, se o professor faz algumas indagações e percebe se ele tá compreendendo o que tá lendo, né?</p> <p>A produção textual deles é o instrumento de avaliação. Eles fazem textos individualmente, de</p>	<p>Procedimentos, critérios e instrumentos de avaliação da escola de educação integral em tempo integral. Produções escritas dos alunos, em maioria, compõem um portfólio individual, porém multidisciplinar, após correções e revisões sistemáticas dos professores. Inicialmente, alunos e professores estranharam os procedimentos. Não há provas, mas há critérios de</p>	<p>Aluno</p>	<p>Avaliação</p>

	<p>acordo com a problematização realizada. Esses textos são avaliados e são, assim, são textos que vão sendo feitos é... de forma com que o aluno venha a melhorar sua produção. Não é só ele entregar o texto e acabou ali, não. Cada mês ou cada bimestre são feitas produções textuais e aí o professor entrega a primeira versão que o aluno fez, que o estudante fez, né, e aí, depois o aluno recebe aquela produção, vai ver ali quais foram as observações feitas pelo professor, né, as orientações e ele vai refazer essa produção. Isso em todas as áreas, não fica restrito à Língua Portuguesa, nem a Literatura, são todas as disciplinas. Esse texto, ele, geralmente, tem um tema em comum.</p> <p>[...] de alguma forma, em algum momento ali no bimestre, vai ser realizada essa produção textual. Depois ela é arquivada na escola, no arquivo da escola, e, aí, é pontuado. Não só a produção, mas como o aluno participa dos tempos de estudo. Mas essa produção tem uma base, tem uma... é como se fosse uma pontuação maior, né? Ele tem um peso maior nessa nota total que ele vai receber.</p>	<p>avaliação e notas. Entretanto, há critérios da macroestrutura educacional, sistema governamental, que avalia com provas.</p>		
<p>Caminhante 9</p>	<p>O imaginário, do que era veiculado, era que a escola não ia ter prova a escola era uma escola sem prova, era uma escola que não reprovava, era uma escola que não ia ter aula e..., o gênero ‘aula’, como nós conhecemos, né? E, aí, os alunos chegaram com essa ideia e isso é..., quase, assim, deslizou pra anarquia, né?</p> <p>O fato de não ter aula significa que não tem aquele padrão de aula antigo, mas que tem os tempos de estudo, que tem os trabalhos, que, uma vez não feitos os trabalhos, a nota cai, os professores partem de critérios.</p>	<p>Procedimentos, critérios e instrumentos de avaliação da escola de educação integral em tempo integral. Produções escritas dos alunos, em maioria, compõem um portfólio individual, porém multidisciplinar, após correções e revisões sistemáticas dos professores. Inicialmente, alunos e professores estranharam os procedimentos. Não há provas, mas há critérios de avaliação e notas. Entretanto, há critérios da macroestrutura educacional,</p>	<p>Aluno</p>	<p>Avaliação</p>

	<p>Mas a avaliação tem quantificação, há notas, nós temos os trabalhos, nós temos as atividades..., os instrumentos são os mesmos. Acontece, que a prova não é o único fim da avaliação, né? Pode ter uma lista de exercício como parte? Pode. Porque nós temos disciplinas que no cerne dela está o cálculo. Não tem como avaliar por outro meio, não tem como não ter como parte da avaliação o cálculo. Só que nós temos os trabalhos. Nós trabalhamos com o portfólio. Então, aqueles trabalhos principais, os professores arquivam no portfólio e eles dão uma nota a partir de critérios que eles estabelecem, né? Eles estabelecem critérios, eles organizam a nota deles, o cálculo da nota deles, e, aí, eles geram, calculam e isso tem uma nota, uma quantidade. Pode ser, por exemplo, relatório de aula prática, atividades no caderno de pesquisa, registro de pesquisa..., o professor pode atribuir ali uma quantidade pra cada um e aquilo somar e ter uma nota. O portfólio é por aluno.</p> <p>Dentro daquela pasta nós temos todas as atividades, as principais. Geralmente, o que vai ser arquivado são as atividades finais ou as principais atividades. E, aí, fica muito claro também. O método do portfólio como avaliação fica muito claro, porque você atende um pai que quer saber como que o aluno tá, basta pegar o portfólio do aluno e o portfólio de um aluno que faz a maioria das atividades. E é perceptível. O aluno que faz do aluno que não faz. É algo comprovatório, sabe? [...] Tem um instrumento físico que comprova as notas.</p> <p>Para o professor, para a avaliação do professor, nós temos dois casos. Nós temos tanto o que vai pra mesma disciplina o mesmo trabalho, como, apesar do trabalho interdisciplinar que ocorreu, o diálogo entre as disciplinas, dois professores</p>	<p>sistema governamental, que avalia com provas.</p>		
--	---	--	--	--

	<p>trabalhando juntos no mesmo tempo de estudo, fazem trabalhos diferentes. Tem essas duas realidades, e elas ocorreram normalmente, respeitando especialidades, né? Quando pode agrupar, agrupa-se. Quando não, não agrupa-se. Já aconteceu também de trabalhos diferentes, de disciplinas diferentes, porém o mesmo portfólio, entendeu? O mesmo registro, já aconteceu também. Eu faço uma parte do meu trabalho final da disciplina de Espanhol e parte do meu trabalho final da disciplina de História. Os dois professores corrigem separadamente, mas eles fazem parte do mesmo trabalho.</p>			
--	--	--	--	--



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

SORAYA CUNHA COUTO VITAL

**(DES)CAMINHOS DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL:
CONCEPÇÕES, PERCURSOS E PALAVRAS DOCENTES**

ANEXOS

Campo Grande/MS
2016

ANEXO 1: CRONOLOGIA DE IMPLANTAÇÃO DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE MATO GROSSO DO SUL, NO PERÍODO DE 2008 A 2014

Município	Escola	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Campo Grande	EE Antônio Delfino	X	X	X	X	X	X	X
Campo Grande	EE Luísa Vidal Borges Daniel	X	X	X	X	X	X	X
Corumbá	EE Dr Gabriel Vandoni de Barros		X	X	X	X	X	X
Campo Grande	EE Delmira Ramos		X	X	X	X	X	X
Anastácio	EE Roberto Scaff			X	X	X	X	X
Anaurilândia	EE Guaicurú			X	X	X	X	X
Camapuã	EE Abadia Faustino Inácio			X	X	X		
Campo Grande	EE Amélio Carvalho Baís			X				
Campo Grande	EE Dr. Arthur de Vasconcellos Dias			X	X	X	X	X
Campo Grande	EE Hércules Maymone			X	X			
Campo Grande	EE Maestro Frederico Liebermann			X	X	X	X	X
Campo Grande	EE Manoel Bonifácio Nunes da Cunha			X	X	X	X	X
Campo Grande	EE Marçal de Souza Tupã-Y			X	X	X	X	X
Campo Grande	EE Henrique Cyrillo Corrêa			X	X	X	X	X
Campo Grande	EE Profa Brasilina Ferraz Manteiro			X				
Campo Grande	EE Profa Fausta Garcia Bueno			X	X	X	X	X
Campo Grande	EE Joelina de Almeida Xavier			X	X	X	X	X
Campo Grande	EE Profa Neyder Suelly Costa Vieira			X	X	X	X	X
Campo Grande	EE Thereza Noranha de Carvalho			X	X	X	X	X
Campo Grande	EE Sebastião Santana de Oliveira			X	X	X	X	X
Cassilândia	EE Hermelina Barbosa Leal			X	X	X	X	X
Corumbá	EE Dr João Leite de Barros			X	X	X	X	X
Fátima do Sul	EE Vila Brasil			X	X	X	X	X
Nova Andradina	EE Austrílio Capilé Castro			X	X	X	X	X
Coxim	EE Silvio Ferreira				X	X	X	X
Ivinhema	EE Joaquim Gonçalves Ledo				X	X		
Paranaíba	EE Manoel Garcia				X	X	X	X

	Leal							
Três Lagoas	EE Pe João Tomes				X	X	X	X
Aquidauana	EE Felipe Orro					X	X	
Campo Grande	EE José Ferreira Barbosa					X	X	X
Corumbá	EE Maria Leite					X	X	X
Laguna Caarapã	EE Álvaro Martins dos Santos					X		
Miranda	EE Carmelita Canale Rebuá					X	X	X
Paranaíba	EE Dr. Ermírio Leal Garcia					X	X	X
Taquarussú	EE Dr Martinho Marques					X	X	X
Água Clara	EE Marechal Castelo Branco						X	X
Bodoquena	EE Joaquim Mário Bonfim						X	X
Novo Horizonte do Sul	EE Dorcelina de Oliveira Folador						X	X
Terenos	EE Antônio Valadares						X	X

Fonte: Coordenadoria de Políticas para a Educação Infantil e Ensino Fundamental. Elaborado por Carvalho (2016).

ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “CAMINHOS E DESCAMINHOS DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL EM MATO GROSSO DO SUL: HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORES”. A pesquisa será de cunho qualitativo e será desenvolvida através dos métodos de entrevistas abertas e da narrativa de histórias de vida.

O projeto está sob a responsabilidade das pesquisadoras Sônia da Cunha Urt e Soraya Cunha Couto Vital, sendo a primeira professora titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e a segunda mestrandia em Psicologia na mesma instituição.

A finalidade deste estudo é compreender a trajetória da educação integral no estado de Mato Grosso do Sul por meio de histórias de vida de professores.

A metodologia de apreensão das histórias de vida por meio de narrativas propicia um contato direto entre o pesquisador e seus interlocutores e, no íterim desta troca, os interlocutores podem expressar suas ideias enquanto o pesquisador, como facilitador dessa expressão, deverá ter o cuidado de não fugir dos objetivos propostos pela investigação. As entrevistas abertas serão gravadas e, posteriormente, transcritas. O risco de haver algum constrangimento é mínimo, mas a qualquer momento você pode se recusar ou pedir para sair do estudo.

Após a coleta de dados você terá acesso ao material produzido, podendo fazer alterações, e o material só será utilizado após sua expressa autorização.

Informamos ainda que, se você concordar em participar da pesquisa, sua identidade será mantida em sigilo. A menos que requerido por lei, somente as duas pesquisadoras acima citadas terão acesso. Os dados coletados ficarão sob a guarda das pesquisadoras por cinco anos e após esse período serão descartados por elas.

Você será informado periodicamente de qualquer nova informação que possa modificar a sua vontade em continuar participando do estudo. Se tiver dúvidas ou algum problema, poderá contatar a pesquisadora Soraya Cunha Couto Vital pelo telefone (67) 8185-2548 ou e-mail sorayavital@hotmail.com. O contato também pode ser feito com a pesquisadora Sônia da Cunha Urt pelo telefone (67) 9998-7301 ou e-mail surt@terra.com.br. Para perguntas sobre seus direitos como participante no estudo chame o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFMS, no telefone (067) 33457187.

Autorizo a gravação da entrevista: () SIM () NÃO

Caso o participante opte pela AUTORIZAÇÃO para a gravação da entrevista, será acordado o compromisso da pesquisadora, citada acima, de garantir os seguintes direitos: poderei solicitar a transcrição de minha gravação para leitura; os dados coletados serão utilizados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e livros; serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista. Os dados coletados serão armazenados por 05 (cinco) anos, sob a responsabilidade da pesquisadora, e após este período serão descartados.

Declaro que li e entendi este formulário de consentimento, que todas as minhas dúvidas foram esclarecidas e que sou voluntário a tomar parte neste estudo.

Assinatura do Voluntário

Assinatura do Pesquisador

_____, _____ de _____ de 2016.

